ACADEMIA BRASILEIRA
AD
IMMOR
TALITA
TEM

ANO 2008 VOL. 196

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS

JULHO A DEZEMBRO DE 2008
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2008

Presidente: *Cícero Sandroni*
Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*
Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*
Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*
Diretor-Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*
Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*
Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*
Diretor dos Anais da ABL: *Eduardo Portella*
Diretor da Revista Brasileira: *João de Scantimburgo*
Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

Produção editorial e Organização dos Anais da ABL: Monique Cordeiro Figueiredo Mendes

---

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicacoes@academia.org.br

(Este volume foi editado no 2.º semestre de 2009)
ISBN 1677-7255

A Academia Brasileira de Letras não se responsabiliza pelas
opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

Capa
Victor Burton
Editoração eletrônica
Estúdio Castellani
Revisão
Jane Rodrigues dos Santos

SUMÁRIO

– Sessão do dia 3 julho de 2008 9
Votos de pesar pela perda de Ruth Cardoso

– Sessão do dia 10 julho de 2008 21
Junqueira Freire – *Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho*
Dois assuntos – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
Athayde, um admirável cronista – *Murilo Melo Filho*

– Sessão do dia 17 de julho de 2008 38
111 Anos de fundação da ABL – *Palavras do acadêmico Marcos Vinicios Vilaça*
Concessão da Medalha João Ribeiro
Prêmio ABL de Ficção – *Parecer da Comissão*
Prêmio ABL de Poesia – *Parecer da Comissão*
Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária – *Parecer da Comissão*
Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil – *Parecer da Comissão*
Prêmio ABL de Tradução – *Parecer da Comissão*
Prêmio Francisco Alves – *Parecer da Comissão*

– Sessão do dia 24 de julho de 2008 60
Antônio Cândido de Melo e Souza – *Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho*
Maria de Lourdes Mello Coimbra Mendes de Almeida – *Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo*
Alcindo Guanabara – *Estudo do Acadêmico Antonio Carlos Secchin*

– Sessão do dia 31 de Julho de 2008 77
Sieglinde Autran – *Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado*
Grande escritor – e autenticamente brasileiro – *Moacyr Scliar*
José Olympio – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
A língua do mar – *Francisco Seixas da Costa*
Basílio da Gama e sua épica inovadora – *Estudo do Acadêmico Carlos Nejar*
Traiu ou não traiu? – *Moacyr Scliar*

– Sessão do dia 7 de agosto de 2008. 103

– Sessão do dia 14 de agosto de 2008 112
Luiz Henrique Dias Tavares – *Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho*
Gilberto Freyre: social theory in the tropic – *Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho*
Brasileiro com Alma Africana: Antônio Olinto, de José Luís Lira *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
O Visitante da Noite (Um ensaio sobre João do Rio) – *Estudo do Acadêmico Lêdo Ivo*

– Sessão do dia 21 de agosto de 2008 138

– Sessão do dia 28 de agosto de 2008 141
Tomás Antônio Gonzaga – *Estudo do Acadêmico Ivan Junqueira*

– Sessão do dia 4 de setembro de 2008 151
Alphonsus de Guimaraens Filho – *Palavras do Acadêmico Ivan Junqueira*
Votos de pesar pela perda de Luciana Stegagno Picchio
O fardão lhe cai bem – *Maria Clara Bingemer*

– Sessão do dia 11 de setembro de 2008 165
Homenagem a Fernando Barbosa Lima – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
Alcides Maya – *Estudo do Acadêmico Carlos Nejar*

– Sessão do dia 18 de setembro de 2008 177
Herculano Marques Inglês de Sousa: 80 anos de falecimento – *Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho*

– Sessão do dia 25 de setembro de 2008 188
Duas paixões à prova do tempo – *Entrevista com o Acadêmico Cícero Sandroni*
Austregésilo de Athayde – *Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho*

– Sessão do dia 2 de outubro de 2008 213
Esther de Figueiredo Ferraz – *Palavras da Acadêmica Lygia Fagundes Telles*
O Itinerário Iluminado de Alceu Amoroso Lima – *Tarcísio Padilha*
Euclides da Cunha – *Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho*

– Sessão do dia 9 de outubro de 2008 230
Dario de Almeida Magalhães – *Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho*

– Sessão do dia 16 de outubro de 2008 246
Hipólito José da Costa: o pioneiro da imprensa brasileira – *Estudo do Acadêmico Moacyr Scliar*
Eleição para cadeira 6 do quadro de Sócios Correspondentes – *Parecer da comissão*
Discursos de Saudação a Evanildo Bechara – *Palavras do Dr. Paulo Nathanael Pereira de Souza, de Mauro Chaves e de Ives Gandra da Silva Martins*

– Sessão do dia 23 de outubro de 2008 273
Joracy Camargo – *Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier*

– Sessão do dia 30 de outubro de 2008 283
Humberto de Campos – *Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho*

– Sessão do dia 6 de novembro de 2008. 297
Visconde do Rio Branco – *Estudo do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho*

– Sessão do dia 13 de novembro de 2008. 315
Dinah Silveira de Queiroz – *Estudo do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos*

– Sessão do dia 19 de novembro de 2008. 320
Múcio Leão – *Estudo apresentado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho*

– Sessão do dia 27 de novembro de 2008. 330

– Sessão do dia 04 de dezembro de 2008. 336
Cidadão carioca – *Marcos Vinicios Vilaça*

– Sessão do dia 11 de dezembro de 2008. 342

– Sessão do dia 18 de dezembro de 2008. 346
Atividades da ABL em 2008 – *Relatório do Secretário-geral Acadêmico Ivan Junqueira*
Discurso de posse do Presidente Cícero Sandroni
Comadre Janete – *Marcos Vinicios Vilaça*

BOLETINS DE INFORMAÇÃO. 361

SESSÃO DO DIA 3 JULHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sérgio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 19 de junho de 2008, que foi aprovada por unanimidade. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho e Ivo Pitanguy, que aniversariam no próximo dia 5 do corrente. Passou, a seguir, a palavra à Acadêmica Ana Maria Machado.

– A Acadêmica Ana Maria Machado propôs um voto de pesar pela perda da antropóloga Ruth Cardoso, assinalando a intelectual de primeira, educadora marcante, mulher de caráter e dignidade, capaz de transformar sua sólida formação acadêmica em ação conseqüente e coerente com suas convicções. Acentuou, ainda, que com a morte de Ruth Cardoso o país perdeu uma mulher admirável, mas que ficou o seu modelo exemplar, precioso espelho de dignidade, coerência e

ação para todos os brasileiros. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho salientou que a antropóloga e Professora Ruth Cardoso foi exemplo de competência, seriedade e companheirismo acadêmico. Como mulher pública, revolucionou o papel de esposa do Presidente da República, redefinindo radicalmente o conteúdo e a administração da política social do governo, eliminando dela os ingredientes paternalistas e clientelísticos. Como pessoa, manteve sempre, na vida privada assim como na pública, alto padrão de integridade moral e de simplicidade republicana. Como cidadã, mostrou, no trabalho acadêmico e na atuação política, preocupação constante com as minorias sociais e com políticas afirmativas que se baseassem, sobretudo, na participação e iniciativa dos próprios envolvidos. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Helio Jaguaribe associou-se às manifestações da Acadêmica Ana Maria Machado e do Acadêmico José Murilo de Carvalho a respeito da excelente pessoa que foi Ruth Cardoso. Lembrou que teve com ela uma relação de amizade e tinha por ela muita estima. Teve a capacidade de transitar pelas mais altas posições da República, mantendo a sua tranqüilidade, o seu não-deslumbramento e a sua permanente vocação de combinar a erudição acadêmica com a implicação plástica da sua capacidade, visando medidas concretas, que reduzissem a desigualdade social em nosso país. Associava no seu carinho, na sua capacidade afetiva, como mãe e como mulher, uma alta condição de intelectual e de acadêmica.

– A Acadêmica Nélida Piñon falou de sua enorme admiração por Ruth Cardoso. Lembrou que, quando teve o privilégio de ser Presidente da Academia Brasileira de Letras, no seu centenário, conviveu muito com Ruth Cardoso e o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Deixou consignado que ambos foram generosos com a Casa. Tentaram facilitar tudo o que foi possível para o empreendimento, relativo ao centenário da ABL, a ponto de cederem uma linha direta com o Chefe do Cerimonial da Presidência da República para lhe

fornecer as informações necessárias. Salientou que esteve em Brasília conversando com o Presidente Fernando Henrique Cardoso e que este na ocasião, alterou a agenda de uma Cimeira no Nordeste, do qual participariam representantes dos países de língua portuguesa, para que todos pudessem comparecer ao centenário da Casa. Deixou consignado que o Presidente Fernando Henrique Cardoso e a Senhora Ruth Cardoso sempre foram amigos da ABL. Lembrou que conviveu com Ruth Cardoso na China e, recentemente, teve a alegria de almoçar com ela, uma pessoa tão delicada, que se apropria de sua biografia para saber que pontos essenciais vão fecundar seu coração. E com isso ficará na sua memória e de tantos brasileiros.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lembrou Ruth Cardoso e focalizou um aspecto mais específico. Disse que ela detestava ser chamada de Primeira-dama. Por ser um americanismo, por não gostar do assunto ou porque tinha uma personalidade própria que não se reduzia à mulher do Presidente da República. O que ninguém disse, e o que é verdade, é que ela detestava ser chamada de Dona Ruth, e sim Doutora Ruth Cardoso. Doutora pela USP, com pós-doutorado, pela Universidade de Columbia, esta intitulação é que era importante para ela. Uma mulher que se preocupava com os grandes temas da sociedade e do mundo. Um dos protagonismos mais importantes de Ruth Cardoso foi como chefe da delegação do Congresso Internacional da Mulher, em Pequim, junto com Nélida Piñon, quando defendeu uma tese que representa mudança qualitativa na história do feminismo brasileiro, que é a idéia de que a emancipação da mulher é a emancipação da humanidade. Não se trata apenas de melhorar os direitos da mulher, de eliminar a discriminação sofrida pela mulher no salário e na vida profissional. Não se trata de libertar a mulher pela mulher, trata-se de libertar a mulher pelo gênero humano. Finalizando, lembrou que Ruth Cardoso foi sua orientadora de tese, nos anos 80, já como Cônsul Geral do Brasil em Zurique, e pediu a Ruth Cardoso, que era sua amiga, que o orientasse nessa última etapa acadêmica. Tinha um enorme carinho por Ruth Cardoso e salientou que perdeu uma grande amiga.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, depois de ouvir as palavras que foram ditas sobre Ruth Cardoso, fez um elogio sobre a grande antropóloga que ela

foi, da extraordinária estudiosa da imigração japonesa no Brasil. Das modificações que passaram os filhos e netos de japoneses em São Paulo e no Paraná. São estudos pioneiros que merecem ser especialmente lembrados neste ano em que se comemora o centenário da imigração japonesa no Brasil. Uma grande antropóloga, uma grande intelectual, um contributo essencial para a antropologia brasileira e para os estudos sociais da imigração no Brasil.

– O Presidente Cícero Sandroni salientou que esteve poucas vezes com Ruth Cardoso, mas tem a noção da grandeza da antropóloga depois de ouvir os confrades e confreiras, dando um perfil dessa mulher extraordinária. Informou que vai pedir a transcrição dos depoimentos para enviar à família, como manifestação do pesar pela perda dessa importante mulher. Nas comunicações da Diretoria, deu ciência ao Plenário que o contrato do seguro saúde da Unimed está para vencer e teve um aumento de 28,27%, o que é um aumento muito grande. Sobre esse total é pago um equivalente a 60%, que engloba Imposto de Renda, INSS e outros impostos. O que a Unimed alega, baseada em lei, é de que a sinistralidade dos acadêmicos atingiu a mais de 90% do que a ABL paga. Para manter o seguro, que tem atendido às necessidades, a Academia vai arcar com esta despesa de seiscentos mil reais anuais.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva ressaltou que nos anos anteriores o que a ABL pagava a Unimed era praticamente o triplo dos benefícios que nos oferecia, e nunca reduziu esse pagamento. É um fenômeno muito curioso que só vale quando há um aumento.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho perguntou se este aumento exagerado está fundamentado em dados reais.

– O Presidente Cícero Sandroni pediu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para estudar, como advogado, este aumento do Seguro Saúde.

– O Presidente, ao encerrar a sessão, convidou os presentes para a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis" sobre "Cultura da Violência". Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, teve como palestrantes Michel Misse e Paulo Saboya e realizou-se no Teatro R.Magalhães Jr.

VOTOS DE PESAR PELA PERDA DE RUTH CARDOSO*

Venho propor um voto de pesar pela perda da antropóloga Ruth Cardoso, intelectual de primeira, educadora marcante, mulher de caráter e dignidade. Cidadã capaz de transformar sua sólida formação acadêmica em ação conseqüente e coerente com suas convicções. Tive poucos contatos pessoais com ela, mas como todos os brasileiros, acompanhei seu trabalho. Pessoalmente, sempre me impressionaram sua inteligência aguda, seu senso de humor, sua linguagem clara na exposição das idéias, seu entusiasmo e disposição de agir, na paradoxal vivência de uma racionalidade apaixonada. Fomos cofundadoras do Instituto Brasil Leitor (que hoje é responsável pela administração do Museu da Língua Portuguesa), mais uma das organizações que Ruth Cardoso ajudou a criar com sua crença no trabalho voluntário, na importância da independência em relação ao governo, na confiança e na capacidade coletiva de fazer acontecer. Como antropóloga, foi pioneira em detectar no país algumas tendências então embrionárias ou pouco nítidas: tanto o despontar do fenômeno das mulheres estarem passando a chefes de família quanto a emergência de uma sociedade civil que se organizava fora do aparelho de Estado, dos partidos, das associações corporativas.

Quando a vida lhe proporcionou a oportunidade de passar da teoria à prática social, teve antes de mais nada a contagiante alegria da esperança – que no processo se confirmava em fé. Teve também a sabedoria de canalizar seu conhecimento

* Proferidos na sessão do dia 3 de julho de 2008.

acadêmico para uma forma inteligente e eficaz de transformar a sociedade para melhor. Acreditando na possibilidade de tentar realizar o sonho de sua geração por meio de uma experiência de racionalidade que recusasse qualquer forma de demagogia, Ruth Cardoso teve a clareza e o discernimento de eliminar, de saída, qualquer caminho que perpetuasse o clientelismo ou que dependesse de verbas oficiais. Apostou na força dos laços coletivos e do altruísmo, na solidariedade, nas parcerias com o empresariado, e na capacidade de nossa gente de gerar renda por meio da educação e do trabalho. Comunidade Solidária, Artesanato Solidário, Alfabetização Solidária, Universidade Solidária, são nomes que cobrem apenas alguns aspectos da revolução que operou na construção de políticas sociais modernas em nosso país. Com a morte de Ruth Cardoso o país perdeu uma mulher admirável. Mas nos fica seu modelo exemplar, precioso espelho de dignidade, coerência e ação para todos os brasileiros.

Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho

Senhor Presidente,

Faço hoje um registro que não pôde ser feito semana passada em razão da sessão comemorativa da morte de Machado de Assis.

Faleceu no dia 24 de junho último em São Paulo a antropóloga Ruth Cardoso. Encontramo-nos várias vezes nas encruzilhadas universitárias, acompanhei, como colega, seu trabalho acadêmico e segui com cuidado sua atuação como mulher pública, no sentido não machista da expressão. Gostaria de fazer quatro comentários breves e discretos, como era do gosto de Ruth.

Como antropóloga e professora universitária, Ruth foi exemplo de competência, seriedade e companheirismo acadêmico.

Como mulher pública, revolucionou o papel de esposa do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, redefinindo radicalmente o conteúdo e a administração da política social do governo, eliminando dela os ingredientes paternalistas e clientelísticos.

Como pessoa, manteve sempre, na vida privada assim como na pública, alto padrão de integridade moral e de simplicidade republicana.

Como cidadã, mostrou, no trabalho acadêmico e na atuação política, preocupação constante com as minorias sociais e com políticas afirmativas que se baseassem, sobretudo, na participação e iniciativa dos próprios envolvidos.

Senhor Presidente, Ruth Cardoso foi um exemplo para a República.

Palavras do Acadêmico Hélio Jaguaribe

Senhor presidente, estimados confrades. Gostaria de me associar às excelentes manifestações dadas pela nossa confrade Ana Maria a respeito dessa excelente pessoa que foi Ruth Cardoso.

Mantive com ela relações de amizade e tinha por ela muita estima. Ela teve a capacidade de transitar pelos mais altos cargos da República, pelas mais altas posições, melhor dizendo, mantendo a sua tranqüilidade, o seu não-deslumbramento e a sua permanente vocação de combinar a erudição acadêmica com a implicação clássica de sua capacidade, visando medidas concretas que reduzam a desigualdade social em nosso país. Perdemos com Ruth Cardoso uma pessoa da melhor qualidade, que associava, ao seu carinho, a sua capacidade afetiva como mulher e como mãe, uma alta condição de intelectual e de acadêmica.

Muito lastimo a morte dela.

Palavras do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet

Tenho que repetir o que já foi dito antes, que praticamente o essencial do que eu pretendia dizer foi dito pelos que me precederam. Eu só queria, portanto, focalizar um aspecto mais específico que talvez não tenha sido tematizado ainda. O todo praticamente vira um lugar-comum cada vez que alguém quer falar sobre a Ruth Cardoso ou escrever um artigo sobre a Ruth Cardoso e dizer

que ela detestava ser chamada de Primeira-dama. Por ser um americanismo, por não gostar do assunto, porque ela tinha uma personalidade própria que não se reduzia à de mulher do Presidente da República, qualquer que fosse a razão se diz que D. Ruth não gostava de ser chamada Primeira-dama.

O que ninguém disse e, no entanto, é verdade, é que ela detestava mais ainda ser chamada de D. Ruth. Ela não era D. Ruth. O único título que ela aceitava, porque dependia do esforço dela e do mérito próprio, era o título de doutora. Sim, ela era Doutora Ruth Cardoso, doutora pela USP, *pós-doctor* pela Universidade de Colômbia, e essa titulação ela aceitava porque era uma titulação que era importante para ela. É claro que Dona tem um sabor ligeiramente lânguido, ligeiramente Gilberto freireano, é tradicional no Brasil desde a colônia, mas mesmo assim ela preferia ser chamada de doutora, embora também aí se possa dizer que faz parte da tradição colonial brasileira, qualquer pessoa, pelo simples fato de colar grau, é considerado doutor, sem passar pelas hierarquias, pelas liturgias da hierarquia acadêmica: mestre e doutor. O que ela era é doutora, Doutora Ruth Cardoso. Indiretamente isso já foi salientado por todos que se referiram a ela como a antropóloga Ruth Cardoso. Não era apenas a mãe, não era apenas a mulher, não era apenas a esposa dedicada, não era apenas a grande mulher atrás de grande homem, como diz o lugar-comum de hoje, era simplesmente uma mulher que se preocupava com os grandes temas da sociedade e do mundo.

Nélida acaba de se referir a um dos protagonistas mais impressionantes da Ruth como chefe da delegação do Congresso Internacional da Mulher em Beijing. Eu sei que ela estava com a Rosiska Darcy de Oliveira, como estava com a Nélida, estava, portanto, muito bem assessorada e defendeu uma tese que representa uma mudança qualitativa na história do feminismo brasileiro, que é a idéia de que a emancipação da mulher é a emancipação da humanidade. Não se trata apenas de aumentar, melhorar os direitos da mulher, de eliminar a discriminação sofrida por mulher no salário, na vida profissional, não se trata de libertar a mulher pela mulher: trata-se de libertar a mulher pelo gênero humano. A libertação da mulher é uma libertação da humanidade, e essa foi a tese defendida pela Ruth Cardoso, devidamente assessorada por mulheres tão inteligentes como essa que está aqui à minha direita.

Eu gostaria de só salientar um último tema que é bastante pessoal a mim. A Ruth Cardoso foi a minha orientadora de tese. Nos anos 80, já como cônsul-geral em Zurique, eu resolvi chegar à última etapa dessa famosa hierarquia acadêmica que mencionei antes, e pedi a Ruth, que era muito amiga desde os meus tempos de Genebra, fazíamos programas juntos com Fernando Henrique, íamos juntos a Paris, junto com outro grande amigo que era o Mário Pedrosa. Era realmente uma relação muito amiga e devido a essa relação amiga e ao enorme respeito intelectual que eu tinha pela Ruth, eu solicitei que ela fosse minha orientadora de tese, o que ela fez.

Apresentei minha tese na USP por volta de 1980. A tese chegou a bom termo graças, principalmente, a Ruth Cardoso. Todos os obstáculos que havia nessa Universidade brasileira ainda atrelada ao regime militar, tudo que ela pôde fazer para melhorar, para facilitar minha vida, ela fez, chegou inclusive ao extremo de providenciar minha presença em certas matérias exigidas pelo regime, às quais eu não podia comparecer, mas que ela achava que era uma formalidade sem grande importância. O fato é que graças a Ruth, graças à compreensão, graça ao enorme apoio intelectual, à capacidade de interlocução que ela tinha, capacidade de resolver problemas intelectuais e problemas práticos que outras pessoas, outros orientadores certamente não teriam se abalançado a fazer, graças a tudo isso eu consegui vencer e me transformei num doutor, um doutor a mais.

Senhor Presidente, eu achei que talvez fosse interessante dar esse depoimento pessoal, eu tinha um enorme carinho pela Ruth Cardoso, tinha uma... Eu até me emociono quando falo. Quando me lembro agora, perdi uma grande amiga, perdi uma grande interlocutora e perdi uma grande orientadora. Ela continua sendo minha orientadora de vida muito além da fase acadêmica em que a palavra orientação pode se aplicar. Ela foi minha orientadora de vida, foi uma grande amiga e é uma pessoa que me fará uma falta enorme.

Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva

Senhor presidente, senhores acadêmicos. Ouvimos todos emocionados as palavras que aqui foram ditas sobre Ruth Cardoso. Faltou apenas uma palavra, e é esta que desejo dizer agora. Fazer elogio da grande antropóloga que ela foi. Da extraordinária estudiosa da emigração japonesa no Brasil, das modificações que passaram os filhos e netos de japoneses no Paraná, de toda a alteração social e familiar, e sobretudo familiar, as alterações nas relações de família se verificaram entre os japoneses do Japão e os japoneses que transplantaram para o Brasil. São estudos absolutamente pioneiros e que mereceriam ser especialmente lembrados neste ano em que comemoramos o centenário da emigração japonesa para o Brasil.

Ela foi sobretudo uma grande antropóloga, uma grande intelectual com contributo essencial para a antropologia brasileira e para os estudos sociais da emigração no Brasil.

Palavras do Acadêmico Cícero Sandroni

Nesta sessão nós ouvimos depoimentos sobre uma pessoa extraordinária, com uma trajetória de vida muitas vezes coincidente com a História do Brasil e que nela sempre atuou de forma exemplar.

Não posso dizer que a conheci, pois estive com ela raras vezes na casa do saudoso Fernando Gasparoni e Dalva e na casa de Miguel e Rosiska Darcy de Oliveira, mas acompanhei de longe sua atuação na área acadêmica e, mais tarde, ao lado do seu marido, o Presidente da República. Aprendi muito sobre sua grandeza depois de ouvir os depoimentos de Nélida Piñon, Ana Maria Machado, José Murilo de Carvalho, Sergio Paulo Rouanet, Alberto da Costa e Silva e Hélio Jaguaribe, que traçaram o perfil extraordinário de Ruth Cardoso.

Neste sentido, vou pedir a transcrição desses depoimentos para enviá-los à família de Fernando Henrique Cardoso com a manifestação de pesar da

Academia Brasileira. O prematuro falecimento de Ruth Cardoso representa uma grande perda para a família enlutada e também para o Brasil.

Palavras da Acadêmica Nélida Piñon

Estou satisfeita de ver que eu ia pedir a palavra justamente para falar de Ruth Cardoso, mas aprecio muito tudo que foi dito aqui pelos nossos brilhantes colegas. Confirma minha enorme admiração por Ruth Cardoso, meu afeto, fui alvo de sua gentileza, de suas atenções, mas gostaria de fixar-me numa questão que diz respeito à Casa. Quando tive o privilégio de ser Presidente da Academia Brasileira de Letras no seu centenário, eu já a conhecia, mas pude conviver muito com ela, assim como com o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Portanto, eu gostaria de deixar consignado que ambos foram generosos, carinhosíssimos comigo e com a Casa, e que tentaram facilitar tudo o que foi possível para o empreendimento relativo ao centenário e às festas, a ponto de ambos me cederem uma linha telefônica direta e colocarem o embaixador, então chefe do cerimonial da presidência, para que me fornecesse as informações necessárias.

E digo mais. Não só eles vieram aqui permaneceram e estiveram presentes durante toda a solenidade, como também antes. Eles sabiam, eu tinha conversado com o casal presidencial que o meu desejo discreto era ter presente aqui todas as pessoas que de algum modo rastreassem a gênese da língua portuguesa, daí terem vindo também o Presidente da Galícia, o Primeiro-ministro de Portugal e outras grandes personalidades. E eu desejava também que aqui estivessem elevados e altos representantes dos países lusófonos, mas acontece que havia uma reunião, uma "Cimeira" no Nordeste, e as datas não coincidiriam. Então eu fui a Brasília, conversei longamente com o presidente e terminei ganhando a sua adesão para que essa data fosse transferida, o que é muito difícil, considerando as agendas internacionais de pessoas tão importantes. Ele trabalhou nesse sentido, ele alterou a agenda, o que beneficiou a Casa e que permitiu que esses ministros de Relações Exteriores aqui estivessem presentes.

De modo que eu gostaria de deixar consignado que o Presidente da República e a senhora Ruth Cardoso sempre foram amigos da Academia Brasileira de Letras, sempre que convocados a participar de nossas atividades. Guardo uma lembrança maravilhosa de Ruth Cardoso, um ser bonito, um ser lindo, com uma ironia fina. Convivi com ela mais de perto durante quase três semanas na China. Eu era a interlocutora, quer dizer, o *alter ego* dela nas compras, como se eu falasse chinês: "Mas como você negocia? É porque eu sou galega. Eu sou galega, Ruth".

Recentemente tive também a alegria de almoçar com ela em São Paulo. E ela, tão delicada, tão delicada, disse assim: "Nélida, venha jantar, porque tem uma amiga minha nova, que é galega, e ela quer muito conhecer você". Eu disse: "Tá bom Ruth, eu vou a São Paulo". A vida não nos permitiu esse novo encontro, mas ela está no meu coração e no coração de tantos brasileiros.

SESSÃO DO DIA 10 JULHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sérgio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 3 de julho de 2008, que foi aprovada por unanimidade. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Ivo Pitanguy, que prestigia o Plenário com sua presença. No Capítulo das Efemérides, pediu ao Acadêmico Alberto Venancio que apresentasse seu texto sobre Junqueira Freire.

– O Acadêmico Ivo Pitanguy lamentou não poder estar mais presente aos eventos da Casa.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho felicitou o Presidente por ter incluído nas Efemérides o nome de um Patrono da Cadeira 25, à qual tem a honra

de pertencer. Fez um exame da lista de Efemérides desta semana, que assinala o nascimento de Pedro Luís, Patrono da Cadeira 21, e dos Acadêmicos Franklin Távora, ocupante da Cadeira 25, e Afonso Celso, ocupante da Cadeira 36. Lembrou ainda os Acadêmicos que mereciam oportunamente ser recordados: Afonso de Taunay, ocupante da Cadeira 1, Constâncio Alves da Cadeira 26, hoje ocupada pelo Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, e Maurício de Medeiros, da Cadeira 38. Lembrou que Junqueira Freire se inclui entre os poetas românticos que morreram cedo. A vida de Junqueira Freire transcorreu em período de comoção popular na Bahia, com movimentos anárquicos em todo o país e, na Bahia, a Sabinada. Segundo Alceu Amoroso Lima, "Junqueira viveu num país caótico e angustiado, e sua obra foi angustiada como sua alma foi caótica". Ressaltou que a bibliografia sobre Junqueira Freire é valiosa; em primeiro lugar, o estudo de Franklin Dória, a biografia de Homero Pires, e trabalhos esparsos, com destaque para o prefácio de Roberto Alvim Correia no volume das *Obras Completas*, e o capítulo "Vocação e Martírio de Junqueira Freire" do *Ramo de Louro*, de Afrânio Peixoto. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre Junqueira Freire e também por ter lembrado que a ABL é a Casa da memória, e assim tem sido no correr de sua história. Muitos daqueles que aqui estiveram, não só como fundadores, sucessores e patronos, e que hoje são esquecidos por suplementos literários, editoras, seminários e festivais de literatura, são lembrados nesta Casa tanto nas sessões plenárias como nos *Anais* e nas conferências.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin lembrou que Junqueira Freire representa o ultra-romantismo brasileiro: aquela geração que fica entre Gonçalves Dias e Castro Alves. Ressaltou que sobre ele pesa um certo estigma de ter publicado um único livro, *Inspirações do Claustro,* e, de certa maneira, a figura agigantada de Álvares de Azevedo tendeu, no cânone da literatura brasileira, a minimizar o papel de outros poetas que nada devem, a seu ver, à poesia de Álvares de Azevedo. Não apenas Junqueira Freire, mas também Laurindo

Rabelo e Fagundes Varela, que é um poeta de alto nível e que fica sempre imprensado entre o maior dos menores ou o menor dos maiores, já que o cânone estreita muito a admissão a ele, parecendo admitir apenas Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Castro Alves. Na sua opinião, deve-se reler e revalorizar Junqueira Freire, Laurindo Rabelo e tantos outros poetas marginalizados no processo literário.

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin pelos seus comentários e passou às comunicações da Diretoria. Agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça a doação, para a Biblioteca Rodolfo Garcia, da obra *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, e editada pela Verbo, um exemplar que pertencia à família Vilaça. Informou que o poeta Reynaldo Valinho Álvares retirou sua candidatura à eleição da Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado.

– O Acadêmico Evanildo Bechara propôs a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo do Acadêmico Murilo Melo Filho acerca do último livro que reúne crônicas do saudoso Acadêmico Austregésilo de Athayde. Trata-se de homenagem a dois companheiros: um falecido, a quem se deve a consubstanciação da ABL pelo que ele nos legou. Em segundo lugar, um preito de gratidão ao artigo de Murilo Melo Filho, que traça com muita clareza, elegância e bom humor a figura de Austregésilo de Athayde e a importância dessas crônicas que foram reunidas e prefaciadas por ele e publicadas pela ABL.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho chamou a atenção para o fato de que nesse volume existe uma crônica de Austregésilo de Athayde sobre sua iniciação acadêmica, onde recorda o primeiro dia em que compareceu à Academia depois da eleição. As dúvidas que tinha, receios de pessoas que não votaram nele, e afinal chega à conclusão de que todos haviam votado e que era um Acadêmico como todos os demais.

– O Presidente Cícero Sandroni lembrou que nessa crônica Austregésilo de Athayde revela que esperava 26 votos e teve apenas 22. Ficou com a impressão de que aqueles quatro que tinham prometido votos e não o sufragaram teriam um

comportamento estranho, mas não, foi recebido com abraços e partiu daí a idéia de que o candidato foi eleito por unanimidade dos seus confrades. Fez questão de enviá-la ao Acadêmico Paulo Coelho quando houve o problema da biografia dele, para mostrar como a Academia trata eleitos e candidatos.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho agradeceu sensibilizado a generosa iniciativa do Acadêmico Evanildo Bechara, ao requerer a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do seu texto publicado no *Jornal do Commercio* sobre o livro das 117 crônicas do nosso inesquecível Acadêmico Austregésilo de Athayde, que lhe coube coordenar. Informou que esteve numa verdadeira maratona no Nordeste, onde atendeu a diversos convites em João Pessoa, Natal e Recife, para falar sobre o centenário da morte de Machado de Assis e sobre os 111 anos de fundação da nossa Academia Brasileira de Letras, que se comemoram na próxima semana.

– O Presidente comunicou que no dia 17 de julho será comemorado o centésimo décimo primeiro aniversário da Academia Brasileira de Letras. A sessão se realizará no *Petit Trianon* e terá início às 17h. O orador principal, que saudará o aniversário da ABL e o ganhador do Prêmio Machado de Assis, outorgado este ano ao escritor Autran Dourado, será o Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça. A seguir, serão outorgadas com a Medalha João Ribeiro a Embaixadora Vera Pedrosa e a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz. Em seguida, serão apresentados os outros prêmios. Após a cerimônia, às 18:30h, a atriz Fernanda Montenegro se apresentará no Teatro R. Magalhães Jr. com o monólogo "Memórias Póstumas de Capitu", que é um resumo do livro do Acadêmico Domício Proença Filho, preparado por ele e pela própria, fazendo a defesa de Capitu.

– O Acadêmico Lêdo Ivo ressaltou que Capitu não precisa de defesa porque é inocente.

– O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu a generosidade das palavras do Presidente e, sobretudo, a iniciativa de mobilizar Fernanda Montenegro na direção do texto em defesa de Capitu.

– Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

JUNQUEIRA FREIRE

*Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Luiz José Junqueira Freire nasceu no último dia de 1832 e faleceu em 24 de junho de 1855, com vinte e dois anos. Inclui-se entre os poetas românticos que morreram cedo.

Aos quatorze anos, começa a estudar latim e se matricula com dezesseis anos no Liceu Provincial da Bahia, onde estuda filosofia e se familiariza com Victor Cousin. Aprofundou a cultura literária com o estudo dos clássicos, Horácio e Ovídio, e autores portugueses como Alexandre Herculano e Nicolau Tolentino, este último com grande influência em sua formação cultural.

A saúde precária fez interromper os estudos e passou a utilizar a cânfora como remédio para os males, tornou-se viciado embora na época o uso da cânfora fosse recomendado para fins terapêuticos.

A vida de Junqueira Freire transcorreu em período da comoção popular com movimentos anárquicos em todo o país e, na Bahia, a Sabinada. Segundo Alceu Amoroso Lima "Junqueira viveu num país caótico e angustiado e sua obra foi angustiada como sua alma foi caótica".

---

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 10 de julho de 2008.

Curiosamente escreveu uma autobiografia aos dezessete anos: "Eu tinha então dezessete anos completos. Entretanto, meu porte já demonstrava uma idade avançada. Meu semblante é bastante irregular. Meu rosto é comprido e descarnado. Minhas faces são profundamente cavas. Meu nariz é eminentemente aquilino. Meus olhos são fundos algum tanto, com uma expressão de inércia e estupidez, sem brilho e sem inspiração. Minha testa é elevada, porém mal feita. Todas as minhas feições são cobertas de uma palidez grosseira".

E comentava que "em certa época procurava a fé, a crença, a convicção em tudo, sem achar segurança em nada".

Entra para o convento aos dezenove anos, às escondidas, e escreve para a mãe:

"Já não sou filho de VM. – Sou filho da religião. Acabo de prestar o sacrossanto e inviolável voto de obediência aos meus prelados, o indissolúvel juramento a Deus, nosso verdadeiro Pai celeste" e se referia "a essa vida terrestre que de nada vale, que para nada presta, cotejando com a celeste, com a divina vida".

São imprecisas as razões pelas quais Junqueira Freire entrou para o convento. Uns alegam decepção amorosa por moça chamada Sofia, para a qual escreveu um poema; segundo outros, teria tido apenas um amor platônico. Supõe-se ainda incompatibilidade com o pai, já outros apontam uma autêntica vocação monástica.

Em 1 de novembro de 1852, recebe as ordens sacerdotais, mas a permanência no convento é curta. Doente, recolhe-se a várias residências e numa delas substitui o crucifixo pelo retrato de Voltaire; recusa-se a voltar ao mosteiro. Pede a secularização, concedida em 3 de novembro de 1854. Agrava-se a doença e falece a 24 de junho de 1855, aos vinte e dois anos, de moléstia do coração. Com os sacramentos foi amortalhado de hábito e conduzido para o Mosteiro de São Bento.

A passagem de Junqueira Freire pelo mosteiro realizou-se em momento de extrema decadência da vida religiosa. Os últimos religiosos que existiam vagavam entre quatro paredes, esperando um dia a extinção que não tardou. Nesse

ano de 1855, o aviso do Ministro Nabuco de Araújo fechava definitivamente as ordens religiosas do país. Aponta Antônio Carlos Vilaça que esta medida fora adotada, em parte, pela escandalosa secularização de Junqueira em 1854, mas não há elementos a confirmar a hipótese.

Para Eugênio Gomes, no volume *A Literatura do Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho: "a obra poética de Junqueira Freire não pode ser dissociada do singularíssimo drama de sua existência, cujo *pathos* foi a mais frenética nota de individualismo romântico entre nós."

A obra de Junqueira Freire é contraditória. Assim entre muitos: Capistrano de Abreu, em estudo crítico publicado em 1875 no jornal do Ceará, com apenas vinte e um anos, afirmou: "A obra de Junqueira Freire é cambiante, multiforme, flexuosa; aqui sorriso a reverberar angélico, ali blasfêmia a esguichar turgescente, além materialismo a descarnar-se asqueroso, mais longe, cenas encantadas, descrições amenas, sinos que vibram misteriosos, cantos que repercutem sonoros, naves que alongam imponen tes, órgão que reboa profundo, incenso que ondula odorífero, e a da alma a livrar-se cândida nas asas da fé a embevecer-se a contemplação das poesias azuis de esperança.

Esta contradição explica-se pela dúvida que lanhava o espírito do poeta, e que – como estes rios que tomam a cor dos terrenos que atravessam – se incrustava em todos seus fenômenos morais, moldava-lhe os arroubos de frenesi, bolhava nas ações e reações, que como tempestade o revolviam".

Constâncio Alves, figura literária importante na época, grande acadêmico, hoje inteiramente esquecido, disse que "Junqueira Freire se atirou para um convento, no ímpeto de suicida que se joga ao mar. A insistência com que certas palavras ocorrem na pena do escritor pode ser indício do seu modo de pensar. Percorri as poesias de Junqueira Freire e o que mais se repete amiudadamente é a palavra morte. Quem lhe conhece a vida, até as profundezas ignoradas, sabe que era um inferno que ele tinha no coração."

Atente-se para este poema:

"Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dois fantasmas que a existência formam,
Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das noções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam,
Que nos extingues as visões terrenas.

Amai-te sempre: – e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, – esse elemento
Que não se sente dos vaivéns da sorte.

Por isso, ó morte, eu amo-te, e não temo
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo."

Machado de Assis aos vinte e seis anos, em artigo de 1866 na Semana Literária, com a agudeza de sempre e com julgamento preciso, assinalou que: "o que lhe dá um sabor especial é a sua grande originalidade, que deriva não só das circunstâncias especiais do autor, mas da feição própria de seu talento, Junqueira não imita ninguém, rude embora aquela poesia é propriamente dele".

Não cabe aqui a leitura da obra poética de Junqueira Freire, mas me limito a transcrever poema que os críticos consideram dos mais expressivos de sua poética:

"Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te oferece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso peso.

Deitemo-nos aqui. Abre-me os braços.
Escondamo-nos um no seio do outro.
Não há de assim nos avistar a morte,
Ou morreremos juntos.

Não fales muito. Uma palavra basta
Murmurada, em segredos, ao pé do ouvido.
Nada, nada de voz, – nem um suspiro,
Nem um arfar mais forte.

Fala-me só com o revolver dos olhos.
Tenho-me afeito à inteligência deles.
Deixa-me os lábios teus, rubros de encanto,
Somente pra os meus beijos.

Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te oferece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso peso."

É curioso que Junqueira Freire com vida tão curta tenha reunido tantos amigos e tivesse tão forte o sentimento da amizade. Diria de amigo ausente:

"Deixas-me n'alma o vácuo da existência
Deixas-me um vão deserto."

E de um morto:

> "Não descri na amizade. Ele provou-ma
> Ele foi meu amigo! Oh! Nome augusto
> Que sabe os homens remontar aos anjos."

Mais nenhuma foi mais forte do que a com Franklin Dória.

Roberto Alvim Corrêa afirma que esta amizade só se compara a de Orestes a Pilades, de Achiles a Pátrocles, de Montaigne a La Boetic, embora mais longas.

Esta amizade é uma das mais expressivas da literatura brasileira. Franklin Dória descreveu, de forma comovente, muitos anos depois este primeiro encontro:

> "Vi pela primeira vez Junqueira Freire em uma ocasião memorável para mim: foi por volta do ano de 1852. Eu me achava como pensionista no colégio de S. Vicente de Paulo, festejava-se o padroeiro do colégio, o santo daquele nome, grande benfeitor da humanidade. Havia concorrido a solenidade um bom número de convidados.

Do grupo destacava-se a figura melancólica e insinuante de um frade. À primeira vista as rugas que lhe sulcavam o rosto emprestavam-lhe uma idade muito superior a dele, que, bem reparado, era apenas um jovem. A sua fisionomia tinha um ar particular de tristeza que a distinguia da fisionomia dos demais circunstantes.

Eis mais alguns traços do esboço deste retrato, tirado de memória. Sabem agora quem era o frade a quem me referi? Era Junqueira Freire.

Concluída a cerimônia, fui apresentado a Junqueira Freire, e assim nos aproximamos um do outro.

Não tardou muito que nos tornássemos amigos. Ambos tínhamos nascido sob o mesmo céu azul; ambos atravessávamos essa quadra em que os corações facilmente se procuraram e se identificaram; ambos, em uma palavra, éramos atraídos pela admiração e pelo entusiasmo em torno do sagrado lar da poesia, cujas chamas o abrasavam. Mas – quem o diria? – a morte bem depressa veio separá-lo de mim, partindo a cadeia de ouro do nosso afeto.

Desde então, avaramente guardo a saudade que me deixou, e consolo-me da perda que sofri repetindo seu nome."

Franklin Dória escreve em 1868 o esboço biográfico do amigo, que publicou juntamente com os manuscritos de *Contradições Poéticas e Retórica*. E, ao ser convidado para a Cadeira 25 desta Casa, o escolhe como patrono Junqueira Freire, o amigo falecido há trinta e dois anos.

As afinidades com Antero de Quental foram resumidas pelo escritor português a um correspondente:

"Junqueira Freire é de primeira ordem, um verdadeiro poeta... Era frade, frade por desgosto amoroso, e morreu aos vinte e quatro anos! Se não morre seria dos primeiros do século, que lhe sinto, no que deixou, elementos para isso. O que noto, em geral, nos brasileiros, é que não são poetas literatos, mas verdadeiros, apaixonados, arrastados por um fluxo íntimo de sentimentos. Por isso são vivos, ainda quando imperfeitos como artistas, como são quase todos. Mas há neles uma sinceridade de inspiração, uma verdade e frescura, uma graça natural de expressão, que me encantam...".

Nessa carta referia-se também, e expressamente, a Álvares de Azevedo e a Castro Alves, inegavelmente os dois gênios de nossa poesia no século passado, um que se não realizou totalmente aos vinte e um anos, outro que aos vinte e quatro, milagrosamente, tinha realizado uma obra social e patriótica, perfeita, em versos admiráveis que ainda hoje se lêem, entre leitores e ouvintes, comovidos e entusiasmados.

A obra de Junqueira Freire, embora intensa nos últimos anos de vida é escassa: a publicação, em vida (1854), do livro *Inspirações do Claustro*, e a reunião de poemas, em volume póstumo, com o título *Contradições Poéticas*. As *Obras Póstumas* de Junqueira Freire foram publicadas em dois volumes, com introdução de Pereira da Silva pela Garnier, sem data de publicação, e em edição organizada por Roberto Alvim Corrêa, em 1944, pela Zélio Valverde.

A bibliografia sobre Junqueira Freire é valiosa, em primeiro lugar o estudo de Franklin Dória, a biografia de Homero Pires, e depois trabalhos esparsos, com destaque para o prefácio de Roberto Alvim Correia, no volume das *Obras Completas*, e o capítulo "Vocação e Martírio de Junqueira Freire" do *Ramo de Louro*, de Afrânio Peixoto.

Concluo com a síntese de Afrânio Peixoto:

> "Junqueira Freire, com o seu misticismo, o seu erotismo, as suas contradições, os seus desesperos, as suas desordens e as suas rebeldias, entre os seus dezessete e os seus vinte e três anos, na Bahia piedosa, e em meados do século passado, e já não será tão singular, e nos será, senão natural, bem compreensível. E será simbólico, da mocidade desse tempo no mundo, daquilo que um romântico, dos mais desregrados, definia, no aposto ao título daquele drama célebre do Kean: "desordem e gênio...".

DOIS ASSUNTOS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Em primeiro lugar, quero agradecer, sensibilizado, a generosa iniciativa do nobre Acadêmico Evanildo Bechara, ao requerer a transcrição em nossos *Anais* do meu texto publicado no *Jornal do Commercio* sobre o livro das 117 crônicas do nosso inesquecível Acadêmico Austregésilo de Athayde, que me coube coordenar.

Faço questão de dividir a honra dessa transcrição com a minha estimada amiga Edla van Steen, a quem coube gerenciar a edição deste livro junto à Editora Global, de São Paulo.

Meu querido Bechara: em meu nome pessoal e em nome de Edla, receba a nossa mais profunda e mais sincera gratidão por este gesto do seu imenso coração.

Em segundo, quero registrar que na semana passada, estive em uma verdadeira maratona pelo Nordeste, onde atendi a diversos convites em João Pessoa, Natal e Recife, para falar sobre o Centenário da morte de Machado e sobre os

* Proferidas na sessão do dia 10 de julho de 2008.

111 anos de fundação da nossa Academia Brasileira de Letras, que se comemoram na próxima semana.

Nas perguntas do auditório, então feitas, as mais constantes e freqüentes foram justamente sobre a eleição para escolha do nome a suceder a nossa saudosa Acadêmica Zélia Gattai Amado.

Informei-lhes que já estão inscritos mais de 20 candidatos, um número que comprova o enorme interesse despertado por uma vaga na nossa Academia.

Acrescentei-lhes também que, dentre todos esses 22 pretendentes, o candidato eleito será seguramente aquele que mais convém aos objetivos da ABL e aos problemas que falam mais de perto à cultura brasileira.

Restou-me ainda, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Acadêmicos, a convicção de que uma eleição interna da nossa Academia, que a rigor devia interessar apenas a ela e a nós, ao contrário de uma eleição na OAB, na ABI, na Associação Comercial ou nos Sindicatos, essa eleição na ABL se transforma num assunto de interesse nacional, o que aumenta muito os nossos deveres e as nossas responsabilidades perante a opinião pública de todo o País.

ATHAYDE, UM ADMIRÁVEL CRONISTA

*Murilo Melo Filho**

Neste livro *Austregésylo de Athayde*, estão reunidas 117 das melhores crônicas que o autor escreveu ao longo de 60 anos, primeiro como jornalista e diretor do *Diário da Noite*, e, depois, como cronista em *O Cruzeiro* e no *Jornal do Commercio*; também como membro e, mais tarde, como presidente da ABL.

Ao longo dessas seis décadas, Belarmino Maria Augusto Austregésilo de Athayde foi um apaixonado trabalhador, um combativo jornalista, um cronista diário, um intérprete do seu tempo e um vidente do seu País, que acompanhou, dia-a-dia, as realidades brasileiras e internacionais, com mais de 10 mil artigos publicados.

Como cronista-testemunha, à semelhança de João do Rio, Marques Rebelo, Genolino Amado, Álvaro Moreyra, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e, não raro, também como participante de uma época de ouro da nossa História, ele foi o admirável retratista daquele mais de meio século da instigante vida brasileira.

Nada escapou ao seu binóculo privilegiado, de onde vislumbrava e descrevia todo o cenário do Brasil e do mundo.

---

* Artigo publicado *no Jornal do Commercio* do dia 3 de julho de 2008

Em suas peregrinações pelos Estados Unidos e pela Europa, teve contatos pessoais com alguns dos líderes e das líderes que escreveram a História do Século XX: o Papa Pio XII, Herbert Hoover, Henry Ford, Nelson Rockefeller, George Bidault, Léon Blum, Ivan Pavlov, Eleanor Roosevelt, Jimmy Carter e Vincent Auriol.

Neste livro, encontram-se textos antológicos sobre Elizabeth II, Thomas Jefferson, Kruchev, Einstein, Gargarin, Fidel Castro, Trujillo, Sinclair Lewis, Ruben Dario, Garcia Lorca, Bacon e, no plano brasileiro, Machado de Assis, Lima Barreto, João Ribeiro, Otto Lara Resende, Rachel de Queiroz, Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Athayde ia completar 95 anos de idade no dia 25 de setembro de 1993, mas morreu doze dias antes.

E deixou escrito: "Infeliz é quem não morre. Porque viver também cansa".

Acrescentava:

> "Na minha idade, já não faço amigos novos. Os jovens gostam de mim, mas me tratam à distância, como se eu fosse um pajé. As novas gerações vão passando e eu vou ficando. Ao chegar a esta incomum idade de 95 anos, sei que a minha vida algum dia vai terminar e é mais do que natural que assim seja, pois já foi um privilégio meu chegar até aqui.
> Hoje, aos 95 anos, sinto-me como um menino de 30. Nunca tirei um dia de férias ou faltei a um dia de serviço. Cumpro rigorosamente todos os meus compromissos sociais, atendendo numa só noite a dois ou três convites.
> Minha família sempre foi um exemplo de união: minha mulher, Maria José; minha filha, Laura; meus filhos, Antônio Vicente e Roberto; meu genro, Cícero Sandroni, meus netos e netas; e minha Secretária, D. Carmen, que constituem o meu enorme e inestimável patrimônio."

Athayde definia-se como um católico, na infância e na juventude, e um agnóstico, na maturidade e na velhice. Afirmava acreditar em Deus, mas queria ter d´Ele uma prova pela Razão, como Ernest Renan e não pela Fé, como os padres lazaristas do Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde estudou Teologia até o 3.º ano, mas deixando a batina três anos antes de ser ordenado sacerdote.

De Belarmino, contam-se histórias maravilhosas, como a daquela visita feita ao Mausoléu da Academia no Cemitério de São João Batista por um Governador do Rio de Janeiro, que, pensando agradar, fez o seguinte comentário:

> "Aqui dentro está tudo muito limpo, com este mármore branco. Mas faz um calor terrível, que me está fazendo suar em bicas. Athayde: você bem que poderia mandar abrir umas janelas, para refrescar um pouco."

E, apontando para os jazigos, Athayde respondeu:

> "Veja bem, Governador. Eles já estão aqui há vários anos. E até agora nenhum se queixou de nada."

O autor destas crônicas, que agora estão sendo lançadas nas livrarias, sempre defendeu a tese de que a ABL devia ser proprietária de um patrimônio imobiliário, que garantisse a sua independência financeira. Começou então a "namorar" uma área vizinha ao *Petit Trianon*, sede do Tribunal Federal de Recursos, antes da sua transferência para Brasília. Conseguida a doação do terreno, lutou quase 20 anos pela construção desse bonito edifício de 33 anos, que foi depois, com muita justiça, batizado com o seu nome.

Ao inaugurá-lo no dia 20 de julho de 1979, Athayde entre outras coisas, disse o seguinte:

> "Sempre sonhamos com este edifício. Agora, podemos olhar de frente o nosso destino. E quando, sobre as gerações de hoje baixarem as sombras, então será possível, aos que vierem depois de nós, dizer estas palavras consoladoras: a realidade é ainda maior do que o sonho."

A realidade e o sonho de Belarmino Maria Augusto Austregésilo de Athayde reencontraram-se anos depois na Sala dos Fundadores da Academia, há poucos dias, quando foi lançado este livro com 117 crônicas do Autor, honrado com um prefácio do seu genro, o presidente Cícero Sandroni, segundo o qual, assim como Machado, um bruxo do Cosme Velho, foi o grande fundador da Academia Brasileira de Letras, Athayde, outro bruxo, também do Cosme Velho, foi o seu inesquecível construtor.

SESSÃO DO DIA 17 DE JULHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni declarou aberta a sessão comemorativa do centésimo décimo primeiro aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras. Seguindo a tradição da Casa, leu o discurso pronunciado por Machado de Assis na Sessão Inaugural, de 20 de julho de 1897. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, que falou em nome da Academia.

– O Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça discursou celebrando os cento e onze anos de fundação desta Casa e homenageou também o escritor Autran Dourado, escolhido para receber este ano o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de obra. (O discurso do Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça será transcrito nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente Cícero Sandroni passou a fazer a entrega das Medalhas João Ribeiro. O Acadêmico Lêdo Ivo, designado pelo Presidente, saudou a Embaixadora Vera Pedrosa antes de entregar-lhe a Medalha João Ribeiro. O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse da alegria de entregar esta mesma comenda à antropóloga Lília Moritz Schwarcz. A seguir, o Presidente deu início à entrega dos prêmios, iniciando-o com o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de obra, ao escritor Autran Dourado, que lhe foi entregue pela Acadêmica Nélida Piñon; o Acadêmico Lêdo Ivo leu o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ficção, que conferiu o referido prêmio a José Alcides Pinto, recém-falecido, pelo seu livro *Tempo dos Mortos*, e fez a entrega do mesmo a Jamaica Maria de Andrade Pinto, filha do premiado. O Acadêmico Carlos Nejar leu o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Poesia e fez a entrega do mesmo a Izacyl Guimarães Ferreira, por seu livro *Discurso Urbano*. O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet leu o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária, ao fazer a entrega do prêmio deste ano a Laurentino Gomes pelo livro *1808*. O Acadêmico Arnaldo Niskier leu o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Literatura Infanto-juvenil ao entregá-lo a Daniel Mundurucu, pelo livro *O Olho Bom do Menino*. O Acadêmico Ivan Junqueira leu o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Tradução, dividido entre Leonardo Fróes, pelo conjunto de obras traduzidas, e Agenor Soares dos Santos, pelo livro *Guia Prático de Tradução Inglesa*. O Acadêmico Ivan Junqueira fez a entrega da láurea a Leonardo Fróes, enquanto o Acadêmico Sábato Magaldi o fez a Agenor Soares dos Santos. Coube ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos a leitura do parecer da Comissão do Prêmio de Cinema, que foi concedido ao roteirista Jurandir de Oliveira pelo filme *O Quinze*. O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara leu o parecer da Comissão do Prêmio Francisco Alves de 2008, dividido entre Carlos Eduardo Falcão Uchoa, por seu livro *O Ensino da Gramática: Caminhos e Descaminhos,* e a Paulo Nathanael Pereira de Souza, pela monografia *Temas de Educação Fundamental*. Na ocasião, entregou o prêmio a Carlos Eduardo Falcão Uchoa, enquanto o Acadêmico Arnaldo Niskier o fez a Paulo Nathanael Pereira de Souza. (Os textos lidos serão incorporados aos *Anais* da ABL)

– O Presidente Cícero Sandroni, ao encerrar a sessão, fez um retrospecto da história da Academia Brasileira de Letras nesses seus cento e onze anos de existência. Após relatar essa trajetória, disse estar certo de que esta Casa tem uma história *sui generes* na cultura brasileira e chega um momento em que pode oferecer anualmente prêmios importantes. Acredita que nenhuma instituição cultural brasileira, particular ou governamental, distribua um volume de prêmios como os da Academia. Ressaltou que este é o trabalho da ABL, ou seja, criar, incentivar e estimular a criação literária, o que continuará a fazer com recursos próprios. Esta é a função seminal da Academia, que continuará *ad immortalitatem*.

111 ANOS DE FUNDAÇÃO DA ABL

*Palavras do acadêmico Marcos Vinicios Vilaça**

É, de fato, muito festivo sempre cada 20 de julho. Em 2007, com liturgia adequada, comemoramos os 110 anos da Casa. Ainda em outubro estávamos a dar partida aos registros do centenário de Machado de Assis, na embaixada do Brasil, em Londres. Um chefe de posto digno das tradições de Rio Branco, José Bustani, presidiu os atos daquela semana rica. Na ocasião, luzia a Academia pelo brilho da inteligência e do conhecimento de Sergio Paulo Rouanet, em conferência mestra.

Hoje, no ano Machadiano, voltamos ao aniversário da Academia nessa revisitação dos prazeres e orgulho, que Cícero Sandroni comanda, no exercício de sua presidência digna e diligente.

De muitas comemorações nos alimentamos, encimadas pelo nome de Machado de Assis e enriquecidas com datas redondas. Entre outras, as que se dedicam a Guimarães Rosa e, na seqüência, a Euclides da Cunha. Já a avistar a reverência a Joaquim Nabuco, também um dos nossos fundadores, brasileiro de Pernambuco, que liderou a abolição e se ocupou da transformação social necessária e a ela subseqüente.

---

* Discurso proferido na sessão do dia 17 de julho de 2008.

É muito bom que seja assim. Exercita-se o mandamento estatutário e acalenta-se o imperativo do coração na louvação aos fazedores da Cultura.

Fica deste modo ostensivamente posto o sentido que a Academia dá a tais comemorações. Reviramos escaninhos, produzimos um tipo de ressonância para melhor compreender homens e períodos, aprofundamos análises de idéias, estabelecemos inclusive o contraditório para alcançar sístoles e diástoles em verdades ainda encobertas.

Esta é, também, uma casa para a memória.

Sabemos que comemorar é forma de lembrar juntos e em festa. Se fosse só para o arruído e o foguete de lágrima não seria necessário ativar uma Academia de Letras. Bastaria o floreio ingênuo ou o discurso piedoso de grêmio literário escolar. Há que se avaliar criticamente.

Esta Casa não é o que convencionalmente se chama no paleio intelectual de grêmio literário.

À Academia, igualmente, não se permite a infertilidade do absenteísmo. Nem só festas, nem só silêncio monacal. Por isso, foi ato responsável a idéia que nos consagrou de discutir o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, numa rememoração que parte do nome de Medeiros e Albuquerque e chega aos de hoje. Poderíamos até com a alta disponibilidade que nos faz ricos de saber específico, ter ousado mais, tendo presente as próprias obrigações da Academia.

Enfim...

No capítulo dos compromissos com a nossa Língua é positiva a ação de editar um novo Dicionário, um novo Vocabulário Ortográfico e de criar e manter no portal da Internet o bem sucedido serviço "ABL responde", para provar também pelo uso imaginoso dos meios eletrônicos, expansão criativa e consonância com a modernidade. Afinal de contas, há no mundo 1.1 bilhão de internautas e o Brasil comparece a essa massa de modo significativo.

Está claro que para valer a pena a Academia não poderia ser pequena. Pensar pequeno é morrer submerso pela velocidade dos tempos.

Sabe-se que no processo dialético a permanência das instituições culturais depende em parte do seu reajustamento.

Victor Hugo disse que a revolução faz o retorno do fictício ao real.

Não se trata de propor uma revolução em permanência, mas de defender sempre o dinamismo propositivo que nos cabe, com entrega confiante e rejeição total a ser reserva encolhida. Realizaremos mudanças, sempre necessárias.

A Academia nunca poderia ser uma instituição meramente reativa às provocações do calendário de efemérides, por mais relevantes que sejam. Deve igualmente propor e reagir adequadamente.

Karl Popper ensina que "a verdade é absoluta até que alguém diga o contrário com consistência."

A Academia sempre propôs um pacto pelo conhecimento. De outra parte, a Academia deve abranger o otimismo, espancar o pessimismo e o exclusivamente contemplativo.

Há tanta contestação, tanta inovação no plano cultural que se faz conveniente verificar a consistência de cada proposta, na busca da verdade.

É preciso continuar a ir para fora de portas. É preciso persistir na acolhida aos de fora.

Integrar os "oh! de casa" aos "oh! de fora".

Vejamos:

A Revolução Digital transferiu aos indivíduos a força para catar informações e deu-lhes meios de expor o que concebem. Temos competência para acompanhar o que se teoriza sobre tema de tal amplitude e eis aí um observatório para a Academia aproximar-se de novas faces da questão cultural.

Cientistas sociais como Manuel Castells e Yúdice, jornalistas de nível como Merval Pereira escrevem, seguidamente, sobre esses caminhos pavimentados pela tecnologia na direção da construção cultural.

Pelo livro ou pelas tecnologias importa é difundir e estimular a Cultura.

O nosso Estatuto nos impõe zelar pela Cultura, então como desconhecer a força dos blogs e a influência das redes sociais?

T.S. Eliot ensinou que o tempo passado e o tempo futuro apontam para o tempo presente. E acrescentou: "o que não foi e poderia ter sido fica na perpétua possibilidade".

O Plano Nacional de Cultura, incluído na Constituição pela Emenda 48, carece de ter a nossa avaliação consistente.

Como planejar o esforço cultural, no que isso signifique, por exemplo, compreensão e ação do Estado sem o aval da mais importante instituição cultural do País? Não somos um retrato na parede. Não poderíamos ser um retrato na parede.

A Academia está apta a impedir que fiquem na incompletude, entre outros aspectos, as controvertidas idéias sobre renúncia fiscal, formas de financiamento, mecanismos de fomento, vale-cultura, loteria cultural, privatização e cultura, mensuração do envolvimento corporativo, direito autoral, biblioteca virtual.

Constatamos um mundo de questões que precisam transitar ainda mais nos domínios das reflexões e ações da Academia.

A situação atual do Brasil, como país em crescimento, leva-nos a considerar a cultura como recurso utilizável. E sendo assim, há que geri-lo em grau de competição, pois alveja-nos um mundo que é executado em velocidade.

George Yúdice alerta para a presença supranacional das corporações como influência do setor não-governamental internacional.

O sociólogo Luiz Otávio Cavalcanti tem insistido nas observações de que isto necessariamente não leva a uma homogeneização e que, pelo contrário, ser diferente não quer dizer ser contrário.

Seria um despautério não discutir em casa de autores a propriedade intelectual e as franquias culturais.

Não podemos é deixar que regulamentações envolvendo a Cultura fiquem a cargo apenas de autoridades de algum Ministério de Indústria e Comércio.

Não é possível consentir que o aparelho do Estado nos conduza arbitrariamente.

Nem descurar da advertência, que vem lá de Taiwan, de Chun-tao Wu, de quanto o exercício de poder econômico pode converter-se em *status* e legitimidade. Na mesma linha do que Bourdieu chama de "Capital Cultural".

É inegável, por outro lado, a busca deliberada da arte como instrumento de realce da imagem daqueles tidos como meros "filisteus" ignorantes e indiferentes. Há de se atentar para essa espécie de estética comercial, como para o papel da mídia como tipo fornecedor de identidade cultural, proposição do texano Douglas Kellner, destrinçando o papel da Guerra do Golfo, da ficção cyberpunk ou de Madonna. Ou ainda de Nano, como poética de um mundo novo. Assim dizem Victoria Vesna e James Gimzewski em livro que fala de nanobots e nanobods, além de sugerir se reconheça que a sabedoria está a exigir da ciência o direcionamento para o belo e o elegante.

A Academia que compreende o belo e o elegante pode impunemente ausentar-se dessas ousadias especulativas?

Por atitude passiva, omissão ou descuido, findaríamos por ser vitimas do insólito. Comenta-se, a propósito, o episódio do parecerista de certo departamento regulador de apoio tributário à Cultura, que exigiu se obtivesse a assinatura autorizativa de Kafka, a fim de levar à cena peça de sua autoria.

Não é o próprio **Processo**?

Senhor Presidente:

Um ano a mais se passou e a Academia é ainda maior, tudo porque não nos contentamos com o sucesso, nem esquecemos a eficiência. O tempo nunca

será uma resina silenciadora da Academia. A experiência que continuamente alcançamos foi por percorrer os **caminhos do passado** na busca dos **roteiros do futuro**.

Pedro Nava fique tranqüilo. Estamos atentos à lição que nos deixou, aquela de que a experiência não pode ser certo tipo de luz que só alumia para trás.

Confrades, Senhoras, Senhores

A festa aniversária de que falei no início completa-se com a alegria em premiar. Esta é tarefa relevantíssima. Missão exponencial.

Falemos da premiação. Cuidarei de uma delas. Confrades dirão das demais.

A festa de agora, aqui no Rio, há de repercutir, assim estima-se, de modo muito afetivo em outras duas cidades do coração do autor que a Academia consagra com o Prêmio Machado de Assis.

Festa para a gente de Patos de Minas e de Duas Pontes, cidades – cada uma a seu modo – de Autran Dourado.

O prêmio, a nossa maior deferência – basta observar que nome tem e que considera o conjunto de obra – sempre se concede zelosamente, com cuidados clínicos.

O Prêmio Machado de Assis, neste ano emblemático, distingue Autran Dourado. Há sempre um homenageado especial a recebê-lo. Dou dois exemplos apenas: no ano passado, a genialidade crítica de Eduardo Portella, atuou ao sugerir reconhecer a qualidade de um homem discreto que produziu obra ostensivamente pan-brasileira, o sociólogo/economista Roberto Cavalcanti de Albuquerque. Num passado não muito distante, o nome universal de Guimarães Rosa, cujo centenário de nascimento comemoramos este ano, foi o proclamado.

Pois bem, compreende-se que cada um distinguido, se orgulhe já que o Prêmio é prêmio grande, o melhor que podemos tirar de nós. É premiação para se respeitar, valorizando.

Os amplos recursos da linguagem de um autor comprometido com a sua arte e a sua aventura, já deu a Autran Dourado os prêmios Goethe e Camões. Ajunte ele a esses o Machado de Assis e pode se orgulhar como grande narrador brasileiro.

Acadêmicas, Acadêmicos,

Senhoras e Senhores.

Pressinto na escolha dos oradores dos principais momentos acadêmicos deste ano a cuidadosa atenção e a evidente delicadeza da nossa Presidência para com os Decanos e ex-Presidentes.

Somos, em verdade, um grupamento especial. Falo de grupamento especial, no sentido de especial pelo calejado que a vida acadêmica nos impôs.

Sofremos as suas exigências e, talvez por isso, sempre estamos especialmente atentos para colaborar.

Nas sociedades mais abertas ou nas mais enclausuradas, tribais ou civilizadamente modernas, sempre há um lugar distinto para os que experimentaram a dor e a delícia de anteceder ou de dirigir.

Pressinto que a nossa Presidência gosta de nos dar essa possibilidade de falar libertos pela filosofia camoneana do saber de experimento feito e acho que a direção da Casa está certa. É assim mesmo. Para alguma coisa há de servir o ser antigo ou já ser um ex qualquer coisa.

Deste modo, a gente põe o que pensa, livre e respeitosamente, à consideração dos Pares e de quem mais se interesse pelo nosso destino, pois data aniversária é tempo para auto-reflexão.

Da minha parte, já o quinto mais antigo do Colegiado, espero em Deus sempre estar longe de um "palpite infeliz", situo-me apenas entre os que querem mostrar que amamos a Casa, também sabendo que, como diz o poeta Francisco Alvim,

> "Há um fora dentro da gente
> fora da gente um dentro"

CONCESSÃO DA MEDALHA JOÃO RIBEIRO

Senhor Presidente

De acordo com o artigo 65, parágrafo único, do Regimento Interno da Academia Brasileira de Letras, proponho a concessão da Medalha João Ribeiro a LÍLIA MORITZ SCHWARCZ, professora titular no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e professora visitante nas Universidades de Oxford, de Leiden, Brown e Columbia.

Trata-se de uma intelectual que se notabilizou no âmbito cultural, com estudos e pesquisas que a tornaram uma das especialistas mais autorizadas no campo da história e da crônica do Rio de Janeiro, destacando-se o seu trabalho ao lado, entre outros, dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho.

PRÊMIO ABL DE FICÇÃO

Parecer da Comissão

Aos 85 anos de idade, vivendo no interior do Ceará numa fazendola falida em que cria cabras e medita à sombra dos cajueiros sobre o destino humano, o romancista e poeta José Alcides Pinto, descendente dos índios tremembés, constrói há mais de meio século uma obra ainda não iluminada pelo reconhecimento que merece.

Com a sua inarredável autoridade crítica, Ivan Junqueira, na introdução ao seu extraordinário romance *Trilogia da Maldição*, em 1999, proclama o seu visionarismo e até o seu delírio alucinatório, ao aludir à "pulsação alegórica que, em José Alcides Pinto, transita continuamente entre a *poetry* e a *fi' ction*".

O seu romance *Tempo dos Mortos*, editado o ano passado, é uma comprovação incontestável de seu admirável labor literário, no uso de uma prosa nutrida, ao mesmo tempo, de um alto fervor poético, de uma arrojada experimentação, técnica e formal, e ainda de um fundo sentimento do *locus* – ou seja, do lugar de nascimento, da origem e região. Como a cearense Rachel de Queirós, José Alcides Pinto celebra a terra nativa, entranhada em sua obra e em sua vida.

É esse romance de extrema originalidade temática e de composição, composto de três narrativas entrelaçadas, que escolhemos para que lhe seja adjudicado o Prêmio de Romance.

Nosso parecer deve ser acolhido também como uma descoberta e um reconhecimento desse escritor que vive longe do rumor literário e talvez prefira a companhia amena das cabras ao comércio conflituoso com os homens.

Rio de Janeiro, 10 de abril de 2008

Lêdo Ivo – Presidente
Lygia Fagundes Telles – Relator
João Ubaldo Ribeiro

PRÊMIO ABL DE POESIA

Parecer da Comissão

A Comissão do Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras propõe por unanimidade que seja ele concedido ao livro *Discurso urbano,* de Izacyl Guimarães Ferreira. Trata-se um longo e belo poema, composto de 50 décimas em decassílabos de rimas toantes, no qual Izacyl Guimarães Ferreira nos fala das cidades onde viveu, que visitou ou que fez e refez no sonho. Nessa demorada meditação sobre o homem com o ser da cidade e das cidades que habitam um homem, o poeta não apenas passeia por *urbes* tão distintas como Nova York e Florença, Caracas e Santiago de Compostela, Toia e Ouro Preto, Machu Pichu e Roma, mas as interroga sobre o que são como memória e destino.

Tendo vivido a maior parte da vida fora do Brasil e sendo de temperamento discreto, Izacyl Guimarães Ferreira ainda continua a ser um poeta lido e admirado principalmente por poetas. Ao premiar esse livro, a Academia aumentará certamente o seu círculo de leitores e, sobretudo, fará justiça a uma obra que, iniciada em 1953, com *Os endereços* e tendo em *Declaração de bens* um dos seus grandes momentos, é um exemplo do que se pode alcançar ao unir a inspiração ao rigor.

Rio de Janeiro, em 8 de maio de 2008.
Carlos Nejar
Alberto da Costa e Silva
Antonio Carlos Secchin

PRÊMIO ABL DE ENSAIO, CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA

Parecer da Comissão

A comissão decidiu, na categoria de Ensaio, premiar este ano o *1808,* de Laurentino Gomes. É tarefa confessada e, metodologicamente, segura trazer uma investigação jornalística ao nível da literatura ensaística e das exigências do seu específico discurso.

A efeméride do bicentenário da chegada da Família Imperial criou uma predisposição ao êxito do trabalho. Mas a organização do texto e o compasso da reflexão transcendem o sucesso da sua urdidura ostensiva. Ao mesmo tempo, o reconhecimento esperado e ordenado das suas fontes traz o tributo à visão pioneira e fundadora de Oliveira Lima, ao lado da de Kirsten Schultz e Patrick Willcken. Subtítulos, como o da "Versalhes Tropical" ou da "Nova Corte" ou "Portugal abandonado", manifestariam a sintonia, pelo jornalista-ensaísta, do plexo histórico da época, e do reconhecimento dos seus roles e desempenhos tratados com autonomia criativa. Nesta delineio um protagonismo brasileiro emergente, e, prévia ao escoadouro subseqüente do Império, a etapa antológica de compressão histórica.

O escorço do que era o "chiaro oscuro", dos personagens ostensivos D. João e Carlota Joaquina, venceu o esquematismo dos estereótipos, tal como Laurentino ressalta figuras, a que Oliveira Lima teria deixado, ainda, fora do procênio, como o Pereira Viana, o chefe de polícia e o padre Perereca.

Significativa, ainda, é a sensibilidade de Laurentino ao "contra raconto" no sentido que lhe dá Lyotard, das narrativas epistolares como a de Marrocos, que superaria a distância do exílio voluntário, no Rio de Janeiro. Mas, sobretudo, o autor de *1808* soube resistir ao cauteloso tentador dos diários de Luccok, cujo detalhismo de protagonista da primeira vaga de ingleses no Brasil siderou a visão, já pós Oliveira Lima, de Gilberto Freyre.

Ressalvar-se-ia, de toda forma, o apelo ao dramatismo anedótico da vida da Corte, em trechos como o de "reis enlouquecidos", a que o autor, entretanto, compensa na análise consistente da nossa escravidão e, sobretudo, no trato da "República pernambucana", que é marco indiscutível do passo adiante, na tomada de consciência nacional. Na verdade, o sensacionalismo de Laurentino remanesce na infelicidade do seu subtítulo, de que se aparta o texto no seu caudal de uma possível recaída jornalística.

A riqueza final de detalhes com que o autor tece a narrativa clássica – pelo recrutamento de nova bibliografia, como a do depoimento de Thomaz O'Neil e do tratado de medicina de Manoel Vieira da Silva, buscado no páramo da biblioteca de José Mindlin – faz dos *bas de page* uma ribalta nova, em que o ensaio de Laurentino demarca a difícil arquitetura de épocas, neste momento maior da fundação de nossa consciência histórica, à cata da nação.

Cândido Mendes de Almeida
Sergio Paulo Rouanet
Affonso Arinos de Mello Franco

PRÊMIO ABL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Parecer da Comissão

Senhor Presidente.
Senhora e Senhores Acadêmicos.

Temos a honra de apresentar nosso parecer sobre o Prêmio Infanto-Juvenil.

Fizemos uma cuidadosa pesquisa sobre os livros Infanto-juvenis lançados no ano passado.

Fixamos nossa preferência no livro *O Olho Bom do Menino*, editado pela Brinque-Book, com ilustrações de Rubens Matuck e escrito por *Daniel Mun-du-ru-ku*, índio que nasceu, em 1964, numa aldeia do Pará, e que vive atualmente na cidade paulistana de Lorena, em cuja Universidade Salesiana estudou e graduou-se em História e Psicologia. Atualmente, faz Doutorado em Educação, na USP.

Em 2006, foi condecorado com a Comenda do Mérito Cultural, outorgada pelo Ministério da Cultural.

Já publicou 29 livros no Brasil e alguns já editados no Exterior. Entre os quais: *Meu Avô Apolinário*, com ilustrações de Rogério Borges; *O Segredo da Chuva*, premiado em 2004, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, como "O melhor livro para criança", além de *Você Lembra, Pai?*, selecionado por essa

mesma Fundação para a "Lista de Honra", de 2006, e de *O Homem que Roubava Horas*, escrito em parceria com Janaína Tokitaka.

Daniel preside o IMBRAPI (Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual), uma instituição que protege o conhecimento e a cultura indígena.

Em *O Olho Bom do Menino*, o índio Daniel, com sensibilidade e delicadeza, reflete sobre a maneira como as pessoas enxergam o mundo, sejam deficientes visuais ou não, e ressalta a importância de se ver com "os olhos de dentro do coração".

Com uma linda história, que simplesmente comove, o autor relata que, certa vez, "estava numa clínica de olhos, quando teve sua atenção despertada para um menino em conversa com outras crianças, que usava óculos escuros e mexia muito com a cabeça, como se quisesse localizar as pessoas em seu redor. Só então notei que aquela criança era cega. Sua mãe aproximou-se de mim e logo contou que o pequeno Theo Luís fora vítima de uma rubéola contraída durante a sua gravidez e isso fora o suficiente para que nascesse cego".

Mas ela acrescentou:

> "Ele é um garoto especial, que aceitou sua deficiência melhor do que eu, que me sentia culpada por sua cegueira, pois meu filho, pelo resto da vida, nunca veria as coisas bonitas do mundo."

Por um momento, Daniel deixa de lado os contos indígenas e relata um encontro de dúvidas e beleza, onde um menino cego, com "os olhos da alma", mostra que pode ensinar muito mais do que nós todos, que tudo vemos.

Indicamos *O Olho Bom do Menino*, de Daniel Munduruku, para o Prêmio de Literatura Infanto-Juvenil.

É o nosso Parecer.

Rio de Janeiro, 24 de março de 2008.
Arnaldo Niskier – Presidente da Comissão.
Murilo Melo Filho – Relator
Antonio Olinto – Membro

PRÊMIO ABL DE TRADUÇÃO

Parecer da Comissão

Na condição de Presidente da Comissão designada para atribuir o Prêmio de Tradução da Academia Brasileira de Letras, acolho o parecer do relator, Acadêmico Ivan Junqueira, no sentido de que a láurea seja concedida aos renomados tradutores Agenor Soares dos Santos e Leonardo Fróes.

Diplomata aposentado e primeiro professor de Inglês e Literatura Inglesa e Norte-Americana da Faculdade de Ciências e Letras, atual PUC, de Belo Horizonte, Agenor Soares dos Santos consagrou boa parte de sua vida à tradução e ao estudo dos problemas dessa árdua e traiçoeira arte, dela se tomando um dos maiores teóricos em nosso país. Avultam em sua obra, entre muitas e inestimáveis contribuições, o *Dicionário de Anglicanismo* (2006) e o monumental *Guia Pratico de Tradução Inglesa*, com mais de 3.700 verbetes e que, publicado em 1981, ganhou em 2007 uma nova edição revista, atualizada e ampliada. Seria aqui oportuno lembrar que esta obra indispensável releva pela excelência do método e da pesquisa, pelo rigor e pela riqueza e o detalhamento de um dicionário de "cognatos enganosos", que decerto irá preencher as lacunas tradicionais e persistentes com que se defrontam todos aqueles que se consagram à arte tradutória.

Poeta ensaísta e tradutor, com cerca de cem títulos vertidos para a nossa língua, Leonardo Fróes possibilitou o acesso dos leitores brasileiros às obras

de Flannery O'Connor, Le Clezio, Malcom Lowry, Virginia Woolf, William Faulkner, Thomas Merton, Shelley, Swift, Goethe, George Eliot, Maurois, Tagore, DH. Lawreuce, Nabokov, Ferlinghetti e Ginsberg, além de muitos outros. Traduz do inglês, do francês, do alemão e do espanhol. Entre os prêmios que recebeu como tradutor, avulta o da Fundação Biblioteca Nacional, que lhe foi concedido por unanimidade do júri em 1999. Como poeta, obteve em 1996 o prestigiado Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

Rio de Janeiro, 3 de abril de 2008.
Sábato Magaldi – Presidente
Ivan Junqueira – Relator
Evanildo Bechara

PRÊMIO FRANCISCO ALVES

Parecer da Comissão

Excelentíssimo Senhor
Acadêmico Cícero Sandroni
D.D. Presidente da Academia Brasileira de Letras

Cumprindo determinação recebida, estamos apresentando o nosso voto para o Prêmio Francisco Alves, que este ano deve ser concedido pela ABL, de acordo com o seu Regimento. Fixamos-nos, depois de acurado estudo, nos nomes dos professores Paulo Nathanel Pereira, para contemplar a área da Educação, e Carlos Eduardo Falcão Uchoa, para contemplar a área de Língua Portuguesa.

O professor Paulo Nathanael é figura eminente no panorama da educação brasileira, destacando-se, entre muitas outras atividades, como grande defensor do ensino fundamental público. Nesta área de atividade, merecem relevo suas monografias intituladas: *Temas de Educação Fundamental e de Ensino Renovado, Temas Sempre atuais na Educação Brasileira e Pré-Escolar: uma nova fronteira educacional*.

O Professor Carlos Eduardo Falcão Uchoa é professor titular e emérito da Universidade Federal Fluminense, senhor de uma rica bibliografia na área da Lingüística Geral e Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa, e que se tem dedicado a defender, como fazia seu mestre Mattoso Jr., que a gramática normativa e a língua literária têm lugar privilegiado no estudo e ensino da língua, e

não se anulam diante da gramática descritiva, como é pensamento muito divulgados entre nós, com grande prejuízo para uma competente e eficiente educação lingüista. Recentemente, em 2007, suas teses foram consubstanciadas no livro *O Ensino da Gramática: Caminhos e Descaminhos*.

Por toda essa atuação refletida nos referidos trabalhos, os professores Paulo Nathanel Pereira e Carlos Eduardo Falcão Uchoa, fazem jus à nossa indicação para o Prêmio Francisco Alves deste ano.

Arnaldo Niskier – Presidente e Relator
Evanildo Bechara
Domício Proença Filho

SESSÃO DO DIA 24 DE JULHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni abriu a sessão e anunciou que a sua primeira parte se destinava à entrega do 10.º Prêmio CIEE/ABL – Escritor Universitário – Alceu Amoroso Lima, destinado a jovens universitários, promovido pelo Centro de Integração Empresa Escola e a Academia Brasileira de Letras, que este ano teve como tema "Sem ética pode haver progresso?". Passou a palavra ao Senhor Paulo Nathanael Pereira de Souza, Presidente do CIEE, que discorreu sobre os dez anos de entrega, na Academia Brasileira de Letras, da premiação que visa estimular entre os universitários o gosto pela pesquisa e pela literatura brasileira. A seguir, o Presidente Cícero Sandroni procedeu à entrega dos prêmios: 1.º lugar: João Pereira Loureiro Júnior, da Universidade do Estado do Pará, que recebeu o prêmio das mãos do Acadêmico Eduardo Portella; a Acadêmica Nélida Piñon entregou a láurea à jovem

colocada em 2.º lugar, Janaína Cristina Prados, do Centro Universitário do Planalto do Araxá/MG; e o 3.º lugar coube a Israel de Paula Lopes, da ULBRA de Ji-Paraná/Rondônia, que recebeu o prêmio do Acadêmico Murilo Melo Filho.

– O Presidente Cícero Sandroni parabenizou os premiados, agradeceu as palavras do professor Paulo Nathanael e passou a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier discorreu sobre a importância da premiação e ressaltou a preocupação do CIEE com o embasamento cultural dos estudantes, para que todos possam bem cumprir as suas tarefas e depois tornarem-se profissionais competentes. Ressaltou a importância do tema tratado este ano, "Sem ética pode haver progresso?", por estudantes de todo Brasil e a dificuldade da comissão para escolher entre quase mil trabalhos de redação estes três premiados. Salientou a preocupação desses jovens com o futuro do Brasil, lastreado na indispensável ética pública, na realização dos projetos de desenvolvimento social e econômico do Brasil. Acredita também que tenha chamado a atenção dos Acadêmicos para a diversidade geográfica da premiação. Saudou o interesse da juventude pela ética, agradeceu, em nome da Casa, a parceria com o CIEE e disse que a Academia continua interessada em mantê-la para despertar o gosto, não só de escrever, mas de ler e pesquisar.

– O Presidente Cícero Sandroni apresentou os cumprimentos da Casa ao Dr. Paulo Nathanael e ao Dr. Paulo Pimenta, aos premiados e parabenizou o CIEE pela escolha do tema. Declarou que podem continuar a contar com o apoio desta Casa. Suspendeu a sessão por dois minutos para as despedidas e o reinício da sessão ordinária da ABL.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao reiniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário as Atas dos dias 10 e 17 de julho de 2008, que foram aprovadas por unanimidade. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Marco Maciel, que aniversariou no dia 21 do corrente. Chamou a atenção para as efemérides desta semana, com a finalidade de que fique registrado que, a 25

de julho de 1991, o Acadêmico Alberto Venancio Filho foi eleito para a Cadeira 25 e no mesmo dia, em 1995, foi a recepção do Acadêmico Sábato Magaldi para a Cadeira 24; e no dia 27 de julho de 1989 houve a eleição da Acadêmica Nélida Piñon para a Cadeira 30. A seguir, comunicou que a Academia recebeu a doação dos *Anais Pernambucanos*, feita pelo Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça.

– O Acadêmico Evanildo Bechara, como Acadêmico e pernambucano, disse que se trata de uma obra meritória. É o registro de fatos, documentos e acontecimentos históricos em Pernambuco desde 1593 até 1830. Trata-se, portanto, de um trabalho monumental para a investigação histórica deste país. Um país que tem pouca memória.

– O Presidente recebeu também, como doação para a Biblioteca Rodolfo Garcia, do editor Paulo Rocco, uma edição das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com ilustrações de Candido Portinari. Edição dos Cem Bibliófilos do Brasil.

– O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que se trata de um trabalho primoroso, com ilustrações do saudoso Candido Portinari, e de uma publicação fidedigna das *Memórias Póstumas de Brás Cubas.* Salientou que, pelo peso dos autores e da obra, é um trabalho monumental, que a Casa agradece ao editor.

– O Presidente Cícero Sandroni pediu que fosse registrado em ata o pesar pelo falecimento da Senhora Maria de Lourdes Coimbra Mendes de Almeida, escritora com três livros de contos e um romance e que integrava o corpo do Conselho de Curadores da Galeria Manuel Bandeira. Uma mulher dedicada não só à filosofia, mas às letras e às artes plásticas. Desenvolveu a Galeria Candido Mendes, em Ipanema. Mulher de grande valor e companheira do Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

– O Acadêmico Helio Jaguaribe associou-se às palavras tão apropriadas, proferidas pelo Presidente, a respeito de Maria de Lourdes Mendes de Almeida. Recordou que manteve com ela uma longa relação de amizade e admiração. Ficou profundamente penalizado com o seu falecimento.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha ressaltou que foi colega de Maria de Lourdes Mendes de Almeida, ao longo de muitos anos, no curso de filosofia da Pontifícia Universidade Católica. Lembrou que Maria de Lourdes conseguia visualizar, no âmbito de suas indagações especulativas, um lugar privilegiado para a estética, de que resultou a emergência de uma vocação de artista plástica, que desempenhou não apenas pessoalmente, como também estimulou jovens artistas. Teve papel de singular relevo no panorama cultural, além de ter sido escritora de mérito. Escusou-se de falar de coisas pessoais, mas recordou um dado comovente, porquanto não era muito dada a freqüentar festas e eventos de caráter social e, no dia em que tomou posse nesta Casa, ela veio e disse: "Não poderia deixar de trazer um abraço ao meu amigo". Finalizando, disse que essa lembrança ficou marcada no seu coração e recordou essa passagem com o pesar do seu desaparecimento.

– O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila falou com emoção do falecimento de Maria de Lourdes Mendes de Almeida. Disse que, dado o seu estado de saúde, um colega seu, pessoalmente, tomou a decisão de afastá-lo. Lembrou que celebrou a missa de cinqüenta anos de casamento do casal Mendes de Almeida. Ficou com muita tristeza de não ter podido dar o último adeus àquele amor que havia abençoado quando celebraram as Bodas de Ouro.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Pe. Fernando Bastos de Ávila e disse entender a sua decepção de não ter podido estar no último adeus a Maria de Lourdes Mendes de Almeida.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho, ao comemorar os noventa anos de Antônio Cândido de Mello e Souza, discorreu sobre esta figura destacada da cultura brasileira. De raízes mineiras, realizou os estudos secundários em Santa Rita de Cássia e em Poços de Caldas, transferindo-se depois para São Paulo a fim de ingressar na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Foi crítico literário, por certo período, da *Folha da Manhã* e de *O Estado de S. Paulo* (1943-1947). Sua obra é altamente significativa, com vários livros, artigos e monografias, devendo-se citar, pela grande originalidade, o ensaio

Dialética da Malandragem, inspirada no livro de Manuel Antônio de Almeida. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho o belo pronunciamento sobre Antônio Cândido de Mello e Souza.

– O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara congratulou-se com as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre Antonio Candido.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Evanildo Bechara. Com relação à data natalícia de Antonio Candido, gostaria, com permissão do Acadêmico Alberto Venancio Filho, de transmitir a este intelectual o texto da sua comunicação com os cumprimentos da Academia. Informou que, no dia 20 de agosto, Antonio Candido vai receber o Prêmio da União Brasileira de Escritores de São Paulo e acredita que todos os Acadêmicos foram convidados, sendo ótimo se a Academia pudesse comparecer em grande número.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre a solenidade de posse do Acadêmico José Carlos Gentili na presidência da Academia de Letras de Brasília, onde representou a Academia Brasileira de Letras. Uma bonita solenidade realizada no Memorial JK, com a presença de várias autoridades e centenas de convidados especiais. Entregou ao Presidente a Medalha Cultural d´Almeida Vitor e um Diploma, devidamente emoldurado, com o qual os Acadêmicos de Brasília lhe agradecem os relevantes serviços prestados à cultura brasileira.

– O Acadêmico Lêdo Ivo falou sobre o falecimento de Maria de Lourdes Melo Coimbra Mendes de Almeida. Grande dama da sociedade foi participante dedicada na obra de renovação educacional empreendida por Candido Mendes de Almeida na sua Universidade. Publicou vários livros e criou atuantes espaços culturais, como a Galeria de Arte Candido Mendes, em Ipanema. Lembrou que nessa galeria, destinada a talentos nascentes acolheu, há quase trinta anos, um jovem e desconhecido pintor carioca, hoje um nome nítido

do cenário artístico, e realizou uma exposição individual de seus trabalhos. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo por mais essa lembrança de Maria de Lourdes Melo Coimbra Mendes de Almeida e do trabalho que ela realizou com jovens artistas.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Alcindo Guanabara. Nascido em Guapimirim, Estado do Rio, em 19 de julho de 1865, destacou-se como jornalista que abordou com desassombro as grandes questões nacionais, por ele retratadas de forma candente e partidária. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Carlos Nejar parabenizou a Diretoria pelos momentos emocionantes que passou ao assistir a apresentação da atriz Fernanda Montenegro na leitura de *Capitu – Memórias Póstumas*, obra do Acadêmico Domício Proença Filho.

– O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu as palavras do Acadêmico Carlos Nejar e disse que esta é a glória que fica, eleva, honra e consola.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin a síntese perfeita de Alcindo Guanabara e gostou de ter ouvido a referência ao livro de Nelson Werneck Sodré, cujo índice onomástico tem mais de vinte citações sobre o mesmo.

– O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu ao empenho do Presidente, que foi o grande responsável pela vinda da atriz Fernanda Montenegro para ler o texto adaptado de sua obra.

– O Presidente, ao encerrar a sessão, convidou os presentes para "O Seminário Brasil, brasis", sobre "Linguagem na periferia urbana", com coordenação e exposição do Acadêmico Evanildo Bechara. Palestrantes: Dino Preti, Heloisa Buarque de Holanda e Hudinilsson Urbano, no Teatro R. Magalhães Jr., às 18h30min.

ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELO E SOUZA

*Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Na data de hoje no ano de 1918 nascia na cidade do Rio de Janeiro Antônio Cândido de Melo e Souza. Tratando-se de figura destacada da cultura brasileira, considero que a Academia deveria homenageá-lo.

De raízes mineiras, realizou os estudos secundários em Santa Rita de Cássia e em Poços de Caldas e se transferiu para São Paulo para ingressar na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Um fato singular mudou a carreira; criava-se na ocasião a Faculdade de Filosofia da mesma Universidade, criada por Armando Salles de Oliveira e cujos estatutos foram organizados pelo nosso confrade Fernando de Azevedo. A direção da universidade julgou que para a nova escola obter os mais altos padrões deveria contratar professores estrangeiros nas várias especialidades e, assim, vieram para o Brasil jovens "agregés" que se projetariam no cenário cultural. Foram contratados, entre outros, Levi-Strauss e Ferdinand Braudel. Jean Maugué, professor de filosofia que ensinava a matéria discutindo fatos cotidianos e romances de grandes escritores, exerceu grande influência sobre Antônio Cândido, que se graduou em ciências sociais.

Ao grupo estrangeiro se juntou o nosso confrade Fernando de Azevedo, que com olho clínico chamou-o para assistente da cadeira de sociologia, se

---

* Proferidas na sessão do dia 24 de julho de 2008.

doutorando com a tese "Os Parceiros de Rio Bonito", estudo pioneiro do exame da sociedade caipira em face da vida urbana.

Com um grupo de colegas da Universidade, recém formados, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho e Paulo Emílio Sales Gomes, dirigiu em 1941 a revista *Clima* que alcançou repercussão e, pela seriedade dos dirigentes, provocou a ironia de Oswald de Andrade, "chato-boys".

Os temas de literatura já o interessavam e aos vinte e oito anos concorre à cadeira de Literatura Brasileira da escola onde se formara com a monografia "O método crítico de Silvio Romero". Era estudo profundo e original, examinava no devido lugar a contribuição do pensador sergipano, apresentando o pensamento crítico de Silvio Romero como parte de uma interpretação social e como arma de interferência na vida e na cultura. Concluía: "esta tese é uma análise teórica, mas feita na perspectiva da história".

Um silêncio de alguns anos na publicação de livros decorreu do trabalho minucioso de pesquisa e preparação da "Formação da Literatura Brasileira", livro já considerado clássico.

Explicou que "a nossa literatura como galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas. Os que se nutrem apenas delas, são reconhecíveis à primeira vista, mesmo quando eruditos e inteligentes, pelo gosto provinciano e falta de senso de proporções. Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar ao desinteresse e até menoscabo das nossas. Afirmava que este livro procura apresentar nossas letras nas fases formativas, de modo a combater erro de depender de experiência de outras letras que importa em limitação essencial da experiência literária.

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca, mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso e incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas, muitas vezes débeis, muitas vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta,

em meio a uma aclimação penosa da cultura européia, procuraram estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, dos quais se formaram os nossos".

Crítico literário por certo período da *Folha da Manhã* e do *O Estado de S. Paulo* (1943-1947), a obra de crítica literária é altamente significativa, vários livros, artigos, monografias, devendo-se citar pela grande originalidade o ensaio "Dialética da Malandragem" inspirada no livro de Manuel Antônio de Almeida. E recentemente livro pouco conhecido *Um Funcionário da Monarquia*, estudo do ascendente Antônio Tolentino, mostrando a presença da mobilidade social entre nós e os bastidores da administração imperial.

O julgamento dos discípulos a seu respeito é unânime:

> "Antônio Cândido é um corajoso. Antônio Cândido é um erudito. Antônio Cândido é um grande professor. Antônio Cândido, sobra dizer, é intelectual por excelência. Outro igual a Antônio Cândido, só mesmo terminando à la Garcia Lorca: custará muito a nascer". (Fernando Henrique Cardoso)

> "A consciência das inquietações de Antônio Cândido e o seu impulso ao partilhá-las, fazem dele uma figura socrática. Por isso, o seu dizer é um dizer forte, que se traduz numa obra, juntando epistemologicamente pela crítica, o geral e o particular, permite-nos distinguir, sem dogmatismos, o bem do mal. Meu esforço analítico é lamentavelmente insuficiente para precisar os contornos de alguém, de quem disse Guimarães Rosa, que é melhor que as palavras possíveis da gente". (Celso Lafer)

No trabalho escrito para o volume *Esboço de Figuras Homenagem a Antônio Cândido* por ocasião dos sessenta anos (1978), meu saudoso mestre Afonso Arinos, a que tenho a honra de suceder nesta Casa, disse:

> "Conheci pessoalmente Antônio Cândido em 1945 por ocasião do concurso a que se submeteu para professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Embora extremamente jovem era ele, já então considerado como um Mestre, não só na cadeira a que se propunha a

> professar, mas em tudo que a expressão comporta de autoridade, confiança, respeito e admiração. Foi essa vocação de Mestre que se expandiu, e amadureceu na trajetória intelectual de Antônio Cândido, a que ninguém hoje sobreleva no mestrado do humanismo brasileiro".

Em 1993, Antônio Cândido ganhou o Prêmio Machado de Assis por proposta do acadêmico Lêdo Ivo. Iniciava o discurso de agradecimento dizendo que "na Academia tenho bons amigos", tratava dos críticos literários que pertenceram à Casa, "de Araripe Júnior, José Veríssimo e Silvio Romero até os de agora" e mostrando como na "Academia a crítica sempre encontrou terreno favorável".

Confessava que sobre Machado de Assis escrevera "um único ensaio breve e compilatório, que não corresponde à admiração com que o considero um dos narradores supremos das literaturas ocidentais", e julgava oportuno destacar:

> "Sempre achei, não apenas que Machado de Assis é o maior escritor do Brasil, afirmação mais ou menos óbvia, mas que foi, além disso, o teste de excelência em nossa literatura, que, sob este aspecto, poderia ser dividida em duas partes: antes e depois dele. Por isso, ao estudar a Arcádia e o Romantismo como dois momentos decisivos da constituição da literatura brasileira, encerrei a investigação na altura da sua maturidade criadora. E até poderia dizer que os dois volumes do meu livro, *Formação da Literatura Brasileira*, são uma espécie de introdução a Machado de Assis, isto é, uma preparação para destacar o momento em que o Brasil pode apresentar ao mundo um escritor de estatura realmente universal, em termos absolutos".

Na saudação, o acadêmico fez uma síntese resumida da sua obra e concluiu:

> "Fernando de Azevedo, seu mestre, amigo e admirador recebeu esta láurea em 1945 e só muito mais tarde aqui ingressou. Permita-me, Sr. Presidente, falando em caráter estritamente pessoal, declarar que as portas

desta Casa devem estar abertas para uma figura da estatura intelectual e da categoria moral de Antônio Cândido".

A instigação não surtiu efeito. Tempos depois, ao ser publicado o livro *Conversa com Antônios* – Antônio Cândido, Antônio Houaiss e Antônio Carlos Jobim – entrevista realizada na Chácara do Céu em Santa Teresa, o mesmo acadêmico indagava dele por que não trocava a chácara de Santa Teresa pelo prédio da Avenida Presidente Wilson.

Em carta amável respondeu que dedicava o maior apreço pela Academia, tinha aqui grandes amigos, mas tinha pouca vocação associativa. E por ocasião da eleição do acadêmico Celso Lafer, seu grande amigo e discípulo, vários acadêmicos fizeram sem sucesso o mesmo apelo.

O fato de Antônio Cândido, por motivos de foro íntimo, não ter querido ingressar em nossa Casa não nos exime da tarefa de fazer o elogio da obra desse grande intelectual, quando completa, em plena lucidez, noventa anos.

MARIA DE LOURDES MELLO COIMBRA MENDES DE ALMEIDA

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo**

Senhor Presidente,
Senhores Acadêmicos
Senhoras Acadêmicas,

Pungiu-nos, a todos nós, o falecimento da senhora Maria de Lourdes Mello Coimbra Mendes de Almeida, esposa do nosso confrade Cândido Mendes de Almeida.

Essa grande dama da sociedade foi uma participante dedicada na grande obra de inovação educacional empreendida por Cândido Mendes de Almeida na sua Universidade. Publicou vários livros e criou atuantes espaços culturais, como a Galeria de Artes Cândido Mendes, em Ipanema.

Foi nessa galeria destinada a talentos nascentes que dona Maria de Lurdes acolheu, há quase trinta anos, um jovem e desconhecido pintor carioca, promovendo uma exposição individual de seus trabalhos.

Há os que, por ingratidão profissional ou fingida "desmemória", ou porque sejam astutos escondedores de seus passados, esquecem as mãos que se lhes

* Proferidas na sessão do dia 24 de julho de 2008.

estenderam em seus alvoreceres. Não é o caso daquele jovem artista plástico que, ao longo de sua trajetória, sempre se refere a esse gesto inicial – a esse pequeno gesto de amor e solidariedade, e também de confiança e descoberta, de Maria de Lourdes Mello Coimbra Mendes de Almeida.

Na noite de terça-feira última, já tornado um nome nítido após tantos anos de trabalho silencioso e pertinaz, o antigo jovem pintor recebeu, ao inaugurar-se sua exposição no Museu Nacional de Belas Artes, o carinho de 17 membros desta Casa que foram abraçá-lo num instante rumoroso de sua carreira. Foi para ele uma noite de festa, alegria e amizade, e de mudo sentimento de novas gratidões.

Por meu intermédio, ele agradece essa manifestação de tantas figuras fulgentes de nosso País e de nossas letras.

Mas aqui estou para dizer que sua alegria ostensiva esconde a dor de uma perda. Na noite ruidosa, pairava, invisível, a mão amiga que se estendeu para ele na sua hora primeira. Mão que ele jamais esqueceu e jamais esquecerá.

ALCINDO GUANABARA

*Estudo do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Alcindo Guanabara, nascido em Guapimirim, Magé, Estado do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1865, destacou-se como jornalista imerso com desassombro nas grandes questões nacionais, por ele retratadas de forma candente e partidária. O risco de um tal procedimento reside no fato de que, pela ausência de salvaguarda crítica, o ímpeto ao partidarismo compulsório pode induzir-nos a embarcar na plataforma errada. Guanabara, declarando-se hostil à abolição da escravatura, acabaria tomando o trem no sentido oposto ao da História. Certa inconstância na escolha da plataforma, aliás, parece marcar a trajetória desse nosso publicista, fornecendo-nos a imagem de um indivíduo versátil, antes propenso a transigências eventuais do que propriamente defensor de convicções irremovíveis. A fama de tal flexibilização de valores remonta, provavelmente, ao famoso episódio em que Alcindo, instado, às vésperas da Semana Santa, a escrever editorial sobre Jesus, teria arguido: "A favor ou contra?". Não sendo, talvez, verdadeira, a anedota propagou-se, por verossímil. Em prol de Guanabara circulou a atenuante de que não formulara a pergunta movido pela cobiça de propina vultosa em caso de ataque à figura divina, e sim pelo desejo de evitar atritos com José Carlos Rodrigues, proprietário do jornal e seguidor do protestantismo anabatista.

---

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 24 de julho de 2008.

Antes de abraçar o jornalismo, Alcindo deixou inconclusa a Faculdade de Medicina. Trabalhou como inspetor no Asilo dos Menores Desvalidos e como faxineiro na *Gazeta da Tarde*, de José de Patrocínio, onde travou contato com Raul Pompeia e Luís Murat. Num dia em que a redação estava em greve, redigiu sozinho todas as matérias do jornal, conquistando no mesmo passo a admiração de Patrocínio e um emprego na folha. Defendeu com vigor a causa abolicionista, mudando de opinião aos 22 anos, quando, após romper relações com José do Patrocínio, passou a dirigir a folha escravagista *Novidades*. Em artigo estampado dois dias após a promulgação da Lei Áurea, justificava seu ponto de vista, argumentando que a extinção da escravatura desencadearia uma incontrolável convulsão social: "Nós gastamos boa parte da nossa atividade fazendo sentir que a abolição radical devia trazer conseqüências funestíssimas ao país; e agora que ela está feita pela pior das maneiras, seremos talvez o único jornalista que assim pensa! Mas pensamos que essas conseqüências serão inevitáveis e fatais."

Posteriormente, sem ambigüidades, engajou-se na causa republicana, trabalhando no *Jornal do Comércio* e no *Correio do Povo*. Deputado na Constituinte, reelegeu-se em 1894, na segunda legislatura republicana. Três anos depois, seu nome, bem como os de José Veríssimo e José do Patrocínio, constaria de um documento em apoio a Cuba, no turbulento período em que o país caribenho lutava pela consolidação de sua independência. Ainda em 1897, Alcindo, opondo-se a Prudente de Morais, recebeu a pena de confinamento na ilha de Fernando de Noronha, de onde saiu graças a *habeas corpus* impetrado por Rui Barbosa. Guanabara persistiu na oposição com o jornal *A Tribuna*, fundado em 1898. Transformou-se em voz situacionista na presidência de Campos Sales (1899-1902), quando criou *A Nação* e colaborou em *O Dia*. Ocupou o cargo de redator-chefe de *O País*, até 1905. Fundou *A Imprensa*, onde liderou a campanha por Pinheiro Machado. Eleito para o Senado, morreu no dia 20 de agosto de 1918, alguns meses após o início da legislatura.

A relação (não-exaustiva) de tantos títulos de periódicos em que Alcindo Guanabara atuou fornece um pouco da dimensão superlativa de sua figura no meio jornalístico do país. Para melhor lhe dimensionarmos a importância, basta dizer que na *História da imprensa no Brasil*, de 1967, Nelson Werneck Sodré, num

impressionante índice onomástico, arrola nada menos do que 1940 nomes; desses, apenas 13 são citados 20 ou mais vezes; Alcindo Guanabara é um deles. Foi, aliás, precisamente em louvor ao poder da imprensa que Alcindo escreveu uma de suas mais vibrantes páginas, publicada em *O País*, de 3 de novembro de 1904: "É graças a ela [imprensa] que o pensamento se liberta, que o espírito humano se emancipa de preconceitos/.../, que a prepotência dogmática se atenua e que o livre exame surge, como alicerce e fundamento de uma nova moral social/.../. O panfleto, clandestino e anônimo, é ainda uma arma de rebelião; o jornal só vive numa atmosfera de liberdade".

Estampava a manchete do jornal *A Razão*, no dia seguinte à morte de Alcindo: "Uma perda insubstituível no nosso patrimônio moral. O falecimento do maior dos jornalistas brasileiros". A matéria detalhava: "é sobretudo como jornalista que o nome de Alcindo Guanabara se perpetuará na nossa história. A sua pena maravilhosa representava, por si mesma, o próprio jornal, porque produzia tudo de quanto ele precisasse, desde o artigo de fundo até ao noticiário de polícia". Curiosamente, nem *A Razão*, nem *A Notícia*, tampouco o *Jornal do Commercio* sublinharam o fato de Guanabara ter pertencido aos quadros da Academia Brasileira de Letras, preferindo reverenciá-lo como um grande jornalista subtraído pelas lides políticas, e lamentando que a atividade parlamentar houvesse, já há alguns anos, abafado o escritor em prol do deputado. Alcindo Guanabara tornou-se nome de colégio estadual, de rua, e já o foi de sua cidade natal, que voltou a chamar-se Guapimirim.

A produção de Alcindo encontra-se resgatada, ainda que parcialmente, graças a uma iniciativa do Senado Federal, que republicou em 2002 – um século após a edição original – o livro *A presidência Campos Sales*. Apesar de Guanabara proclamar-se, orgulhosamente, jornalista, é inegável que se sobreleva uma dimensão literária, no sentido estrito, em alguns textos de sua lavra, a exemplo da conferência "A dor", pronunciada em 1905. Nela, chega a afirmar, antes de transcrever o poema "Uma criatura", que Machado de Assis era "o maior de nossos poetas". Alcindo Guanabara também proferiu um comovido elogio fúnebre de Machado na Câmara, onde afirmou : "Não tinha o sarcasmo dissolvente, mas um doce e benévolo ceticismo. Tinha também as grandes paixões;

mas revelava-as com uma inexcedível suavidade de forma". Pensando na perenidade da obra do homenageado, Alcindo parodiou, no fecho do discurso, o famoso epílogo de *Iracema*, declarando: "Nem tudo passa sobre a terra". Esta Casa é testemunha e fiadora dessa frase. Casa de Machado de Assis, decerto, mas também Casa de Alcindo Guanabara, de Constâncio Alves, de José do Patrocínio, de Victor Viana, e de tantos outros que souberam, com dignidade, exprimir as incontáveis faces com que a nossa cultura se apresenta e se representa.

SESSÃO DO DIA 31 DE JULHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 24 de julho de 2008, que, após ressalva do Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi aprovada. Acrescentou que nesta data, 31 de julho de 1997, foi eleito o Acadêmico Antônio Olinto e, na mesma data, em 2003, foi eleito o Acadêmico Moacyr Scliar. Lembrou que no dia 1.º de agosto completam-se 100 anos da última sessão da Academia Brasileira de Letras, presidida por Machado de Assis.

– A Acadêmica Ana Maria Machado pediu um voto de pesar para a latinista Sieglinde Autran, que durante cinqüenta anos foi professora de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Co-autora do *Dicionário Latino-Português* do MEC, junto com Ernesto Faria, escolhida por

Afrânio Coutinho para Diretora-Adjunta do Departamento de Letras Clássicas na Faculdade de Letras, apresentou com entusiasmo a sucessivas levas de alunos à obra de autores como Plauto e Terêncio, Plutarco e Salústio, Píndaro e Horácio, Virgílio e Ovídio. Pessoalmente, deve-lhe a indicação para o seu primeiro emprego, de professora de latim no Colégio Americano de Botafogo. Mulher decidida, de personalidade forte e professora exigentíssima. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet ressaltou que o latim sempre foi uma língua secreta e confidencial. Cada vez que os homens no século XIX queriam dizer coisas inconvenientes, que não podiam ser ouvidas pelos castos ouvidos femininos, usavam o latim. Um dos exemplos mais famosos é uma carta escrita por Freud, dirigida a um amigo, carta importante para a história do movimento psicanalítico, em que ele começa a explorar a questão do Édipo e o desejo sexual que todo menino sente pela mãe. Lembrou um depoimento de Freud em que conta que num trem, um menino de 6 anos viu, pela primeira vez, a mãe nua. Como não poderia dizer isso em alemão disse-o em latim: *vidi matrem nudam*.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a lembrança do falecimento da professora Sieglinde Autran aos 97 anos. Agradeceu também o depoimento do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que é um especialista em Freud e latim.

– O Acadêmico Moacyr Scliar leu o texto, de sua autoria, que vai ser publicado no jornal *Correio Brasiliense* e que tem como título "Grande escritor e autenticamente brasileiro", em que fala da outorga do Prêmio Camões ao Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho associou-se ao belo perfil que o Acadêmico Moacyr Scliar traçou do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro e lembrou que, em determinado momento, com a abertura de uma vaga surgiu como candidato pessoa que alguns acadêmicos achavam que não era adequado à

Academia. Começou-se a procurar um nome, e João Ubaldo Ribeiro foi considerado pessoa indicada. Alguém o contatou e, numa quinta-feira, Nélida Piñon, Eduardo Portella, Cândido Mendes e ele próprio foram à casa de João Ubaldo Ribeiro, que estava reticente, disse que seria difícil se candidatar, porque inclusive precisava escrever uma carta. A carta de pronto foi entregue, o escritor se candidatou e foi eleito.

– O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou as manifestações pelo Prêmio Camões, outorgado ao Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. Salientou que João Ubaldo construiu obra importante na literatura brasileira, participou desta homenagem, porque este escritor honra de fato a literatura do Brasil.

– O Acadêmico Eduardo Portella associou-se às palavras do Acadêmico Moacyr Scliar sobre o João Ubaldo Ribeiro, ressaltando que, do ponto de vista crítico, não há nada a acrescentar. Lembrou que fez o prefácio do seu primeiro livro, *Reunião*, de autoria coletiva, com Sônia Coutinho. Em seguida, teve a alegria de participar dessa pequena reunião coletiva a que se referiu o Acadêmico Alberto Venancio Filho. Foram à casa de João Ubaldo, e a Acadêmica Nélida Piñon, com a sabedoria que Deus lhe deu e o Demônio não conseguiu retirar, apresentou argumentos irresistíveis e, quando João Ubaldo, sem fôlego, parou e começou a pensar na hipótese de escrever uma carta, o Acadêmico Alberto Venancio Filho apresentou o original dessa carta que ele teve de assinar. Salientou a satisfação de saudá-lo na Academia.

– O Presidente Cícero Sandroni sublinhou que os Acadêmicos Moacyr Scliar, Eduardo Portella e Carlos Nejar refletiram de forma exemplar a admiração que toda a Casa tem por João Ubaldo Ribeiro. Disse que desde as primeiras leituras de seus livros tornou-se grande admirador da obra do Acadêmico. Lembrou que nos anos 70 o escritor colaborou com a *Revista Ficção* e ajudou muito na indicação de novos contistas para a revista e contou que, certa vez, passou uma semana com João Ubaldo em Itaparica, quando terminava um de seus livros e encontrou tempo para conceder uma entrevista naqueles horários típicos ubaldiano, pois trabalhava de madrugada no computador da Biblioteca da Cidade. Destacou o escritor, o jornalista, crítico agudo das

mazelas do país e o intelectual poliglota que verteu para o inglês algumas de suas obras. Lembrou que quando Jorge Amado recebeu Dias Gomes na ABL lançou, na ocasião, a candidatura de João Ubaldo à Academia.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho registrou o belo discurso de saudação feito pelo Acadêmico Eduardo Portella ao receber o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro nesta Casa.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou a inauguração da exposição sobre a vida e a obra de José Olympio Pereira Filho, com textos, fotos, documentos e edições raras, na Biblioteca Nacional. Nesta mesma ocasião foi lançado o livro *José Olympio – O Editor e sua Casa*, organizado pelo também editor José Mário Pereira e impresso pela Editora Sextante, dirigida por Marcos e Tomás Pereira, filhos de Geraldo Jordão Pereira.

– O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre José Olympio, pois a Academia Brasileira de Letras não poderia deixar de registrar o lançamento de tão importante biografia desse editor fundamental da literatura brasileira nos anos cinqüenta. Lembrou também o seu filho Geraldo Jordão Pereira, pai dos atuais editores da Casa. Ressaltou que a Academia guardará nos seus *Anais* a tarde e a noite de terça-feira última.

– O Acadêmico Domício Proença Filho associou-se às palavras da Acadêmica Ana Maria Machado sobre a querida e saudosa professora Sieglinde Autran. Registrou também artigo publicado em *O Globo* assinado pelo Embaixador Francisco Seixas da Costa, intitulado "A Língua do Mar", sobre a língua portuguesa e centrado, basicamente, no Acordo Ortográfico. Destacou, por sua relevância, duas passagens, para os que não leram, e para que fiquem registradas nos *Anais da ABL*, "A Língua Portuguesa não é propriedade de nenhum país, é de quem nela se exprime. Não assenta hoje – nem assentará nunca – em normas fonéticas ou sintáticas únicas, da mesma maneira que as palavras usadas pelos falantes em cada país constituem um imenso e inesgotável manancial de termos, com origens muito diversas que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a ser conhecidos melhor por todos. Mas porque é importante que, no plano externo, a forma escrita do Português se

possa mostrar, tanto quanto possível, uniforme, de modo a poder prestigiar-se como uma língua internacional de referência, têm vindo a ser feitas tentativas para que caminhemos na direção de uma ortografia comum." Na seqüência do artigo, ele defende a ortografia comum, apontando naturalmente as dificuldades que a empreitada exige. Isso vindo do Embaixador de Portugal lhe parece muito importante. No último parágrafo, diz apenas o seguinte: "O Governo Português aprovou, recentemente, a criação de um fundo para a promoção da Língua Portuguesa, dotado com uma verba inicial de 30 milhões de euros e aberto à contribuição de outros países. Esperamos que esta medida, ligada às decisões comuns que agora saíram da cúpula de Lisboa da CPLP, possa ajudar a dar início a um tempo novo para que o Português se firme cada vez mais no mundo, como instrumento de poder e de influência de quantos o utilizam."

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho e deu a palavra ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva comunicou que, na manhã de hoje, faleceu em Brasília o artista plástico Athos Bulcão. Afirmou tratar-se de uma grande figura das artes plásticas brasileiras, deixando marcada a sua presença nas principais construções de Brasília. Seus grandes quadros e os numerosos painéis de azulejos estavam nos palácios brasilienses, nas superquadras e até mesmo nas casas de comércio de Brasília. Era um artista extremamente voltado à expressão popular de sua arte, que acreditava que os quadros não deviam ficar em museus, e sim em estações de correio, de caminhos de ferro e nos aeroportos, enfim, em todos os lugares que pudessem ser vistos pela população. Disse tratar-se de uma grande perda para a arte e para a cultura brasileira, e a Academia Brasileira de Letras deve associar-se ao enorme sentimento de pesar que se abate, sobretudo, sobre a gente de Brasília.

– O Presidente Cícero Sandroni associou-se às palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre Athos Bulcão, lamentando o falecimento desta grande figura das artes plásticas do Brasil.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se, também, a esta manifestação de pesar pelo falecimento de Athos Bulcão. Declarou que, quando morou em Brasília, como deputado, conviveu estreitamente com dois excepcionais artistas brasileiros que eram Athos Bulcão e Cláudio Santoro. Declarou que só agora tomou conhecimento da sua morte e considera uma perda, profundamente lamentável, para a arte brasileira e para todos os seus amigos.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e disse que a Academia dará conhecimento à família, em Brasília, dessas manifestações de pesar pelo falecimento de Athos Bulcão. Passou a palavra ao Acadêmico Carlos Nejar para falar sobre Basílio da Gama.

– O Acadêmico Carlos Nejar, no Capítulo das Efemérides, apresentou um consistente trabalho intitulado "Basílio da Gama e sua Épica Inovadora", no qual discorre sobre a vida e a obra do grande poeta. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar por esse estudo que apresentou sobre Basílio da Gama, poeta ao mesmo tempo árcade, lírico, épico, romântico e que deixa na poesia um registro fundamental da história do Brasil. Ressaltou a forma e a precisão com que o Acadêmico Carlos Nejar abordou esse tema, para mostrar, mais uma vez, que esta é a Casa da produção do saber, com o estudo que acabou de ser apresentado, para o prazer e alegria de todos.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, a propósito das palavras do Acadêmico Carlos Nejar sobre Basílio da Gama, que considera um grande poeta, disse ser o *O Uraguai* o grande poema épico brasileiro. Salientou o conteúdo político e filosófico principal do poema, que é a luta da luz contra as trevas. Declarou que esse poema deixou claro que Basílio da Gama era um grande cultor e leitor dos grandes vultos do Iluminismo europeu, a começar por Voltaire. Discorreu sobre esse poema que, a seu ver, foi a primeira manifestação clara do Iluminismo no Brasil na poesia, e não na prosa.

– O Presidente agradeceu o brilhante comentário do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet ao excelente estudo que fez o Acadêmico Carlos Nejar.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho requereu a inserção nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, do artigo do Acadêmico Moacyr Scliar no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, sob o título "Traiu ou não Traiu?", no qual focaliza o incomparável desempenho da atriz Fernanda Montenegro, fazendo a leitura da versão escrita pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre o papel de Capitu em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

– O Presidente submeteu ao plenário a aprovação da inclusão do artigo do Acadêmico Moacyr Scliar, proposto pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, que foi aprovada.

– O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por ter solicitado a inclusão deste artigo, e ao Acadêmico Moacyr Scliar por tê-lo escrito.

– O Presidente, ao encerrar a sessão, convidou os presentes para a inauguração, às 17h30min, na Biblioteca Rodolfo Garcia, da Exposição "Machado Vive – Dedicatórias", e, a seguir, às 18h30min, no Teatro R. Magalhães Jr, o lançamento do DVD *Gregório de Mattos*, da cineasta Ana Carolina.

SIEGLINDE AUTRAN

*Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado**

Morreu há poucos dias, aos 97 anos, a latinista Siegilnde Autran, durante quase 50 anos professora de Língua e Literatura Latina na UFRJ. Co-autora do Dicionário Latino-Português do MEC, junto com Ernesto Faria, escolhida por Afranio Coutinho para Diretora-adjunta do Departamento de Letras Clássicas na Faculdade de Letras, apresentou com entusiasmo a sucessivas levas de alunos a obra de autores como Plauto e Terêncio, Plutarco e Salústio, Píndaro e Horácio, Virgílio e Ovídio e tantos outros. Pessoalmente, devo-lhes a indicação para meu primeiro emprego, de professora de latim (em Inglês) num colégio americano de Botafogo, mal acabava eu de entrar na faculdade. Um comovedor gesto de confiança em mim. Mas lhe devo muito mais do que isso: a curiosidade aguçada para buscar a leitura desses autores em tradução mais tarde, pelo que muito lhe devo. Mulher decidida, de personalidade forte, professora exigentíssima, apaixonada pelo que fazia, Siegilnde Autran precisava de todas essas qualidades para chegar onde muito poucas mulheres haviam chegada antes dela e realizar os sonhos frustrados de ilustres predecessoras, fossem elas fictícias como Capitu (Inutilmente azucrinando Padre Cabral, Convicto da verdade de que "latim não era língua de meninas") ou reais como Virginia Woolf, que denunciava o fato de

* Proferidas na sessão do dia 31 de julho de 2008.

se impedir às mulheres o estudo do latim e do grego como uma forma de afastá-las da leitura dos clássicos, indispensáveis a uma sólida formação intelectual.

Com o desaparecimento dessa pioneira que ao mesmo tempo deve ter sido uma das últimas latinistas, espécie hoje em extinção – parece-me correto guardar seu registro nesta casa da memória e da língua portuguesa, a quem a latinidade tem sido tão cara.

GRANDE ESCRITOR – E AUTENTICAMENTE BRASILEIRO

*Moacyr Scliar**

Em 1998, fiz parte, junto com Eduardo Portella e Fábio Lucas, do júri do Prêmio Camões em Lisboa, naquele ano concedido a ninguém menos que o grande crítico e teórico da literatura Antônio Cândido, cujos 90 anos o Brasil está celebrando. Nas reuniões, em que participavam representantes de Portugal e dos países de Língua Portuguesa, as discussões foram intensas. O prêmio, que contempla o conjunto da obra, não é concedido mediante inscrição: o nome tem de emergir praticamente por consenso. E isto, como se pode imaginar, nem sempre acontece; daí o debate.

Mas não tenho dúvida de que João Ubaldo Ribeiro, o escritor premiado este ano, representa uma unanimidade. De sua trajetória e de sua obra posso dar testemunho, como membro da mesma geração literária, companheiro de Academia Brasileira de Letras e amigo de muitos anos. A primeira coisa que se pode dizer de João Ubaldo é: trata-se de um escritor autenticamente brasileiro. Não por acaso ele deu a um de seus livros mais importantes – um épico que abrage quatro séculos de história do país e que nos apresenta a uma impressionante galeria de personagens – o título de *Viva o povo brasileiro.* Ele conhece bem o povo

* Artigo publicado no *Correio Braziliense* do dia 01 de agosto de 2008.

brasileiro; conhece o país e o mundo. Nascido (1941) em Itaparica, Bahia, João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro passou boa parte de sua infância em Sergipe, onde o pai era professor e político. Depois morou em vários lugares: Lisboa, Rio, Itaparica novamente, Berlim... Bacharel em Direito, Mestre em Administração Pública e Ciência Política, professor universitário (títulos que ajudam a explicar sua ampla cultura), João Ubaldo acabou por dedicar-se mesmo à literatura e ao jornalismo; é um escritor multipremiado, de vastíssimo público, no país e no exterior. Detalhe: fluentíssimo em inglês (já o vi dar palestra nesse idioma, e não tem sotaque algum), ele mesmo traduziu várias de suas obras.

Por uma bela coincidência este ano também marca o quadragésimo aniversário da estréia de João Ubaldo na literatura o que aconteceu com o livro *Setembro não Tem Sentido* (1968). Já *Sargento Getúlio*, seu segundo livro, foi publicado em 1971 e de imediato reconhecido como um marco na literatura brasileira. O livro é inspirado num episódio ligado à infância do autor: um homem conhecido como sargento Cavalcanti, gravemente ferido a tiros num atentado em Paulo Afonso, Bahia, foi resgatado pelo pai de João Ubaldo, que então chefiava a polícia de Sergipe, e trazido com vida para Aracaju. Getúlio, sargento da Polícia Militar e jagunço, tem uma missão semelhante: por ordem do caudilho local deve levar um preso político do interior de Sergipe para a capital. O chefão muda de idéia, mas Getúlio cumprirá a tarefa de qualquer maneira, o que o leva a enfrentar os soldados do governo, morrendo na refrega.

É uma história de aretê, diz João Ubaldo, na lacônica introdução à obra *Aretê* é o termo grego para excelência, virtude. E está bem empregado, porque o que temos nesta relativamente curta obra é uma tragédia grega transposta para o sertão nordestino. O que está em questão é a coerência, a dignidade. Não podemos esquecer que, em 1971, estava no auge a ditadura militar, contra a qual João Ubaldo, escritor engajado, estava exprimindo seu protesto, como depois o fez em um sem-número de textos, ficcionais e não-ficcionais. Mas o protesto resultava não tanto de militância política (ele é independente demais para isso) como de uma profunda compreensão da condição brasileira. Neste sentido, podemos vincular a obra ubaldiana a Euclides da Cunha, a Graciliano Ramos e, sobretudo, a Guimarães Rosa; nos seus livros temos a mesma linguagem imaginativa

que dá à fala popular, uma transcendente dimensão e que vincula o autor à melhor tradição da literatura no idioma português.

Camões, como sabemos, só tinha um olho. É este o olho que ele, de algum lugar, deve estar piscando para, o grande navegador da ficção, João Ubaldo Ribeiro.

JOSÉ OLYMPIO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Anteontem, na presença de milhares de pessoas, e nos jardins e salões da Biblioteca Nacional, foi inaugurada uma bonita exposição sobre a vida e a obra de José Olympio Pereira Filho, com textos, fotos, documentos e edições raras.

Nessa mesma ocasião, foi lançado o livro *José Olympio, o Editor e sua Casa*, com 424 páginas, impresso pela Editora Sextante, dirigida por Marcos e Tomás Pereira, filhos de Geraldo Jordão Pereira (que no ano passado recebeu a nossa Medalha João Ribeiro) e netos de Vera Pacheco Jordão e de José Olympio, os quais, ao longo de três gerações, compõem uma verdadeira dinastia de vitoriosos Editores.

José Olympio nasceu na cidade paulista de Batatais, em 1902, e, em 1931, fundou sua Livraria em São Paulo, transferindo-a para o Rio três anos depois, em 1934. Estava então na companhia de seis irmãos: Daniel, Joaquim, Gabriel, Atos, Antônio Olavo e Flávio, instalando-se na Rua do Ouvidor.

A obra agora lançada, senhor presidente, é o resultado do esforço pessoal do Editor José Mário Pereira, da *Topbooks*, que realizou trabalhosas pesquisas na Casa de Rui Barbosa, na Biblioteca Nacional, em sebos e livrarias, e que reuniu reproduções de 530 capas produzidas por Cícero Dias, Portinari, Di Cavalcanti,

* Proferidas na sessão do dia 31 de julho de 2008.

Bandeira, Scliar, Carybé, Poty, Santa Rosa, Iberê Camargo e Luís Jardim para livros, entre outros, de Graciliano Ramos, Carlos Drummond, Gilberto Freyre, Mário e Oswald de Andrade e Rubem Braga, além dos Acadêmicos Manoel Bandeira, Cassiano Ricardo, Cyro dos Anjos, Mário Palmério, Gilberto Amado, Luís Viana Filho, Álvaro Lins, Marques Rebelo, Pedro Calmon, Guimarães Rosa, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz; com a Coleção "Documentos Brasileiros", dirigida sucessivamente por Gilberto Freire, Octávio Tarquínio e Afonso Arinos de Melo Franco, que editaram, entre outros, Sérgio Buarque de Holanda, Antônio Cândido, Gastão Cruz, Vivaldo Coaracy e Nelson Werneck Sodré.

A Editora J. O. editou, ainda, vários clássicos brasileiros: Sílvio Romero, José Veríssimo, Euclides da Cunha e José de Alencar.

Ali nasceram, no meio de muitas outras idéias, a edição do *Dicionário Houaiss,* editado por Abrahão Koogan e o título de *Vidas Secas*, para denominar o consagrado romance de Graciliano Ramos.

Seus catálogos incluíam também os grandes clássicos europeus, desde Cervantes, Goethe e Dante, passando por Montaigne, Balzac e Dickens, até Shakespear, Dostoievski, Gogol e Tolstoi.

A Casa, como José Olympio gostava de chamá-la, editou quase 4 mil obras. Teve dois endereços: Rua do Ouvidor, 110, no Centro e outro, na Rua Marquês de Olinda 12, em Botafogo, ambos transformados em redutos da intelectualidade brasileira, que neles encontrava um ponto de congraçamento e um pouso certo para suas prestigiadas reuniões, encontros e almoços, regados a batidas de licor, caipirinhas, cervejas, vinhos, uma generosa culinária, um insuperável batepapo e uma inesquecível hospitalidade.

Entre o Editor José Olympio e os escritores brasileiros imperou sempre uma amizade de muita afeição e de muito carinho, marcada por um clima de ajuda e de apoio recíprocos.

Ele foi um descobridor e um incentivador de jovens talentos de romancistas, poetas, ensaístas, memorialistas e pintores e não se limitava aos negócios com o

livro, porque participava intensamente das tendências literárias, dos problemas acadêmicos, das crises financeiras, dos confrontos partidários e dos conflitos nacionais.

Devo concluir, dizendo que, ao lado de José Américo, Rachel, Jorge, Zélins, Gilberto, Cascudo e Amando Fontes, José Olympio foi o editor do romanceiro nordestino, com suas secas, fome, misérias e retirantes, mas foi, sobretudo um grande vanguardeiro literário, que revolucionou todo o cenário editorial do País, sem preconceitos de raças, de credos, de idades ou de religiões.

Esta Academia – senhor presidente, senhoras e senhores acadêmicos –, muito se orgulha de ter encontrado sempre na Editora José Oympio, ao longo de 50 anos, um aliado fiel e importante na execução de tantos projetos e na edição de tão valiosos livros, que muito honram e dignificam a literatura brasileira.

A LÍNGUA DO MAR

*Francisco Seixas da Costa**

No ano em que todos quantos se exprimem em Português celebram o nascimento, há quatro séculos, do Padre António Vieira, um dos seus mais brilhantes cultores, não deixa de ser interessante que a reunião de cúpula da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), realizada em Lisboa, tivesse, precisamente, o tema da língua no centro da sua agenda.

O Português é, sem sombra de dúvida, uma das quatro grandes línguas de cultura do mundo, não obstante outras poderem ter mais falantes. Nessa língua se exprimem civilizações muito diferentes, da África a Timor, da América à Europa – sem contar com milhões de pessoas em diversas comunidades espalhadas pelo mundo.

Essa riqueza que nos é comum, que nos traz uma literatura com matizes derivadas de influências culturais muito diversas, bem como sonoridades e musicalidades bem distintas, traz-nos também a responsabilidade de termos de cuidar da sua preservação e da sua promoção.

A Língua Portuguesa não é propriedade de nenhum país, é de quem nela se exprime. Não assenta hoje – nem assentará nunca – em normas fonéticas ou

---

* Embaixador de Portugal no Brasil. Artigo publicado no jornal *O Globo* do dia 28 de julho de 2008.

sintácticas únicas, da mesma maneira que as palavras usadas pelos falantes em cada país constituem um imenso e inesgotável manancial de termos, com origens muito diversas, que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a serem conhecidos melhor por todos.

Mas porque é importante que, no plano externo, a forma escrita do Português se possa mostrar, tanto quanto possível, uniforme, de modo a poder prestigiar-se como uma língua internacional de referência, têm vindo a ser feitas tentativas para que caminhemos na direcção de uma ortografia comum.

Será isso possível? Provavelmente nunca chegaremos a uma Língua Portuguesa que seja escrita de um modo exactamente igual por todos quantos a falam de formas bem diferentes. Mas o Acordo Ortográfico que está em curso de aplicação pode ajudar muito a evitar que a grafia da Língua Portuguesa se vá afastando cada vez mais.

O Acordo Ortográfico entre os então "sete" países membros da CPLP (Timor-Leste não era ainda independente, à época) foi assinado em 1990 e o próprio texto previa a sua entrada em vigor em 1 de Janeiro de 1994, desde que todos esses "sete" o tivessem ratificado até então.

Quero aproveitar para sublinhar uma realidade muitas vezes escamoteada: Portugal foi o primeiro país a ratificar o Acordo Ortográfico, logo em 1991. Se todos os restantes Estados da CPLP tivessem procedido de forma idêntica, desde 1994 que a nossa escrita seria já bastante mais próxima.

Porque assim não aconteceu, foi necessário criar Protocolos Adicionais, o primeiro para eliminar a data de 1994, que a realidade ultrapassara, e o segundo para incluir Timor-Leste e para criar a possibilidade de implementar o Acordo apenas com três ratificações.

Na votação que o parlamento português fez, há escassos meses, desse segundo Protocolo, apenas três votos se expressaram contra. Isto prova bem que, no plano oficial, há em Portugal uma firme determinação de colocar o Acordo em vigor, não obstante existirem, na sociedade civil portuguesa – como aliás,

acontece em outros países, mesmo no Brasil – vozes que o acham inadequado ou irrelevante.

O Governo português aprovou, recentemente, a criação de um fundo para a promoção da Língua Portuguesa, dotado com uma verba inicial de 30 milhões de euros e aberto à contribuição de outros países. Esperamos que esta medida, ligada às decisões comuns que agora saíram da Cúpula de Lisboa da CPLP, possa ajudar a dar início a um tempo novo para que o Português se firme cada vez mais no mundo, como instrumento de poder e de influência de quantos o utilizam.

A Língua portuguesa é um bem precioso que une povos que o mar separa mas que a afectividade aproxima. Como escrevia o escritor lusitano Vergílio Ferreira:

> Da minha língua vê-se o mar.
> Da minha língua ouve-se o seu rumor,
> como da de outros se ouvirá o da floresta
> ou o silêncio do deserto.
> Por isso a voz do mar
> foi a da nossa inquietação.

BASÍLIO DA GAMA E SUA ÉPICA INOVADORA

*Estudo do Acadêmico Carlos Nejar**

Basílio da Gama nasceu em São José Del Rei (Tiradentes), de pais fazendeiros, em 22 de julho de 1740. Estudou no Colégio dos Jesuítas no Rio. Com a expulsão da Ordem, por Pombal, deixou de ser ordenado sacerdote, vivendo na Itália, onde foi acolhido pela *Arcádia Romana*, tomando o pseudônimo de "Termindo Sepílio". Tentou a Universidade de Coimbra e teve o desdouro de ser exilado em Angola, como adepto da ordem jesuítica. Ao solicitar a intercessão da filha de Pombal, num epitalâmio, foi perdoado e elevado a funcionário da Secretaria de Estado do Reino. Convertido ao Pombalismo, a ele não abjurou quando em desgraça do seu protetor. Faleceu em 31 de julho de 1795, no Brasil, tão solteiro, quanto burocrata. Sua obra – *O Uraguai* – foi publicada em 1782, tomando vida própria. Machado de Assis, que sabia ver, considerava Basílio o maior poeta do grupo de Minas. Não lhe faltando nem a sensibilidade, nem o estilo em alto grau, nem a imaginação grandemente superior à de Gonzaga. E quanto à versificação, nenhum outro a possui mais harmoniosa e pura (*Nova Geração, Crítica*, vol.III, Obra Completa da Aguilar, Rio de Janeiro, 1959). E penso que cada vez mais há que reconhecer-lhe o gênio: não só pela junção do lirismo ao verso que narra, como pelas imagens e o dinamismo verbal, impondo um novo projeto épico pessoalíssimo, ao abandonar o arrimo da oitava rima. Não

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão de 31de julho de 2008.

foi apenas escrita ágil, é invenção de nova forma, com narrativa livre, quando a épica dominante era a camoneana. E diferente do projeto lusitano, quanto aos heróis que são os navegantes e colonizadores, ainda que Andrade tenha perfil de herói pombalino, unido a Cataneo, chefe espanhol na conquista. Os protagonistas que se destacam pela bravura são os colonizados ou indígenas.

Ao abolir o maravilhoso cristão e pagão, tão comum à época, aliou à altiva beleza, rara qualidade poética. Talvez seja o caso de "um poeta mais da poesia que do verso", na expressão de Eduardo Portella, motivo que explica a maneira com que o seu verso é arrebatado, não como barco, mas tripulante. E em mar alto. Rompe normativamente o neoclassicismo, ao relatar os amores de Cacambo e Lindoia. E sua intertextualidade com Homero, Virgílio, Alonso de Ercilla advém do aluvioso armazém do inconsciente que habilmente maneja. Congregando invenção rítmica com peculiar arquitetura sintática, Basílio da Gama é romântico, ao rebelar-se contra certas regras de sua escola, pelo sentimento, pelos episódios ou seqüências de seu poema e pelos versos brancos, meio século antes do precursor luso, Almeida Garret , vindo influenciar bem mais tarde Gonçalves Dias. Descabe fundamento a certa alegação de vagueza nos nomes dos lugares, já que o poeta aciona um espaço de mais universalidade, o espaço mítico. A semântica do texto se enleva nos flexuosos músculos de consoantes e vogais, com uma natureza edênica, onde os elementos como a água, o vento e o fogo, ou mesmo a noite, servem à vida primitiva, que a violência do homem agride: "As tendas levantei, primeiro aos troncos./ Depois aos altos ramos: pouco a pouco/Fomos tomar na região do vento/A habitação aos leves passarinhos" (*O Uraguai*, 217-220)... "E vai ver de mais perto no ar vazio/ O espaço azul, onde não chega o raio"... (*Ibidem*, 19-20); "Pelo silêncio vai a noite escura/ Buscando a parte donde vinha o vento"(*Ibidem*, 99-100). E nem se diga que é decomposto ou incoerente o poema, quando a poesia cria a sua própria ordem interior, que é mágica, não lógica. Com a possibilidade de muitas leituras – o que não é penúria, mas riqueza. As camadas do poema são camadas de consciência. E suas cenas fluem como se adviessem de uma montagem cinematográfica. E não tem gratuidade: o seu *ludus* é o que impregna a convivência humana (Johan Huizinga) e o fabulismo mítico, atmosfera natural da poesia. Nem carece de

razão o argumento de Capistrano de Abreu, condenando o fato de haver Basílio arquitetado esse poema épico sobre a campanha deplorável de Gomes Freire de Andrade, como se o tal general fora excelso herói, ao dizimar os índios das Missões Jesuíticas na banda oriental do Rio Uruguai, revoltados com a invasão dos Sete Povos. Primeiro: os seus personagens (Cacambo e Sepé) denunciam o invasor e o Tratado de Madri. Segundo: porque ao criador não importa a grandeza ou ignomínia do tema, mas o tratamento estético que a ele concede.

Outros, entre eles, Afrânio Peixoto, não vislumbram no poema basiliano nenhuma réstia de epopéia, sendo salvo por alguns versos descritivos. Não é o que observa – com agudeza proverbial – Fidelino Figueiredo – constatando em *O Uraguai* – "verídico impressionismo, de uma força absolutamente inédita".

E quanto ao aspecto da ambigüidade do poeta, prefiro aceitar que "apenas na aparência cantou os feitos do lusitano Gomes Freire de Andrade. O que verdadeiramente ressaltou, como verdadeiro pano de fundo , foi a valentia e o conteúdo de verdadeiro *epos* dos ditos índios guaranis, chegando a referir no soneto "Ao Inca", estes versos : "Rompe as cadeias do Espanhol injusto/E torna a vindicar os pátrios lares.//"

Quanto à questão da consciência americana na obra de Brasílio da Gama, há um ponto a ser examinado: a forma com que Basílio enfrentou a divisão, este enigma interno entre civilizador e civilizado, ao sabiamente trabalhar (manhas da ambigüidade) nas entranhas da língua através do barroco, pondo ali, nessa fusão, um sotaque próprio, identificador nesta arte de conciliar o aparentemente inconciliável. E mesmo sendo homem aberto à sua época, como intelectual luso-mineiro, não deixou de ser visionário, na medida em que seu instinto criador se alastrou adiante: no rastilho. E as palavras de Quitúbia – ("Ah! Que eu sinto gemer a Humanidade!") – expressam a perplexidade de Basílio diante do Brasil, gemendo entre o espírito de independência e o do domínio lusitano, o que revela uma opção a favor deste, contra aquele. Aliás, quem enraíza a dubiedade maior, é Sepé, ao arrostar o invasor, ao lado dos oprimidos, os índios. Atentem os versos: "Detestamos jugo/ Que não seja a do céu, por mão dos padres//" *Ibidem* (v.81,82). E o poeta venceu. Seu grande texto parece manter a

característica superior de apartar autor e obra no tempo. Para G.W.F. Hegel, em seu *Sistema das Artes*, ao conseguir o autor se apagar diante de sua obra, "formula o maior elogio que se pode dirigir a um poeta épico". Talvez por não se tornar mais dele, e sim do seu povo.

Richard Burton considera O *Uraguai* "um romance épico", por seu teor narrativo, e Ivan Teixeira, no monumental *Obras Poéticas de Basílio da Gama* (São Paulo: EDUSP, 1996), chama a atenção ao espírito de pesquisa do poeta, e sobretudo, "pela jovialidade do texto" que foge do Arcadismo e avança para o futuro.

Seus heróis mais relevantes e fortes são: Cacambo, Sepé, Caitutu, Balda e Lindoia – e entre eles não está Gomes Freire de Andrade, figura secundária. Há um antagonismo entre a civilização e a natureza e tal abismo, tal voragem de consciência é que o torna moderno. Valendo destacar que Basílio da Gama, ao empregar a metonímia, acentuou o aspecto "cubista" na arquitetura de sua poesia, como assinalou Ivan Teixeira. E esse cubismo fulgura ora no efeito onomatopaico: ("Os fogosos cavalos e os robustos/E tardos bois que hão de sofrer o jugo/No pesado exercício das carretas"// Canto I, 47-49), ou ("Quantos sonoros eixos vão gemendo/ C'o peso da funesta artilheria"// Canto I, 70-71); ora no cavalgamento e intensa hipérbole que pessoaliza o rio e ele age contra os invasores lusos: ("O rio sai furioso do seu seio./Vai alargando com o desmedido /Peso das águas a planície imensa" – Canto I, 215-216); ora na música: ("As sibilantes balas/ E o bronze que rugir nos seus muros"– (Canto IV, 14-15), ou ("Um cavalo e o peito e as ancas/Coberto de suor e branca escuma"– Canto I, 5-6); ora no desenho dos personagens, quando descreve o fim do corajoso Sepé que, ferido três vezes, quis três vezes levantar e três vezes caiu: ("E os olhos já nadando em fria morte/Lhe cobriu sombra escura e férreo sono"– Canto I, 352-353).

Inquestionavelmente, é no *Episódio da morte de Lindoia*, tocada pelo fatal veneno de uma serpente, que seu canto é sublime. Não só pela exatidão dos pormenores, seu realismo, também pela viveza imagética, em processo reiterativo, clarão, espanto, ânsia, terror. E nos faz partícipes. Vemos Lindoia sendo atrozmente atacada pela cobra e sofremos juntos. A simplicidade, unida à cor e à sugestão

metafórica, fulguram no poema, até assim culminar: "E por todas as partes repetido/O suspirado nome de Cacambo/Inda conserva o pálido semblante/ Um não sei quê de magoado e triste/Que aos corações mais duros enternece./ Tanto era bela no seu rosto a morte!//" (Canto IV, 144-197).

Basílio não é apenas grande poeta épico, é também lírico, legando aos vindouros, sonetos, dos mais belos da literatura brasileira, "Soneto a uma Senhora" (natural do Rio de Janeiro, onde se achava então o autor): "Já, Marília cruel, me não maltrata/Saber que usas comigo de cautelas,/Que inda te espero ver por causa delas/Arrependida de ter sido ingrata://Com o tempo que a tudo desbarata,/Teus olhos deixarão de ser estrelas; /Verás murchar no rosto as faces belas, /E as tranças d'ouro converter-se em prata.//Pois se sabes que a tua formosura/Por força há de sofrer da idade os danos, Por que me negas hoje esta ventura?//Guarda para o seu tempo os desenganos,/Gozemo-nos, agora, enquanto dura,/Já que dura tão pouco a flor dos anos //." *E este outro – XVIII –* "Soneto a uma senhora" (que o autor conheceu no Rio de Janeiro e viu depois na Europa). "Na idade em que eu, brincando entre os pastores,/ Andava pela mão e mal andava, / Uma ninfa comigo então brincava ./Da mesma idade e bela como as flores.// Eu com vê-la sentia mil ardores,/Eu punha-se a olhar e não falava ;/Qualquer de nós podia ver que amava,/Mas quem sabia então que eram amores?// Mudar de sítio à ninfa já convinha,/Foi-se a outra ribeira ;e eu naquela /Fiquei sentindo a dor que n´alma tinha . //Eu cada vez mais firme, ela mais bela;/Não se lembra ela já de que foi minha,/Eu ainda me lembro que sou dela!.../"

Afirma Umberto Eco que "cada civilização encontra a sua identidade quando um grande poeta compõe seu mito fundador". E Basílio da Gama no seu poema inseriu, queiramos ou não, a civilização, o mundo todo que se organizava – mais primitivo e tão semelhante ao nosso – entre guerras, poderes e resistência silenciosa. Não é em vão que Waltensir Dutra chama atenção para a sua "linguagem direta e sem artifícios", servindo-se "quase que somente de adjetivação, vindo em seguida a metáfora e, em escala bem mais reduzida, o símile". Aproximando-se do leitor contemporâneo. "Serás lido, Uraguai. Cubra os meus olhos/Embora um dia a escura noite eterna.//" (V Canto, final do Uraguai).

TRAIU OU NÃO TRAIU?

*Moacyr Scliar**

No Brasil, a batalha final não será travada entre o Bem e o Mal, entre juízes e o STF, ou entre o Inter e o Grêmio. A batalha final será travada entre os que acham que Capitu traiu e aqueles que defendem a idéia de que Capitu não traiu. É uma discussão que agora tem mais de um século, e que volta à tona por causa do centenário do criador de Capitu, o grande Machado de Assis, autor de um romance que gerações e gerações, e não só no Brasil, vêm lendo: Dom Casmurro.

Casmurro, que designa um cara fechado, mal-humorado, é uma palavra hoje pouco usada; mas o livro continua mobilizando emoções. A história é narrada pelo próprio Dom Casmurro, um advogado chamado Bentinho; já na adolescência ele se apaixona por Capitolina (outro nome que ninguém mais usaria), a Capitu. Casam, e depois de algum tempo, têm um filho, Ezequiel. Todos os ingredientes para a felicidade estão presentes, mas Bentinho começa a suspeitar que Ezequiel não é filho dele, e sim de Escobar, o melhor amigo do casal. Uma dúvida que na época – não havia teste de DNA – não dava para esclarecer. E o ciúme vai destruir a vida da família: o casal separa-se, Capitu morre, Ezequiel morre, Bentinho fica só e vira Dom Casmurro.

---

* Artigo publicado no jornal *Zero Hora* (RS) do dia 27 de julho de 2008.

Machado ficou conhecido como o Bruxo do Cosme Velho (este, o bairro em que morava) e neste romance a gente entende a razão do apelido: quando terminamos, ficamos sem saber se Bentinho relatou o que de fato aconteceu ou se deu vazão à sua fantasia paranóica. E este é o grande mérito do livro. *Dom Casmurro* não é, claro, a única história de ciúmes; *Othelo*, de Shakespeare, aborda o mesmo tema, mas, nesta peça, não ficamos em dúvida: sabemos que se trata da fúria de um ciumento.

Pergunta: como Capitu contaria a mesma história? Esta questão serviu de desafio para Domício Proença Filho, escritor, professor de literatura, membro da Academia Brasileira de Letras (e, a propósito, casado com uma gaúcha, a também professora Rejane). Domício, autoridade em Machado, escreveu um romance com a versão de Capitu (Capitu: Memórias Póstumas). Um monólogo extraído desse romance foi recentemente apresentado no teatro da ABL por esta grande atriz que é Fernanda Montenegro. Brilhante desempenho, que levou o enorme público ao delírio e que também fez pensar sobre um problema que há milênios nos atormenta: o que é, afinal, a verdade? Como descobri-la? Questão tão difícil quanto crucial. A propósito, há um antigo e famoso filme japonês, *Rashomon*, que narra um violento acontecimento visto por quatro pessoas – e cada uma conta algo diferente. Mais um exemplo: a nobelizada escritora sul-africana Nadine Gordimer escreveu uma Carta ao Filho, resposta à famosa *Carta ao Pai*, em que Franz Kafka se queixa amargamente do seu genitor. De novo: é o outro, e bem diferente, lado da moeda.

Emerge daí uma lição óbvia: cuidado com a ruminação, cuidado com o raivoso monólogo interior.

A verdade é dialética, nasce do diálogo – entre pessoas, entre instituições, entre correntes políticas, entre grupos sociais. Quando a pessoa fala consigo própria nem sempre tem o interlocutor adequado, como mostra a história do homem que, tarde da noite, vinha dirigindo por uma estrada deserta, quando furou um pneu. Ele não tinha macaco para fazer a troca; mas avistou a luzinha de uma casa e para lá se dirigiu, na esperança de que o dono tivesse um macaco para lhe emprestar.

No caminho foi imaginando o que o homem lhe diria: mas não, eu não lhe conheço, como é que vou lhe emprestar o macaco etc. Sua raiva vai crescendo, ele chega à casa, bate à porta, e quando o homem abre, grita: "Sabe de uma coisa? Enfia teu macaco no rabo"!

Bentinho era muito refinado para usar estas expressões. Mas, na estrada da vida, ele ficou parado igual, sem que ninguém o ajudasse. E isto até hoje nos faz pensar. Entenderam agora por que Machado é um mestre?

SESSÃO DO DIA 7 DE AGOSTO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 31 de julho de 2008, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Celso Lafer, que aniversaria nesta data. A seguir, pediu licença para que fosse feita a apresentação do último trabalho do sistema de informática para o *Site* de Machado de Assis, que foi aperfeiçoado. Deu a palavra ao Senhor Antônio José Ferreira.

– O Senhor Antônio José Ferreira informou que este programa foi aperfeiçoado e montado no intuito de chamar a atenção dos pesquisadores e internautas que visitam o *Site* da Academia Brasileira de Letras. Assim, a introdução fala do histórico de vida de Machado de Assis, é específico para o ano em

que se comemora o centenário de morte de Machado de Assis. Fala de alguns temas, dentro de uma cronologia que foi apresentada na exposição "Machado Vive". As informações foram obtidas a partir dos textos desta exposição e, logo depois da introdução, surge todo um ambiente que irá mexer com a imaginação do internauta, composto de objetos, peças, informações que, ao movimentar-se o *mouse*, passam a interagir com o internauta. Salientou que foi feito uma retrospectiva de todos os eventos importantes que aconteceram e irão acontecer em 2008, no Brasil e no mundo, no âmbito do Ano Machado de Assis. Registrou que o objetivo direto do *Site* é interagir com o internauta, facilitando assim a sua pesquisa. Finalizando, registrou que foram selecionados alguns vídeos antigos que falam de Machado de Assis, para que o internauta tenha idéia do que aconteceu naquela época.

– O Presidente Cícero Sandroni ressaltou que é mais uma iniciativa da Academia Brasileira de Letras em torno do centenário da morte de Machado de Assis.

– A Acadêmica Ana Maria Machado perguntou se este programa está incluído no *Site* da ABL.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony entregou à Biblioteca Lúcio de Mendonça os *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Sales, de julho de 2008, dedicados a Machado de Assis, com colaborações ilustres dos Acadêmicos Carlos Heitor Cony e Alfredo Bosi, entre outros escritores. Trata-se de um trabalho muito bem feito, incluindo uma relação completa de obras e datas, dentro da biografia e da obra de Machado de Assis.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a doação da publicação em pauta, que enriquecerá a Biblioteca Lúcio de Mendonça e, mais ainda, as comemorações do centenário da morte de Machado de Assis. Comunicou que, ontem, a Diretoria recebeu a visita do Ministro Edson Santos, da Integração Racial, para conversar sobre o destino do Solar da Baronesa e notou que, embora o Ministro não estivesse muito bem informado sobre o Solar e sobre o que representa aquele patrimônio, mostrou-se muito interessado em iniciar tratativas para ocupar o terreno, através de um sistema de comodato,

e instalar ali a Casa Brasil-Angola. Lembrou que, como disse o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, aquela região do Estado do Rio de Janeiro foi a que mais recebeu escravos vindos de Angola. Nada mais apropriado do que se registrar ali uma lembrança desse trabalho do braço negro que o Brasil explorou durante tanto tempo. Convidou a todos os Acadêmicos que desejassem ir a Campos para ver de perto a situação do Solar e dar prosseguimento aos esforços da Casa no sentido de responder a todos os ofícios recebidos do Ministério Público e do IPHAN. Informou que a Academia mandou fazer uma planta da restauração do Solar e, a partir dessa planta, ou o Ministério da Integração Racial ou a Universidade Norte Fluminense, ou ambos, poderiam fazer um convênio e entrar em comodato durante vinte ou vinte e cinco anos. Salientou que a Universidade Norte Fluminense está em posição privilegiada na pesquisa do ENEM. Saudou a presença dos Acadêmicos Ivo Pitanguy e Alfredo Bosi. Registrou que os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Arnaldo Niskier e ele próprio estiveram com o Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, no BNDEs, por ocasião de uma solenidade de que participaram intelectuais ligados ao PT, relatando ainda uma conversa muito proveitosa com o Ministro dos Direitos Humanos, Paulo de Tarso Vannuchi. Pediu que o Ministro falasse sobre as comemorações dos sessenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e este fez uma exposição bastante extensa sobre as atividades realizadas pelo Governo Brasileiro, não só na área da comemoração em si, mas também na defesa dos direitos humanos. Estiveram presentes o Ministro Fernando Haddad, da Educação, e a Ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil. O arquiteto Oscar Niemeyer falou sobre os problemas culturais, sobre a falta de cultura e de leitura da juventude brasileira. Em seguida, falou o Acadêmico Arnaldo Niskier, que fez perguntas incisivas sobre os problemas da educação brasileira. O Acadêmico Candido Mendes fez uma bela exposição voltada para a política brasileira. Informou ao Presidente da República que a Academia está muito interessada no Instituto Machado de Assis, e propôs que o Governo entregasse esse Instituto à Academia Brasileira de Letras. Finalizando, informou ao Plenário que pediu ao Presidente Lula para colocar em sua agenda a data de 29 de setembro para vir à Academia assinar o Decreto do

Acordo Ortográfico. E instou ao Acadêmico Eduardo Portella que fosse o orador oficial.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que o Ministro Paulo de Tarso Vannuchi pediu que os quatorze inscritos para falar na reunião do BNDEs fossem geniais, cada um em três minutos. Nos três minutos a que teve direito solicitou que o Ministro recompusesse a Lei Rouanet, porque a burocratização que se abateu sobre ela tem atrasado bastante a sua implementação plena. Há uma queixa generalizada nos meios culturais em relação a isso. Em segundo lugar, disse que, por iniciativa do governo anterior e dele próprio, a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional já havia sofrido 15 remendos substanciais. Com isso, na sua opinião, já havia perdido toda a sua organicidade, razão pela qual acha que seria de bom alvitre passar a pensar novamente na reforma da lei educacional num sentido mais amplo. Lembrou também que as publicações feitas hoje em nosso país, para a distribuição gratuita, necessitam de um treinamento prévio dos professores, porque o aproveitamento é precário exatamente por este motivo. Referiu-se ainda, no plenário, à questão do Acordo Ortográfico e disse: "Vossa Excelência marcou o início do Acordo para 2009, seu Ministro da Educação marcou para 2010 e li no jornal que será para 2011, enquanto um outro jornal falou em 2013. Como Portugal só vai implementá-lo em 2014, tenho a impressão de que isto é uma balbúrdia completamente inconcebível". Na sua opinião, isto sacrifica os sistemas de ensino porque a língua portuguesa é a principal matéria do currículo escolar. As escolas não entendem, os editores não entendem, os autores estão tontos e pediu então que fosse tomada uma providência. Ressaltou que o Presidente Lula falou, com muita propriedade e de forma bastante objetiva, da valorização da profissão de jornalista.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que ficou muito orgulhoso da presença da Academia nessa reunião, referindo-se ao brilho com que o Acadêmico Arnaldo Niskier abriu a exposição e que permitiu ser o tema cultura e educação o que dominou a conversa. Conversa interessante porque era o tipo de contato que o Presidente Lula não tinha tido ainda. Informou que participaram da reunião evangélicos, religiosos, líderes comunitários,

acadêmicos, reitores e muitos psiquiatras. Achou interessante o alto coeficiente de psiquiatras nessa reunião, os quais, infelizmente, não se manifestaram. O Presidente foi muito incisivo ao aludir as atividades da Academia no ano em que se comemora o centenário de morte de seu grande patrono. Sobre o que disse o Presidente Cícero Sandroni, salientou que a questão estava também marcada com a celebração dos Direitos Humanos, permitindo-se insistir mais sobre esses aspectos, que hoje estão inquietando a consciência das ONGs e a consciência internacional. O Brasil tem hoje meio milhão de telefones plugados pela polícia, o que, na sua opinião, é uma vergonha para o País. Chamou a atenção para o fato da insolência desse Delegado Protógenes Queiroz, que defende a tese de que a senha deve ser universal. Viu, para o seu estarrecimento ontem, no Congresso, que esta polícia quer plugar o Brasil todo, mostrando-nos que, infelizmente, e o Presidente já notou isto, o estado de polícia está ao lado do estado democrático no Brasil com a arrogância da polícia, que adquiriu uma nova desenvoltura a partir do crime de imagem. Salientou que o Ministro Paulo de Tarso Vannuchi considera que as denúncias do crime de imagem são uma marca de que isto está ganhando vigência. Ressaltou que a Presidência já está se dando conta desta posição. Informou que o Ministro Paulo de Tarso Vannuchi lhe pediu que comunicasse à Academia que o Presidente ficou muito sensibilizado com o que foi dito na reunião, e pretende ter um encontro aberto na ABL centrado em torno dos Acadêmicos, e não dos psiquiatras.

– O Acadêmico Helio Jaguaribe disse que teve a oportunidade de comentar com o Presidente Cícero Sandroni o que Celso Furtado reiteradamente lhe dizia, no sentido de que deplorava que as reuniões acadêmicas tivessem tão pouco espaço para manifestações intelectuais. Eram reuniões burocráticas e havia muito pouco espaço para a vida intelectual. Sugeriu que se reservasse um pequeno espaço para que, rotativamente, os Acadêmicos fizessem exposições do que estavam fazendo e com o que estavam se ocupando, de modo que a vida intelectual destes fosse discutida na Academia Brasileira de Letras.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a proposta do Acadêmico Helio Jaguaribe, reiterando uma idéia do Acadêmico Celso Furtado. Disse que seria muito interessante relatar o que os Acadêmicos estão produzindo e pensando.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *Relato Biográfico D. Luciano José Cabral Duarte*, antigo Arcebispo de Aracaju e membro do Conselho Federal de Educação. A obra foi escrita por Gizelda Morais e editada pela Gráfica J. Andrade. Discorreu sobre a vida desse grande religioso, educador, um brasileiro que brilhou na Sorbonne, dando ênfase ao movimento de Educação de Base, que foi o começo do processo de utilização do Rádio para fins educativos, promovendo inclusive a alfabetização de adultos. Foi um movimento muito importante no país, e o responsável por isso foi D. Luciano. A seguir, falou sobre o trabalho intitulado os *Mestres da Literatura*, produzido por Malu Viana Batista, quando ainda estava viva a querida Rachel de Queiroz. Neste trabalho, há um longo depoimento seu sobre a saudosa Acadêmica. Teve a delicadeza de enviar-lhe uma cópia que encaminhou ao Centro de Memória da Academia.

– O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier pela doação do livro sobre D. Luciano José Cabral Duarte, que não conheceu pessoalmente, mas apreciou o seu trabalho, não só na área da educação como na pastoral em Aracaju. Agradeceu também o DVD com um depoimento sobre a Acadêmica Rachel de Queiroz que, certamente, irá enriquecer muito o Centro de Memória da ABL.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, a propósito da casa que, em 1874, Machado de Assis e Carolina ocuparam na Rua da Lapa 96 e que se acreditava ter sido demolida, junto com as demais residências de Machado de Assis, ressaltou a improcedência dessa versão. Este prédio existe, tendo havido apenas uma mudança de numeração, passou a ter o número 264, razão pela qual todos os biógrafos acreditavam que este prédio tivesse partilhado do mesmo destino das outras residências do fundador desta Casa. Referiu-se a uma matéria muito bem feita que saiu no *Jornal do Brasil*, com algumas sugestões sobre

a melhor maneira de aproveitar este prédio, que seria um templo da memória nacional, no que diz respeito a Machado de Assis. O imóvel encontra-se numa zona de preservação, não estando ameaçado por demolição imediata, mas ainda não se trata de tombamento. Lembrou ter sido nesta casa que Machado escreveu *A Mão e a Luva*, e desenvolveu vários projetos literários que se refletem na sua correspondência. Acredita que seria muito importante que se levasse à frente o que foi anunciado pelo Secretário do Patrimônio, ou seja, dar a esse prédio condições de conservação e de restauro. Está certo de que a Academia não poderá ignorar o fato. Não precisaria oferecer nenhuma contribuição financeira, pois não caberia a esta Casa fazer um trabalho que é da Prefeitura, mas seria interessante que o Presidente mandasse um ofício ao Prefeito Cesar Maia manifestando o interesse da Academia de que fossem tomadas as iniciativas apropriadas para que esse prédio se mantivesse de pé, fosse restaurado e lhe afixada uma placa dizendo que ali residiram Carolina e Machado de Assis, mencionando o período. Gostaria que a Academia manifestasse o seu interesse de que este prédio se transformasse num centro de memória machadiano.

– O Presidente Cícero Sandroni considerou excelente a sugestão, pois a Academia tem o dever de zelar pela memória do seu primeiro Presidente e seu consolidador, e essa providência já deveria ter sido tomada pela presidência da Casa. Pediu desculpas por não ter feito isso há mais tempo. Tomará essa providência junto ao Prefeito César Maia, transmitindo-lhe as razões que o Acadêmico Rouanet acabou de expor. A Academia vai cobrar, para que isso seja feito, no mais breve espaço de tempo possível e continuará acompanhando as providências para a preservação daquele prédio.

– O Acadêmico Moacyr Scliar, ao fazer a entrega do livro *Contos Escolhidos* para a Biblioteca Rodolfo Garcia, leu um pequeno texto deste livro de Cyro Martins, figura ilustre da literatura e da cultura gaúchas, cujo centenário de nascimento está sendo celebrado este ano no Rio Grande do Sul. Nascido em Quaraí, na fronteira, estudou Medicina em Porto Alegre, especializou-se em Psiquiatria e depois, em Buenos Aires, fez especialização em Psicanálise. Foi um dos pioneiros da psicanálise gaúcha, que na época era uma escola de

vanguarda da psicanálise brasileira. Escreveu uma trilogia que bastaria para consagrá-lo: *Sem Rumo*, *Porteira Fechada* e *Estrada Nova*, criando uma expressão que até hoje é repetida no Rio Grande do Sul, a do "gaúcho a pé". Trata-se do gaúcho pobre, que não tem onde morar e que ele, como homem engajado, celebrou em sua obra. Salientou que o grande esforço de Cyro Martins foi dirigido para a psicanálise. Com o seu falecimento, foi criado por sua filha, Maria Helena Martins, o Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, que acaba de lançar a obra que teve a satisfação de oferecer à Academia.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que, tentando inaugurar a sugestão do Acadêmico Hélio Jaguaribe, falou sobre a Biblioteca Rodolfo Garcia, sob a sua direção, e que está tendo uma freqüência diária de trinta e cinco usuários, pesquisadores, estudantes, jornalistas e candidatos a concursos públicos, com a ocupação total das cadeiras inicialmente previstas. Relatou um fato inédito ocorrido nestes dias na Biblioteca, que serviu para testar, de maneira satisfatória, seu sistema de segurança.

– O Presidente indagou ao Acadêmico Lêdo Ivo se haveria algum inconveniente em deixar para a próxima semana a efeméride sobre Paulo Barreto (João do Rio).

– Não havendo objeção por parte do Acadêmico Ledo Ivo, o Presidente agradeceu a compreensão e comunicou haver recebido uma sugestão do Acadêmico Arnaldo Niskier relativa à da Rua da Lapa, em que Machado de Assis e Carolina moraram, no sentido de que a Academia pudesse dirigir-se diretamente ao Senhor Marcos Monteiro, Diretor do Inepac, da Secretaria Estadual de Cultura, solicitando esse tombamento. Com o tombamento estadual definido, talvez, se pudesse solicitar à Petrobras uma verba para a restauração pela Prefeitura.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier acredita que a solução desse caso passará pelo Senhor Marcos Monteiro, Diretor do Inepac, o que facilitaria os trâmites por ser a Petrobras mais ligada a Estados do que a Municípios.

– O Presidente Cícero Sandroni quis deixar claro que esta é uma obrigação do Estado ou da Prefeitura, mas que a Academia vai instar e apoiar qualquer iniciativa nesse sentido.

– O Presidente agradeceu, mais uma vez, a presença dos colegas, que hoje são vinte e sete, e, em especial, a presença dos Acadêmicos Alfredo Bosi e Ivo Pitanguy, que freqüentam pouco as sessões plenárias. E declarou encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 14 DE AGOSTO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 7 de agosto de 2008, que foi aprovada. A seguir, o Presidente comunicou ter recebido carta do escritor Antonio Candido agradecendo o voto de congratulação pelo transcurso do seu aniversário. Pediu que fosse distribuída aos Acadêmicos cópia desta correspondência, que considera preciosa. Informou, também, que, após uma longa espera, o Instituto Nacional de Propriedade Industrial concedeu o registro do logo da Academia, que passa agora a ser propriedade da Casa, não podendo ninguém utilizá-lo sem autorização. Deu conhecimento ao plenário que recebeu o livro de Hipólito José da Costa, *Correio Braziliense ou Armazém Literário – Vol. I* – Edição Fac-Similar, que já foi incorporado à Biblioteca Rodolfo Garcia. Passou a palavra ao Acadêmico José Murilo de Carvalho.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho registrou que o governo da Bahia volta a desrespeitar um destacado representante da cultura baiana. Desta vez foi Luís Henrique Dias Tavares a sofrer uma desconsideração oficial. O Governo da Bahia acaba de publicar uma coletânea de textos de autoria de historiadores consagrados sobre a Independência do Brasil na Bahia, e não menciona sequer o nome de Luís Henrique, apesar de ser o título da publicação o mesmo do seu livro premiado pela ABL em 2006. (O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da ABL*.)

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva associou-se às palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho, salientando a importância de Luís Henrique Dias Tavares na historiografia brasileira. Disse tratar-se de um grande historiador, uma extraordinária personalidade, uma grande figura humana na Bahia que não merece ser desrespeitado.

– O Presidente declarou que a sugestão está aprovada, e a Academia fará um ofício ao Governo da Bahia protestando contra essa omissão que realmente compromete a historiografia brasileira.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que há alguns anos o Governo da Bahia também publicou uma obra que Afrânio Peixoto havia rejeitado, a *Rosa Mística*. Afrânio Peixoto tinha resenhas de obras importantes para serem publicadas, e isto leva a crer que a atitude do Governo da Bahia é mesmo no sentido de denegrir a cultura brasileira.

– O Presidente designou o Primeiro-Secretário da ABL, Acadêmico Alberto da Costa e Silva, para redigir o ofício ao Governo da Bahia, protestando contra essa omissão incompreensível e injustificável.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho comunicou que acaba de ser publicado na Inglaterra, pela editora Peter Lang, de Oxford, o livro *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropics,* de autoria de Peter Burke e Maria Lúcia G. Pallares-Burke. Este livro incorpora os estudos anteriores sobre Freyre tanto de Peter Burke como de Maria Lúcia e acrescenta novas análises. (O texto completo desta apresentação, por determinação do Presidente, será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a comunicação do Acadêmico José Murilo de Carvalho, e a Biblioteca Rodolfo Garcia vai providenciar a aquisição deste livro para o seu acervo.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho pediu que o Acadêmico Marcos Vilaça registrasse que hoje, nesta Casa, um mineiro defendeu um baiano e elogiou um pernambucano.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou o lançamento do livro *Brasileiro com Alma Africana*, de José Luís Lira, sobre o Acadêmico Antonio Olinto. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Antonio Olinto agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho. A seguir, relatou que esteve na Academia Mineira de Letras a convite daquela instituição e que esta comprou sessenta exemplares da *Casa da Água*, para que fizesse uma conferência sobre a África e a *Casa da Água*, sendo que quarenta exemplares da obra, seriam destinados aos membros da Academia e os outros vinte, vendidos ao público presente à conferência. Considerou extraordinária essa iniciativa da Academia Mineira de Letras. Ressaltou que foi muito feliz nessa recepção em Belo Horizonte, quando muito se falou da importância da Academia Brasileira de Letras como o modelo que querem seguir.

– O Presidente Cícero Sandroni lembrou que, entre outras publicações que o Acadêmico Antonio Olinto dirigiu, estão a revista *Ficção*, na sua primeira fase, e a *Brazilian Gazete*, que ele editava em Londres. Informou aos Acadêmicos que a Academia Maranhense de Letras completa amanhã um século de existência. O Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça e o Presidente desta Casa estarão lá para a cerimônia da comemoração desse centenário. Na segunda-feira, irá a Belo Horizonte para a abertura da Semana Guimarães Rosa, na Academia Mineira de Letras.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet comunicou ter recebido a visita da Sra. Lucia Milanez, descendente de Francisco Otaviano, que desejava fazer doação de um material riquíssimo de seu tetravô. Entregou-lhe um poema de

Machado de Assis, que, à primeira vista, lhe pareceu inédito e também um exemplar da revista *Século XX*, de dezembro de 1905, dedicada inteiramente a Francisco Otaviano, duas correspondências de Hélio Lobo, poemas de Francisco Otaviano, recortes de jornal, coleção de notas e apontamentos sobre o Tratado da Tríplice Aliança, do qual ele foi o principal negociador do Brasil.

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet pela doação deste acervo de Francisco Otaviano para o Arquivo da Academia.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva deu um breve depoimento sobre Francisco Otaviano.

– No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Lêdo Ivo apresentou um consistente trabalho sobre Paulo Barreto (João do Rio). (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que um dos intelectuais brasileiros cuja fortuna crítica mais mudou recentemente foi certamente a de João do Rio. Ressaltou que tradicionalmente era visto como um escritor frívolo, um cronista mundano, um decadentista, no máximo um pouco influenciado por Anatole France, leitor de Oscar Wilde, representante típico de uma época em que se considerava a literatura o "sorriso da sociedade". A partir de um certo momento, sobretudo com os estudos de Walter Benjamin, publicados no Brasil, os quais se referiam a Baudelaire, que utilizava palavras como "modernidade" e que considerava a *flânnerie* como uma das expressões mais características dessa modernidade, subitamente, esse homem frívolo e superficial, esse decadentista, esse discípulo de Oscar Wilde e de Huysmans, em *Au Rebours*, passou a ser considerado um dos precursores de um dos pensamentos mais inquietantes de toda modernidade no Brasil. Quem primeiro extraiu as conseqüências das análises de Baudelaire sobre a modernidade e sobre essa figura enigmática do *flânneur*, não foi Walter Benjamin, foi João do Rio. Basta ver a cronologia da publicação dos principais livros que João do Rio publicou no século XX e Walter Benjamin escreveu nos anos 30, e que

só recentemente foram editados entre nós. Existe uma analogia quase mediúnica, já que os dois não se conheceram, mas existem afinidades enormes entre o partido que João do Rio tirou de Baudelaire e a mesma influência de Baudelaire, tal como foi exercida sobre Walter Benjamin: a mesma idéia da modernidade como um período inquietante. Um período em que não havia apenas o bonde elétrico, o telégrafo como símbolo da modernidade, pois ela era caracterizada também por outra dimensão mais inquietante. Havia uma modernidade demoníaca, como, por exemplo, a que João do Rio conseguiu localizar em antros de fumantes de ópio. Tudo isso era modernidade, não era apenas o progresso técnico, era também esse lado noturno, inquietante que tanto Walter Benjamin como João do Rio conseguiram identificar. Finalizando, ressaltou que os estudantes universitários têm um faro extraordinário para descobrir o atual em qualquer que seja o momento do passado onde se encontra essa atualidade, e os alunos da Faculdade de Letras e Comunicação, de repente, começaram a escrever teses de doutorado sofisticadas sobre João do Rio, não como homem típico da época, que considerava a literatura o "sorriso da sociedade", mas como precursor de Walter Benjamin nas análises baudelairianas sobre a cidade e a modernidade.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva ressaltou que João do Rio foi um repórter extraordinário. Seu livro *As Religiões no Rio de Janeiro* é um livro precioso, um documento fora do comum que retrata a presença religiosa dos africanos na então capital do país, sobretudo do islamismo no Rio de Janeiro. São as páginas mais percucientes, mais agudas sobre o que foi a presença do Islã no Rio de Janeiro, no início do século XIX.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho, a propósito de João do Rio, lembrou a importância de suas crônicas para a história social do Rio de Janeiro. Confessou que a sua opinião sobre a cultura popular do Rio foi alterada profundamente graças à leitura de uma das crônicas de João do Rio.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho fez uma declaração de caráter estritamente pessoal. Eleito há dezessete anos, na gestão de Austregésilo de Athayde, considera que essa gestão e todas as outras se revelaram da maior

competência merecendo todos os aplausos. Congratulou-se com a Presidência recentemente pela iniciativa de se restabelecer nas efemérides a lembrança dos Patronos e dos primeiros ocupantes. Considera que, apesar desse reconhecimento, é direito, senão dever do Acadêmico, se manifestar com relação às atividades e atos que não lhe pareçam apropriados. Foi surpreendido na terça-feira, dia 12, ao chegar à ABL, pela Av. Antônio Carlos, com um painel monumental. Aproximou-se e viu que se tratava do retrato de um artista plástico e ao lado uma inscrição dizendo que era a exposição "Tábua do Pirulito", o site informa que apenas se trata de artista que, na sua adolescência, tinha feito esculturas de pedra sabão, mas não há na exposição nenhuma pedra de sabão. Com a cautela habitual, consultou professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro de História da Arte, que confessou desconhecer a figura do artista plástico e sua obra. Verificou que esse crítico foi membro da Comissão Consultiva da Galeria Manuel Bandeira e não foi consultado para opinar sobre a conveniência da exposição. Ressaltou, ainda, que nos Boletins nunca foi mencionada a exposição, nem no Boletim de hoje e nem o Presidente Cícero Sandroni se referiu a esta exposição nos términos das sessões plenárias ou das conferências. Informou que a inauguração da exposição se deu às 17h30min, exatamente ao mesmo tempo da conferência do Acadêmico Murilo Melo Filho, sobre Luis Viana Filho. Salientou que estas considerações são apenas aspectos adicionais, para destacar, como pronunciamento pessoal, que considera que a exposição "Tábua de Pirulito" não atende o dispositivo estatutário da cultura e da língua nacional, e não atende a alta relevância que devem ter as exposições desta Casa. É de opinião que a Galeria Manoel Bandeira só deva conter exposições de e sobre Acadêmicos, mas concorda que outras modalidades possam ocorrer, como na gestão do Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, com a brilhante exposição de Brennan. Finalizando, afirmou que respeita as manifestações de acadêmicos em sentido contrário, mas estranha a realização da exposição "Tábua do Pirulito".

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as observações do Acadêmico Alberto Venancio Filho, esclarecendo que em todas as exposições da Galeria

Manoel Bandeira são anunciadas por meio de um b*anner* sobre a mesma e que este é pendurado na entrada da Galeria, na Av. Antônio Carlos, e não na Av. Presidente Wilson. Informou que, infelizmente, houve uma falha do Setor Cultural ao marcar o mesmo horário para a conferência do Acadêmico Murilo Melo Filho e a inauguração da exposição. Informou que a exposição só foi inaugurada após a conferência. Esteve presente e fez uma pequena apresentação sobre o artista. Concordou com o Acadêmico Alberto Venancio Filho no sentido de que o Conselho Curador deveria se reunir e estabelecer um critério para a programação da Galeria. Informou que, a partir de agora, cada exposição será submetida a esse conselho que foi nomeado pelo Plenário durante a gestão do Presidente Ivan Junqueira.

– O Acadêmico Lêdo Ivo ressaltou a qualidade e a importância do jovem pintor e escultor Jaildo Marinho, que mora em Paris há mais de dez anos e cuja trajetória foi feita toda no exterior. Ainda não é conhecido no Brasil. Ressaltou que ele é um artista contemporâneo, com uma nova linguagem, marcada por uma grande modernidade, que traz para o cenário brasileiro tendências novas. Informou que, em Paris, há esculturas do artista em espaços públicos, encomendadas pela prefeitura. Finalizando, ressaltou que o fato de ele ser desconhecido no Brasil não quer dizer que a sua obra não tenha importância. Acha que a Academia deve seguir esta linha de revelar talentos e linguagens novos.

– O Presidente Cícero Sandroni ressaltou que a linha que a Diretoria vai seguir será a de ouvir o Conselho Curador que foi indicado pelo Plenário.

– O Acadêmico Carlos Nejar disse que sentiu a mesma estranheza do Acadêmico Alberto Venancio Filho ao passar pela Av. Presidente Antônio Carlos e ver aquele imenso painel com um título que também achou inadequado. Não está entrando no mérito da exposição, que pode ser tudo o que o Acadêmico Lêdo Ivo disse. Ressaltou que, num certo sentido, o título da exposição causou mal-estar. Todas as coisas são possíveis em arte desde que se apresentem dentro de um nível de dignidade.

– O Presidente Cícero Sandroni explicou que a mão da rua para se chegar à ABL está hoje invertida, razão pela qual quem para ali se dirige pela Rua Santa Luzia. Anteriormente entrava-se direto pela Av. Presidente Wilson. Para exposição da Galeria Manoel Bandeira sempre foi feito um cartaz, apenas este não era notado, porque, ao entrar-se pela Rua Santa Luzia, não se passava pela frente da Galeria.

– O Acadêmico Lêdo Ivo informou que Tábua de Pirulito é um título que Manuel Bandeira haveria de estimar. Na infância do poeta pernambucano, havia muitas tábuas de pirulito, que não tem nenhuma conotação obscena, grosseira ou estranha; é a tábua em que os vendedores de pirulitos os colocavam para vender. Assim o título da exposição não passa de uma alusão à infância.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a brilhante apresentação do Acadêmico Lêdo Ivo sobre João do Rio e observou que ele também é um mártir do jornalismo de aluguel, porque era estipendiado pela colônia portuguesa. O Jornal *A Pátria*, onde João do Rio escrevia, era vendido aos membros da colônia portuguesa, e especialmente aos barcos de pesca que freqüentavam as águas brasileiras. Lembrou um episódio que teve grande repercussão no Governo Epitácio Pessoa, especialmente na Marinha. Alguns oficiais, indignados com a defesa que João do Rio fazia da pesca de portugueses nas nossas águas territoriais, resolveram dar-lhe um corretivo físico. Procuraram-no na redação do jornal *A Pátria*; não o encontrando, perguntaram onde poderia estar. Disseram que estava almoçando e, no final do almoço, aplicaram-lhe uma surra monumental. Acha que João do Rio morreu em parte devido a essa surra. Informou que, na época, o jovem jornalista Austregésilo de Athayde, que era nacionalista, discordava das posições de João do Rio, mas escreveu um artigo imenso no jornal *A Tribuna* em defesa do direito de defender os interesses dos portugueses, embora todos soubessem que ele recebia mesada mensal para fazê-lo.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que a exposição do Acadêmico Lêdo Ivo foi brilhante e suscitou uma série de considerações. Percebeu que

determinado tema constituía um pano de fundo não explicitado: o problema das relações entre a arte e a moral. Um tema de extrema importância. Ressaltou que há um certo risco toda vez que a moral implica uma espécie de domínio pleno, que é o caso do moralismo. Ressaltou que, quando foi presidente da Casa, propôs que fossem discutidos alguns assuntos de caráter universal, Celso Furtado tomou a palavra, e o apoiou, enquanto Miguel Reale mandou um documento a respeito. O assunto não prosperou, mas o Acadêmico Helio Jaguaribe o retomou numa outra consideração, a de que cada Acadêmico deveria referir-se àquilo que é objeto, no momento, de suas reflexões, e quais os seus projetos de trabalho. Acha que esse tema poderia ser objeto de um debate, a fim de que a brilhante exposição de Lêdo pudesse levar a uma reflexão de caráter mais amplo, nascida da exposição sobre João do Rio, podendo-se ter uma espécie de estuário em que o aspecto social foi referido, a moralidade da época, as inter-relações entre João do Rio e Walter Benjamin. Houve uma riqueza nos debates que está convidando à reflexão de caráter mais geral.

– O Presidente Cícero Sandroni acolheu a proposta do Acadêmico Tarcísio Padilha, que complementa a sugestão do Acadêmico Helio Jaguaribe. Em sua opinião, esses temas são fundamentais para o trabalho literário, histórico e intelectual de cada um dos Acadêmicos, mas também em relação à ética, à moralidade. Sugeriu que na sessão do dia 28 de agosto se discuta um tema sobre o assunto. Pediu ao Acadêmico Tarcísio Padilha que faça a indicação do tema para que seja apresentado à consideração de todos.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony registrou que ia derramar um pouco de pessimismo e de negação aos elogios feitos a João do Rio. Elogiou o brilhante trabalho do Acadêmico Lêdo Ivo sobre João do Rio, mas tem uma velha implicância, na condição de carioca, com João do Rio. Lembrou que Marques Rebelo disse que João do Rio é o Ibrahim Sued mais ou menos alfabetizado. Andou relendo Lima Barreto e lembrou que somente duas pessoas levaram Lima Barreto ao túmulo: Monteiro Lobato e Austregésilo de Athayde. Considera Lima Barreto, como romancista, superior a Machado de Assis. Não se identifica em nada com João do Rio, pelo lado mercantil,

por sua extravagância no viver e pela falta de profundidade. O que sobra em Lima Barreto, mulato, maluco, ébrio, é seu grande valor estético. Deixou uma obra de grande penetração psicológica e humana. Lima Barreto, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida são homens que penetraram aquelas águas profundas aonde nem sempre chega à luz do dia.

– O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou a necessidade de análise da obra de Lima Barreto. Foi um genial escritor e que está merecendo o reconhecimento desta Casa.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet ficou contente de ver que, pela primeira vez na Academia, se estabeleceu uma polêmica em torno de literatura. Acha altamente saudável que a ABL brigue em torno de literatura.

– O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou que há 22 anos nunca se pronunciou o nome de João do Rio no Plenário. No tocante ao que disse o Acadêmico Carlos Heitor Cony, reconhece que a visão das pessoas sobre literatura é inteiramente subjetiva. João do Rio é um escritor da mais alta importância. Ressaltou que a literatura é diversidade, e não se pode limitar a literatura carioca a uma visão do subúrbio, excluindo outros setores sociais. João do Rio refletiu uma nova sociedade carioca do começo do século. Foi um grande estilista e um grande escritor.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony salientou que Lima Barreto foi um romancista do subúrbio, mas Machado de Assis também o foi. Em sua opinião, ninguém retratou melhor o ambiente intelectual de uma época do que Lima Barreto.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva informou que a Senhora Luciana Stegagno Pichio está em casa sob cuidados médicos.

– O Presidente, ao encerrar a sessão, convidou a todos para a Conferência sobre "Pe. Antônio Vieira no seu século e na história do futuro," com coordenação e exposição do Acadêmico Evanildo Bechara. Os palestrantes serão o Prof. Silvano Peloso e debatedora Prof.ª Sônia Salomão.

LUIZ HENRIQUE DIAS TAVARES

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Senhor Presidente,

O governo da Bahia volta a desrespeitar um destacado representante da cultura baiana. Depois da agressão à memória de Jorge Amado, é a vez de Luiz Henrique Dias Tavares sofrer uma desconsideração oficial. Luiz Henrique é o decano dos historiadores baianos e autor, entre outras obras, do clássico, *A Independência do Brasil na Bahia*, que foi contemplado por esta Casa com o prêmio de História e Ciências Sociais de 2006. O relatório do prêmio dizia que o livro era "o melhor e mais completo relato histórico do processo que levou à independência da Bahia". Não obstante, o governo do estado acaba de publicar uma coletânea de textos, ditos de historiadores consagrados, sobre a independência do Brasil na Bahia. Apesar de ser o título da publicação o mesmo do livro premiado, o nome de Luiz Henrique não é sequer mencionado. Tamanho viés e tamanho desrespeito a um ilustre historiador baiano e brasileiro não poderia passar sem registro e sem protesto.

* Proferidas na sessão do dia14 de agosto de 2008.

GILBERTO FREYRE: SOCIAL THEORY IN THE TROPIC

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Senhor Presidente,

Acaba de ser publicado na Inglaterra, pela editora Peter Lang, de Oxford, o livro *Gilberto Freyre: Social Theory in the Tropic*, de autoria de Peter Burke e Maria Lúcia G. Pallares-Burke. Peter Burke, professor da Universidade de Cambridge, é chamado na quarta capa de "principal historiador cultural de nossa geração". Maria Lúcia já havia publicado em 2005, *Gilberto Freyre, Um Vitoriano dos Trópicos*, livro que mereceu desta Casa o prêmio José Erminio de Morais, de 2006. O novo livro incorpora os estudos anteriores sobre Freyre tanto de Peter Burke como de Maria Lúcia e acrescenta novas análises. Entre essas, saliento os capítulos "O teórico social" e "Gilberto nosso contemporâneo", em que o valor universal da obra do autor de *Sobrados e Mocambos* fica evidenciado. O novo livro, ouso dizer, escrito por quem foi, é a consagração definitiva de Gilberto Freyre no cenário internacional das ciências sociais.

---

* Proferidas na sessão do dia 14 de agosto de 2008.

BRASILEIRO COM ALMA AFRICANA: ANTÔNIO OLINTO, DE JOSÉ LUÍS LIRA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.
Senhora e Senhores Acadêmicos.

Peço-lhes licença para registrar o lançamento deste livro: *Brasileiro com Alma Africana: Antônio Olinto*, escrito por José Luís Lira.

Trata-se de uma biografia sobre o nosso querido Acadêmico, desde o seu nascimento e sua infância em Ubá, sua juventude no Seminário de Campos, sua trajetória como poeta, como adido cultural nas Embaixadas do Brasil Inglaterra e Nigéria, como autor da trilogia *Casa da Água*, *O Trono de Vidro* e o *Rei de Keto*, já traduzidos para mais de 20 idiomas; como marido de Zora, professor, conferencista, apresentador de TV, jornalista e crítico literário da "Porta de Livraria", em *O Globo*, como membro e Vice-Presidente do Pen Clube Internacional, como Editor de *Brazilian Gazette*, *Brasil-Constrói* e do *Jornal de Letras*, como Diretor da Secretaria das Culturas, como nome de rua em Belo Horizonte, de uma Cidade no Paraná e de uma Biblioteca em Bucareste, Patrono de um Instituto Cultural, mas sobretudo, nesta Academia

* Proferidas na sessão do dia 14 de agosto de 2008

Brasileira de Letras, como um companheiro afável, amigo, atencioso, digno, leal e correto.

Este livro ficará guardado para sempre, na nossa Biblioteca Lúcio de Mendonça, com fotos e textos sobre uma vida inteira, como foi a de Antônio Olinto, com 89 anos de idade, dedicados à Cultura e à Inteligência Brasileiras.

O VISITANTE DA NOITE (UM ENSAIO SOBRE JOÃO DO RIO)

*Estudo do Acadêmico Lêdo Ivo**

João do Rio morreu dentro de um táxi. Naquele ano de 1921, os automóveis que tartarugavam na então Capital da República, e substituíam os tílburis, eram o símbolo da velocidade. A Avenida Central, aberta pelo Prefeito Pereira Passos, e em 1912 tornada Avenida Rio Branco com a morte do barão, constituía a referência incontestável do nosso progresso e civilização. Tempo de transformações. O Rio deixara de ser o centro de um Império, para ser a capital de uma República. "O Rio civiliza-se", proclamava o cronista social Figueiredo Pimentel. A cidade importava quase tudo, da manteiga às volúpias trazidas pelas cocotes francesas, que tão graciosamente ornamentavam as *maisons closes*, os cabarés e as lojas de moda da Rua do Ouvidor. Os cinemas – e *Cinematógrafo* é o título de um dos livros de crônicas de João do Rio – apresentavam a linguagem do novo século: o século da imagem.

A cidade queria ser uma Paris tropical. Os salões aristocráticos de Santa Teresa e Botafogo plagiavam os grandes salões parisienses, tornando-se até laboratórios de candidaturas à Academia Brasileira de Letras. A hoje mítica dona Laurinda Santos Lobo era a indicação suprema na arte de bem receber. Um dos

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 14 de agosto de 2008.

mais requestados escritores desse tempo, Afrânio Peixoto, estatuíra a literatura como o "sorriso da sociedade", embora ela seja também, e bastantissimamente, o esgar e o pesadelo da sociedade. Os pobres tinham sido tangidos pela reforma urbanística de Pereira Passos, para que os morros e subúrbios (e o seu odor) não incomodassem os narizes felizes – esses narizes que, anualmente, atravessavam o Oceano em viagens demoradas e iam respirar a Paris de Anatole France e Paul Bourget.

A nossa *belle époque* era toda alegria, movimento, felicidade e fino olfato. Como na expressão afortunada de Afrânio Peixoto, a sociedade sorria. Tudo ou quase tudo era decorativo: o *art déco* imperava na arquitetura, no mobiliário, nos vestuários, nas jóias, nos produtos de beleza, na paixão pelos bibelôs, na vidraçaria, na tipografia; e ainda nas almas aderidas à passagem do tempo, ao tráfego farfalhante das horas. O Teatro Municipal, o Palácio Monroe, a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas-Artes, com a sua nobreza arquitetônica, passaram a ser as referências fundamentais da grande metamorfose – e ainda hoje, na metrópole depredada e camelotizada, evocam um passado triunfante.

Nas casas e ruas, nos trajes e frases, o adorno transbordava. A prosa, a poesia, os discursos parlamentares, as conferências promovidas pela Academia Brasileira de Letras, as palavras dos noivos nas noites de núpcias, os sueltos dos jornalistas, os chás, as cançonetas, as polêmicas furibundas que estalavam de tempo em tempo, os obituários, os sermões religiosos, as cartas de amor, talvez mesmo as cartas anônimas – tudo se rendia à sedução do floreio e ornamental. E talvez até nos confessionários os pecados humanos fossem narrados com o recurso a metáforas atravessadas pelo frêmito do *art nouveau*.

Nesse tempo e nesse mundo diferenciado e diferenciador, as meninas ricas ou aristocráticas estudavam nos fechados colégios religiosos extremamente sensíveis ao prestígio dos sobrenomes ou ao recheio dos cofres familiares, como o *Sacré Coeur de Marie* e o *Sacré Coeur de Jesus*; e as freiras não se limitavam a ensinar-lhes francês, boas maneiras e o temer a Deus. Na Pedagogia zelosa também figurava tomar cuidado com o sexo oposto. Assim, quando elas saíam

em grupos, a freira que as guiava lhes ordenava sempre: "*Marchez vite et ne regardez pas les garçons*".

Às vezes, o desmazelado Lima Barreto, descia do subúrbio trazendo notícias inquietadoras. Mas a cidade viciosa e fagueira preferia comentar um adultério ou o último discurso do Senador Rui Barbosa.

Mas antes da ficção desabusada do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o mal-estar subterrâneo já fora exposto, de modo contundente, em três romances que são obras-primas da nossa literatura.

O primeiro é *O Ateneu* (1888) de Raul Pompeia – um romance poemático, escrito num estilo artístico que excele pelo lavor estilístico de um impressionismo impetuoso e um minucioso memorialismo. Nele se projeta uma sociedade de privilégios e a ganância da pedagogia industrial, completados com a abordagem do homossexualismo em colégio interno.

Segue-se em 1890 *O Cortiço*, no qual Aluízio Azevedo, alcançando então o ponto mais alto e perdurável do Naturalismo brasileiro – um Naturalismo vindo fundamentalmente de Zola – retrata a vida promíscua do proletariado urbano e nela insere uma despudorada e admirável cena de lesbianismo, narrada num ritmo frenético, e sem papas na língua. E, finalmente, em 1895, o cearense Adolfo Caminha estarrece os críticos e leitores pudicos, ou fingidamente pudicos, com *O Bom Criolo*. Este romance é uma história de homossexualismo na gloriosa Marinha Imperial do Brasil – e ainda a história dos desumanos castigos corporais infligidos aos rudes marinheiros, cujas infrações eram punidas com chibatadas pelos finos e aristocráticos oficiais. O tratamento iníquo só foi suspenso em 1910, como decorrência da revolta dos marinheiros comandada por João Cândido. *O Bom Criolo* é decerto a obra mais incômoda produzida pelo nosso Naturalismo, não só por versar sobre uma anomalia sexual como ainda por projetar a imagem de um negro hercúleo numa sociedade dominada pelos preconceitos raciais.

No romance, esse negro é o homossexual ativo, cabendo a um jovem marujo branco ser o parceiro passivo. Se os papéis fossem inversos, decerto não teria

sido tão veemente a condenação a essa obra, ainda hoje limitada a ilhas críticas de estudos e restrita admiração.

Naqueles dias em que a República alvorejava, entre choques, paixões desabridas, e até lutas sangrentas, o cânone estético era imposto por Machado de Assis que, espelhando em sua obra a nossa tropical sociedade vitoriana, recorria à ambiguidade e à ironia para desenvolver, de forma sinuosa e digressiva – com "a pena da galhofa e a tinta da melancolia" – histórias de traições e adultérios ostensivos ou duvidosos, de ciúmes e hesitações, desilusões e ociosidades, apenas insinuando os vícios e mazelas da sociedade que o consagrou e referenciou. A nota crua e vívida destoava naquele tempo de malícias e hipocrisias, sussuros e luxúrias escondidas: um palavrão impresso num romance era um pecado mais grave do que um adultério.

Coube a João do Rio conciliar as duas inclinações artísticas existentes, fundindo em seus escritos o Naturalismo cru e o cauto Realismo mascarador, e revelando segredos mal guardados. E, designadamente, os segredos sexuais ocultados sob o frufru das saias das senhoras, o negro dos fraques dos cavaleiros, e a maciez e branquidão dos lençóis conjugais e extraconjugais.

Mulato como Lima Barreto, João do Rio – nascido em 1881, e cujo nome civil era João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto – não bebia cachaça. Preferia champanhe. E, com a sua arte nervosa e crepitante de grande jornalista, escritor e freqüentador dos salões, era um dono do mundo. Um *dandy*; e em seu dandismo corria um lampejo de insolência. Adepto da velocidade, andava sempre apressado. Tinha pressa de viver. Morreu em movimento, dentro de um táxi, vitimado por fulminante ataque cardíaco. A sua morte foi veloz.

Ele pertencia à linhagem dos vencedores que, mesmo imóveis num ataúde, propalam o seu triunfo. O seu enterro foi acompanhado por 100 mil pessoas, com a presença maciça da colônia portuguesa. Superara o enterro oficial do Barão do Rio-Branco, em 1912. Ditosos tempos aqueles! Hoje, os defuntos mais ambiciosos e vaidosos devem contentar-se com a trasladação de seus corpos ilustres num carro do Corpo de Bombeiros.

Aliás, a extraordinária afluência popular ao sepultamento de João do Rio, superior à de Rio-Branco, permite que se lembre um episódio do início de sua juventude, quando tinha apenas 22 anos. Um dia, subiu a Petrópolis e foi pedir ao Barão do Rio-Branco que o admitisse na carreira diplomática. Obstinado em recrutar, espécimes harmoniosos de nossa raça para as representações do Brasil no Exterior, o Barão se esquivou secamente: não enxergou no jovem gordão como ele, e de monóculo, mas nitidamente amulatado, nenhuma qualidade física e ornamental que, ajustada ao seu figurino, o habilitasse para o ingresso no Itamaraty. Mas não estava longe o tempo em que João do Rio haveria de usufruir de benesses diplomáticas, viagens oficiais e hospedagens em embaixadas do Brasil no Exterior. O seu jornalismo abria portas e janelas.

João do Rio celebrou, numa prosa vertiginosa, a alma encantadora das ruas. Tornou imaginária uma cidade real. Intitula-se *Os Dias Passam* outro de seus livros de crônicas. Os dias passavam e ele os olhava. Espreitava os homens e as coisas com olhos de espectador. Parado, era um *voyeur*, atento às graças, vícios e escabrosidades humanas. Andando, era um *flâneur* quase baudelairiano. Cabe-lhe a glória de ter sido o primeiro a introduzir na nossa língua o verbo flanar. Mais do que nenhum outro dos escritores do seu tempo, exprimiu a cidade que se modificava e modernizava sua passagem para um novo estilo de vida. Uma cidade que ele amava quase femininamente e figura até no seu pseudônimo.

O culto do automóvel e do cinema, a música ruidosa, a pedagógica e civilizadora viagem à Europa, a modernização do porto e o combate à febre amarela e outras endemias – providências indispensáveis à nova era cosmopolita – a eletricidade que começava a iluminar a antiga cidade escura, os novos cuidados higiênicos, a repressão à multissecular imundície urbana, os comeres e beberes requintados, os bondes elétricos que haviam substituído os bondes de burros, o mistério sexual que une ou separa as criaturas – estas e outras presenças em sua obra indicam cultural e sociologicamente o ingresso do Brasil no século XX. Não era um pré-moderno, como propalam os historiadores literários seduzidos pelos rótulos simplificadores. Era um moderno – dessa modernidade infixa que passa como os dias passam, e é a contemplação do Oceano por Victor Hugo, a

flânerie de Baudelaire, o *bel aujourd'hui* de Mallarmé, a maneira de olhar o mundo de Machado de Assis, o arlequinismo de Mário de Andrade, a memória proustiana de José Lins do Rego.

Moderno, João do Rio registrou um novo tempo artístico e social, econômico e moral. Em sua prosa imagística, de uma vivacidade e modulação incomparáveis, desfilam a frivolidade, a banalidade e a hipocrisia de uma sociedade cosmética e desespiritualizada, e extremamente ciosa das vantagens e privilégios de sua superioridade hierárquica. Esse mundo do poder do dinheiro, dos ademanes e etiquetas, do ócio herdado, do prazer e de uma licença sexual mascarada em elegância, pudicícia e segredos de alcova, foi por ele retratado ora em cores quentes e fortes, ora num claro-escuro impressionista. Ele escrevia como se pintasse. Ou fotografasse.

Adicionava aos dons e propósitos de documentarista – a textos que são fotografias feitas de palavras – uma imaginação que, às vezes, raia pelo macabro ou alucinatório. As entre-sombras do seu impressionismo impeliam-no a enevoar e europeizar as narrações e cenários locais. E algo de doentio e febril, algo de mórbido percorre o seu universo ficcional, não obstante ser ele o cronista da alegria e do prazer de viver.

Os francesismos e anglicismos que lhe juncam a prosa refletem a cidade que mudava, impondo novos hábitos, novos sonhos, novas músicas, novas ambições – embora muitos vissem neles uma atitude de rastaquera, ou denguices estilísticas decorrentes de sua consabida postura sexual. Muitos dos defeitos que se lhe atribuem são na verdade novas qualidades, marcos de uma contribuição renovadora à nossa literatura. E apesar desses estrangeirismos e neologismos, João do Rio é um escritor de alta e incontestável vernaculidade.

Em sua formação, nutrida pela leitura de Oscar Wilde – de quem traduziu *Salomé* – Jean Lorrain, Remy de Gourmont, Villiers de l'Isle Adam, os irmãos Goncourt, J-K. Huysmans, Anatole France, Guy de Maupassant e Barbey d'Aurevilly, o esteticismo e o decadentismo europeus do fim do século XIX e começos do século XX têm papel e lugar soberanos, após os primeiros passos,

regidos pelo Realismo de Balzac e o Naturalismo de Zola. O seu impressionismo, bebido na estética dos decadentistas e diluidores de formas e cores, está longe de ser um estilo puro, ou uma exclusiva e pura visão artística. É, também, um vigoroso expressionismo. O realismo e o naturalismo das leituras fundadoras o acompanharam na jornada estilística, em que se impôs como um dos renovadores da nossa prosa. Nas crônicas, reportagens e contos, são incontáveis as cenas e episódios chocantes, crus e alucinatórios que realçam o pormenor significativo, o teor insólito e a sombra contrastante. E, muita vez, a sua prosa tem algo de hipnótico.

Sob a pressão ou encomenda do instante, ou de uma ambiciosa conveniência pessoal, João do Rio produzia textos duráveis. Jamais, em toda a história da imprensa brasileira, o jornalismo esteve mais próximo da literatura – ou melhor, sem deixar de ser jornalismo, foi literatura em toda a sua dimensão criadora e artística. Ele selava o momento documental e o quadro fugaz com uma aura de permanência. Não são muitos, entre nós, os que o excedem na prática de uma literatura visceralmente literária, destinada a causar no leitor esse prazer (e às vezes, esse espanto) que só a leitura tem condições de proporcionar.

No exercício de uma crônica social inovadora, chegava até a descrever os vestidos e chapéus das grandes damas da sociedade com olhos e requintes de apurado estilista. Mestre incontestável da reportagem, adentrava-se com igual desembaraço tanto nos terreiros da macumba, bancas das cartomantes, sessões de espiritismo, espeluncas das favelas como nos palácios presidenciais e embaixadas. À sua posse na Academia Brasileira de Letras, em 1910 (tinha ele apenas 29 anos), compareceram o presidente da República, ministros de Estado, embaixadores e as beldades mais acreditadas da época; e proustianas moças em flor lhe jogaram pétalas de rosas quando ele surgiu no salão iluminado – era a primeira vez que um acadêmico envergava o fardão, novidade imitada da Academia Francesa e introduzida entre nós por Medeiros e Albuquerque.

Os êxitos e desenvolturas de quem parecia ter sido escolhido a dedo pelo destino para a fruição deleitosa da vida, comendo e bebendo do bom e do

melhor, e abrigando a sua lépida corpulência em custosas flanelas inglesas, e em fraques e casacas, não poderiam deixar de suscitar invejas e hostilidades. E seu guarda-roupa de *dandy* talvez roçasse por uma certa espalhafatosidade aparelhada para atrair a atenção pública, tanto sob a feição do olhar reverente ou invejoso como do meneio de cabeça reprobatório. João do Rio atraía ou incomodava; um duplo movimento de sedução e rejeição lhe ritmou a vida, respirada entre admirações tenazes até deslumbradas e desapreços aguerridos. Não foram poucos os que, como o ferino e amulatado Humberto de Campos e o amargurado Lima Barreto, se voltaram virulentamente contra ele e o seu sucesso mundano, político, literário e jornalístico. Embranquecido pelo êxito, ele prosseguia no seu caminho de jornalista, escritor e estilista que, com o seu notável descritivismo, tanto sabia falar dos laçarotes de um vestido vindo de Paris como dos andrajos de um mendigo.

Para desapontamento ou estarrecimento dos desafetos, provocados ou gratuitos, até no palco ele brilhava: a sua peça "A bela madame Vargas", cuja encenação foi proibida no Estado Novo como decorrência do sobrenome, era aplaudida pelo público, azedando ainda mais a digestão dos portadores de rancores insubjugáveis. "*La meilleure façon de se venger de ses ennemis, c'est d'être heureux*". João do Rio se ajustava a esta sentença de Voltaire. Era feliz.

Na imprensa, estuário de inflamadas paixões políticas e fervilhações eleitorais, escorriam ao mesmo tempo a velha e grossa chalaça lusitana e a malícia dos jornais da França. Meio único e privilegiado de informação, comunicação e expressão, ela, a imprensa, era o esgoto habitual das penas alugadas ou arrendadas dos viçosos panfletários e foliculários especializados na arte do insulto e da calúnia, e ainda dos louvadores dos *a-pedidos*, que também exigiam a visita prévia às gerências esfaimadas. O jornalismo de João do Rio adota o modelo francês da época. Nele, a objetividade se casa à subjetividade criadora. *O Momento Literário*, que guarda a sombra de tantas figuras destingidas ou esfumadas e notoriedades esborralhadas pelo tempo, parafraseia o *Enquête sur l'évolution littéraire*, de Jules Huret, e *As Religiões do Rio* segue a trilha de *Les petites religions de Paris*, de outro Jules, Jules Blois.

Sobre as *Religiões do Rio* tem cabida acentuar que ainda hoje os antropólogos, historiadores, filólogos e cientistas de vária laia sorvem, em grandes ou pequenos haustos, as suas informações e observações sobre os ritos religiosos e os costumes dos malês, orixás e cabindas nos guetos africanos, então existentes no Rio de Janeiro, e que ele revelou a uma sociedade ciosa de suas prosápias e branquidões e de seu catolicismo, e que se foram desintegrando no correr do século apressado e transformador.

Foi nos escritores estetas, cultores de uma escrita eminentemente artística, que João do Rio aprendeu a ver a vida e os homens, a noite e o dia sucessivos. Nesse escritor admiravelmente dotado para fixar as intermitências de luz e sombra, e o transcorrer das horas frívolas, a noite carioca ocupa um amplo espaço. E é sempre uma noite equívoca. E ele era um visitante da noite.

E, visitante da noite, percorria as ruas: "Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, *snobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pingo de sangue."

Observe-se, nesse trecho introdutório de *A Alma Encantadora das Ruas* não apenas a visão fervorosa da diversidade das ruas, com ênfase numa espécie de viciosidade topográfica, como os dois anglicismos.

Homossexual, era hostilizado por muitos literatos e jornalistas que, encardumados nas redações famélicas, babavam de inveja diante de seu sucesso literário e mundano. A inveja rastejante se estendia até ao seu desembaraço pecuniário. Naquela época, os nacionalistas se insurgiam contra a colônia portuguesa, acusando-a de sugar a economia local. Formador de opinião, João do Rio louvava a chamada "Pátria-Mãe" e defendia a colônia. E os gordos comendadores portugueses, que moravam em palacetes na Tijuca e Rio Comprido, e dominavam o comércio de secos e molhados e os alugueres imobiliários, manifestavam-lhe, generosa e gordamente, a sua gratidão monetária.

A vigorosa lusitanidade de João do Rio não deixava de ter os seus riscos e inconvenientes: oficiais de Marinha, porejantes de nacionalismo, chegaram a dar-lhe uma surra memorável, certa vez, num restaurante do centro da cidade, sob a alegação de que, estipendiado por um país estrangeiro, ele combatia os interesses nacionais no setor da pesca.

Mas voltemos aos passos de João do Rio no contexto de sua humana singularidade. Caída a noite – ou melhor, caídas certas noites – ia ele procurar nas sombras cúmplices do *bas-fonds* carioca o seu alimento ao mesmo tempo confessável e inconfessável. Dessa perversa e sinuosa travessia noturna resultaram os contos "O bebê de tarlatana rosa" e a "A carroça da Semana Santa", jóias supremas da literatura em língua portuguesa. E *Dentro da Noite*, título de um de seus livros de contos.

Sua primeira viagem à Europa levou-o a assinalar o surgimento de uma nova classe social: a do Homem que Viaja. Diz ele; "O homem que viaja é o ser dominante do momento universal", e completa: "Viajar é uma função natural do homem cosmopolita, civilizado e superior."

As viagens a vários países, especialmente à França, asseguraram-lhe a condição de homem cosmopolita, civilizado e superior – e invejado pelos pobres confrades a que o destino cruel impusera a maldição de um sedentarismo inarredável.

O viajante João do Rio sabia ver e observar. No livro *Portugal de Agora*, desce até as entranhas de uma Lisboa sórdida e miserável, e nos faz assistir a uma procissão de mendigos, prostitutas e rufiões, e denuncia a exploração sexual de crianças. Não era só para as baronesas outoniças que os seus olhos se arregalavam. Ele sabia ver o que chamava de "as classes inferiores". Duplo discípulo de Oscar Wilde, na arte e na vida, inseria essa descoberta deprimente em seu esteticismo e hedonismo. Sublinhava: "A miséria de Lisboa! Eu sempre tive como princípio de que só são realmente interessantes os ricos e os miseráveis." Para ele, a vida era um espetáculo. E até um divertimento. Ele amava as ruas. Ele amava os homens. Porém, amava mais as palavras, principalmente quando elas compõem frases afortunadas e paradoxais e servem para pavimentar o caminho da posteridade.

Um ano após a morte de João do Rio, os modernistas de São Paulo se aglutinavam ruidosamente e festejavam também a pressa e a velocidade. Mário de Andrade, poeta da *Paulicéia Desvairada*, saudava a passagem do automóvel – daquele automóvel que, para o poeta futurista Marinetti, o ícone importado do movimento, era mais belo do que a Vênus de Milo. Mas, porfiados em implantar um novo e fervilhante estatuto poético, os álacres e sensacionalistas rapazes pregavam a negação do passado, nomeadamente o mais próximo, representado pela grande e diversificada geração anterior, e na qual avultavam Machado de Assis, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Coelho Neto, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e João do Rio. Assim, embora o autor de *A Alma Encantadora das Ruas* tenha abrigado em sua prosa a metrópole e as primeiras conquistas tecnológicas do século e exprimido a modernidade, não é de estranhar-se o ter resvalado na contestação e no esquecimento. Como todos os movimentos e seitas radicais, o Modernismo paulista não ficou imune à imposição do Terror – esse terror nas letras tão temido pelos talentos periféricos.

Em 1945, ano de morte de Mário de Andrade, foi a vez de uma nova geração insurgir-se contra a estética tornada canônica do Modernismo, e especialmente contra as suas modernices. O outrora festivo sol modernista mergulhara em venerando ocaso, e novas flores (algumas com bastante espinho) desabrochavam no jardim literário. Veio uma nova noite. E nessa noite equívoca – aparentada à noite do *Tableaux de Paris*, de Louis-Sébastien Mercier, do *Les nuits de Paris*, de Réstif de la Bretonne, de Gerard de Nerval, das andanças e descobertas do *Croquis parisiens*, de J-K. Huysmans, dos *flâneurs* solitários e da errância de Baudelaire, desvelada pela iluminação ensaística de Walter Benjamin – voltamos a escutar os passos de João do Rio. Os seus passos na sombra.

Grande romancista da noite, Lúcio Cardoso haverá de somar os seus passos a esses transeuntes malditos e preclaros.

Embora esquecido ou aparentemente esquecido com o advento de novos tempos literários, João do Rio repercute na prosa de Gilberto Amado, na crônica (ou *Conversa Inocente*) de Ribeiro Couto (*A Cidade do Vício e da Graça*), na crônica de laivos ensaísticos, de Genolino Amado; nos romances hoje olvidados de

Théo Filho e Benjamin Costallat e até em ficcionistas mais recentes, narradores da escuridão, voltados para as escabrosidades e perversões sexuais que pululam nas sombras da metrópole em ininterrupto processo de passagem de transformação e de conversão do hoje em um ontem fugitivo.

Os dias passam. As noites passam. Tudo é passagem. E, nesse passar, continuamos a ouvir os passos de João do Rio. Os seus passos na praça deserta. Os seus passos de visitante da noite.

SESSÃO DO DIA 21 DE AGOSTO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Candido Mendes de Almeida, Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, José Sarney, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Marcos Vinicios Vilaça, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 14 de agosto de 2008, que foi aprovada por unanimidade. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos Paulo Coelho, que aniversaria no dia 24, e Alfredo Bosi, que aniversaria no próximo dia 26. Congratulou-se com o Plenário pela presença de trinta Acadêmicos na sessão. Informou que, na última sexta-feira, dia 15, esteve presente, juntamente com os Acadêmicos José Sarney e Marcos Vinicios Vilaça, à sessão comemorativa dos 100 anos de existência da Academia Maranhense de Letras. Foi uma bela festa da inteligência maranhense sob a presidência do Dr. Lino Antonio Raposo Moreira. Esteve também presente o Dr. José Antônio Dias

Tofolli, Advogado Geral da União, representando o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ressaltou que presenciou uma sessão muito importante, durante a qual o Acadêmico José Sarney proferiu belo discurso e lembrou que a Academia teve cinco Acadêmicos Fundadores maranhenses: Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Coelho Neto, Graça Aranha e Raimundo Correia e cinco Acadêmicos Patronos: Adelino Fontoura, Gonçalves Dias, José Francisco Lisboa, Joaquim Serra e Teófilo Dias. Salientou que a Academia foi fundada sob a égide do Maranhão com esses dez nomes que estiveram presentes na sua fundação. Participou ainda, na Academia Mineira de Letras, sob a presidência do Acadêmico Murilo Badaró, da abertura do Seminário Guimarães Rosa. Uma sessão muito importante, com a presença de intelectuais mineiros e do Vice-Governador Antonio Augusto Junho Anastásia, que fez uma bela oração. Informou, também, que esteve em São Paulo, em companhia dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Carlos Nejar, Ivan Junqueira, Antônio Olinto, José Mindlin e a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, para a homenagem que a União Brasileira de Escritores fez ao professor, crítico, ensaísta, historiador e sociólogo Antônio Candido, contemplado com o Prêmio Juca Pato – Intelectual do Ano. Disse que, no seu discurso, o escritor Antônio Candido ressaltou a sua história desde o início como estudante de Direito, passando depois pela sociologia, e lembrou que começou sua carreira de crítico literário em jornal. Finalizando, distribuiu entre os Acadêmicos o calendário da semana cultural da ABL, e destacou a visita da Presidente da *Accademia della Crusca*, pela primeira vez presidida por uma mulher, Dra. Nicoletta Maraschio, que fará conferência intitulada "Una lingua, una civiltà, il vocabolario del 1612", dia 25 de agosto, às 17h30min.

– Passando ao segundo item da Ordem do Dia, eleição para a Cadeira 23, o Presidente Cícero Sandroni deu início ao processo eleitoral para o preenchimento da Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Comunicou que a ela concorriam pela ordem de inscrição, os Srs. Luiz Paulo Horta, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter

Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. Informou que o quórum para a eleição será de 20 votos. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva. Encontravam-se presentes 30 acadêmicos, dos quais 17 votaram pessoalmente. Por carta, votaram 22 Acadêmicos. Dos 39 Acadêmicos que compõem o quadro dos Membros Efetivos da Academia, 1 absteve-se de votar. Eram, portanto, 38 os votantes. Procedeu-se à votação, que teve o seguinte resultado:

Luiz Paulo Horta .....23 votos
Ziraldo Alves Pinto.....11 votos
Anulados.....03 votos
Brancos 01

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu aos escrutinadores, Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva, e declarou eleito para a Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos o Sr. Luiz Paulo Horta. Comunicou que essa Cadeira tem como patrono José de Alencar, como fundador Machado de Assis e como antecessores Lafayette Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol, Otávio Mangabeira, Jorge Amado e Zélia Gattai Amado. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 28 DE AGOSTO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luís Paulo Horta, Marcos Vinicios Vilaça, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 21 de agosto de 2008, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Luís Paulo Horta, que, após sua eleição, pela primeira vez comparece à sessão plenária. Informou que recebeu da Pacca e Dodd Advogados Associados, empresa de advocacia e administração de imóveis da Netumar, um cheque de R$ 88.593,54 (oitenta e oito mil, quinhentos e noventa e três reais e cinqüenta e quatro centavos), referente ainda àquele total que estava sub-júdice. Pediu ao Acadêmico Evanildo Bechara que desse informações ao Plenário sobre o "I Colóquio Nacional sobre a Língua Literária: Aspectos e Ensino", que acontecerá no Liceu Literário Português, de 8 a 12 de setembro.

– O Acadêmico Evanildo Bechara informou que o Liceu Literário Português convida a todos para comparecerem às atividades do "I Colóquio Nacional sobre Língua Literária: Aspectos e Ensino". O Liceu Literário tem batido na tecla de língua literária porque a universidade brasileira, de um modo geral, levada em grande parte pela metodologia e pela teoria da lingüística moderna, enfatiza a língua na sua expressão espontânea, e não na sua expressão literária. A lingüística acha que a expressão literária corrompe a naturalidade da língua. Salientou que no Liceu Literário Português há o desejo, como é o da ABL, de preservar a tradição da língua escrita. O Liceu Literário Português anunciou que estarão presentes ao colóquio mestres do Brasil e de outros países. O evento tem três objetivos fundamentais: primeiro, comemorar os cento e quarenta anos do Liceu; segundo, assinalar os cem anos da morte de Machado de Assis, associando-se às comemorações deste centenário; e, terceiro, acolher uma lembrança dos amigos à comemoração dos seus oitenta anos. Finalizando, disse que o Liceu Literário Português espera a presença dos confrades para essas atividades que, de um modo geral, se realizam na parte da tarde.

– O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça a generosa doação à Biblioteca Rodolfo Garcia da edição das *Obras Científicas, Políticas e Sociais* de José Bonifácio de Andrada e Silva, coligidas e reproduzidas por Edgard de Cerqueira Falcão, em três volumes. Comunicou que esteve em conversa com um diretor de Assuntos Corporativos da Farmácia Raia para que os Acadêmicos recebam descontos nos seus remédios. Para venda em grupo haveria um desconto padrão de 15% sobre qualquer preço. Cada Acadêmico receberia um cartão magnético para comprar, ou na farmácia, ou por telefone, esses medicamentos que chegariam ao destino em 30 minutos. O pagamento poderia ser feito em bloco pela Academia e depois descontado na representação mensal.

– O Acadêmico Lêdo Ivo encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Teatro em Foco*, do Acadêmico Sábato Magaldi, editado pela Perspectiva. Lembrou que viu o Acadêmico nascer como crítico teatral, uma vez que a sua amizade dura sessenta anos. Foi uma trajetória admirável. Salientou que

o Acadêmico é não só o maior historiador do teatro, com a sua clássica *História do Teatro Brasileiro*, mas também o maior crítico de teatro da história do Brasil, tendo sua atividade crítica se iniciado na década de 1940. Ressaltou que este livro é mais um documento do seu labor como crítico, um livro extremamente rico, porque se estende desde o teatro de José de Alencar até a atualidade. Salientou que o livro toca num dos problemas mais cruciais do teatro brasileiro que é a falta de apoio oficial. Embora Paul Valéry tenha dito que a literatura tem um valor de estado, no Brasil este valor não é reconhecido. Um livro extremamente rico e minucioso que ressalta a função e a ética do crítico.

– O Acadêmico Sábato Magaldi agradeceu as generosas palavras do Acadêmico Lêdo Ivo.

– O Presidente Cícero Sandroni observou que o Acadêmico Lêdo Ivo falou por todos os seus confrades sobre a obra de Sábato Magaldi, tão fundamental na história do teatro como também no estudo e no ensaio de autores, atores, cenógrafos e iluminadores que trabalham nesse mundo mágico do teatro.

– O Acadêmico Carlos Nejar entregou à Biblioteca da Academia dois livros: o primeiro, editado pela ABL, graças ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que é um estudo sobre a obra de Augusto de Lima, grande poeta parnasiano. O segundo, *Navegante*, de Paulo Bomfim, um livro belíssimo, sobretudo por seus aforismos mágicos.

– O Presidente Cícero Sandroni salientou que o livro sobre a obra de Augusto de Lima é uma publicação da Academia Brasileira de Letras sob a direção dos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin, José Murilo de Carvalho e José Mindlin. Um poeta esquecido que, no seu discurso de posse, disse ser um homem triste que sucedia a dois homens alegres, França Júnior, Patrono da Cadeira, e Urbano Duarte. Quanto a Paulo Bomfim, um poeta de larga tradição, disse que esteve com o escritor em São Paulo. Um escritor íntegro do ponto de vista moral e ético que, apesar de seus mais de oitenta anos está em plena atividade.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin agradeceu as palavras do Acadêmico Carlos Nejar e encaminhou à Biblioteca da Academia a mais recente obra do Acadêmico Moacyr Scliar, *O Menino e o Bruxo*, que se inclui no âmbito das comemorações do centenário machadiano. Uma edição muito bem cuidada, com projeto gráfico de Victor Burton. Acrescentou estar certo de que o livro vai ajudar a juventude a tomar contato com a obra de Machado de Assis.

– O Acadêmico Moacyr Scliar agradeceu as palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin e salientou a repercussão impressionante do centenário de Machado de Assis junto ao público jovem. Registrou que no próximo dia 5 de setembro transcorre o centenário de Josué de Castro. Formado em Medicina no Recife, interessou-se depois pelo assunto da nutrição. Autor do livro *Geografia da Fome*, que marcou a história do Brasil, ali estabelece um conceito geográfico da fome. Divide o Brasil em regiões e, de acordo com a dieta dessas regiões, concluiu que a maior parte da população brasileira passava fome. Figura reconhecida, em 1964 foi exilado. O Acadêmico Moacyr Scliar acha que é importante lembrá-lo, porque a questão da fome está retornando, não é o Fome Zero, mas a questão da fome como uma possibilidade mundial, em função do aumento da demanda alimentar sem uma correspondente contrapartida na produção. Informou também que tomou posse, no dia de hoje, no Ministério da Cultura, o Ministro Juca Ferreira, uma pessoa extremamente dedicada e séria. Na sua opinião, a área do livro e da leitura terá um forte apoio.

– O Acadêmico Marco Maciel disse que o Senado Federal realizou uma sessão especial em homenagem a Josué de Castro, por iniciativa do Senador Jarbas Vasconcelos. Informou que esteve presente à sessão Ana Maria Castro e os dirigentes da Fundação Josué de Castro, cuja sede fica em Olinda. Informou que no dia 20 de agosto foi aberta, no Senado Federal, a exposição sobre Guimarães Rosa. Estiveram presentes o Presidente do Senado Federal, Senador Garibaldi Alves Filho, a Senhora Wilma Guimarães Rosa e parlamentares.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre Josué de Castro, acrescentou que foi seu amigo pessoal e lembrou de como a vida nos faz sofrer com a perda

de entes queridos. Disse ainda que se morre de amor, como foi o caso de Dorival Caymmi e Adonias Filhos, mas se morre de tristeza também. Discorreu sobre uma das últimas viagens feita por Josué de Castro em que ocorreu um terrível desastre. Teve uma ligação muito estreita com Josué de Castro e foi testemunha de que ele morreu de tristeza por não poder voltar ao Brasil. Sempre que o visitava, trazia a angústia de não poder voltar ao Brasil pelo fato de ter sido cassado de um modo que ele mesmo não entendeu, e hoje, com o passar do tempo, entende-se menos ainda. Trazia sempre a sensação de que se havia cometido contra um grande brasileiro uma enorme injustiça. Ressaltou que Josué de Castro não recebeu o Prêmio Nobel da Paz porque não teve o apoio do governo brasileiro. No caso de Josué de Castro, o governo trabalhava contra, por isso não foi o primeiro brasileiro a receber a maior láurea mundial. Pioneiro no tratamento da desnutrição, criou o Instituto de Nutrição da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e se aliou a outro pernambucano ilustre, também estudioso do ciclo do caranguejo, que foi Nelson Chaves. Um homem que poderia ser da Academia Brasileira de Letras, com livros universalmente aceitos, merece mais do que estas simples referências. Finalizando, entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *O Labirinto e os Sinais*, do Professor Silvio Castro. Um exercício de crítica de arte que fez durante esses anos todos em que vive na Itália.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu aos Acadêmicos Arnaldo Niskier e Moacyr Scliar a lembrança do centenário do nascimento de Josué de Castro. Informou que no dia 29 de agosto haverá um seminário sobre a obra desse grande médico. Propôs que os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Moacyr Scliar organizassem um seminário em sua homenagem. Informou ainda que recebeu o convite para a posse do Ministro da Cultura, Juca Ferreira, enviou um telegrama em nome da Academia e espera que o Ministro se volte para os problemas de literatura e do livro, porque até agora, neste ano de Machado de Assis, o Governo Federal nada fez em relação ao seu centenário de morte. Acha que agora, com o Ministro Juca Ferreira, o diálogo possa ser um pouco mais produtivo.

– A Acadêmica Ana Maria Machado lembrou ao Acadêmico Moacyr Scliar que o projeto do governo não é do livro e da literatura: chama-se Plano Nacional do Livro e da Leitura. Ressaltou que, com relação à literatura, não há nada que o governo esteja fazendo.

– O Acadêmico Ivan Junqueira, no Capítulo das Efemérides discorreu sobre Tomás Antônio Gonzaga. Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

– O Acadêmico Domício Proença Filho congratulou-se com o Acadêmico Ivan Junqueira pelo texto sobre Tomás Antônio Gonzaga e informou que a 48.ª edição das obras completas de Tomás Antônio Gonzaga se encontra no livro *A Poesia dos Inconfidentes*, volume único que reúne as obras de todos os árcades.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet congratulou-se com as palavras do Acadêmico Ivan Junqueira, dizendo tratar-se de uma síntese perfeita do ponto de vista biográfico e da crítica interna da obra de Tomás Antônio Gonzaga. Registrou o enraizamento de Gonzaga no Iluminismo, pois ele é basicamente muito mais um iluminista tardio do que um pré-romântico prematuro. Os traços do Iluminismo se notam não apenas nas *Liras*, mas em outras obras, como n' *O Tratado do Direito Natural*, no qual existem trechos inteiros que traem a influência de Voltaire na condenação do despotismo, e nas próprias *Cartas Chilenas,* onde há passagens que são puramente setecentistas na crítica do obscurantismo clerical, na condenação da tirania e do escravismo. Registra nesta obra quase uma apologia dos quilombolas, uma vez que pelo Direito Natural eles tinham o direito de fugir e escapar da opressão de que eram vítimas. Com relação ao Romantismo, fez um pequeno reparo no sentido de que os românticos no Brasil não foram alheios à influência de Gonzaga. Propôs que se fizesse um estudo da recepção de Gonzaga por parte de alguns românticos. Quem lê Tomás Antônio Gonzaga se impressiona em ver que nos seus poemas existe uma transfiguração romântica da estética e da poética. Vale a pena considerar isso para relativizar a idéia de um Gonzaga que não foi precursor do Romantismo. Houve uma recepção de Gonzaga por parte dos românticos, e não apenas dos "menores", como Castro Alves.

Com relação às *Cartas Chilenas,* lembrou que um dos maiores intérpretes de Gonzaga foi Afonso Arinos de Mello Franco, que estabelece a verdadeira autoria de Tomás Antônio Gonzaga.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu a referência generosa feita ao seu pai e disse que isso causou uma extraordinária divergência familiar porque Caio, irmão de Afonso Arinos, tinha escrito um livro atribuindo as *Cartas Chilenas* a Cláudio Manuel da Costa. Entre os dois irmãos havia uma disputa, sempre brincalhona, mas sabe-se que *As Cartas Chilenas* são de autoria de Tomás Antônio Gonzaga.

– O Acadêmico Lêdo Ivo destacou três itens relacionados com a comunicação do Acadêmico Ivan Junqueira. A primeira é que o Acadêmico pertence a uma rara linhagem intelectual brasileira que é a dos grandes poetas do passado literário brasileiro, ao lado de Manuel Bandeira, Augusto Meyer e Mario de Andrade. Em segundo lugar, lembrou que estava no Porto, perto da Rodoviária, e viu numa velha casa uma placa onde dizia: "Aqui nasceu Tomás Antônio Gonzaga", o que achou curioso porque no Brasil quase nenhum poeta dessa época deixou casa. Em terceiro lugar, salientou que Afonso Arinos de Mello Franco não foi apenas um curioso da poesia de Gonzaga, pois publicou, na década de 1940, *Marília de Dirceu.* Lembrou que Afonso Arinos teve uma briga com Augusto Frederico Schmidt, em represália a um artigo em que Schmidt chamou Afonso Arinos de o mafioso poeta de *Marília de Dirceu.*

– O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo e, com relação à observação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, disse que, ao sublinhar que não se deve entender Gonzaga como um pré-romântico, isto se deve ao fato de que ele não poderia ser incluído numa escola pré-romântica que nunca existiu. Que Gonzaga foi precursor de algum romantismo, não há dúvida nenhuma, pois o grande ingrediente de *Marília de Dirceu* é justamente uma ponta do iceberg do grande movimento romântico, que eclodiria com o grupo a que pertenceram Teófilo Dias e Gonçalves Dias.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que, na data de hoje, fazem dezoito anos do falecimento de Afonso Arinos de Mello Franco.

– Nada mais havendo a tratar, o Presidente deu por encerrada a sessão.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

*Estudo do Acadêmico Ivan Junqueira**

Filho de pai brasileiro, João Bernardo Gonzaga, que foi ouvidor em Pernambuco, e mãe portuguesa de ascendência inglesa, Tomás Antônio Gonzaga nasceu no Porto em 11 de agosto de 1744. Conheceu o Brasil ainda menino, aos oito anos de idade, durante o período de 1751 e 1761, quando concluiu seus primeiros estudos em conventos franciscanos da Bahia, tanto assim que, ao regressar a Portugal, trouxe consigo os certificados de que havia completado os estudos de filosofia e retórica, juntamente com os de latim, indispensáveis para a matrícula na Universidade de Coimbra, pela qual se doutorou.

Gonzaga só voltou ao Brasil em 1782, ano em que foi nomeado ouvidor de Vila Rica, atual Ouro Preto, pouco depois de exercer o cargo de juiz em Beja. Tinha, portanto, 38 anos, e ninguém nessa idade seria capaz de adquirir espiritualmente outra nacionalidade, razão pela qual permaneceu português no sentimento e na poesia que escreveu. Sabe-se que, ao chegar em Vila Rica, fez amizade com o grupo de poetas liderados por Cláudio Manuel da Costa, que também estudara em Coimbra. Foi ali que Gonzaga conheceu, além de outras musas, Maria Doroteia Joaquina de Seixas, vinte anos mais moça do que ele, a quem dedicou versos sob o nome poético de Dirceu, chamando-a de Marília, e com quem acertou casamento pouco antes de ser nomeado desembargador da

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 28 de agosto de 2008.

relação da Bahia, cargo que não chegou a assumir, pois foi denunciado como participante da Inconfidência Mineira.

Na noite de 21 de maio de 1789, sua casa foi cercada, o poeta preso e enviado para o Rio de Janeiro. Encarcerado por três anos na ilha das Cobras, foi condenado afinal à prisão perpétua, mas teve a pena comutada em degredo de dez anos em Moçambique. Gonzaga sempre negou sua participação na Inconfidência e fez sua defesa de próprio punho, embora tenha sido esta firmada por José de Oliveira Fagundes, mestre régio de poética e retórica. A prisão do poeta deve-se antes às amizades que mantinha com muitas das pessoas envolvidas no movimento, sobretudo os poetas da Arcádia mineira. Se, como já pretenderam alguns, Gonzaga houvesse de fato enlouquecido naquela distante ilha africana, em razão da ausência de sua amada Marília, talvez fosse cabível evocar-se algum rastilho da pólvora à qual se refere Assis Chateaubriand em seu discurso de posse, na Cadeira 37, que hoje ocupo e que por ele foi qualificada de "explosiva".

Mas a verdade é bem outra, e de descabelada ou romântica pouco tem. Em Moçambique, Gonzaga desfrutou de boa situação social e administrativa, casando-se com a filha de um rico mercador e vivendo burguesamente seus últimos dez anos de existência, o que confere com o que dele diz Rodrigues Lapa, na mais autorizada edição dos textos gonzaguianos, quando observa que a obra do poeta, "no que ela tem de mais profundo e certamente mais duradouro, é a viva concretização do ideal familiar e burguês, para que tendiam os espíritos do século XVIII". Gonzaga veio a falecer em 1810, quando sua obra já poderia ser identificada com o que hoje chamamos de um *best-seller*.

O arcadismo ilustrado e o neoplatonismo quinhentista de Gonzaga são flagrantes em sua *Marília de Dirceu*, que alcançou a sexta edição ainda em vida do autor. Trata-se de uma obra que se deixa embeber de um sentimento idílico e contemplativo, tendo como pano de fundo o *locus amenus* da poesia pastoril, neste caso a paisagem de Minas Gerais. É nesse passo oportuno transcrever o que sublinha, a propósito dos árcades, Adelto Gonçalves, autor de *Gonzaga, um poeta do Iluminismo*, a mais completa e abrangente das biografias do autor, publicada em 1999: "De todos, Gonzaga é o mais apegado à tradição clássica

no sentimento e na linguagem. São comuns em sua poesia os cenários da vida pastoril, o que significa que também o árcade Domingos do Reis Quita pode ter contribuído para a sua formação."

Apesar do erotismo e do sentimento elegíaco que afloram em alguns dos versos da *Marília de Dirceu*, temperados por alusões mitológicas e pelo bucolismo, Gonzaga não deve ser identificado como um pré-romântico. Foi árcade até o fim, e como tal se comporta quando escreve os versos satíricos das *Cartas chilenas*, onde jamais excede a medida neoclássica do Barroco seiscentista português. É que Gonzaga, como todos os demais poetas do período, tem formação clássica e é filho da retórica, disciplina agonizante na segunda metade do século XVIII e que só passaria a ser contestada no limiar do século seguinte, quando surgem as sátiras de estilo realista. Essas *Cartas chilenas*, cuja autoria foi afinal comprovada pelos estudos de Rodrigues Lapa e Manuel Bandeira, entre outros, denunciam a prudência conservadora do autor, que nelas raramente ultrapassa o nível das discórdias pessoais, embora todo o poema possa ser entendido como uma sátira aos desmandos do Fanfarrão Minério, identificado como o governador Luís da Cunha Meneses, desafeto político de Gonzaga.

Sem grandes vôos filosóficos ou temática arrojada, a poesia de Gonzaga, como a dos demais árcades, valoriza-se através da forma, onde melhor evidencia o seu engenho poético, que é — repetimos aqui — essencialmente português, apesar da influência que recebeu o autor das modinhas baianas que ouviu na juventude vivida em Salvador. Isso não impede, como agudamente observa Antônio Cândido, que Gonzaga seja "um dos sete ou oito poetas que trouxeram alguma coisa à nossa visão do mundo; e, nas literaturas românticas do tempo, forma, sem deslustre, ao lado de um Bocage".

SESSÃO DO DIA 4 DE SETEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Moacyr Scliar, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luís Paulo Horta, Marcos Vinicios Vilaça, e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 28 de agosto de 2008, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos José Murilo de Carvalho e José Mindlin, que aniversariam no dia 8 de setembro próximo. Deu notícias do falecimento da Sócia Correspondente da Casa, Luciana Stegagno Picchio, informando como será feita a eleição para a sua vaga: declarada aberta esta, os Acadêmicos terão trinta dias para discutir o nome do candidato que será apresentado a uma Comissão previamente nomeada. Deu ciência de que a Presidência indicou o Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça para fazer parte do Conselho Curador da Fundação José Sarney, representando a Academia Brasileira de Letras. Comunicou que, atendendo a uma solicitação da ABL, por sugestão do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, o Prefeito César Maia

tombou a casa da Rua da Lapa, n. 96, sobrado onde Machado de Assis e Carolina viveram onze anos e seis meses. Finalizando, agradeceu a doação feita pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho de duas fotografias para figurarem no Arquivo do Acadêmico Afrânio Peixoto. As fotografias retratam o ilustre Acadêmico em dois momentos distintos: o primeiro, por ocasião de uma conferência de Afrânio Peixoto na Associação Brasileira de Educação. A segunda, datada de 27 de dezembro de 1944, apresenta Afrânio Peixoto e convidados por ocasião do lançamento de 25 obras literárias daquele Acadêmico editadas pela livraria Jackson, na Associação Brasileira de Imprensa. Ressaltou que esta doação enriquece o acervo iconográfico da Casa, importante fonte para construir a história cultural do país.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho salientou que notícia do tombamento do sobrado é excelente, porque o mesmo se encontra em péssimas condições. Salientou que a idéia anterior de se colocar uma placa no prédio, na situação em que está, seria um desserviço à memória de Machado de Assis. Acha que tombar e reformar o prédio é uma auspiciosa notícia, e espera que esta reforma seja executada em breve prazo.

– O Presidente ressaltou que o primeiro ponto é o tombamento, para evitar a especulação imobiliária. Enalteceu a brilhante iniciativa do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar a doação, para a Biblioteca Lúcio de Mendonça, de seu livro *O Inquilino da Urca*, onde, com a sua poesia, narra as experiências como morador daquele bairro e o seu ingresso na comunidade de cidadãos cariocas que vieram de outros Estados. Deu ciência ao Plenário de que a Academia comprou uma caixinha de madeira que pertenceu a Machado de Assis, presenteada à Senhora Ana Maria Leão Teixeira pela Senhora Laura Leitão de Carvalho, sobrinha neta de Carolina. A autenticidade da procedência da peça foi assegurada pelos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e o Senhor Anselmo Maciel, museólogo da Casa. Este objeto irá enriquecer o patrimônio da ABL, no que toca aos pertences de Machado de Assis.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet compartilhou com o Plenário a indicação preciosa do paradeiro das duas únicas cartas ainda existentes que Machado de Assis escreveu à Carolina, em 2 de março de 1869. Informou que a sobrinha trineta de Carolina, neta da Senhora Laura Leitão de Carvalho, falou-lhe que as cartas estão no Museu da República. Foi até o Museu e descobriu que, no final de uma das cartas, Machado de Assis diz à Carolina: "Querida, vamos casar e quando isso acontecer todos os obstáculos serão vencidos. Teremos alento para tudo, queimaremos o mundo". Tem certeza que muitos devem ter estranhado essa tendência piromaníaca desconhecida em Machado de Assis. Com a ajuda da Senhora Irene Moutinho, grande especialista em decifrar coisas indecifráveis, conseguiram ver que a palavra é "ganharemos" o mundo, e não "queimaremos" o mundo, o que absolve Machado de Assis de eventuais acusações de incendiário.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que está trabalhando de uma forma incrível em busca de novas cartas.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho informou que, pesquisando no arquivo de Lúcio de Mendonça, encontrou uma carta de Machado de Assis a Lúcio de Mendonça, datada de 1900, em que ele acusa o recebimento da carta sobre *Dom Casmurro*. Trata-se de uma carta inédita onde Machado de Assis agradece os elogios que Lúcio de Mendonça faz ao *Dom Casmurro*.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin falou sobre Luciana Stegagno Picchio, Sócia Correspondente da ABL. Disse tratar-se de uma das maiores estudiosas e divulgadora da cultura e da literatura brasileira na Itália. Modernizou os estudos literários brasileiros, através da publicação de uma excepcional *História da Literatura Brasileira*, e foi incansável divulgadora da obra de Murilo Mendes. O que se conhece hoje da qualidade e do conjunto da obra do autor deve-se integralmente à dedicação e à tenacidade de Luciana Stegagno Picchio. Falou, também, do falecimento de Alphonsus de Guimaraens Filho, poeta discreto, de alta qualidade, apreciado pela sutileza de seus versos e que, além da poesia se notabilizou na organização de edições críticas, em especial de seu pai Alphonsus de Guimaraens, de quem preparou

a edição da poesia completa. De seu tio-avô, Bernardo de Guimaraens, preparou, nos anos 50, para o Instituto Nacional do Livro, uma compilação de sua poesia. Lamentou a morte de pessoas tão importantes e vinculadas à literatura brasileira. Registrou que, para o Prêmio Jabuti deste ano, foram indicados seis Acadêmicos como finalistas. Ressaltou que é muito honroso para a Casa contar com livros dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, José Murilo de Carvalho, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Moacyr Scliar e Carlos Heitor Cony, disputando a grande láurea. Finalizando, registrou a presença da Academia Brasileira de Letras no Simpósio Internacional Caminhos Cruzados Machado de Assis, pela crítica mundial.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que a intervenção mais brilhante foi feita pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Uma intervenção que conseguiu o prodígio de dar um título lacaniano a um texto inteligível, inteligente e original, estabelecendo reflexões em torno da relação de paternidade e filiação em Machado de Assis e José de Alencar.

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e acrescentou que também concorre ao Prêmio Jabuti o livro de Augusto Meyer sobre Machado de Assis, editado pela Record, em co-edição com a Academia Brasileira de Letras.

– O Acadêmico Lêdo Ivo manifestou a sua consternação diante do falecimento do poeta Alphonsus de Guimaraens Filho. Um dos maiores poetas do século XX. Conheceu-o logo que chegou ao Rio de Janeiro, porém na província já havia lido seu livro *Lume de Estrela*. Título bastante significativo porque, ao longo de sua trajetória poética, Alphonsus de Guimaraens Filho foi um poeta noturno, estelar, voltado para os mistérios da noite e da alma. Nesse sentido, foi mais um poeta simbolista do que um poeta modernista. Finalizando, apresentou um nome para suceder à saudosa Luciana Stegagno Picchio, na Cadeira 6, do Quadro de Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo sobre o saudoso Alphonsus Guimaraens Filho.

– O Acadêmico Ivan Junqueira associou-se às palavras dos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e Lêdo Ivo sobre o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho. Seu amigo pessoal e vizinho na época em que morou no Cosme Velho. Um poeta puro, no sentido de que viveu de, para e com a poesia durante toda a sua existência. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Acadêmica Brasileira de Letras*).

– O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Ivan Junqueira sobre Alphonsus de Guimaraens Filho.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se às manifestações feitas sobre Alphonsus de Guimaraens Filho, o último grande poeta simbolista brasileiro. Sobre Luciana Stegagno Picchio disse que foram próximos desde a primeira vez em que morou em Roma. Foram aproximados por Murilo Mendes quando este foi nomeado Adido Cultural na Espanha, mas manifestações antifranquistas o impediram de fixar-se naquele país. Em Roma, lecionava literatura brasileira na Universidade, e Luciana era sua aluna mais aplicada, deixando de ser aluna para continuar, não só dedicada a Murilo Mendes, mas também à literatura brasileira. Luciana Stegagno Picchio com Murilo Mendes foi perfeita quando editou as obras completas do autor. Grande amiga de Murilo Mendes, de uma dedicação filial até o fim de sua vida. A ela devemos o que se tem hoje, de organizado, desse grande poeta mineiro.

– O Acadêmico Evanildo Bechara associou-se às manifestações de pesar a respeito de Luciana Stegagno Picchio. Catedrática da Universidade de Roma, Sócia Correspondente desta Academia e a quem muito deve a literatura portuguesa e a brasileira. Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras.*

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Evanildo Bechara as palavras sobre Luciana Stegagno Picchio.

– O Acadêmico Antônio Olinto chamou a atenção para a edição de dois livros de poesia de dois Acadêmicos presentes. O primeiro, *O Inquilino da*

Urca, do Acadêmico Carlos Nejar, contendo sonetos maravilhosos, inclusive porque comemora os cem anos do bairro da Urca. O segundo, do Acadêmico Lêdo Ivo, *Réquiem*, um grande livro de poesia. Manifestou seu pesar pelo falecimento de um romancista que quase ninguém conheceu chamado Ricardo Guilherme Dick, que ganhou o Prêmio Walmap. Lembrou que, quando Roberto Campos foi eleito Senador, conversou com ele sobre esse grande escritor de Mato Grosso, que não conseguia publicar há anos, estava sem emprego e passando fome. Roberto Campos falou com o Governador e Ricardo Guilherme Dick foi nomeado oficialmente funcionário do Estado, para corrigir originais do Governo e com isto pôde mater-se até a sua morte. A viúva esclareceu-lhe que o escritor deixou cinco romances.

– O Presidente Cícero Sandroni já se informou sobre o fato de que uma pequena editora publicou um romance de Guilherme Dick. Não entende como um escritor do seu porte ficou esquecido na literatura nacional.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho leu o poema n.º 5 do livro *Réquiem* do Acadêmico Lêdo Ivo. Acredita ser esta a melhor homenagem que se pode fazer a um poeta.

– O Acadêmico Domício Proença Filho solicitou a inserção, nos *Anais da Academia Brasileira de Letras,* do artigo de Maria Clara Bingemer, teóloga e professora da PUC, que antecipa o perfil do Acadêmico Luiz Paulo Horta. Leu uma pequena passagem deste artigo, que será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras.*

– O Presidente Cícero Sandroni informou que as palavras proferidas pelos Acadêmicos sobre Luciana Stegagno Picchio e Alphonsus Guimaraens serão enviadas às famílias.

– Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

*Palavras do Acadêmico Ivan Junqueira**

Todos os sonetos

A publicação de *Todos os Sonetos* de Alphonsus de Guimaraens Filho** nos ensina, pelo menos, duas graves e belas lições: uma a de que o soneto, cujas obscuras origens remontam à produção poética dos trovadores provençais – ou, mais historicamente, à forma que o siciliano Piero delle Vigne começou a cultivar em meados do século XIII e que, pouco depois, foi aperfeiçoada por Guittone d'Arezzo, o único "pai do soneto" tal como hoje o conhecemos – sobrevive e sobreviverá a quaisquer revoluções doutrinárias ou eventuais mudanças no gosto estético; outra, a de que o autor do volume em pauta deve ser incluído, sem favor nenhum, ao lado daqueles que com maior mestria o praticaram entre nós, como Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Odylo Costa Filho, Dante Milano, Carlos Pena Filho ou Alphonsus de Guimaraens, pai do poeta e um dos corifeus do simbolismo (a quem Alphonsus, aliás, não chegou a conhecer). Pasme o leitor: a coletânea reúne nada que 296 sonetos, e em nenhum momento se pode dizer que haja desnível entre eles. Pode-se, isto sim, preferir este ou aquele, mas seria apenas uma idiossincrásica e irrelevante questão de

* Proferidas na sessão do dia 04 de setembro de 2008.

** GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Todos os Sonetos*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 1996.

gosto pessoal, pois a perícia é a mesma em cada um deles – e, mais do que esta, é a mesma a autêntica e funda emoção que os inerva a todos.

Não foi à toa, portanto, que assim o entenderam, antes de nós, poetas e ensaístas da estirpe de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Drummond, Lúcia Miguel Pereira e José Guilherme Merquior, entre tantos outros.

Herdeiro do lirismo intimista e da reflexão religiosa de que se nutriram muitos de nossos simbolistas, os sonetos de Alphonsus de Guimaraens Filho, que se distinguem da produção daquela escola pela intrínseca modernidade de seu espectro temático, são como que organismos vivos. Penso que cabe aqui esta observação algo tautológica, porque, em sua grande maioria, os poetas que entre nós se afeiçoaram ao soneto nada mais fizeram do que cultivá-lo *in vitro*, tornando assim caduca uma forma que, em sua dinâmica e coesa estrutura, simplesmente não tem idade, como não a têm, de resto, a balada, a ode, o hino, a canção ou qualquer outro gênero de composição poética. Não é a forma em si que envelhece, e sim quem a cultiva. E se não raro a envelhecem, também a envilecem, como aconteceu com muitos dos integrantes da Geração de 45, aos quais erroneamente Alphonsus de Guimaraens Filho é amiúde associado. Segundo cremos, a propósito, sua sensibilidade poética transita do Simbolismo ao Modernismo, mas não passa pelo formalismo de 45. Seus esplêndidos e densos sonetos são menos fôrma do que forma, e nesta o que encontramos jamais se dissocia de um conteúdo que lateja a cada passo, ou seja, de uma emoção que lhe dá vida e, conseqüente – mente, permanência. E só um poeta de sua têmpera seria capaz desse milagre, que é, de resto, o milagre de toda grande e duradoura arte.

Temos nesses sonetos uma difusa multiplicidade de temas e problemas: os do amor, da morte, da fugacidade do tempo, do sentido profundo da fé, da caducidade e da contingência das coisas, do desespero humano, da ausência nostálgica de um mundo que se perdeu ou, como diria Leopardi num poema que dedicou a si mesmo, da *"infinita vanità dei tutto"*. Temos neles, ainda, não apenas o zelo pelas mais caras tradições da língua, mas também o pleno e fundo conhecimento da forma que elegeu o poeta: Alphonsus esgrima aqui todas as

vertentes dessa difícil, contida e traiçoeira arte, desde o soneto que se cristalizou, durante a vigência do *dolce stil nuovo*, com Dante, Petrarca e Camões, àquele que Surrey e Wyatt modificaram para criar o *link-sonnet*, depois cultivado por Shakespeare, com três quartetos e um dístico rimado. O que mais surpreende neste espantoso *récueil* de quase trezentos sonetos é a espontaneidade e a graça com que foram escritos, como se o autor nos desse a impressão de que está livre justamente por estar cativo. O exemplário é, por assim dizer, cornucópico, e fica difícil, ou quase impossível, recorrer a uma única amostra para que o leitor nos dê crédito. Enfim, que bastem estes tercetos do magistral soneto que Alphonsus dedica a Dante Milano:

> E a cousa branca mais se esquiva, ansiosa
> De paz e ausência, doce e luminosa,
> Para que nela a cabeça ainda deponha
> o poeta que o sonho transfigura,
> que o sonho envolve, e na luz cega e pura
> irreal se torna, e existe porque sonha.

VOTOS DE PESAR PELA PERDA DE LUCIANA STEGAGNO PICCHIO*

Acadêmico Antonio Carlos Secchin

Senhor presidente, senhora acadêmica, senhores acadêmicos. É uma notícia muito triste a de falecimento da professora Luciana Stegagno-Picchio, sócia-correspondente aqui da Casa, uma das maiores, senão a maior estudiosa e divulgadora da cultura e da literatura brasileira na Itália. Ela modernizou em seu país os estudos literários brasileiros, não só através da publicação de uma excepcional História da literatura brasileira que primeiro saiu lá e que já traduzida aqui, publicada pela editora Aguilar. Na França, ela publicou na famosa coleção *Que sais-je* o pequeno volume *La Littérature brésilienne*. Foi também uma inseparável divulgadora da obra de Murilo Mendes que hoje conhecemos se deve à dedicação, à tenacidade e ao rigor filológico de Luciana Stegagno-Picchio, organizadora de uma até hoje insuperada edição crítica e completa da poesia de Murilo Mendes. Lamentamos muito essa morte de pessoa tão vinculada à literatura brasileira.

Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco

Luciana foi minha amiga muito próxima desde a primeira vez que eu morei em Roma, durante a segunda, mais ainda. Da primeira vez, fomos aproximados

* Proferidos na sessão do dia 04 de setembro de 2008.

por Murilo Mendes. Murilo tinha sido nomeado adido cultural do Brasil na Espanha, mas, manifestações antifranquistas que ele já tinha feito, impediram-no de que ele se fixasse na Espanha. Delicadamente, o governo espanhol pediu a retirada de Murilo Mendes, e ele foi parar em Roma. Em Roma, lecionava Literatura Brasileira na Universidade, e Luciana era uma bela aluna dele. Eu digo muito bonita – talvez Nelson se lembre daquele formidável cinema italiano do após-guerra, não me lembro qual era o filme, em que havia um hospital militar, e Luciana era uma formosa enfermeira nesse hospital militar. Ela foi uma aluna muito dedicada e deixou de ser aluna para continuar, não só dedicada a Murilo Mendes, mas à literatura brasileira. Esta deve muito a Luciana, com a sua história, tanto em italiano quanto em português. É um trabalho admirável o que ela fez com a obra de Murilo, porque o poeta era bastante desordenado, e ela organizou um livro perfeito, magistral para a Nova Aguilar, se não estou enganado, a edição completa.

Luciana foi, sobretudo, uma grande amiga dele. Eu me lembro de que no fim da vida, Murilo testava isso. Morreu, talvez, de uma grave crise existencial. Ele morreu em Lisboa, onde tinha ido com a mulher, Maria da Saudade Corteção, e lá faleceu na casa dos sogros. Mas a confidente dele nessa crise era Luciana. Eu acompanhei também a crise, preocupado com aquilo porque Murilo se abria sobre isso (mais do que com a Maria da Saudade, a mulher dele) com Luciana, que foi a grande amiga, e de uma dedicação filial a Murilo até o fim da vida dela, porque é a ela que se deve o que temos hoje organizado desse grande poeta mineiro e juiz-forano que foi Murilo Mendes. Então, eu pediria a Vossa Excelência que me registrasse como solidário ao que foi dito aqui sobre a perda dessa grande escritora, a quem tanto deve a literatura brasileira e que eu tive a honra de saudar nesta Casa, quando ela foi eleita. Luciana Stegagno-Picchio.

Muito obrigado.

Acadêmico Evanildo Bechara

Senhor presidente, senhores acadêmicos. Também me quero associar às manifestações a respeito do falecimento de Luciana Stegagno-Picchio. Aos 28 de

agosto último em sua casa em Roma, com 88 anos, faleceu Luciana Stegagno-Picchio, catedrática da Universidade de Roma *La Sapienza*, sócia-correspondente desta Academia e a quem muito devem a literatura portuguesa e a brasileira. Mas, a nossa Luciana exerceu uma atividade intelectual muito mais profunda e significativa. Ela se acha à altura em importância de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Como a alemã radicada em Portugal, não houve um só domínio da literatura medieval à moderna, vazada em língua portuguesa que não tivesse sido estudado e nele não tivesse imprimido o selo da sua cultura, o mergulho da sua arguta crítica e o olhar humano de sua figura simpaticamente inconfundível.

A Luciana muito deve a literatura brasileira porque soube difundir na Itália vários de seus poetas e prosadores, de Murilo Mendes a Jorge Amado, de José Lins do Rêgo a Alberto da Costa e Silva, que logo se tornaram seus devotos amigos e admiradores. As páginas que escreveu como introdução às suas traduções e aquelas trabalhadas pelos seus patrícios nunca se limitaram a informações protocolares. Logo se impuseram como fontes obrigatórias de consulta bibliográfica desses autores traduzidos e analisados.

Sua eleição, em 26 de 2002, como sócia-correspondente desta Academia significa justa homenagem que se deve de gratidão à cultura literária brasileira. A passagem dos anos não lhe esmoreceu o apetite da investigação dos temas lingüísticos, filológicos e literários. Ainda há pouco a vimos em Boston ao lado do genial Roman Jakobson a tratar de temas métricos da poesia medieval românica e germânica. Todos nós que a conhecemos de perto e que usufruímos de sua amizade e de seus ensinamentos nos sentimos dolorosamente órfãos.

O FARDÃO LHE CAI BEM

*Maria Clara Bingemer**

Jamais pensei ver meu modesto e discreto amigo sentado na Cadeira de Zélia Gattai, que foi ocupada primeiro e sobretudo por ninguém menos que Machado de Assis. Jamais o imaginei igualmente cumprindo os rituais da Academia, vestido com o suntuoso fardão dos imortais. Seu jeito amigo, próximo e coloquial, não me parecia combinar tão bem com a pompa e circunstância que cercam a solene pertença acadêmica.

Conheci-o por afinidades jornalísticas e teológicas, e nossos encontros sempre foram em ambientes sociais, sim, mas também e sobretudo eclesiais. Sei de sua paixão pela *Bíblia*, de seu profundo conhecimento dos padres da Igreja e dos clássicos da teologia. Ele os leva como cartas na manga, tirando-as quando se faz necessário para compor um artigo, coordenar o grupo de *Bíblia* que há anos reúne em sua casa, ou para dar testemunho da fé que carrega em sua intimidade e vive com discreta devoção.

Não me surpreendi, no entanto, ao sabê-lo eleito com sobeja folga. A Academia ainda sabe, graças a Deus, reconhecer valores reais e sólidos. E na eleição de Luiz Paulo Horta quis sentar na Cadeira ora vaga não apenas o jornalista, mas o amante e especialista em música clássica, o conhecedor profundo da literatura

---

* Teóloga e professora da PUC. Artigo publicado no *Jornal do Brasil*, 01 de setembro de 2008.

brasileira e universal, e dessa linguagem outra, melodiosa e misteriosa, das notas musicais e suas mágicas combinações. É a primeira vez que um especialista e crítico musical entra no espaço exclusivo e restrito da Academia e é alentador ver que isso aconteceu com Luiz Paulo Horta. Mostrar e demonstrar que a música é imortal e que deve ser lida, além de ouvida, será talvez a primeira e mais imediata missão do novo acadêmico.

No entanto, não é apenas por todos esses atributos que Luiz Paulo merece nosso entusiasta e alegre aplauso por sua nova imortalidade. É por tudo isso, sim, mas por muito mais também e sobretudo. É por sua doçura e afabilidade, que não fazem acepção de pessoas. É por sua simplicidade, que faz com que os netinhos pequenos o amem com loucura e o sigam por toda parte como um verdadeiro mestre. É por sua abertura ao outro, que o faz juntar ao redor de si e da leitura da Bíblia as pessoas mais diferentes e díspares, crentes ou não, em busca ou solidamente ancoradas na vida, inquietas, feridas ou desorientadas. Todas são por ele acolhidas com o mesmo carinho e a todas presta a mesma afetuosa atenção.

É por isso, mais que nada, é por isso sobretudo e para além de todos os méritos justamente reconhecidos com essa eleição que, apesar do primeiro estranhamento, não hesitamos em afirmar que o fardão lhe cai bem. Tenho certeza de que jamais será para ele motivo e causa de vanglória ou vaidade. Bem o sabe ele, amante do *Qohélet*, grande livro sapiencial, que tudo é vaidade e que a glória deste mundo é frívola e fugaz, mudando de amantes como quem muda de camisa.

A imortalidade de que foi recentemente revestido meu amigo Luiz Paulo é, na verdade, "epifania" de uma imortalidade outra, que constitui seu segredo mais profundo e íntimo, e que ele sempre esconderá na humildade que é sua forma constitutiva de ser. Ele sabe que tudo é dom e graça. E, portanto, tudo só cresce e dá frutos na gratuidade do amor, que toma as variadas formas de amizade, desvelo, ternura, fidelidade, e todas as outras que a caridade inventa. Inclusive o aproximar os outros da Verdade da Palavra de Deus e da beleza infinita da música. Seja bem-vindo à Academia, amigo. E encha-a de sonoridade e beleza com seu amor à música. E de verdade com sua fé em Deus.

SESSÃO DO DIA 11 DE SETEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Mindlin, Lygia Fagundes Telles, Marcos Vinicios Vilaça, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata do dia 4 de setembro de 2008, que foi aprovada. Pediu que fosse entregue aos Acadêmicos a medalha do Centenário da Morte de Machado de Assis. Salientou que essa medalha é uma réplica da medalha que, em 1958, a ABL mandou fazer para lembrar os 50 anos do falecimento de Machado de Assis. Informou que, como foram feitas 100 medalhas, se algum Acadêmico quiser indicar alguém, deve informar o nome à Secretaria.

– A Acadêmica Nélida Piñon solicitou que fosse entregue a Medalha do Centenário da Morte de Machado de Assis ao escritor mexicano Carlos Fuentes, que fará uma importante conferência na Espanha sobre esse autor brasileiro.

– O Acadêmico Domício Proença Filho pediu que a entrega da medalha fosse estendida a Antônio Maura, coordenador do Seminário do qual a Acadêmica Nélida Piñon vai participar juntamente com outros Acadêmicos.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sugeriu os nomes de John Gladson e Jean Michel Massa para receber a medalha do centenário da morte de Machado de Assis.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin apresentou proposta para a candidatura à vaga de Sócio Correspondente, na sucessão da eminente professora Luciana Stegagno Picchio.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre Fernando Barbosa Lima, falecido na semana passada. Destacou o profissional talentoso, criativo e inteligente do jornalismo da TV. (Por determinação do presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira Letras*).

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Fernando Barbosa Lima, um velho e caro amigo, com quem chegou a trabalhar na TV Educativa. Homem que faz muita falta à integridade e à dignidade da imprensa falada e escrita brasileira.

– O Presidente Cícero Sandroni lembrou que trabalhou com Fernando Barbosa Lima na TV Educativa. Técnico de grande qualidade e talento para trabalhar com imagens televisivas. Uma alma maravilhosa, com uma cultura extensa. Ressaltou a relação afetuosa que tinha com o pai. Fernando foi um especialista consumido vorazmente pelo problema do *marketing*, de procurar telespectador a qualquer preço, o que resultou nessa atual televisão.

– O Acadêmico Alfredo Bosi observou que, principalmente em São Paulo, as publicações da Academia são ignoradas, não há divulgação no circuito comercial, e as que chegam às bibliotecas não recebem destaque. Com isto, a imprensa especializada também as ignora. Com a ajuda dos bibliotecários da Casa recebeu uma lista para conhecer o acervo da ABL. Acha que essa falta de divulgação é lamentável. Sugeriu que fosse feito um catálogo com textos

e frases significativas, embaixo de cada livro, para que todas as pessoas cultas do Brasil leiam e conheçam as publicações da ABL. Propôs que a Comissão de Publicações, que é de alto nível, se encarregasse da encomenda desse catálogo que, depois de feito, seria distribuído pelas universidades, bibliotecas e incorporado ao *site* da ABL.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a magnífica sugestão sobre o Setor de Publicações. Comunicou que o *Vocabulário da ABL* está sendo ultimado, segundo as regras do Acordo Ortográfico, o que o tornará um tesouro. Fez sondagens sobre editoras que se interessassem em distribuí-lo. A melhor oferta foi da Editora Global, que ofereceu um adiantamento de R$ 200.000,00 (duzentos mil reais). Pediu autorização ao Plenário para que a Diretoria possa assinar contrato com a editora, que irá distribuí-lo e pagar direitos autorais.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin congratulou-se com a idéia do Acadêmico Alfredo Bosi e propôs que seja ele o responsável pela coordenação e a elaboração destes verbetes. Salientou que será um grande ganho para a Casa tê-lo na coordenação deste projeto.

– O Presidente Cícero Sandroni colocou a proposta em votação, que foi aprovada pelo Plenário. Lembrou que em 2009 comemora-se o centenário de morte do Acadêmico Lúcio de Mendonça e que o Setor de Publicações colocará em circulação alguma obra desse importante fundador da ABL. Sugeriu a criação de duas novas coleções: a primeira, que vai se dedicar ao essencial de cada um dos Acadêmicos falecidos e patronos, desde a origem até os nossos dias; e a segunda, uma coleção específica para os ciclos de conferência.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que a solução para as publicações da Academia é a co-edição, guardando as características das edições da ABL. Tem a experiência das publicações feitas pela Comissão para as comemorações do bicentenário da Chegada da Família Real. São várias editoras que mantêm todas as características gráficas em todos os livros. Ressaltou que a co-edição garante que o livro ganhe a livraria, e é ganhar a livraria que interessa à ABL.

– O Presidente Cícero Sandroni informou que a Academia está fazendo algumas co-edições neste ano.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho informou que, na sua gestão frente à Comissão de Publicações, se antecipou aos centenários de Lúcio de Mendonça e Euclides da Cunha, editando o livro *Esboço e Perfis – Horas do Bom Tempo*, de Lúcio de Mendonça, com prefácio do neto do autor, Carlos Sussekind de Mendonça Filho, e reeditou *A Margem da História*, de Euclides da Cunha, com prefácio de sua autoria. Salientou que a sua gestão na Comissão de Publicações teve essa presciência de se preparar para os dois centenários.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida convidou o Presidente para a próxima reunião do Fórum de Reitores do Rio de Janeiro. Trouxe o reconhecimento de algo novo na ABL: o sucesso de suas conferências, o sucesso de seus cursos e o verdadeiro circuito que uma nova geração universitária está frequentando no auditório R. Magalhães Jr. Informou que a pergunta que as reitorias estão fazendo é a de saber se a ABL estaria interessada em legitimar esses cursos como cursos de extensão de várias universidades.

– O Presidente Cícero Sandroni declarou que a atual administração não está colhendo frutos só do seu trabalho, mas de administrações passadas. Disse que, em relação a triplicar o nosso público, seria uma idéia excelente, se o auditório tivesse mil lugares. Informou que a ABL fez um convênio com a PUC, mas estudarão com o maior prazer esta proposta.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida ofereceu aos confrades presentes o livro de Luiz Alberto Gomes de Souza intitulado *Uma Fé Exigente – uma Política Realista*, que está na seqüência da série ciência e religião e responde a um impacto sobre o Brasil e o seu etos cristão, que praticamente mobilizou esta consciência a partir do mais importante livro sobre o testemunho cristão biográfico, que é o excepcional do livro do Acadêmico Pe. Fernando Basto de Ávila, *A Alma de um Padre*. Acrescentou ter sido o livro do Pe. Fernando Bastos de Ávila que inspirou todo o grupo da Educam a continuar dentro desta linha e dessa série "Relativismo e transcendência", "Desafios

do Século XXI – biociências, reprodução, sexualidade e fundamentalismo". Finalizando, ressaltou que, dentro dessa reflexão, o livro de Luiz Alberto Gomes de Souza foi inspirado pelo Presidente Cícero Sandroni, porque é um trabalho modelar por três grandes cortes: o trabalho de Tarcísio Padilha e dos Acadêmicos.

– O Acadêmico Cícero Sandroni disse que Luiz Alberto Gomes de Souza é uma figura exponencial da sua geração. Acha que o autor é também um discípulo das idéias do Acadêmico Candido Mendes Almeida, e nessa apresentação de uma fé exigente e uma política realista encontra um caminho que não é fácil de ser seguido, por toda a incompreensão desse tipo de pensamento no Brasil, de como representou um grito de alerta e, ao mesmo tempo, um inconformismo com o *statu quo.* Tem certeza de que o livro terá uma grande repercussão.

– O Acadêmico Carlos Nejar, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Alcides Maya, que nasceu na cidade gaúcha de São Gabriel em 15 de outubro de 1878. Transferiu-se com a família para Porto Alegre, por sofrer os transtornos da Revolução de 1893. Sete anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou conhecido como ensaísta. Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras.*

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar pela sintética mas profunda memória de Alcides Maya, especialmente quando falou dos estudos do escritor sobre o humor em Machado de Assis. Convidou a todos para o lançamento, às 17h30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, do Bilhete de Loteria Federal alusivo ao Centenário de Machado de Assis, com a presença do Dr. Wellington Moreira Franco, Vice-Presidente da Caixa Econômica, e encerrou a sessão.

HOMENAGEM A FERNANDO BARBOSA LIMA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.
Senhora e Senhores Acadêmicos.

Com a morte de Fernando Barbosa Lima, ocorrida no fim da semana passada, a Televisão Brasileira perdeu um dos seus profissionais mais talentosos, mais criativos e mais inteligentes.

Ele foi, sobretudo um autêntico revolucionário da técnica e dos métodos no jornalismo da TV, com inovadores programas de debates, mesas-redondas, perguntas e respostas, que ainda hoje os seus sucessores não se cansam de imitar.

Teve como companheiros, entre outros, Herón Domingues, Antônio Callado, João Saldanha, Amaral Neto, Arnaldo Nogueira, Flávio Cavalcanti, Cid Moreira, Sérgio Bittencourt, Sargentelli, Sérgio Porto, Gualber Rocha, Luís Jatobá, Borjalo e Ibrahim Sued (todos hoje já mortos), e, certamente, no andar lá de cima, foi reencontrar-se com eles, nesta última sexta-feira. Muitos o ajudaram na produção de programas de sucesso, como: "Noite de Gala", "Jornal de Vanguarda", "Preto no Branco", "Conexão Internacional", "Cara a cara", "Tribunal do Povo", "Diálogo", "Boa Noite, Brasil", "Xingu", "Canal Livre", "Advogado do diabo", "A Voz do Trovão", "Abertura" e "Sem Censura", sendo

* Proferidas na sessão do dia 11 de setembro de 2008.

que, em muitas destas produções, teve de lutar bravamente contra as proibições e censuras dos governos militares.

Fernando prestou grandes e inestimáveis serviços à Televisão brasileira, desde quando ela engatinhava os seus primeiros passos, ainda em preto e branco, graças ao pioneirismo do Acadêmico Assis Chateaubriand.

Ele foi um perfeccionista da TV, atento a todos os detalhes da produção, desde o cenário até o logotipo das chamadas, passando pelo estilo dos textos e da linguagem e exigia dos profissionais as inovações jornalísticas, na busca das informações e dos "furos" importantes, dos comentários lúcidos e hábeis, das perguntas incisivas, objetivas e diretas, que ficavam fixadas na cabeça dos telespectadores.

Certa vez, Fernando desabafou numa entrevista que me concedeu, dizendo que "A nossa TV está mais preocupada em vender uísques, cosméticos e automóveis, do que em melhorar o nível cultural do povo". E acrescentava: "– Falta-lhe criatividade, porque não abre suas portas para os jovens e as novas idéias, que poderiam oxigená-la, em vez de torná-la cada vez mais idiota".

Para ele, um canal de televisão é o veículo de comunicação mais importante em toda a História da Humanidade. E, como concessão pública, deve primeiro educar, depois informar e, só por último, divertir.

Senhores Acadêmicos.

Ao mesmo tempo, Fernando sempre foi muito leal e fiel à vida e à memória do seu pai, o inesquecível Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, do qual recebeu e dignificou um legado de muita correção, ética, cidadania e honradez.

Fernando declarou-me certo dia: "Ao entrar nesta Academia Brasileira de Letras, era como se eu estivesse entrando numa das casas do meu pai".

Como um dos sucessores de V. Ex.ª, Senhor Presidente, Fernando foi eleito Presidente do Conselho Deliberativo da A.B.I. em maio de 2007 e teve o seu mandato renovado justamente em maio deste ano.

Estava produzindo uma série de DVDs, que não chegou a terminar, sobre "Grandes Brasileiros", com biografias de destacados líderes políticos, entre os quais Tancredo Neves, Darcy Ribeiro, Barbosa Lima Sobrinho, além de José Sarney.

Suas empresas foram a "Esquire" e a "Intervideo", sucedidas pela atual produtora, a "FBL", (iniciais de Fernando Barbosa Lima), ao lado de Rosane Braga, sua admirável mulher e cuja última obra foi exatamente um documentário em DVD sobre "Sérgio Cabral, a cara do Rio".

Há um ano, em 2007, Fernando escreveu um livro autobiográfico com o título de *Nossas Câmeras São seus Olhos*, no qual conta, entre outras, a seguinte história:

> "Certa noite, Cid Moreira transmitiu a notícia de que, no Brasil, estavam morrendo cinco crianças por minuto. Eu então tirei o Cid da tela, que ficou escura durante um minuto, findo o qual ele voltou e concluiu: Nesses 60 segundos em que estivemos fora do ar, morreram no Brasil exatamente cinco crianças".

Fernando foi um mestre, que muito se orgulhava de ter produzido e dirigido 103 diferentes programas de televisão, todos de longa permanência no ar.

Ao longo de todo o nosso convívio, pude admirar de perto o seu caráter firme, mas doce, seu trato afável, polido, cordato e bem educado, sua competência discreta, culta e de alto nível.

Concluo dizendo, que, algum dia, quando se escrever a História da Televisão no Brasil, a figura de Fernando Barbosa Lima terá um lugar de relevo e destaque.

Nestes últimos 50 anos, tive a felicidade de ser um dos seus mais afetuosos e carinhosos amigos e colegas. E acompanhei de perto a sua maravilhosa trajetória na nossa televisão.

Dele, sinto hoje, e sentirei sempre, muita falta e saudades imensas.

ALCIDES MAYA

*Estudo do Acadêmico Carlos Nejar**

Nasceu na cidade gaúcha de São Gabriel, em 15 de outubro de 1878, transferindo-se com a família para Porto Alegre, por sofrer os transtornos da Revolução de 1893. Sete anos depois, muda-se para o Rio de Janeiro, onde se fez conhecido como ensaísta, escrevendo um livro sobre Machado de Assis: *Algumas Notas sobre o Humour*. Este lhe valeu carta do Mestre do Cosme Velho pela "aguda penetração". As observações de Alcides Maya, mais do nunca, hoje, se tornam atuais.

> "Ele (Machado) é mais do que um homem triste, do que um vulto de raça frustrada: representa uma civilização que de si própria duvida [...]. A esse mordente caricaturista de almas devemos alguns tipos de romance, de conto e de novela admiráveis de verdade como representação social. Resulta-lhe nota predominante no desenho o exagero cômico; não descreve costumes; raro delineia um panorama; e, nada obstante, das suas páginas poderá extrair o crítico – se curioso de tal assunto –, preciosos documentos sobre a nossa índole coletiva, pelo menos nos centros de cultura. [...]. Os efeitos decisivos nascem da naturalidade com que o escritor descreve e sugere; é simples, lúcido, sardônico, escarnecedor sem ostentação; fere acariciando; sacrifica por entre flores; esbate a pintura,

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 11 de setembro de 2008.

> vela as formas, enternece; porém o prisma é sempre o mesmo e sempre os tipos e as ações movem-se e executam-se refrangidos comicamente por uma branda revolta e por uma suave tristeza irônica. Do seu diário, afirma o conselheiro Aires não ser uma obra de imaginação e, sim 'livro de verdade exata', com todas as simetrias da vida. Mas, a vida resume-se para ele na verdade, na ambição, no erro inconsciente. São essas as suas simetrias únicas. [...]. Machado de Assis é um artista novo de português novo: a frase harmoniosa, tersa, ladina sem ser culturana, expande uma sensibilidade toda de hoje. Enriqueceu o vernáculo de páginas admiráveis; suavizou de graciosidade a velha sintaxe da língua, revestindo-a, ritmando-a originalíssimamente, sem que ela perdesse a pureza, nem se imobilizasse no módulo oracional clássico. O seu estilo é profundamente pessoal, é moderno e já é brasileiro na corrente nervosa que em frêmito recôndito e constante o atravessa, na flexibilidade dos termos lógicos, na potência da sugestão, no sentimento, nas imagens, em tidas as suas modalidades. Recomenda-se como estilista poderoso e poderoso observador". (*Obra Citada*, pp. 57, 87, 139, 140).

Sua análise sobre o "humour" machadiano foi pioneira. Eleito em 6 de setembro de 1913 para a Cadeira 4, da Academia Brasileira de Letras, concorreu com Alberto Torres, Almáquio Diniz e Virgílio Várzea, sendo eleito com 19 votos, no terceiro escrutínio, na sucessão de Aluísio Azevedo. Foi saudado pelo Acadêmico Rodrigo Octavio.

Apareceu com ruidoso sucesso, seu romance *Ruínas Vivas*. Nele o paisagista e o relator dos costumes gauchescos são mais contundentes e vivos do que o enredo dos personagens, onde a figura central é Miguelito. Vendo-se quanto o ensaísta envolve a criação ficcional e quanto a imperiosa geografia domina as criaturas, sem impedir no texto o vigoroso ritmo. "Uma das mais belas interpretações da vida animal que há na literatura de qualquer país" – para Augusto Meyer. Começa o livro com "a entrada repentina de um cachorro, atirando-se contra a porta mal-fechada", acordando em sobressalto, no catre em que sonhava, o capitão Chico Santos. E termina com o enterro desse capitão, vendo Miguelito, a caminho da fronteira, as ruínas fumegantes da estância, vendo em

tudo, como nele próprio, só restos de velhas crenças, de velhas construções, de velhas raças...

Alcides Maya revela um pampa que se encontra alvejado pela chama impetuosa do progresso. Seu livro de contos, *Tapera* (1911), prefaciado por Coelho Neto, que adverte:

> "É bem o Sul, esse formoso e robusto extremo da Pátria onde a vida tem algo de patriarcal , entre pastoreio e guerra, ora no alegre gadear ou na ceifa jocunda, súbito subvertida em entrevero de lanças."

Alcides Maya é um pintor de sensações, um evocativo, embora vinculado à influência de seu prefaciador, dele se aparta pelo vocabulário gaúcho e pela narrativa apaixonada do pampa, atrás da genuína sociedade primitiva. O afetado estilo dá lugar à ondulante memória da imaginação. Com *Alma Bárbara* (1922), conclui sua trilogia, sendo introdutor da ficção social no Rio Grande. Ali são notáveis os contos: "Água Parada", "Monarcas" (com Neco Alves e a lagoa da Meia-Lua), "China –Flor", "Entre Bandidos" e "Ceguinho de Estrada".

Vejam a pungência desta descrição:

> "Resolvera morrer. Despediu-se de tudo. Aplicaria a si próprio, inflexível, o cruento processo a que recorrem os gaúchos a fim de exterminar as crias inúteis. Morre assim no rinhedeiro o galo que não presta ; é assim que nas carreiras sacrificam o parelheiro batido. – Cria ruim , cria ruim, cria ruim... – resumia num ríctus doloroso de autodesprezo. As derrotas sofridas não eram somente dele: atingiam os antepassados, feriam na honra da família ao seu pai [...]. Neco Alves chegara ao seu rancho. Apeou-se, desvencilhou, correu a mão em carícia sobre o lombo e a crina do seu cavalo, bateu-lhe à anca numa palmada leve [...]. Foi assim que findou a forte e linda estirpe gaúcha dos velhos Alves, campanhistas audazes, defensores da fronteira..." (*Obra Citada*, pp. 66,67).

Alcides Maya, profeta das ruínas, erudito da paisagem, barroco das sombras, com o reconhecimento e a imortalidade confirma a frase lapidar de Carlos Fuentes: "Não há futuro vivo, com o passado morto". Ainda que Alcides Maya, tendo sido posto em alma, no Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 1944, este que, para Augusto Meyer, era " da raça dos que não cabem nos seus livros e ficam sobrando na página composta", sim este pampeano que sabia onde estava a cabeceira do tempo, este conversador e conferencista fascinante, sempre que é lido ou lembrado em palavra, como hoje, este continua vivo. Por isso o poeta espanhol e universal Quevedo, advertiu: "O que chamais morrer é acabar de morrer, / e o que chamais nascer é começar a morrer, /e o que chamais viver é morrer vivendo."

E completamos: o que chamais viver em cada palavra, persiste incansavelmente nascendo.

SESSÃO DO DIA 18 DE SETEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 11 de setembro de 2008, que, após retificação feita pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi aprovada. Comunicou que o Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, para registrar o centenário de nascimento de Josué de Castro, ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia uma coleção encadernada das obras do autor. Deu ciência ao Plenário do ofício enviado pela escritora Myriam Fraga, coordenadora da Fundação Jorge Amado, convidando a ABL para sessão a ser realizada em parceria com o Serviço Social da Indústria, no dia 25 de setembro, às 18h, em Salvador, no Auditório da Federação das Indústrias do Estado da Bahia. A iniciativa, além de contribuir para a disseminação da vida e obra de Jorge Amado e Zélia Gattai, atende demanda do Serviço Social no que se refere à implementação e dinamização dos seus programas e diretrizes no campo cultural, buscando internalização,

no âmbito das comunidades industriarias e suas famílias, atividades e aprendizados relacionados a textos, vivências e conhecimentos literários de expressão universal. Informou que recebeu do Dr. Luiz Viana Neto cópia da moção de aplauso à Academia Brasileira de Letras, aprovada pelo Tribunal de Contas do Estado da Bahia, pela homenagem prestada à memória do Acadêmico Luiz Viana Filho. Recebeu também correspondência da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Portugal, que se refere ao Centenário da Morte de Machado de Assis, pela qual e encaminha à Casa, por intermédio do Cônsul de Portugal, Dr. Antônio Almeida Lima, uma série de documentos referentes à família de Machado de Assis, como fotocópias das certidões de nascimento, batismo e casamento dos anos e da mãe de Machado de Assis.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco ofereceu à Biblioteca Lúcio de Mendonça, uma edição fac-símile, recém-editada pela Biblioteca Nacional, do livro *Medicina Theológica, ou Súplica Humilde, Feita a todos os Senhores Confessores, e Diretores, Sobre o Modo de Proceder com seus Penitentes na Emenda dos Pecados, Principalmente da Lascívia, Cólera e Bebedice*, de Francisco de Melo Franco, publicado em Lisboa no ano de 1794, e ainda os livros: *Tratado da Educação Física dos Meninos para Uso da Nação Portuguesa* – publicado por Ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa, datado de 1790; *Elementos de Higiene, ou Ditames Teóricos e Práticos para Conservar a Saúde e Prolongar a Vida*, publicado por ordem da Academia Real das Ciências pelo seu sócio, Acadêmico Francisco de Melo Franco, datado 1823; *A História da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o ano de 1816* – Discurso recitado na sessão pública de 24 de junho de 1816, pelo Vice-Secretário Francisco de Melo Franco, onde consta o discurso dos trabalhos, lidos na sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 24 de junho de 1816, pelo Doutor Justiniano de Mello Franco, filho primogênito de Francisco de Melo Franco e afilhado de batismo de José Bonifácio de Andrada e Silva; e *O Reino da Estupidez*, poema, que José Bonifácio teria escrito junto com Francisco de Melo Franco, datado de 1818, que lhe foi oferecido por Raul Rego, ilustre deputado socialista que lutou contra o fascismo do regime de Marcelo Caetano. Lembrou que Raul Rego e Mário Soares foram procurar Afonso Arinos de Melo Franco, então Chanceler do

Brasil, ocasião em que pela primeira vez um chanceler brasileiro recebeu uma delegação da oposição portuguesa em Lisboa. Ofereceu também à Biblioteca Lúcio de Mendonça o manuscrito *Reino da Estupidez – Poema Cômico Satírico*, que apareceu em Coimbra no ano de 1785, e, em decorrência disso, Francisco de Melo Franco ficou preso cinco anos nas masmorras. Lembrou o episódio ocorrido em Minas Gerais, quando, passados dois séculos, Afonso Arinos, na época Deputado Federal, soube que o Deputado José Bonifácio mandara rasgar as suas cédulas que fossem encontradas nas cabines eleitorais de Juiz de Fora. Lembrou o desabafo de Afonso Arinos, quando disse: "Zezinho, há duzentos anos vocês fazem safadeza conosco".

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a doação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pelas raridades bibliográficas que pertenceram a Francisco de Melo Franco.

– O Acadêmico Moacyr Scliar falou a respeito dos dois preciosos volumes sobre educação física e higiene, doados pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Ressaltou que os volumes assinalam um marco na história do Brasil e do mundo, porque foram publicados exatamente na época em que surgiram os conceitos de puericultura e de polícia sanitária, através dos quais o estado interferia na vida dos cidadãos, orientando-os no sentido de como podiam ter uma vida mais sadia.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre o Seminário promovido pela Biblioteca Rodolfo Garcia e coordenado por Suzana Vargas e Adriana Vilaça. O primeiro módulo deste seminário aborda "As tendências da literatura brasileira contemporânea", com oito palestras sobre o conto, a poesia, a crônica, o romance, a dramaturgia, a biografia, a memória e o ensaio, a cargo dos professores Alberto Pucheu, Ítalo Moriconi, Renato Cordeiro Gomes, Alcione Araújo, Carlos Didier, Beatriz Rezende, Consuelo Campos e Manuel Antônio de Castro. O segundo módulo começará no dia 6 de outubro, com uma palestra da Professora Laura Sandroni sobre "As ações culturais, sentidos e responsabilidades dos espaços de leitura", e terminará no dia 13 de outubro, com uma palestra da professora Nancy Nóbrega sobre "A

biblioteca como fonte de pesquisa na era virtual". Finalizando, ressaltou que essa série de conferências, patrocinada pela Petrobras, tem contado com a presença de 80 professores e estudantes inscritos, que receberão diploma de freqüência.

– O Presidente Cícero Sandroni congratulou-se com o Acadêmico Murilo Melo Filho por esta realização da ABL e da Biblioteca Rodolfo Garcia, que, do ponto de vista literário-pedagógico e em virtude da grande experiência das pessoas que estão nessa organização, asseguram sucesso absoluto. Acha importante ressaltar que o dinheiro do patrocínio, iniciado na presidência do Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, está sendo muito bem aplicado pela Biblioteca Rodolfo Garcia.

– O Acadêmico Antônio Olinto falou sobre sua visita ao Rio Grande do Sul, onde proferiu, na Universidade Unisinos, palestra sobre "Alma da literatura e o ofício da palavra", à qual compareceram trezentos e cinqüenta alunos. Uma platéia maravilhosa e que formulou muitas perguntas. Destas perguntas tirou alguns temas para escrever ensaios. Ficou feliz em encontrar uma Universidade com aquela força. Eram perguntas de alunos que estavam inseridos no problema da língua portuguesa e da palavra.

– O Presidente agradeceu e parabenizou o Acadêmico Antonio Olinto pela sua participação com a Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), como parte do convênio assinado pela Academia e aquela Universidade, com a finalidade de enviar Acadêmicos para ministrar este tipo de conferência. Disse tratar-se de uma iniciativa do Acadêmico Carlos Nejar, juntamente com seu filho Fabrício Carpinejar.

– O Acadêmico Domício Proença Filho registrou o lançamento da *Revista de Vera Cruz*, no México, inteiramente dedicada à obra de Carlos Nejar, volume que passou à Biblioteca Lúcio de Mendonça. Passou, a seguir, no Capítulo das Efemérides, a discorrer sobre a vida e a obra de Herculano Marques Inglês de Souza, fundador da Cadeira 28 desta Casa, que tem a honra de ocupar, na imortalidade efêmera da contemporaneidade. Falou do paraense nascido em Óbitos, em 1853, que fez seus primeiros estudos no Maranhão e

no Rio de Janeiro, diplomando-se em São Paulo em 1876, ano em que, com o pseudônimo de Luiz Dolzani, publicou seus dois primeiros romances: *O Cacaulista* e *História de um Pescador,* a que se seguiram os demais livros que integram a sua obra ficcional: *O Coronel Sangrado*, de 1877, *O Missionário*, de 1891, e os *Contos Amazônicos*, de 1893. De par com a atividade do escritor, Inglês de Souza destaca-se também por sua dedicação ao jornalismo, à política, à advocacia e ao magistério. Salientou que sua produção literária cede lugar à produção do jurista. (Por determinação, do Presidente o texto lido será incluído nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho felicitou o Acadêmico Domício Proença Filho pelo trabalho excelente sobre Inglês de Souza, que se estende à seara jurídica com grande proficiência. Lembrou que Inglês de Souza foi o autor do projeto dos Estatutos da Academia, projeto de 1897 que até hoje rege as atividades da Instituição. Acrescentou um fato, que talvez não seja conhecido da Casa, de que o novo do Código Civil de 2002, continha um dispositivo segundo o qual as sociedades civis e comerciais, nelas incluída a Academia, deveriam adaptar os estatutos à nova lei. O Presidente da Academia na época, Acadêmico Alberto da Costa e Silva, com o zelo habitual, pediu um parecer ao saudoso Acadêmico Miguel Reale, que, em cinco páginas, provou que o Estatuto da Academia atendia perfeitamente às exigências do Código Civil mostrando a excelência do Estatuto. Aproveitou a ocasião para lembrar que a Comissão do Regimento Interno está aguardando a continuação dos trabalhos, interrompidos no ano passado.

– O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho e declarou-se emocionado.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho pelo brilho da sua exposição e pela maneira sintética com que falou. Deu ênfase ao que disse o Acadêmico Alberto Venancio Filho com relação à sua incursão pelo difícil caminho da jurisprudência. Agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho pelas achegas ao discorrer sobre a competência com que Inglês de Souza redigiu este Estatuto. Quanto à reforma do

Regimento, considera que o Acadêmico Alberto Venancio Filho tem toda razão, e pediu que a Comissão se prepare para que este trabalho comece a entrar em pauta nas sessões seguintes.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que um dos pontos que tem causado maior discussão no Regimento é a aplicação dos recursos da Academia, se devem ou não continuar em instituições públicas. Acredita que, com os últimos acontecimentos mundiais, este assunto deve estar superado.

– O Presidente Cícero Sandroni salientou que o mundo passa por momentos históricos. Enquanto afunda o capitalismo nos Estados Unidos, o mesmo se ergue na China. Agradeceu a atenção e convidou a todos para a mesa-redonda, a ser realizada às 17h30min no Salão Nobre do *Petit Trianon*, em comemoração aos oitenta anos do Acadêmico Tarcísio Padilha. Participarão desta mesa os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Ivan Junqueira e o Acadêmico eleito Luiz Paulo Horta. Nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão.

HERCULANO MARQUES INGLÊS DE SOUSA: 80 ANOS DE FALECIMENTO

*Estudo do Acadêmico Domício Proença Filho**

Dinamismo e ação multifária. Esses os traços dominantes na vida de Herculano Marques Inglês de Sousa, o fundador da Cadeira 28 desta Academia, que tenho a honra de ocupar na imortalidade efêmera da contemporaneidade.

Paraense, nascido em Óbidos, em 28 de dezembro da 1853, fez seus primeiros estudos no estado natal, no Maranhão e no Rio de Janeiro. Diplomou-se em Direito em São Paulo, em 1876. Ano em que, com o pseudônimo de Luiz Dolzani, publicou seus dois primeiros romances: *O Cacaulista* e *Histórias de um Pescador,* a que se seguiram os demais livros que fazem a sua obra ficcional: *O Coronel Sangrado,* de 1877, *O Missionário,* de 1891, também romances, e os *Contos Amazônicos,*de 1893.

Os livros integram a rubrica "Cenas da vida amazônica". E assumidamente interligam-se. *O Coronel Sangrado* entrosa-se com *O Cacaulista* que, por seu turno, como esclarece o próprio autor, no prefácio, se articularia aos romances

Os *Contos* e *O Missionário* mantém-se fiéis à mesma estruturação previamente planejada. As obras integram efetivamente um projeto literário. Ao fundo,

---

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 18 de setembro de 2008.

modelizante, Balzac e sua *Comédie humaine*, influência declarada em depoimento a João do Rio, promovido pela *Gazeta de Notícias* e publicado no volume intitulado *O Momento Literário.* Como assumidas foram, no mesmo texto, as influências de Erckmann-Chartrian, Dickens, Gustave Flaubert e Alphonse Daudet. Não nos esqueça de que se trata de um tempo de presença forte nas letras brasileiras de modelizações francesas. Notadamente, para nos limitarmos à categoria teórica, nas produções configuradoras do complexo estilístico pós-romântico.

Trata-se de obras literárias que a historiografia legitima como altamente representativas. Notadamente *O Coronel Sangrado* e *O Missionário,* considerados manifestações relevantes da presença do Realismo-Naturalismo na literatura brasileira. A ponto de Inglês de Sousa disputar com Aluísio Azevedo a condição de autor da obra-marco do estilo epocal no Brasil. Pelo menos na leitura crítica de Lúcia Miguel Pereira, que, nessa direção, destaca *O Coronel Sangrado.* Lembre-nos de que *O Mulato,* do escritor maranhense, data de 1881.

O Coronel Sangrado, de primeira edição restrita e quase desconhecida, tem por base, na linha da observação e da análise da realidade, costumes políticos próprios do tempo do Segundo Império, caracterizadores da sociedade de uma pequena cidade interiorana, no caso a cidade-natal do autor. Associam-se ficção e documentário

Sua inscrição plena no estilo afirma-se consensualmente, entretanto, como é consabido, com *O Missionário.* Ao fundo, a influência, curiosamente não confessada, de Emile Zola e de Eça de Queirós. Um romance centrado na tese da influência da hereditariedade no comportamento do ser humano. A mesma dos *Rougon-Macquart* do escritor francês.

O romance de Inglês de Sousa singulariza-se, na obra do autor, por privilegiar o indivíduo e não, como acontece em outros romances, os grupos humanos.

O personagem nuclear, permitam-nos os conhecedores do texto recordar, é um religioso, o Padre Antônio de Morais que "farto das beatas de lenço branco na cabeça, de andar miúdo e língua viperina; cansado de ensinar o

catecismo às crianças; enjoado de ladainhas", resolve enfrentar as dificuldades da catequese na distante e difícil Munduracânia, terra dos ferocíssimos mundurucus. Quase ao termo do áspero e rude percurso, inesperados contratempos interrompem a sua determinação. Obrigam-no a uma parada que culmina por revelar-se aconchegante, por forças das excelências da natureza e do prazer da ociosidade, afinal a mãe de todos os vícios. A esses dois fatores, associa-se a tentação demoníaca, concretizada na figura de uma índia tapuia, de marcada sensualidade e beleza. O conflito instaura-se no espírito do denodado sacerdote. Padre Antonio, na vitalidade dos seus vinte e dois anos, sucumbe ao império do meio das circunstâncias e, sobretudo, das poderosas forças do atavismo. De nada valeram os condicionamentos de sua formação no seminário. Emergiram as características recônditas do filho legítimo de Pedro Ribeiro de Morais, fezendeiro dissoluto do Igarapé-Mirim. Venceu, na palavra do narrador, a ação nefasta da hereditariedade psicofisiológica (...) Foi bastante o contato da realidade mundana, auxiliada pelo isolamento e pela vaidade, para raspar a caiação superficial que lhe deu o seminário e patentear o couro animal". Trata-se, assim, de um personagem em luta contra as poderosas forças do determinismo biológico e social e que acaba sendo por elas derrotado. Essa é a tese deprendida da trama. Que perde sustentatiblidade, na medida em que, efetivamente, o que o move na direção da catequese de índios bravios não é o propósito religioso. É o desejo de se tornar uma celebridade. No mínimo consagrar-se como um São Luís Gonzaga ou um São Francisco Xavier brasileiro, ou mesmo um José de Anchieta. Orgulho, a mola-mestra do seu comportamento. Ao fim e ao cabo, um sacerdote sem vocação, como o padre Amaro do romance eciano. O que também dilui a configuração de anticlericalismo no romance, mais caracterizador de um estudo psicológico. No contraponto, outras figuras, reveladoras da arte criadora do romancista: o sacristão Macário, "grave, digno, necessário, senhor dos mínimos detalhes", o maçom Chico Fidêncio, inimigo ferrenho dos padres, o subdelegado Tenente Valadão, o coletor de rendas, Manuel Mendes da Fosenca, o alferes Barriga, o escrivão José Antonio Pereira, o professor Aníbal Americano Selvagem Brasileiro. Tipos, na linha do estilo dominante.

Nesse, como em todos os outros romances, como espaço dominante, a presença acentuada da região amazônica, onde a vida se converte em luta cotidiana, concreta, no imediato do confronto do homem contra o homem, do ser humano com a natureza. E recriada à distância.

A fortuna crítica dos romances ensombrece a significação dos seus *Contos Amazônicos*, povoados de tapuias, violência, cabanagem, vivências de tempos rudes, lendas locais e paisagem. Em histórias a que não faltam ritmo e suspense. Desenvolvidas em ambientes minuciosamente descritos, caracterizações detalhadas de personagens, acentuado o determinismo social. Na linguagem, a fluência.

De par com a atividade do escritor, Herculano Marques Inglês de Sousa destaca-se também por sua dedicação ao jornalismo, à política, à advocacia, ao magistério.

É fundador de jornais, como o *Diário de Santos* e a *Tribuna Liberal,* revistas, como a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras* e a *Ilustração Paulista.* Membro do Partido Liberal, foi deputado federal e presidente do Espírito Santo. A conselho médico, abandona a política. Mas não é abandonado pelo dinamismo. Com residência em São Paulo, funda o Banco de Melhoramentos de São Paulo, um ano antes da publicação de *O Missionário.*

No ano seguinte, abre escritório de advocacia no Rio de Janeiro, para três anos difíceis. Depois, é a alta reputação conquistada no exercício da profissão.

Na Academia, indica o patrono da Cadeira, Manoel Antonio de Almeida, e é o redator do projeto dos Estatutos que a regem e seu primeiro tesoureiro. Naqueles tempos pioneiros em que aos acadêmicos cabia um estipêndio mensal. A propósito do seu desempenho, vale sempre lembrar, senhor Presidente, senhores acadêmicos, trecho de sua carta ao presidente Machado de Assis, quando deixa o cargo, em 1907. Peço vênia ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para destacar o texto, por ele citado em conferência sobre os juristas pronunciada no âmbito do ciclo de conferências comemorativas do 1.º centenário da Casa:

> "Deu-me algum trabalho e sobretudo muita despesa, porque os acadêmicos, como literatos em geral, salvo honrosas exceções, não gostam de pagar. E eu tinha que fazer face a uma despeas anual de cerca de um conto de réis comas mensalidades recebidas de dez a doze sócios a cinco mil réis para cada um, e muitas irregulares".

A tradição e a excelência da administração felizmente superaram e inverteram a prática, inversão que, Deus conceda, permaneça ativa no presente e no futuro da Casa.

A produção literária cede lugar à produção do jurista. Sua última obra de literatura data de 1892, como assinalado. Posteriormente, acrescentam-se à sua bibliografia obras jurídicas: *Títulos ao portador* (1898); *Projeto de Código Comercial* (1903); *Proposta de Código de Direito Privado* (1903).

Ao falecer, em 6 de setembro de 1918, é conduzido à derradeira morada, no cemitério São João Batista, por um cortejo fúnebre que o jornal *O País* registra como um dos maiores de que se havia memória até então. O acontecimento dá a medida de sua presença e de sua respeitabilidade pública, num tempo de fundas modificações na sociedade brasileira: Segundo Reinado e começos da República.

Reverenciemos sua memória.

SESSÃO DO DIA 25 DE SETEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata do dia 18 de setembro de 2008, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Ivan Junqueira, que acaba de receber o Prêmio Jabuti de Poesia de 2008, pelo seu livro *O Outro Lado*, e também uma salva de palmas para os Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Moacyr Scliar, que obtiveram o segundo e terceiro lugar, respectivamente, com os livros *D. Pedro II* e *O Texto ou a Vida*. A seguir, cumprindo determinação regimental, nomeou uma Comissão composta dos Acadêmicos Evanildo Cavalcante Bechara, Ana Maria Machado e Domício Proença Filho para dar parecer sobre as candidaturas apresentadas para concorrer à Cadeira 6 do Quadro dos Sócios Correspondentes. Passou a palavra ao Acadêmico Tarcísio Padilha.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha fez um breve necrológio de Esther de Figueiredo Ferraz, porque anteontem a educação, o direito e a cultura brasileira

perderam um grande vulto com o seu falecimento. Relembrou a sua convivência com ela durante doze anos no Conselho Federal de Educação, onde jamais dela ouviu qualquer pronunciamento que pudesse significar um proselitismo feminista, mas a considerava feminista, porque foi a primeira mulher a lecionar na Universidade de São Paulo, a primeira a ter assento na Ordem dos Advogados do Brasil e a primeira a ser Ministra de Educação e Cultura neste país. Nomeou as outras funções e cargos que exerceu, no Conselho Estadual de Educação, em São Paulo, à frente da Secretaria de Educação do mesmo Estado, Academia Paulista de Letras e no Instituto Histórico de São Paulo. Disse que Esther, além da a sua extensa obra no campo educacional e jurídico, tinha certas qualidades pessoais não muito facilmente encontradiças, entre as quais destacou a coerência e a integridade, que ela punha em todos os seus pareceres no Conselho e nas suas atitudes públicas ao longo de uma vida de 93 anos. Disse que ela entendia que a sociedade é como uma comunhão de pessoas. Declarou que, no Conselho Federal de Educação, ela cintilava em seus pareceres a segurança da fundamentação jurídica dos seus votos e, de outra parte, a visão educacional haurida de uma impregnação humanística extremamente profunda e que deixa um grande vazio na cultura brasileira, razão pela qual merece esta celebração. Solicitou ao Presidente, se assim o entender e o plenário também, que a Casa transmitisse à Academia Paulista de Letras o pesar da Academia Brasileira de Letras pelo seu falecimento.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier declarou-se inteiramente solidário às palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha com relação a Esther de Figueiredo Ferraz. Disse também ter tido a honra de conviver e gozar da amizade da Professora Esther de Figueiredo Ferraz, que foi uma mulher notável, e acredita, também, ter sido a primeira Reitora do país, na Universidade Mackenzie, onde a conheceu. Declarou que, na emoção dessa solidariedade, pensa que a última vez que esteve aqui foi em 1984, no dia da sua posse. Discorreu sobre a sua vida e contou que esteve presente a uma homenagem que lhe foi prestada, há um ano, e ela, já com a voz fraca, pediu ao irmão que lesse por ela o discurso que havia preparado. Considera uma boa idéia que esta Casa

se solidarize com os confrades da Academia Paulista de Letras e pediu que estendesse essa solidariedade à sua família. Fica assim o registro da sua dor pela perda dessa grande amiga.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras dos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Arnaldo Niskier sobre Esther de Figueiredo Ferraz. Disse que não a conheceu, como acredita que muitos dos presentes também, mas todos conheceram sua vida pública, porque estava nos jornais, na atuação que teve no Conselho Federal de Educação e, ainda, como Ministra da Educação. Disse que a impressão que ficava era de uma pessoa de grande capacidade intelectual e de uma inteireza moral e ética indispensável às pessoas que exercem os cargos que ela exerceu. Sem dúvida, a Diretoria vai providenciar essa correspondência, não só à Academia Paulista de Letras, mas também à família de Esther de Figueiredo Ferraz.

– O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que seja acolhido nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o longo depoimento que o Acadêmico e jornalista Cícero Sandroni concedeu à *Revista da ABI* , intitulado "Duas paixões à prova do tempo". Disse tratar-se de um depoimento que se destaca pela sua minudência, e abrange desde os seus verdes anos como estagiário, sem salário, da *Tribuna da Imprensa*, até os dias em que se tornou um dos expoentes do jornalismo brasileiro. É a história de um grande jornalista. Acredita que este depoimento, que culmina com a sua presidência na Academia, haverá de ser um dia muito consultado pelos pesquisadores do futuro.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras generosas do Acadêmico Lêdo Ivo e disse sentir-se muito constrangido em pedir a transcrição.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha dirigiu-se ao Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira, e está certo de que o Presidente compreenderá. Solicitou ao Secretário-Geral que providenciasse para que esta entrevista chegasse a todos os Acadêmicos, porque um presidente tão discreto não permite que os seus confrades o conheçam, como desejariam, e assim é uma oportunidade que o Senhor Secretário-Geral tem de exercer momentaneamente a presidência, para que este documento chegue a todos os confrades.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha e Arnaldo Niskier sobre Esther de Figueiredo Ferraz. Ainda na quinta-feira passada estava juntamente com o Acadêmico Tarcísio Padilha louvando este grande nome da cultura brasileira. Recordou a experiência inolvidável que teve em privar com Esther de Figueiredo Ferraz em Paris, quando ela chefiou a Delegação do Brasil à Conferência Geral da UNESCO, da qual foi vice-presidente. Disse que se tratava de uma mulher de solidíssima cultura, grande saber e sobretudo de uma elegância sem par. Era uma grande dama pela inteligência, pela cultura e pelo saber viver. A seguir, entregou à Biblioteca Lúcio de Mendonça um livro inédito de Jorge Amado. Acredita ser do conhecimento de todos que a Companhia das Letras está reeditando, sob a orientação de Lilia Schwarcz e dele próprio, toda a obra de Jorge Amado. O livro *Hora da Guerra*, que agora passa à Academia, reúne cerca de cento e cinqüenta das mais de quatrocentas crônicas que Jorge Amado escreveu no período de 1942 a 1944, sobre assuntos da guerra e sobre temas ligados à Segunda Guerra Mundial, no jornal *O Imparcial*, de Salvador. Trata-se de livro importantíssimo como documento histórico, porque revela não só um momento da vida política brasileira e internacional como também da vida cultural do Brasil. Jorge Amado escreveu durante aqueles anos quase quinhentas crônicas, e a seleção foi feita por Myriam Fraga e Ilana Seltzar Goldstein. Nessas crônicas estão refletidos os grandes debates nacionais e internacionais. São crônicas que vão algumas vezes despertar um certo sorriso condescendente naqueles que não se põem nos sapatos daquela época. Numa das crônicas, Jorge Amado se refere ao sorriso de Stalin como se causasse a alegria das criancinhas. Há outras que são interessantíssimas, mas todas elas revelam o ambiente de paixão que se vivia no Brasil em relação à guerra. Declarou que desejava, como co-editor, ter publicado todas as crônicas de Jorge Amado. Mas fica uma amostra e está convencido de que os leitores vão pedir mais.

– O Acadêmico Lêdo Ivo indagou se nesta seleção foram incluídos os artigos que Jorge Amado publicou por ocasião do chamado Acordo de Munique, quando os comunistas ficaram ao lado de Hitler na II Guerra Mundial.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva tem quase certeza que não.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho quis saber se, neste período, Jorge Amado não estava exilado na Argentina, quando escreveu *O Cavaleiro da Esperança*.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva esclareceu que ele voltou para a Bahia no final de 1942, quando começou a escrever no jornal *O Imparcial*.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou que essa crônica a que se referiu o Acadêmico Lêdo Ivo não foi escrita em *O Imparcial* da Bahia, mas sim no *Meio-Dia*, um jornal nazista que havia no Rio de Janeiro e que foi fechado quando os navios brasileiros começaram a ser torpedeados, para o qual Jorge Amado colaborava muito na época do Pacto de Munique. Fez vários comentários sobre outras crônicas que, na maturidade, ele não só abjurou como procurou esquecer suas posições equivocadas.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou também que George Bernard Shaw também elogiou Hitler.

– O Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet lembrou, ainda, o equívoco cometido por Sigmund Freud, que dedicou um dos seus livros a um político italiano chamado Benito Mussolini. Prosseguindo, declarou que gostaria de fazer o registro de acontecimentos relevantes do interesse da Academia que aconteceram em Nova York, entre as quais a publicação, no *The New York Times*, de um excelente artigo, muito bem documentado, sobre Machado de Assis, e curiosamente este artigo foi assinado por Lerry Rohter, cuja estada no Brasil, representando o *The New York Times*, provocou certo rebuliço. Neste artigo, que considera magistral, ele começa citando Susan Sontag, que disse ser Machado de Assis o maior escritor jamais produzido pela América Latina, e também a avaliação do crítico Harold Bloom, que considerou Machado de Assis "a kind of miracle". Realizou-se um Simpósio, entre os dias 15 e 19 de setembro, ao qual compareceu, para celebrar o centenário da Morte de Machado de Assis. O evento foi promovido pela secção nova-iorquina da União Brasileira de Escritores, presidida pelo Prof. Domício Coutinho, e

teve início com um coquetel oferecido pelo Cônsul Geral do Brasil, Embaixador Graça Lima; exposições de quadros baseados em temas machadianos; a exibição de filme do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, *Asilo muito louco*, inspirado no conto *O Alienista*; além de mesas-redondas. Acredita que se torna maior a repercussão de Machado de Assis em todas as partes do mundo. Este simpósio em Nova York foi um deles. Londres foi pioneiro nesta celebração, que acontecerá também em Paris e Madri. Tudo isso prova que Machado de Assis, que sempre foi considerado um gênio, um escritor absolutamente exemplar e único no Brasil, está sendo visto dessa maneira em todos os países do mundo.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet por esta resenha que fez sobre as celebrações de Machado de Assis em Nova York, da qual participou sem ônus para a Academia. Isto significa que não só Machado de Assis está sendo celebrado fora do Brasil, mas ainda que a Academia está presente.

– O Acadêmico Carlos Nejar referiu-se aos cento e dez anos de Austregésilo de Athayde, que considera um dos poucos grandes homens que conheceu na sua vida Em sua opinião, tinha o humanismo de Montaigne, mas no âmbito prático. De um senso do real e do futuro, e não foi em vão que participou como um dos redatores da Declaração Universal dos Direitos Humanos na ONU. Viveu noventa e cinco anos e era eternamente um menino. Mesmo com a idade avançada subia à tribuna e, quando falava, se transfigurava, porque era naturalmente um comunicador, um grande orador. Recorda ter ouvido dele uma frase em que dizia que o Brasil era maior do que o abismo, porque o seu amor pelo país estava sempre adiante. Olhava para o futuro. Podemos dizer que ele morreu, mas era maior que a morte, porque andamos pelo prédio, vemos o que ele fez e vemos quanto ele vive, porque vive nos atos que praticou, vive na sua generosidade com o futuro, porque viu esta Casa na sua grandeza. Falando no sentido pessoal, considerava-o uma criatura humana das mais profundas, fraterno e de grande sabedoria. Certa vez lhe disse que sabia toda a *Bíblia* de cor, mas não tinha fé. Crê, porém, que ele conseguiu ter a grande fé, porque, no momento em que tinha fé na

posteridade, começou a ter também aquela fé que não morre, porque vem de um amor que não morre. Esta Casa tem uma forte presença dele, porque aqui ele colocou a sua vida.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar por essa lembrança de Austregésilo de Athayde em seu nome e da família. Disse que aqui nesta sala apenas os Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Carlos Nejar, Lêdo Ivo e Arnaldo Niskier conviveram com Austregésilo de Athayde. Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.

– No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Murilo Melo Filho, celebrando os 110 anos de Austregésilo de Athayde, discorreu sobre sua vida e obra, num trabalho consistente e abrangente que, por determinação do Presidente, será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

– O Presidente agradeceu em seu nome e da família as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho e disse-lhe sentir-se muito orgulhoso por estas palavras, pelo fato de ter sido genro de Athayde durante quase cinqüenta anos, e, ao mesmo tempo um pouco constrangido, por tratar-se de uma pessoa com quem tinha relações muito íntimas. Comunicou que fará chegar às mãos de sua mulher e dos seus filhos estas palavras tão generosas. A seguir, convidou os presentes para o Seminário "Brasil, brasis", às 17h30min, no Salão Nobre da ABL, cujo o tema será "Liberdade de expressão: base da democracia", coordenado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier e tendo como palestrantes o Ministro Célio Borja, os especialistas José Marque de Melo, Eugênio de Bucci, Lúcia Hipólito e o advogado Sergio Bermudes. Declarou que hoje foi um dia excepcional na Academia, pois aqui estiveram, durante o Chá, os representantes do Setor Monetário do Banco Central, da Casa da Moeda e integrantes da Academia Passofundente de Letras, que, durante o período da sessão, visitaram a Academia e participarão do Chá às 17h. Lembrou que na segunda-feira, como é do conhecimento de todos, haverá às 15 h, no Salão Nobre da Academia, a sessão solene para celebrar o centenário da morte de Machado de Assis, com a presença de Sua Excelência o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, do Governador Sérgio Cabral, dos

Ministros da Educação, Fernando Haddad, e da Cultura, Juca Ferreira. O orador da solenidade será o Acadêmico Eduardo Portella. Falarão também o Presidente da República e os Ministros da Cultura e da Educação. A Academia pretende entregar à Sua Excelência o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva três livros: o *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado, as *Obras Completas de Machado de Assis*, co-edição da Academia Brasileira de Letras, Aguilar, Biblioteca Nacional e o Instituto Cervantes, e o livro de Astrojildo Pereira sobre Machado de Assis, também uma co-edição da ABL com a Fundação Astrojildo Pereira. O Presidente receberá durante a solenidade a Medalha do Centenário da Morte de Machado de Assis. Durante a solenidade serão assinados os Decretos de Promulgação do Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Voltou a convidar a todos para participar do chá com os acadêmicos de Passo Fundo. Nada mais havendo a tratar, deu por finda a sessão.

DUAS PAIXÕES À PROVA DO TEMPO

*Entrevista com o Acadêmico Cícero Sandroni**

Atual presidente da ABL, Sandroni escolheu o jornalismo para ter um salário e discutir problemas brasileiros. O domínio do idioma o levou a repórter e colunista político e a escrever livros, inclusive sobre jornais.

Jornal da ABI – *Como tudo começou?*

Cícero Sandroni – Como todo foca em minha época, o início ocorreu sem salário e foi na *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda. Na época, havia lá grandes nomes, como Newton Carlos, Nilson Viana, Hermano Alves; gente que teve papel no crescimento da imprensa brasileira. Mais tarde, trabalhei com o José Guimarães, que fez o primeiro suplemento cultural da imprensa brasileira, e com profissionais como Luiz Alberto Bahia, Antônio Callado e José Condé, na minha primeira passagem pelo *Correio da Manhã*. No *Globo*, tive o prazer de trabalhar com Alves Pinheiro, grande chefe de Reportagem. Lá fiz cobertura do Itamaraty e matérias no exterior e tornei-me repórter político até 61, quando fui para Brasília.

---

* Publicada no *site* da Associação Brasileira de Imprensa no dia 20 de março de 2008.

Jornal da ABI – *Sua temporada em Brasília foi também dinâmica?*

Sandroni – Lá eu trabalhei com o Prefeito Paulo de Tarso dos Santos, que tinha também a Fundação Cultura de Brasília, onde atuava o Ferreira Gullar. Depois do Governo Jânio, fui para *O Cruzeiro* e em 1965, voltei ao *Correio de Manhã*, onde estreei a coluna "Quatro cantos", de oposição ao regime militar. Quando o jornal foi vendido, eu o deixei. Depois do AI-5, acabou o jornalismo político no Brasil. Então, mudei-me para a Bloch Editores, onde fui redator-chefe da revista *Tendência*. Mais tarde, já no *Jornal do Brasil*, fui editor de um suplemento de livros e cronista, antes de assumir o *Inforrne JB*, no lugar de Elio Gaspari. Na campanha das Diretas Já, passei para a *Última Hora*, para assinar a coluna *Ponto de vista*, em prol das eleições. Também fiz o semanário *O País* e muito *freelance*. Por fim, tive duas passagens no *Jornal do Commercio*. Na primeira, na gestão de Nilo Dante, em 1995 e 1996. Depois voltei em 2001, para ser Diretor-adjunto, e saí em 2003, para escrever o livro sobre o próprio jornal.

Jornal da ABI – *O que o fez querer ser jornalista?*

Sandroni – O salário. Fiz Jornalismo na PUC e cursei também a Ebape, mas queria casar e precisava de um salário. Meu primeiro emprego foi no *Correio da Manhã*. Eu era um leitor ávido de jornais, incluindo não só matutinos, mas também os vespertinos. E tinha um grande desejo de conhecer bem os problemas brasileiros. Era para isso que eu fazia o Ebape, um curso de Ciências Sociais voltado para os problemas brasileiros.

Jornal da ABI – *E como as redações se envolvem nisso?*

Sandroni– Eu tinha a certeza de que para compreender os problemas brasileiros não havia melhor alternativa que as redações de jornais. E isso de certa forma ocorreu porque encontrei nas redações as pessoas que tinham uma visão muito profunda do País. Não quer dizer que hoje elas não existam, mas naquela época as chamadas "enciclopédias ambulantes" eram mais numerosas, como

Jayme Magrassi de Sá. O jornalismo oferece isso ao homem. Há um ditado francês que diz que o jornalismo leva a tudo, mas você tem de sair dele. Isso, na verdade, não funciona comigo, que me sinto jornalista mesmo como Presidente da ABL. E espero, assim que deixar essa Cadeira, voltar ao jornalismo, se o jornalismo me quiser.

Jornal da ABI – *Em seu início de profissão, o senhor concorda em que conviveu com extremos na carreira, da liberdade de expressão à censura?*

Sandroni – Comecei no jornalismo na época de euforia de Juscelino Kubitschek. Em 1960, era repórter de fato e, naquele momento, havia completa e absoluta liberdade de imprensa no Brasil. Você tinha a percepção de desenvolvimento da imprensa muito grande. Tínhamos contato com correspondentes estrangeiros. Tanto que nessa época ocorreu a criação do Clube de Correspondentes Estrangeiros e um intenso intercâmbio de idéias entre jornalistas brasileiros e estrangeiros, salvo aqueles do Leste Europeu. O jornalismo passava por um momento de profissionalização que não tinha nos anos anteriores. A geração que fez o *Diário Carioca*, o *Jornal do Brasil*, *O Globo* e o *Correio da Manhã* nos anos 50 e 60 era a primeira que tinha emprego público e trabalhava em jornais para ganhar um dinheiro extra.

Jornal da ABI – *O senhor concorda em que o jornalismo dos anos 50 era gueto de partidos políticos?*

Sandroni – Não concordo com a palavra "gueto". Havia jornais com posições definidas, mas não partidárias. Eram posições políticas definidas.

Jornal da ABI – *O jornalismo mudou?*

Sandroni – Mudaram as pessoas, só isso. Quer dizer, o jornalismo, desde do começo, mudou um pouco o estilo. Como diz o Millôr Fernandes sobre sexo, desde o pecado original só mudou do original o estilo de cada um.

Jornal da ABI – *O senhor concorda em que aumentou o nível da profissionalização?*

Sandroni – Sim, o jornalismo tornou-se mais profissional. Hoje são raros os jornalistas que têm outra profissão, como ocorria antigamente. Os veículos precisam informar bem seu público e, para isso, precisam também da dedicação integral de seus profissionais. Dessa forma, se não for uma empresa forte, não oferecerá bom jornalismo.

Jornal da ABI – *E sua chegada à Academia Brasileira de Letras, como ocorreu?*

Sandroni – Estou na Academia mais pela bondade dos acadêmicos que me elegeram. Com o tempo, fui indicado para a tesouraria, trabalhei na Secretaria-Geral e agora estou na Presidência. Vale lembrar que esses cargos de diretoria na ABL são funções de trabalho voluntário. Não recebemos por isso. É um trabalho fascinante, um desafio diário, e também um grande prazer e um grande júbilo, ao terminar o dia, ver que cumpri o meu dever. Sem contar que é uma honra que jamais imaginei, a de substituir personalidades tão brilhantes como os últimos presidentes da ABL, notadamente o Ministro Marcos Vinicios Vilaça, a quem servi como Secretário-Geral.

Jornal da ABI – *O senhor tem dito que 2008 é um ano de efemérides na ABL.*

Sandroni – Sim, e mais importante é lembrar o centenário de morte de Machado de Assis, o primeiro Presidente da ABL e um de seus fundadores. Esse centenário será comemorado com uma série de eventos, como conferências, seminários e concertos de músicas dos tempos machadianos. Vamos repetir o Clube Beethoven, que reunia escritores e jornalistas. Além disso, estamos publicando vários livros que têm relação com o autor, como o *Dicionário de Machado de Assis*, a cargo de Ubiratan Machado; a reunião da correspondência de Machado, sob orientação do acadêmico Sergio Paulo Rouanet; e uma obra dedicada ao léxico, o "Indice vocabular de Machado de Assis".

Jornal da ABI – *E os outros eventos importantes de 2008 na ABL?*

Sandroni– Lembramos os 400 anos de nascimento do Padre Antônio Vieira, um dos consolidadores do português escrito no Brasil e em Portugal; teremos quatro conferências sobre a chegada da Família Real ao País e também concertos de música da época do Padre José Maurício Nunes Garcia, grande compositor do século XIX. Temos o centenário de Guimarães Rosa. E vamos recordar os cem anos de morte de Artur Azevedo com algumas leituras dramáticas. Não esqueçamos os cem anos de nascimento de Otávio Faria e os 120 de Álvaro Moreira. A Academia é hoje um centro de produção de saber e cultura: realiza eventos, edita livros e está na internet, com transmissão dos eventos *on-line*.

Jornal da ABI – *A ABL fará uma solenidade pelo centenário da ABI também?*

Sandroni – Vamos comemorar os cem anos da ABI com mesa-redonda aqui na ABL. O evento ocorrerá no Salão Nobre da Academia, dia 3 de abril, e contará com a participação de jornalistas e acadêmicos. Instituição importantíssima, a ABI é e sempre será aquilo que os jornalistas fizerem dela. Ela será tão melhor quanto mais jornalistas participarem dela. A Associação cresce e se fortalece se tem o apoio dos profissionais de todo o Brasil.

Jornal da ABI – *O senhor tem oito livros publicados, entre romances, como* O Peixe de Amarna, Um perfil de Carlos Heitor Cony *e a* História do Jornal do Commercio, *o mais recente. Há planos de escrever outros livros sobre periódicos nacionais?*

Sandroni – Trabalhei no *Jornal do Commercio* e comecei a estudar sua história por acaso – na época estava envolvido com um verbete para o *Dicionário Histórico-Bibliográfico* (de 1930 aos dias atuais), solicitado pela Fundação Getúlio Vargas. Ao iniciar as pesquisas, apaixonei-me pela história do jornal e formei um grupo, com três auxiliares, para me aprofundar mais. O livro saiu no ano passado e, a partir dele, tenho projetos de escrever outros dois. Um é uma leitura do *Jornal*

do Commercio sob o comando de San Tiago Dantas, ou seja, entre 1957 e 1959, quando ele vendeu o jornal. O foco da pesquisa são os editoriais que ele escreveu e a idéia é relacioná-los e perfilar o pensamento do autor, que tinha visão muito clara sobre os problemas brasileiros e suas soluções.

Jornal da ABI – *E o segundo livro?*

Sandroni – O outro projeto é uma biografia de José Carlos Rodrigues, que comprou o *Jornal de Commercio* em 1890, depois da Proclamação da República. O antecessor de Rodrigues era monarquista e o jornal passava por uma fase difícil, quando Rodrigues era seu colaboradro, em Londres. Em 25 anos, ele transformou radicalmente a publicação. Eu precisaria de 24 horas a mais por dia para terminar meus projetos literários. Outro, de ficção, é uma novela *Morrer em Casablanca*, que tem como subtítulo *A história do homem que nasceu no dia em que o Brasil perdeu a Copa* (a de 50). E há o livro *Batman não Foi a Búzios*. Se eu tiver tempo e saúde para terminar isso, lanço no meu tempo de vida.

Jornal da ABI – *A ABI é também sinônimo de Barbosa Lima Sobrinho, com quem o senhor teve um contato muito intenso.*

Sandroni – O primeiro foi quando ele completou 80 anos. Fui encarregado pela *Status* para fazer um perfil do Dr. Barbosa, em 1977. Já o conhecia, mas pouco. A *Status* era da Editora Três e tentava concorrer com as revistas masculinas que, comparadas ao que se faz hoje, seriam publicações para adolescentes. Quando um neto dele o questionou sobre o fato de falar para uma revista em que apareciam mulheres em trajes sumários, Barbosa respondeu que, qualquer veículo que lhe fizesse um pedido de entrevista, ele a concedia, porque tinha uma mensagem a transmitir. A partir daí, ele me convidou para o Conselho da ABI, onde fiquei quase 30 anos, sempre próximo dele. Depois, integrei a Diretoria, fui Secretário-Geral e Presidente do Conselho da Associação, após sua morte.

Tive no Dr. Barbosa um mestre, uma pessoa com quem a conversa era sempre proveitosa. Ele tinha uma incrível capacidade de ouvir e também de convencer os que discordavam dele sem se exaltar. Sempre dizia ser nacionalista, sem ser xenófobo. Se os capitais estrangeiros vierem para ajudar a economia nacional, ajudar os brasileiros, não tenho nada contra, dizia. Mas se for capital gafalhoto, disposto apenas a pegar juros e depois ir embora... Tenho grande honra de ocupar a Cadeira que um dia foi dele na ABL. Quando ele faleceu, alguns Acadêmicos sugeriram que eu me candidatasse, mas eu sempre disse que não tinha a estatura intelectual para substituí-lo. Tanto que, quando o D. Raimundo Faoro se candidatou, achei uma excelente solução.

E foi de lá da ABI que surgiu o documento pedindo a cassação do Presidente Collor, processo de que participei de uma forma quase irrelevante, mas até o fim.

O jornalismo e a literatura são duas paixões à prova do tempo para Cícero Sandroni, atual Presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL). Estagiário sem salário no início da carreira na *Tribuna da Imprensa*, dirigida pelo polêmico Carlos Lacerda em 1955, passou para o *Correio da Manhã* na seqüência e retornou aos dois jornais mais tarde: no primeiro, já sob a direção de Helio Fernandes; no segundo, como titular da coluna política "Quatro cantos", com a qual conquistou admiradores e adversários nos anos de chumbo, visto sua posição firme contra o regime militar.

A intimidade com as "pretinhas" (como se dizia nos tempos da máquina de escrever) e o curso de Ciências Sociais (além de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio, Sandroni cursou a Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas-Ebape, da Fundação Getúlio Vargas) – obrigaram o jornalista a "refugiar-se" nas redações para discutir os grandes problemas nacionais: – Eu tinha a certeza de que, para compreender os problemas, não havia melhor alternativa que essa. E isso de certa forma ocorreu porque eu encontrei nos jornais as pessoas que tinham uma visão muito profunda do país – explica.

O curioso é que transformar essa busca em carreira foi escolha pragmática: Sandroni abraçou o jornalismo porque precisava de um salário justo para casar

– mas isso já é outra história. Hoje, enquanto se encarrega de cuidar da administração da ABL ("mais uma vez sem salário", brinca), ele mantém os olhos voltados para o jornalismo, atividade a que pretende voltar depois do término de sua gestão na Academia, "se houver convites". Autor de oito livros, o ex-colunista político faz planos também de escrever novas obras.

AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

*Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor presidente.
Senhores acadêmicos.

Se tivesse conseguido viver até agora, Belarmino Maria Augusto Austregésilo de Athayde estaria completando, justamente neste 2008, nada menos de 110 anos de idade, porque nascido no dia 25 de setembro de 1898, na cidade pernambucana de Caruaru.

Tinha assim apenas um ano a menos do que esta nossa Academia, fundada em 1897, e que ele presidiu durante 33 anos, porque, eleito seu presidente no dia 26 de dezembro de 1960, só deixaria de sê-lo ao morrer, a 13 de setembro de 1993, faltando apenas 12 dias para completar 95 anos de idade.

Quando a morte sobreveio, já esperava por ela, embora aparentasse o contrário. Costumava dizer-me:

– Murilo, infeliz é quem não morre, porque viver também cansa.

E acrescentava:

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 25 de setembro de 2008.

– Na minha idade, já não faço mais amigos novos. Os jovens gostam de mim, mas me tratam a distância, como se eu fosse um pajé. É que fui amigo dos seus avós e até bisavós.

– Considero-me um jovem, amigo dos moços, sem nunca ter tido uma idéia própria de velho. As novas gerações vão passando e eu vou ficando. Ao chegar a esta incomum idade de 95 anos, sei que a minha vida algum dia vai terminar. E é mais do que natural que assim seja, pois já foi um grande privilégio meu chegar até aqui.

– Quando o homem morre, extingue-se com ele o Universo em que viveu, que o fez sofrer e amar. Não tenho nenhum medo da morte. Nenhum mesmo.

Certamente, Athayde estava confiando na longevidade dos seus pais, porque, entre outros atributos, tinha uma saúde de ferro.

Aos 95 anos de idade, sentia-se como um menino de 20.

Nunca havia tirado um dia de férias ou faltado a um só dia de serviço, trabalhando 12 horas diariamente, cumprindo todos os seus compromissos sociais e atendendo numa só noite a dois ou três convites.

Uma família admirável e unida

E concluía:

– Minha família sempre foi admirável e unida: minha mulher, Maria José; minha filha, Laura; meus filhos, Antônio Vicente e Roberto José; meu genro, Cícero; meus netos e netas; e minha dedicada secretária, Dona Carmen, que constituem o meu enorme e inestimável patrimônio.

Athayde passou a infância no seu Ceará, como coroinha das missas na igreja da Cidade de Cascavel. Seu passo seguinte foi ingressar no Seminário da Prainha, em Fortaleza, aos 12 anos de idade, estudando Teologia até o terceiro ano,

mas deixou a batina antes de receber a tonsura e ser ordenado sacerdote, e recebeu o seguinte conselho do reitor: – Você não tem vocação para o sacerdócio. Aconselho-o a ser jornalista.

Athayde passara, assim, como seminarista, pela mesma experiência do Presidente Juscelino Kubitschek, do Ministro Roberto Campos, dos Governadores Paes de Andrade e Tarcísio Burity, dos nossos Acadêmicos Antonio Olinto e Carlos Heitor Cony, dos jornalistas Irineu Guimarães e Sebastião Nery.

Athayde definia-se como um católico na infância e na juventude e um agnóstico na maturidade e na velhice. Afirmava acreditar em Deus, mas queria ter d'Ele uma prova pela razão, como Ernest Renan, e não pela fé, como os padres lazaristas do Seminário de Fortaleza.

Sem saber ainda se aquela previsão do reitor era certa ou errada, Belarmino tomou o navio *Pará*, e dele desembarcou na Praça Mauá, sem saber para onde era a Zona Sul ou a Zona Norte da cidade.

Iniciação no Rio

Segue-se a sua iniciação no Rio, quando o tio, o médico e Acadêmico Antônio Austregésilo, talvez numa premonição do seu futuro, o introduz no meio dos Acadêmicos da época: Alberto de Oliveira, Medeiros e Albuquerque, Manuel Bandeira, Miguel Couto, Domício da Gama, Gilberto Amado, Graça Aranha e Ribeiro Couto.

Trava aí uma polêmica com Antônio Torres e apoia a campanha presidencial de Rui Barbosa. Aproxima-se de Assis Chateaubriand, remando os dois na Baía da Guanabara e, juntos, "paquerando" as moças na Praia de Copacabana.

Ensina latim e português, citando poetas franceses, ingleses e espanhóis, além do Novo e o Velho Testamento, que se gabava de conhecer todinhos, de cor e salteado.

Athayde trabalha então nos jornais *A Tribuna*, como secretário; em seguida, no *Correio da Manhã*, como crítico literário; em *O Jornal*, como diretor; além do *Diário de São Paulo*, *O Cruzeiro* e *Jornal do Commercio*. Fundou a cadeia dos *Diários Associados*, ao lado de Assis Chateaubriand, sobre o qual dizia:

– Eu ficava assombrado e pasmo ao ver aquele homem baixinho no turbilhão de suas ações estabanadas, capaz de remover obstáculos, como se fosse um trator, usando muitas vezes métodos que eu condenava.

Ganha dinheiro na loteria e compra uma ilhota em Itacuruçá, onde instala um observatório astronômico, afirmando:

– Sou o segundo Acadêmico a ouvir os astros. O primeiro foi Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, com um bonito soneto, onde verseja: "Ora (direis) ouvir estrelas". E abro as janelas, "pálido de espanto".

O Casamento

Athayde apaixona-se por Maria José (Jujuca), 17 anos mais moça do que ele. Chatô foi à presença da futura sogra, mãe da noiva, e, sem muita autoridade moral, mas com aquele seu sotaque característico, faz-lhe uma recomendação:

– Dona Laura, eu posso até ser mulherengo. E sou. Mas lhe garanto que o caboclo Athayde é um cabra da peste, sertanejo muito bom.

Athayde participa da Revolução Tenentista de 30. Envolvido na Revolução Constitucionalista de 32, é preso e exila-se em Lisboa, Madri, Paris e Londres, embarcando aí num navio direto para Buenos Aires, porque estava impedido de fazer escala no Rio de Janeiro.

Graças à interferência do chanceler Afrânio de Melo Franco, consegue uma licença especial para vir ao Brasil e casa-se com Maria José, dia 12 de julho de 1933, numa união destruída somente pela morte, 60 anos depois, em 1993.

Redobra aí o seu combate a Getúlio, ao DIP, ao Estado Novo e agora, também, aos ditadores Stalin, Hitler, Franco e Mussolini.

Vai aos Estados Unidos, para fazer a propaganda do café brasileiro, então em crise. Entrevista Herbert Hoover, Nelson Rockefeller, Henry Ford, Sinclair Lewis e Dorothy Parker.

Acompanha a Segunda Grande Guerra: invasão da Polônia, queda de Paris, bombardeio de Londres, a FEB na Itália, capitulação do Eixo, derrubada de Getúlio em 1945 e a 3.a Assembléia Geral das Nações Unidas, realizada na França, no ano de 1948, em cuja Terceira Comissão colabora na elaboração da Declaração dos Direitos do Homem, com Eleanor Roosevelt, o libanês Charles Malek, o soviético Ivan Pavlov e o francês René Cassan.

Essa Declaração Universal dos Direitos do Homem foi solenemente assinada no *Palais de Chaillot*, com a presença do presidente francês, Vincent Auriol, dia 10 de dezembro de 1948, há 60 anos, portanto.

Mais ainda: Athayde é o orador oficial da solenidade e recebe elogios do presidente Jimmy Carter e de René Samuel Cassan, o jurista e diplomata de origem judaica, Prêmio Nobel da Paz de 1968.

Avista-se em Paris com Paul Reynaud, Robert Schuman, Georges Bidault, Paul Spaak, Georges Duhamel e François Mauriac, sendo recebido no Vaticano pelo Papa Pio XII, com o qual conversou em francês e em latim.

Recebe o Prêmio Maria Moors Cabot na Universidade americana de Columbia.

O Candidato à ABL

De volta ao Brasil, Athayde acompanha a sucessão presidencial de 1950, com a vitória de Vargas, e candidata-se à Academia Brasileira de Letras, sendo eleito logo no primeiro escrutínio, no dia 9 de agosto de 1951, para a Cadeira

8, e toma posse três meses depois, dia 14 de novembro. É sucedido por dois Antônios: o Callado e o nosso Olinto.

Aí reaproxima-se de Getúlio, que muito combatera e cujo suicídio abre vaga para Chateaubriand aqui se eleger.

Escreveu mais de 10 mil artigos para os Diários Associados, vangloriando-se de ser, então, o mais antigo jornalista na ativa em todo o mundo. E acrescentava: – Como jornalista vocacionado, fiz literatura. Sou e quero ser sempre jornalista, intérprete do Tempo e profeta do Futuro. E mesmo ressalvando que não pensava em ser um escritor propriamente dito, produziu um livro de contos: *Histórias Amargas*; um romance: *Quando as Hortênsias Florescem*; três livros de crônicas: *Alfa do Centauro, As Conversas da Barbearia Sol* e *Vana Verba*, além dos ensaios: *A Influência Espiritual Americana, Fora da Imprensa, Mestres do Liberalismo, Dom Pedro II, A Cultura do Brasil* e *Epístola aos Contemporâneos*.

No dia 26 de dezembro de 1960, toma posse na presidência desta Academia, onde ficaria até morrer em 1993, ao longo de 33 anos ininterruptos, três vezes mais do que os 11 anos da presidência de Machado e os 10 anos da presidência de Rui.

Franco e Culto

Austregésilo era um homem franco, sincero, espontâneo, culto e enciclopédico, de uma conversa fluente e agradável, não raro cética, ao estilo do filósofo grego Pirro, do filósofo francês Bayle e do filósofo escocês Hume.

A vida de Athayde, no seu mundo spengleriano e na sua patriarcal liderança, está retratada, com correção e autoridade, nas 800 páginas do livro *Athayde, o Século de um Liberal*, escrito a quatro mãos pela sua filha Laura e pelo seu genro, Cícero Sandroni, que é também um dos seus sucessores na presidência desta Casa, onde, aliás, se vem conduzindo com tanta eficiência e com tanta competência.

Como ocupante dessa mesma Cadeira onde Cícero agora está sentado, Athayde atravessou os governos de Juscelino, Jânio, Jango, os 21 anos da ditadura militar, as presidências de Sarney, Collor e Itamar. Assistiu à sucessão de 56 acadêmicos e presidiu a posse de todos os seus substitutos.

Certo dia, Athayde estava completando 90 anos. E recebia os cumprimentos do Acadêmico Oscar Corrêa, que completava 70 anos e lhe disse o seguinte:

– Faço votos para que nos próximos dez anos possamos comemorar o seu centenário.

E Athayde respondeu:

– Meu caro Oscar, não sei por que não. Afinal de contas, você ainda está tão jovem e tão saudável.

Mordido por um Cão

Quem conta a seguinte história é a nossa secretária, D. Maria Carmen de Oliveira:

Certa manhã, Athayde foi mordido pelo seu cachorro de estimação. E procurou vaciná-lo no posto da Rua do Rezende, onde foi atendido por uma enfermeira, que pediu o seu nome:

– Austregésilo de Athayde.

– Ostregéssi do quê? Isto é nome de gente? Escreva aqui o seu nome inteiro.

Meu senhor, arranje um nome melhor. Apesar de velho, o senhor ainda está em tempo de trocar de nome. Não perca essa chance.

Presidindo uma reunião das quintas-feiras, Athayde convidou os acadêmicos a visitarem as obras de construção do Mausoléu no Cemitério de São João Batista. E anunciou:

– Está muito bonito, vistoso, com mármore branco, espaçoso e agradável.

Acadêmicos mais idosos entreolham-se, assustados. Levi Carneiro tosse nervosamente. Aníbal Freire pressiona o estômago. Álvaro Moreyra força um espirro, aparentando estar gripado. Múcio Leão e Manuel Bandeira levam a mão ao peito, como se uma dorzinha os incomodasse. Athayde volta à carga:

– Está aberto o **voluntariado**. Quem se habilita?

E Peregrino Júnior, afinal, reage, incisivo:

– Nesta, Presidente, não conte comigo. Estou fora.

Numa Visita ao Mausoléu

Na companhia de Athayde, o governador Moreira Franco estava certa tarde em visita ao nosso Mausoléu. E querendo ser gentil, comentou:

– Está tudo muito simples, sóbrio e solene. Só está um pouco quente, sem janelas e ventilação. Quem sabe, Athayde, se você não poderia abrir umas janelas, para refrescar um pouquinho?

E Athayde, apontando para os sepulcros:

– Pois é, governador. Deles todos, até hoje, não recebi nenhuma queixa.

Quando morreu o Acadêmico Orígenes Lessa, Athayde telefonou:

– Meu caro Lêdo, chegou a sua hora. Cuide de candidatar-se.

– Mas, Presidente, eu já tentei várias vezes e não consegui.

– É que, nas vezes anteriores, você não era meu candidato. Mas agora é e já tem mais de 30 votos certos. Outra coisa: vá para o seu sítio de Teresópolis e só volte na véspera da eleição. Até lá, só abra a boca para beber água e escovar os dentes.

Cumprindo o conselho, Lêdo, com 37 votos, foi consagrado unanimemente.

Um Edifício com seu Nome

A maior realização de Athayde, nesta ABL, foi conseguir a doação do terreno vizinho aqui do *Petit Trianon*, ocupado pelo Pavilhão Britânico durante as comemorações do Centenário de nossa Independência, em 1922, e que foi depois a sede do Tribunal Federal de Recursos, antes da transferência da Capital para Brasília, onde se transformou no atual Superior Tribunal de Justiça.

Lutou durante quase 20 anos pela construção deste bonito prédio de 33 andares, que foi, em seguida, batizado com o seu nome, por proposta do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho.

Pode-se imaginar a sua emoção ao inaugurá-lo no dia 20 de julho de 1979, nos 82 anos de idade desta Academia, quando ele, entre outras coisas, disse o seguinte:

– Sempre sonhamos com este Edifício. Agora, podemos olhar de frente o nosso destino, na certeza de que a nossa Academia será doravante uma Instituição sólida e independente e uma referência importante na vida cultural do Rio de Janeiro e do Brasil.

– E quando, sobre as gerações de hoje, baixarem as sombras, então será possível, aos que vierem depois de nós, dizer estas palavras consoladoras: a realidade é ainda maior do que o sonho.

A realidade e o sonho de Belarmino Maria Augusto Austregésilo de Athayde reencontram-se aqui, nesta Revista, quando estamos homenageando os 110 anos do seu nascimento, esta Efeméride, que agora concluo com uma frase do Acadêmico Cícero Sandroni, segundo o qual:

– Assim como Machado – o bruxo do Cosme Velho – foi o grande Fundador da Academia Brasileira de Letras, Athayde – outro bruxo, também do Cosme Velho – foi o seu inesquecível Construtor.

SESSÃO DO DIA 2 DE OUTUBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 25 de setembro de 2008, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Eduardo Portella, que aniversaria no dia 8 de outubro. Distribuiu aos Acadêmicos carta da Senhora Himirene Guimaraens, viúva de Alphonsus de Guimaraens Filho, em que registra o fato de ter recebido a Ata com o pronunciamento de vários Acadêmicos lembrando a figura do saudoso escritor. Informou que recebeu um texto da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, enfatizando o papel de Ester de Figueiredo Ferraz, que levou corajosamente a bandeira dos ideais da revolução da mulher, a maior revolução do século XX (O texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). Agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a doação ao Arquivo Múcio Leão de uma fotografia por ocasião da inauguração da Usina da Companhia Ferro e Aço, em Vitória, em 30 de outubro

de 1963, que retrata, entre outros, os ainda futuros Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Candido Mendes de Almeida e Celso Furtado. Observou também que o presidente da Usina da Companhia Ferro e Aço de Vitória, naquela ocasião, era o também futuro Acadêmico Helio Jaguaribe. Acrescentou que recebeu um pedido do Vereador Luiz Humberto no sentido de entregar a Medalha do Mérito Pedro Ernesto, p*ost mortem*, a Joaquim Maria Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras, dia 3 de outubro, às 16h. Entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia o *Vocabolario degli Accademici della Crusca* – Venezia – MDCXII e os livros *Quatro Secoli di Crusca, catalogo degli Accademici* e *Le Pale della Crusca – Cultura e Simbologia*, doados pela Academia della Crusca. Dentro das publicações referentes ao Centenário de Morte de Machado de Assis, relatou que a Academia recebeu a *Obra Completa de Machado de Assis*, em quatro volumes, da Editora Nova Aguilar, e pediu que cada Acadêmico indicasse quatro pessoas que merecessem receber a obra. Informou que os Acadêmicos receberão em casa a reedição do livro *Machado de Assis, Ensaios e Apontamentos Avulsos*, da Fundação Astrojildo Pereira, em co-edição com a Academia Brasileira de Letras, e ainda o D*icionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado, onde este reúne cerca de dois mil verbetes referentes à biografia e à bibliografia do autor de *Dom Casmurro*.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco fez um registro da brilhante iniciativa do Presidente Cícero Sandroni que resultou no extraordinário êxito da visita do Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, para celebrar, com a assinatura do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, o centenário da morte de Machado de Assis. Lembrou que estava participando de um seminário no Itamaraty e não tinha se dado conta de uma circular onde o então chanceler Otávio Mangabeira recomendava a todos os chefes de missão do Brasil no exterior, que utilizassem e propagassem a língua portuguesa nos foros internacionais, o que ocorreu há exatamente oitenta anos. Leu a circular que diz o seguinte: "O Ministro das Relações Exteriores recomenda a Vossa Excelência que, no desempenho das funções de representante do Brasil, procure cooperar, por todos os meios idôneos que as circunstâncias lhe proporcionem, para a expansão e o prestígio da língua portuguesa.

Lembrando-se, no estrangeiro, do idioma, que é uma viva expressão do país, não deixará de estar Vossa Excelência prestando o seu culto à Pátria. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1928."

– O Presidente Cícero Sandroni lembrou que Otávio Mangabeira foi chanceler do Presidente Washington Luiz.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida lamentou não poder estar presente no Centenário de Morte de Machado de Assis em virtude da reunião de alto nível das Nações Unidas, em Costa Rica, na seqüência da 18.º reunião da Academia da Latinidade, cujo êxito compartilhou com os Acadêmicos. Entregou o livro *Subjetividades Colectivas y Globalización: Fronteras, Diásporas y Naciones – Textos de Referência da XVIII – Conferencia de la Academia de la Latinidad*. Ressaltou que se discutiu a noção da diáspora, ou seja, não esquecer de que hoje há trinta milhões de mexicanos nos Estados Unidos que são tratados como uma nação de segunda classe. Não é só o fato de Obama ter ignorado que há um muro junto ao rio que separa os dois países e, dentro disso, entender que a diáspora supõe que haja uma referência ao país de origem. Os mexicanos que cruzam a fronteira abdicam de sua identidade, estão todos fazendo um juramento aos Estados Unidos, que jamais admitirão a idéia de que o espanhol possa ser uma segunda língua nacional nos Estados Unidos. Isto é a destituição desse grupo, e os mexicanos estão preocupados de saber como esta mexicanidade, em termos de latinidade, é o fenômeno que mais marca a destruição de uma migração orientada neste sentido. Informou que este foi um tema fundamental do debate, somado ao das "pseudo-nações" latino-americanas. Ressaltou que o livro brasileiro mais lido, na área de História da Universidade do Yucatán, é o *Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho. Na área de literatura, o livro é *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, e o segundo, nessa mesma área, é *Viva o Povo Brasileiro*, do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida a oportuna notícia sobre a literatura e a história brasileira. Lamentou a sua ausência na celebração dos cem anos de morte de Machado de Assis, na segunda-feira, dia 29 de setembro.

– O Acadêmico Antonio Olinto discorreu sobre a sua viagem à Bahia, onde participou, junto com o Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, de homenagem ao Acadêmico Jorge Amado; em seguida foi à Uberaba para falar sobre o saudoso Acadêmico Geraldo França de Lima. Pediu um voto de pesar pelo falecimento da escritora Amélia Sparano, ítala-brasileira, que aqui chegou durante a Segunda Guerra Mundial e passou a escrever em português romances e poemas.

– O Presidente Cícero Sandroni lembrou que a escritora Amélia Sparano era uma pessoa especial, freqüentava os cursos da ABL, era sócia do Pen Club e tem uma obra literária importante de poesia e tradução do italiano para o português.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou o Ano Novo judaico. Ressaltou que a civilização judaica tradicional se manteve firme na crença da existência de um Deus único e todo poderoso há quase seis mil anos. A tradição judaica mantém, com muito fervor, o respeito a essas datas sagradas. Salientou que há no mundo 16 milhões de judeus confessos, e curiosamente há um movimento de uma reconversão, exemplificando o que aconteceu esta semana com o pintor Mário Mendonça, brasileiro, dos maiores de arte sacra. Informou que Mário Mendonça lhe enviou a sua certidão de nascimento modificada com o nome de Mário Carneiro da Cunha Mendonça Filho e esclareceu, a propósito de seu gesto, que é descendente de cristãos novos, tendo guardado até hoje esse segredo. Disse que tem muito orgulho de ser descendente de cristãos novos e gostaria que o Acadêmico Arnaldo Niskier soubesse disso. Ficou comovido com o fato, porque sente que as pessoas se orgulham de ter uma ascendência judaica, principalmente aqueles que provêm de Portugal e Espanha. Há uma afinidade muito grande entre aqueles que crêem na *Bíblia*, tanto pela vertente do Velho Testamento quanto do Novo Testamento, pois o Deus é um só, a crença é uma só, e os valores que são respeitados são também valores que atuam em uníssono. Em seu nome e da sua família desejou a todos um Feliz Ano Novo.

– O Acadêmico Moacyr Scliar apoiou as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier. Declarou ser uma ocasião de muita emoção. Primeiro, porque não

é de todo mal fazer parte de um grupo que tem dois anos novos, um agora e outro no final do ano. Em segundo lugar, ressaltou a importância do ano doce, quando um grupo humano cuja finalidade principal é dar o testemunho da história, revela uma consciência muito grande da conjuntura histórica, dos rumos que a humanidade toma, e isto é interessante, porque hoje têm início os dez dias terríveis que medeiam entre o Ano Novo e o Dia do Perdão. Nesses dez dias, as pessoas farão um balanço da sua vida e, à semelhança da confissão e da penitência cristã, vão tentar examinar sua consciência e detectar seus problemas.

– O Acadêmico Carlos Nejar, a propósito das palavras dos Acadêmicos Arnaldo Niskier e Moacyr Scliar, congratulou-se com a comemoração do Ano Novo judaico e relatou ter descoberto que é sefaradim, porque seus ancestrais foram perseguidos pela inquisição da Rainha Isabel e fugiram para o Oriente. Um de seus ancestrais, chamado Israel Najara, era poeta e rabino. Aos poucos foi descobrindo toda a sua ascendência judaica, e muito o honra assumir esta descendência. Acredita ser essa união muito benéfica para a paz mundial.

– O Presidente agradeceu as palavras dos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Moacyr Scliar e Carlos Nejar lembrando o Ano Novo judaico.

– A Acadêmica Ana Maria Machado acrescentou o que chamou de uma nota de pé de página. Desejou Feliz Ano Novo a todos, porque no Brasil não sabemos o quanto e de quem descendemos exatamente. Lembrou o crítico inglês, nascido na Áustria, George Steiner, que traz uma contribuição significante quando salienta que a cultura judaica nos deu, ao longo dos tempos, três instâncias de exigência ética, quase insuportáveis para a humanidade, pelo seu rigor, com Cristo, Marx e Freud. Disse que era essa a lembrança que queria trazer aqui, ecumenicamente.

– O Presidente agradeceu as palavras da Acadêmica Ana Maria Machado e acredita que dentro da tradição judaica todos nós podemos aproveitar para nestes dez dias refletir sobre esses princípios de ética.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo do Acadêmico Tarcísio Padilha intitulado "O itinerário iluminado de Alceu Amoroso Lima", publicado na *Revista da Academia Mineira de Letras* – Volume XLVIII.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho referiu-se à vida e à obra de Euclides da Cunha, procurando demonstrar que, numa vida atribulada, a sua obra deveu-se em grande parte à presença de três figuras que influenciaram diretamente ou indiretamente a elaboração: Júlio de Mesquita, que o enviou como correspondente para a Guerra de Canudos; Francisco Escobar, intendente municipal em São José do Rio Pardo, que lhe deu todo o apoio e estímulo para elaborar *Os Sertões*; e o Barão do Rio Branco, que o designou chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, em conseqüência da qual Euclides escreveu páginas importantes sobre a Amazônia. Discorreu sobre eleição para a Academia, após a publicação de *Os Sertões*, os votos que Machado de Assis sempre lhe dava nas eleições para Presidência e a página "Última Visita", quando descreveu a visita de um rapaz ao leito de morte de Machado de Assis. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

– O Acadêmico Carlos Nejar elogiou o trabalho minucioso, completo e comovido do Acadêmico Alberto Venancio Filho. Lembrou ter lido um texto de Agripino Grieco em que ele fala de Francisco Venancio, pai do Acadêmico Alberto Venancio Filho, por ocasião da morte de Euclides da Cunha.

– O Presidente Cícero Sandroni lembrou que, na segunda-feira passada, a Academia Brasileira de Letras viveu o momento mais importante da celebração do Centenário da Morte de Machado de Assis. Acredita que com as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho esta Casa abre o Ano Euclides da Cunha, que será comemorado em 2009. Designou a Comissão composta dos Acadêmicos Alberto Venancio Filho, José Murilo de Carvalho e Affonso Arinos de Mello Franco para iniciar essa programação. Disse que ficou muito comovido com as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho, especialmente quando se refere a São José do Rio Pardo, onde passou, quando menino, boa parte das suas férias. Lembrou que seu tio o levava para a

ermida, que fica ao lado da ponte construída por Euclides da Cunha e falava muito dele. Na época, com dez anos, não tinha muito idéia de quem fosse, mas já lhe despertava a atenção. Agradeceu, mais uma vez, ao Acadêmico Alberto Venancio Filho as palavras tão inteligentes e que, de forma sintética, deu ao plenário uma visão da vida de Euclides da Cunha.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que São José do Rio Pardo, a partir de 15 de agosto, mantém anualmente uma Semana Euclidiana, de comemorações e conferências. Lamentou que, infelizmente, esta cidade está sendo marcada por uma certa maldição. Seu pai, quando em 1946 estava indo para esta cidade participar das comemorações, faleceu em São Paulo e, há quatro anos, Roberto Ventura, que para lá se dirigia, faleceu na rodovia.

– O Presidente Cícero Sandroni disse saber que no próximo ano a Academia participará da Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo, e os Acadêmicos terão que enfrentar esta maldição.

– O Acadêmico Domício Proença Filho referiu-se às belíssimas palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre Euclides da Cunha. Disse acreditar que a ABL nunca trabalhou tanto quanto hoje na direção da Unificação Ortográfica, e pode dizê-lo aproveitando a ausência do Acadêmico Evanildo Bechara, para não ferir sua modéstia, além de sublinhar a expectativa brasileira, inclusive no plano oficial, de que em breve seja possível publicar o *Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras* de acordo com as novas regras.

– O Presidente Cícero Sandroni convidou os presentes para a comemoração do centenário de nascimento do cientista Josué de Castro, sob a coordenação do Acadêmico Moacyr Scliar e tendo como oradores as professoras Elizabeth Accioly, Ana Maria de Castro e o Acadêmico Arnaldo Niskier. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ

*Palavras da Acadêmica Lygia Fagundes Telles**

Na opinião do Professor Miguel Reale, a maior revolução do século XX foi a Revolução da Mulher. Levando corajosamente a bandeira dos ideais dessa revolução, na primeira fila está Esther de Figueiredo Ferraz. Os que vão na frente desafiando os preconceitos da época são os que levam no peito as primeiras rajadas. Mas foram de admiração e de amor as rajadas que Esther recebeu em plena luta.

Convivi com Esther na juventude, eu entrava para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e ela no fim do curso e com as maiores notas e os melhores prêmios. Nos intervalos das aulas, as conversas nas arcadas do antigo convento franciscano. "A memória é a casa da alma", segundo Santo Agostinho. Pois nesta casa daqueles meus sonhos juvenis eu tive em Esther a mais generosa das confidentes.

Posteriormente, convivemos na Academia Paulista de Letras, onde fui testemunha do seu amor pela poesia e pela música – Revejo essa Primeira-dama de ação e de contemplação lutando até o fim na defesa dos direitos humanos. Que Deus a guarde em suas arcadas da eternidade!

---

* Proferidas na sessão do dia 2 de outubro de 2008.

O ITINERÁRIO ILUMINADO DE ALCEU AMOROSO LIMA

*Tarcísio Padilha**

A conversão de Alceu Amoroso Lima ao catolicismo constituiu um momento de grandeza para a fé então esposada e um marco cultural de significação expressiva para os rumos da história das idéias católicas no país. São múltiplas e variegadas as conversões registradas ao longo da história das religiões. Umas tem o sinete de uma brusca lufada de ar fresco que mudou de um momento a outro a temperatura espiritual de uma alma humana. Outras, porém, falam mais de um percurso sinuoso e turbulento a vincar a profundidade evolutiva de um itinerário penoso.

São Paulo, Paul Claudel e André Frossard, por exemplo, em poucos instantes privilegiados, se viram engolfados pela brisa diáfana de uma fé fina e penetrante a lhes atingir as fímbrias da alma. E daí em diante a nova convicção jamais sofreu qualquer abalo e seguiu impávida o trilhar pessoal dos novos crentes.

Santo Agostinho e Santo Inácio de Loiola subiram o monte pedregoso das dúvidas, da angústia em postergar até o limite possível a decisão de dar o passo final para a plenitude de sua adesão ao ideário robusto que os vinha atraindo há tempos.

---

* Artigo publicado na *Revista da Academia Mineira de Letras* – Volume XLVIII, abr./maio/jun. de 2008.

Alceu Amoroso Lima nos oferece o exemplo de uma longa caminhada até o momento do adeus à disponibilidade, carta enviada a Sergio Buarque de Holanda como desenlace de uma trajetória de difícil praticagem.

Impende traçar o perfil biográfico de Alceu. Nasceu ele em 11 de dezembro de 1893, no Rio de Janeiro. O menino Alceu morava perto da casa de Machado de Assis, cuja obra iria conhecer a fundo.

A atmosfera era leve e parecia prometer um itinerário radioso de sol a pino. Alceu era contrário a uma educação convencional. Buscava em tudo a ansiada liberdade que é sua marca favorita. Daí o autodidatismo que principiou com o mestre Koepcke, em Petrópolis. Os que conheceram Alceu de perto sempre falam do homem vincado pela alegria de viver, o sorriso fácil a emoldurar-lhe a face, as roupas largas para não lhe coartar os movimentos, o contato franco com o outro, a abertura às idéias. Alceu era múltiplo, como seus interesses por tudo quanto emergia no mundo da cultura e na expressão humana de convivência.

A verdade não é tão linear. Seu sucessor na Cadeira 40 da Academia Brasileira de Letras, Evaristo de Moraes Filho, publicou na revista *A Ordem*, do Centro Dom Vital, artigo de rara densidade psicológica, intitulado "A loucura e o suicídio na temática de Alceu", em que descreve as angústias que povoaram o espírito do jovem que viajava freqüentemente à Europa e sorvia as lições de Henri Bérgson. Sua irmã mais velha, Abigail, foi internada no Sanatório de São Lucas, no sul da França e lá faleceu. Machado de Assis fazia versos para Abigail recitar ainda no Cosme Velho. A pressão do vazio interior chega ao paroxismo quando, em Veneza, no hotel Danieli, Alceu disse para si mesmo: "quando diabo estou fazendo no mundo? Detesto a advocacia. Não tenho religião. Nada tem sentido. Terminarei louco ou me suicidando".

O episódio foi narrado pelo próprio Alceu, quando da primeira visita de João Paulo II ao Brasil em 1980, em encontro com cem intelectuais, no Sumaré. A revelação nos surpreendeu a todos e anos de convivência jamais me permitiria supor tão dramático momento na vida do grande pensador. Alceu sorveu a angústia de um itinerário desafiante em que as dúvidas o atormentavam e acabaram por florescer numa correspondência trocada com Jackson de Figueiredo,

em que as almas de ambos transbordaram num duelo de inteligência e de sensibilidade poucas vezes gestados em nosso epistolário cultural.

De 1919 a 1928, cartas são trocadas com o selo inconcusso de dramas interiores em que a tragédia ficou à espreita.

Neste rico epistolário, Alceu obtempera: "cada vez estou mais convencido que um homem é o que são suas cartas".

Em carta a Jackson, datada de 9 de agosto de 1927, Alceu extravaza sua angústia: "juro-te de todo coração. E mais uma vez te asseguro que falo sem nenhuma excitação. Juro-te que se Deus existe em qualquer parte do universo, ou em todo o universo, aqui ao meu lado ou dentro de mim, ou no Calvário, juro que se Ele pode acaso ouvir a minha prece, a minha blasfêmia dirá Você, só uma coisa lhe peço: a loucura ou a morte".

Chega o momento em que Jackson não se sente portador dos instrumentos teológicos mais profundos para dialogar com a alma atormentada e em crise e recomenda a Alceu que visite o Padre Leonel Franca, S.J, o sábio jesuíta. Escreve Alceu em 26 de novembro de 1927: "Algumas palavras apenas para contar que ontem fui visitar o Leonel Franca. É realmente uma criatura encantadora. Toda espiritualidade. Tão doce no falar, com um ar tão indulgente, sabendo aceitar as investidas de um pensamento exasperado como o meu, e ao mesmo tempo tão sereno e tão seguro, naquela hierarquia de valores do espírito que ele joga sutilmente em torno da gente como uma rede impalpável, luminosa, sutil, mas de um trançado ao mesmo tempo tão geométrico como as redes reais, que nas mãos parecem moles, confusas, inextricáveis, mas encontrando um obstáculo se enrijecem, se distendem, mostram só então a força formidável desses fios frágeis, que isolados não valem nada, quebrariam à primeira distensão, mas juntos, cruzados, coordenados, são capazes das maiores resistências".

O notável escritor católico emerge dos diálogos com o Padre Franca e principia uma nova fase da vida, ancorado em leituras, em orações, numa freqüência diária à missa das 6h30, na Igreja de Santo Inácio, onde eu o via diariamente

com seu portentoso missal, alheio ao eventual burburinho à sua volta, como o celebrante, totalmente imerso em sua via mística.

É o momento de bosquejar o perfil de Alceu à luz de uma evolução bem assinalada por fases distintas. O escritor obedece a opções triádicas em que parece abeberar-se de uma dialética de longínqua inspiração hegeliana. Assim é que principiou sua afirmação cultural numa imersão de cunho literário. A estética começa a dar as cartas nesta fecunda vida intelectual e espiritual. Emerge com força insopitável o crítico literário, um dos mais brilhantes que refulgem na paisagem de nossa cultura. Foi mesmo um descobriador de talentos, ao realçar o papel do regionalismo do nordeste, com o reconhecimento do papel desempenhado pela jovem Rachel de Queiroz e seu primeiro romance, *O Quinze*, a importância de José Américo de Almeida e de Zé Lins do Rego, trio de peso invulgar no cenário de nossas letras.

Por igual o vemos divisar a relevância de Marcel Proust, então desconhecido entre nós. Assim, mercê de invulgar capacidade de ler e de revelar valores, Alceu prestou inestimáveis serviços à cultura brasileira, gerando, por vezes, críticas infundadas como se o grande pensador se limitasse a amealhar uma cultura de fichário, como chegou a cognominá-lo Joaquim Pimenta.

A primeira fase evolutiva de itinerário iluminado de Alceu surgiu nos jornais em que, sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, o aureolado mestre nos conduzia maviosamente nos domínios das letras que criativamente se firmavam aqui e alhures. Sem o crivo sensível de Alceu, talvez passassem despercebidos muitos valores que luziram em nosso horizonte literário desde o fim do século XIX e ao longo do século XX.

A segunda não menos fecunda fase de sua evolução intelectual e espiritual, Alceu irá abraçar a fé católica, fenômeno singular pelas características de que se revestiu.

À semelhança do ocorrido com o casal Jacques e Raissa Maritain, Alceu não via sentido numa vida sem sentido. O casal francês acertou um pacto de suicídio, caso uma luz não viesse a lhes iluminar os caminhos.

A luz emergiu da escuridão e gerou uma obra portentosa e vidas exemplares numa ascensão espiritual e intelectual de rara densidade.

A correspondência trocada com Jackson nos oferece o ensejo de acompanhar *pari passu* o processo que culminou com a conversão, uma das mais sofridas na história de almas de escol. As cartas emudecem com a trágica morte de Jackson de Figueiredo afogado nas ondas potentes da Gruda da Imprensa, em 4 de novembro de 1928, sob o olhar pungente de seu filho Luis, meu colega de PUC nos idos da década de 40.

Jackson e Alceu tinham muito em comum e certamente não menos diferenças expressivas. Ambos partilhavam uma concepção conservadora haurida em Joseph de Maistre e De Bonald, mas também se filiam ao espiritualismo que provém de Farias Brito e encontra em Dom Sebastião Leme o timoneiro purpurado com larga visão do papel dos leigos intelectuais na vida da Igreja. Sua pastoral de 1916 está na raiz da transformação da intelectualidade católica no País, antes esquiva e tímida. É a origem do Centro Dom Vital de notável presença na cultura brasileira, a partir de 1921, com a edição de A Ordem e, no ano seguinte, com a criação do próprio Centro.

Com a trágica morte de Jackson de Figueiredo em 4 de novembro de 1928 Alceu ascende à presidência do Centro e lhe altera substancialmente o perfil. Antes voltado para a fé e a política, a entidade passa a receber o impacto do universalismo que permeia o espírito de Alceu. É a afirmação maiúscula do pensamento católico que irá dominar a arena dos debates mais relevantes do período.

Neste período de produção rica e diversificada, Alceu nos brinda com uma verdadeira Summa, já que nada pareceu escapar ao seu olhar perquiridor. Literatura, Filosofia, Teologia, Ciências Sociais e Políticas, Educação, Psicologia foram visitadas com penetração especulativa e lucidez empírica a atestar o alcance de sua visão de mundo, marcada por "patente universalismo". São mais de cem obras. Infelizmente hoje um tanto esquecidas. Sua produção parecia fluir ao sabor da pena, sem uma excessiva preocupação com a perfeição estilística, fenômeno que,

conscientemente, acompanhou o itinerário literário de seu cunhado, Octavio de Faria.

Como seu mestre Jacques Maritain, Alceu sempre sublinhou a relevância da *polis*. Não o atraia o intimismo excessivo de pseudo-místicas. O outro ante o eu é condição de possibilidade de sua emergência como ser que se reconhece a si mesmo. Alceu subscreveria o sentir de Viellard-Baron: "*une société sans religion entraîne une religion sans société*". Uma religião vivida sem a vivência da *polis* engendra seu enfraquecimento. Isto porque, segundo Fichte, a tendência comunitária faz parte... das tendências fundamentais do homem. "O homem está destinado a viver na sociedade; ele tem a obrigação de viver na sociedade; ele não será um homem inteiro, acabado, e se contradiz a si mesmo, se ele vive isolado".

Após decádas de dedicação às idéias filosóficas que se inseriram em seu múmus de escritor, Alceu irá infletir seu pensar, vai adentrar-se na conjuntura para exercer uma missão de cunho ético na avaliação do regime militar de 1964, de que se tornará talvez o crítico mais veemente. O escritor faleceu quando ainda vigia o arbítrio e seus olhos não puderam refrescar seus dias com a aragem das liberdades pelas quais se batia.

Isto não impediu o pensador de caminhar da velhice para a juventude de espírito, buscando sempre, repetindo a frase de Afonso Arinos, sempre ser fiel aos vinte anos.

Alceu morreu aos quase noventa anos no cimo de sua fé católica e na vigília de sua imorredoura mocidade.

Alceu relatou ao Papa João Paulo II, no encontro de cem intelectuais com o Sumo Pontífice, em 1980, quando de sua primeira visita ao Brasil. Pude ouvir o relato e me surpreendi até porque Alceu eu fomos colegas na PUC do Rio de Janeiro, ao longo de mais de uma década e, após, nos encontrávamos no Centro Dom Vital, especialmente a partir de 1978, quando sucedi ao saudoso filósofo Eduardo Pardo de Mendonça como vice-presidente da instituição. À época, Sobral Pinto dirigia o Centro e Alceu o visitava às quintas feiras, dia de sessão

na Academia Brasileira de Letras e recebia quantos o procuravam, sempre com alegria e espontaneidade, verdadeiras marcas registradas suas.

O fim da I Guerra Mundial assinalou uma série de fatos que levaram de roldão a *belle époque*. Neste momento particularmente delicado do ocidente, Alceu assentiu: "neste período de ebulição de idéias... duas preocupações... absorventes abriram para mim, em parte o caminho que me levaria à conversão ao Catolicismo. Primeiro o interesse pelas causas sociais... A segunda preocupação... diz respeito ao problema da loucura". O texto revela um veio rico para a compreensão da caminhada de Alceu: a ausência de fé parece favorecer a loucura, ou pelo menos, revela uma interface com a insanidade. Aí está aberto o caminho para a superação dos estreitos limites da razão raciocinante, a avenida larga da sensibilidade sem a qual a vida se estiola e murcha.

EUCLIDES DA CUNHA

*Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Inicio homenageando a figura de Francisco Venancio Filho, meu pai, grande estudioso da obra de Euclides da Cunha. Com ele aprendi muito do que sabia nos livros, artigos e publicações, inclusive no volume editado em 1981 na Coleção Afrânio Peixoto.

Partiu da idéia de que Euclides morreu assassinado aos quarenta e três anos e aos trinta e cinco escreveu a grande obra *Os Sertões*, não produzindo depois obras de tanta importância. Mostrou que a vida atribulada e as tarefas de engenheiro não possibilitaram a realização de outras obras e destacou a contribuição de personalidades que direta ou indiretamente contribuíram para a realização da obra: Júlio de Mesquita que o chamou para colaborar no jornal *O Estado de S. Paulo* e o designou para correspondente na Guerra de Canudos e de cujas notas e artigos provêm *Os Sertões*; Francisco Escobar, intendente municipal em São José do Rio Pardo, onde Euclides passou três anos reconstruindo a ponte sobre o Rio Pardo e que lhe deu as condições necessárias, estimulando-o, fornecendo livros, e formando os grupos que ouviam a leitura dos capítulos; e Rio Branco que o designou chefe da Comissão do Reconhecimento do Alto Purus e possibilitou a grande aventura da Amazônia, em expedição extremamente perigosa.

* Proferidas na sessão de 2 de outubro de 2008.

Pretendia escrever um livro *O Paraíso Perdido* ficando apenas algumas páginas de *À Margem da História*, que conta com o dramático episódio sobre Judas Aasverus, e páginas de *Contrastes e Confrontos*. Fez afinal referência que a publicação de *Os Sertões* levou-o ao Instituto Histórico e à Academia, eleito em 1903, mas só empossado em 1906, ao voltar da Amazônia. Mostrou que Euclides foi praticamente convidado a ingressar na Casa, declarando que o voto de Machado de Assis era uma consagração. A partir de 1907, freqüenta a Academia e, na última sessão presidida por Machado de Assis, apresenta o início de um vocabulário técnico.

Quando da agonia do mestre, indagava a Coelho Neto: "Será que Machado pode morrer?"

O episódio do jovem que visitou Machado no leito de morte, relatado no artigo de Euclides da Cunha, encerrou a exposição.

SESSÃO DO DIA 9 DE OUTUBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Lêdo Ivo, José Murilo de Carvalho, Marco Maciel, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 2 de outubro de 2008, que foi aprovada. Deixou as comunicações da Diretoria para o final da sessão e deu a palavra ao Acadêmico Arnaldo Niskier, que precisava se ausentar para participar das cerimônias religiosas do Yom Kipour.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier declarou estar se manifestando em caráter pessoal, mas imaginando que possa suscitar a solidariedade da Casa. Considera um dever de justiça aludir aos fatos que passou a narrar e que começaram no dia 1.º de agosto, quando quarenta pessoas foram especialmente convidadas para um encontro com o Presidente da República no BNDES. O convite era para discutir sobre cultura. Nesta reunião, o Presidente da Academia, Acadêmico Cícero Sandroni, o surpreendeu quando propôs objetivamente

ao Presidente da República que assinasse oficialmente na Academia Brasileira de Letras o Decreto de Implementação da Unificação Ortográfica. Este convite tinha um propósito, porque a imprensa a cada dia anunciava uma data diferente para assinatura deste documento. Com um senso de oportunidade muito grande e de uma forma bastante objetiva, falando em nome da Academia Brasileira de Letras, o Presidente Cícero Sandroni ofereceu a Casa de Machado de Assis e propôs a data de 29 de setembro, dando tempo para as providências burocráticas que são naturais nesses casos, a fim de que o Presidente Lula viesse à ABL assinar quatro decretos. Disse do seu orgulho em estar em companhia do Acadêmico Candido Mendes presente a essa solenidade. Está certo de que nunca houve em outra época uma operação que trouxesse o Presidente da República à Academia para a assinatura de quatro decretos. Assinalou que, com a sobriedade característica da sua personalidade, o Presidente da ABL recebeu o Presidente da República muito bem, com toda fidalguia e sentia-se, nitidamente, que o Presidente Lula estava inteiramente à vontade. Isso foi dito pelo Ministro Luís Dulci. Assinalou que queria apenas fazer o registro desta importante cerimônia, à qual estavam presentes o Ministro da Educação, o da Cultura e o Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, que aqui representava o Ministro Celso Amorim. Declarou ao Presidente Cícero Sandroni tratar-se de um abraço de solidariedade pelo sucesso que foi essa operação, e para que sinta no coração a gratidão dos seus pares por tudo isso. Pediu ao Presidente que, contrariando os seus hábitos, aceitasse esse voto de louvor. Prosseguindo, apresentou outro nome, que se juntará aos demais já apresentados, para concorrer à Cadeira 6 do Quadro dos Sócios Correspondentes.

– O Acadêmico Domício Proença Filho indagou se a apresentação desta proposta ainda está no prazo hábil. Declarou nada ter contra a indicação, apenas porque, sendo membro da Comissão e estando com o parecer em fase de elaboração, gostaria de ter esta informação.

– O Presidente Cícero Sandroni informou que o prazo terminou ontem, dia 8, mas como a sessão é hoje, dia 9, acredita não haver nenhum problema em receber esta outra proposta. Submeteu a apresentação ao plenário, que

aprovou a inclusão desta outra candidatura. Comunicou que a proposta será encaminhada à Comissão para incluí-la no parecer. Com relação às palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier sobre a vinda do Presidente da República à Academia, declarou só ter que agradecer e dizer que cumpriu o seu dever. E passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho falou sobre o jurista Dario de Almeida Magalhães, cujo centenário do nascimento se comemora este ano. Lembrou que esta Casa foi fundada por um grande jurista, Ministro do Supremo, Lúcio de Mendonça, e teve como primeiros ocupantes três grandes juristas, Clovis Beviláqua, Rodrigo Octávio e Inglês de Souza. Foi também fundador um dos maiores advogados de todos os tempos, Rui Barbosa, e pertenceram à outros grandes advogados, como Franklin Dória, Alfredo Pujol, Levi Carneiro e Evandro Lins e Silva. Considera apropriado que esta Academia, que é também a Casa das Letras Jurídicas, possa prestar um tributo ao advogado Dario de Almeida Magalhães, que não foi escritor de profissão, mas homem de boas letras, destacou-se no jornalismo e atuou na vida pública. Discorreu sobre a vida e a obra de Dario de Almeida Magalhães, grande jurisconsulto, um dos mais notáveis do Brasil e um dos escritores mais bem dotados de que tem notícia, e por todos estes título se justifica esta homenagem no centenário do nascimento de Dario de Almeida Magalhães. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco declarou que, embora apanhado de surpresa por esta data tão honrosa, não pode deixar de manifestar sua total solidariedade ao que acaba de dizer o Acadêmico Alberto Venancio Filho. Falou da sua proximidade com Dario de Almeida Magalhães, do parentesco e da amizade que uniu as famílias. Freqüentador assíduo da sua casa, guarda dele uma lembrança saudosa, porque, além de ser um grande jurista, tinha inteligência privilegiada. Tudo que a ele se perguntava era respondido da melhor maneira possível, sobre Direito, História, Filosofia. Era de uma grande erudição. Manifestou nesta oportunidade o seu reconhecimento à memória deste grande brasileiro que foi Dario de Almeida Magalhães.

– O Acadêmico Lêdo Ivo estranhou que o Acadêmico Alberto Venancio Filho, em sua evocação, tenha citado apenas três grandes juristas pertencentes à Academia. Disse que gostaria de acrescentar a esta nominata o jurista alagoano Pontes de Miranda, que é do mesmo nível dos citados, e cuja obra de jurista tem uma dimensão filosófica que faltou àqueles outros, porque conhecia profundamente a jurisprudência alemã, de modo que iluminou a jurisprudência brasileira com novas luzes. Mencionou o seu livro *Democracia, Liberdade, Iguadade: os Três Caminhos*, que gostaria até que fosse reeditado e lido, nesta hora em que uma nova barbárie toma conta do mundo e as liberdades humanas estão em perigo.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que citou apenas os juristas que foram Fundadores da Academia e alguns advogados, e Pontes de Miranda nunca foi advogado. Está certo de que o Acadêmico Lêdo Ivo não faria a injustiça de pensar que ele desconhecesse a figura de Pontes de Miranda. Lembrou ter sido o Acadêmico Lêdo Ivo que o indicou para falar sobre Pontes de Miranda no Salão Nobre desta Casa, no centenário do seu nascimento.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu muito a evocação do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre Dario de Almeida Magalhães, que não teve a felicidade de conhecer, mas leu alguns dos seus livros e conheceu a sua atuação como jornalista nos Diários Associados até 1942, quando rompeu com Chateaubriand. Agradeceu também as palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e declarou que vai pedir à Secretaria que faça a transcrição destes textos para enviar à família de Dario de Almeida Magalhães, seu filho Raphael e sua filha Tereza.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que hoje, ao entrar na Academia, viu a Casa cheia de jovens e recordou uma discussão no Fórum de Reitores do Rio de Janeiro que tem muito a ver com essa sucessão de presidências, as quais estão trazendo a mocidade para dentro da Academia Brasileira de Letras. Foi objeto dessa discussão o modo pelo qual nos Cursos de Comunicação e de Letras, de um modo geral, a ABL está se juntando a toda a nova manobra de inteligência e de interrogação da Universidade brasileira.

Por tudo isso, gostaria de convidar o Presidente Cícero Sandroni para uma próxima reunião do Fórum de Reitores, para que possam sistematizar o que tem sido a revolução do programa "Brasil, brasis". Salientou outro aspecto que considera muito importante: o fato desta Casa estar avançando na direção da modernidade. Isso em diversas perspectivas. Indagou quem não viu ontem na televisão o Acadêmico Ivan Junqueira falando de Manuel Bandeira. Salientou como é difícil falar de Bandeira, e que só um grande poeta pode falar de outro, no sentido de encontrar o tom, a trama e o encadeamento. Ressaltou o que um poeta pode dizer de outro poeta, no instrumento mais frágil, que hoje é a televisão de massa no Brasil. Chamou a atenção, também, para o sucesso do pai e do filho ao referir-se a um artigo da *Folha de São Paulo* desta semana que foi categórico ao anunciar uma obra-prima, *Réquiem*, que é a conjugação do texto poético com a arte plástica. Pergunta-se se é possível ter uma página melhor, no que consiste esse trabalho admirável com que Gonçalo Ivo ilustrou a meditação do pai. Acha que este é um livro que marca um passo adiante em termos de comunicação, e que o "Brasil, brasis", essa nova técnica da comunicação está marcando hoje uma Academia que deixou as suas convenções e está no nervo deste Brasil e da sua nova linguagem.

– O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu muitíssimo ao telespectador Candido Mendes de Almeida e disse que esqueceu de ver o programa, mas depois das palavras dele vai levar um DVD para casa.

– O Presidente Cícero Sandroni assegurou ao Acadêmico Ivan Junqueira que as palavras não foram só de Candido Mendes de Almeida, mas de todos os seus confrades.

– O Acadêmico Antonio Olinto falou um pouco sobre o Prêmio Nobel de Literatura deste ano, Jean-Marie Gustave Le Clézio. Lembrou que conheceu o jovem Le Clézio há muitos anos, na editora dos seus livros e de Jorge Amado, que era também a dele. Certo dia, numa conversa, ele falou da sua vida e disse-lhe que passou três ou quatro anos na Nigéria, porque seu pai era médico naquele país. Nessa ocasião discutiram longamente sobre a influência da África na literatura de Le Clézio, e disse-lhe o que desejava fazer

na sua literatura em relação à África. Ficou muito feliz com a notícia de que aquele homem, quase africano e muito francês, que lhe falou sobre o tempo feliz que viveu na África, tenha ganhado o Prêmio Nobel de Literatura. A seguir, falou sobre Lúcio de Mendonça, que terá o seu centenário de morte comemorado no próximo ano. Como o grande homem que fez a Academia Brasileira de Letras, esta Casa tem que pensar como será celebrada a sua memória.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a referência a Le Clézio, Prêmio Nobel de Literatura desta ano, que o Acadêmico Antonio Olinto conheceu na França e certamente a Academia vai se manifestar, informando-lhe suas palavras e congratulando-se pela outorga deste importante prêmio. Quanto às celebrações do centenário do falecimento de Lúcio de Mendonça, o assunto já está anotado para o programa cultural de 2009 e será levado à nova Diretoria.

– O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos declarou que, por sugestão do Acadêmico Tarcísio Padilha, fez um pequeno relato da sua participação como representante da Academia nos eventos que aconteceram em Nova York e em outros lugares dos Estados Unidos, com relação ao centenário da morte de Machado de Assis. Relatou que a Universidade de Nova York realizou uma excelente mesa-redonda com a participação de todos os especialistas americanos em Machado de Assis, tradutores e críticos. O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet fez, na Sociedade da América Latina, uma belíssima conferência sobre Machado de Assis, que foi gravada e transmitida pela televisão da Universidade de Nova York. Quanto à sua participação, limitou-se aos dois filmes baseados em obras de Machado de Assis. Foram ambos apresentados na Universidade de Nova York e, depois, na Universidade de Yale, seguidos de debate com especialistas em Machado de Assis e um professor de cinema da Universidade da Califórnia, que é um brasilianista do cinema que já escreveu vários livros sobre o cinema brasileiro e conhece bem o assunto. Os dois filmes foram exibidos no *Film Society of Lincoln Center*, dentro da sessão latina do Festival de Nova York, com grande público e ingresso pago. Tudo isso se deve também à contribuição do jornalista Larry Rohter, que escreveu um

bom artigo sobre Machado de Assis e levantou o interesse principalmente da comunidade brasileira, mas também da comunidade acadêmica ligada aos estudos sociais da América Latina e aos estudos literários. Disse ter sido um grande prazer estar lá, de dar esta contribuição e ver o cinema cumprindo essa função literária.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos pelas notícias da sua participação neste festival, especialmente com seus filmes que foram legendados em inglês.

– O Acadêmico Ivan Junqueira perguntou ao Acadêmico Antonio Olinto se conhecia alguma obra de Jean-Marie Gustave Le Clézio traduzida para o português. Deu a notícia ao Plenário que foi traduzido aqui no Brasil, publicado pela Cosac & Naif a obra *O Africano*, em tradução de Leonardo Fróes, a quem a ABL concedeu o Prêmio de Tradução deste ano.

– O Presidente Cícero Sandroni informou ao Plenário que a Casa recebeu da Câmara dos Vereadores, por indicação do Vereador Luiz Humberto, a Medalha Pedro Ernesto, *post mortem*, dada a Machado de Assis. Informou que, por iniciativa do Acadêmico Marco Maciel, a Biblioteca Rodolfo Garcia recebeu quatro volumes da *História da Literatura Ocidental*, de Otto Maria Carpeaux, editados pelo Senado Federal.

– O Acadêmico Marco Maciel ressaltou considerar importante que todos os Acadêmicos recebessem a edição de Otto Maria Carpeaux, uma edição pequena, mas que não pode faltar na estante de quem se preocupa com a questão da literatura. Entregou também à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Obras Completas de Casimiro de Abreu*, publicada sob os auspícios de Sua Majestade Imperial o Senhor Dom Pedro II, coligida e anotada por Norberto de Souza.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Marco Maciel a doação dessas obras importantes, que enriquecerão o patrimônio da Biblioteca. Informou que saiu a segunda edição do livro *Cartas ao Amigo Ausente*, de José Maria da Silva Paranhos. A primeira edição foi feita pelo Itamaraty com

prefácio do Acadêmico José Honório Rodrigues, prefácio que foi reproduzido nessa edição. Agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho o trabalho e a insistência no sentido de dar a lume essa obra fundamental para o entendimento do Segundo Reinado.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho ressaltou que há muito tempo este livro deveria ter sido reeditado, não só por sua contribuição no que toca à História do Segundo Reinado, mas, sobretudo para as relações exteriores do Brasil, porque foi na véspera do país envolver-se na Guerra do Prata. O outro lado do livro é um extraordinário depoimento para a História do Rio de Janeiro. São crônicas semanais sobre a vida desta cidade, e não entende como passou tanto tempo para que fosse reeditada.

– O Acadêmico Domício Proença Filho associou-se às palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier que se antecipou a um pronunciamento que tinha proposto trazer ao Plenário, diante da importância da vinda do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Academia Brasileira de Letras pela segunda vez. A primeira para comemorar os 110 anos de fundação desta Instituição. Acha que nunca antes na história da Academia um Presidente da República abriu a sua agenda para assinar decretos vinculados a dois assuntos da maior importância para esta Casa. Assuntos que são uma preocupação fundamental: Machado de Assis e o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho registrou que, em 1958, o Presidente Juscelino Kubitschek esteve na ABL para assinar o decreto regulamentando a Lei Eduardo Ramos, para permitir as publicações da Academia na Imprensa Nacional.

– O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou que a Casa teve a honra de acolher como Acadêmico o Presidente da República Getúlio Vargas, sem dúvida o nosso maior estadista nascido no século XX.

– O Acadêmico Carlos Nejar secundou as palavras dos Acadêmicos Arnaldo Niskier e Domício Proença Filho. Parabenizou o Presidente Cícero Sandroni pelo momento em que a Academia encontra o seu próprio destino, um

destino de grandeza por ato dessa Presidência. Um evento importante, onde se assistiu a um discurso notável do Acadêmico Eduardo Portella, um discurso de vivência e de plenitude dessa Casa como entidade do Brasil. Uma entidade que não apenas tem tradição de passado, mas também uma tradição de presente que se impõe.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que o Presidente Afonso Pena veio mais de uma vez a esta Casa.

– A Acadêmica Ana Maria Machado assinalou que, nessa mesma sessão, celebram-se duas grandes figuras: os Acadêmicos Austregésilo de Athayde e Dario de Almeida Magalhães, presos no governo Getúlio Vargas, também este um Acadêmico.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que Virgílio de Mello Franco foi preso juntamente com Austregésilo de Athayde e Dario de Almeida Magalhães.

– O Acadêmico Ivan Junqueira recordou que, durante a comemoração do Centenário da Casa, esteve entre nós o Presidente Fernando Henrique Cardoso.

– O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou que, quando a Acadêmica Rachel de Queiroz recebeu o Prêmio Camões, o Presidente Itamar Franco esteve nesta Casa.

– O Acadêmico Domício Proença Filho perguntou se todos esses presidentes abriram a sua agenda para assinar um decreto sobre Acordo Ortográfico de importância internacional. Acredita que esse aspecto é que conta neste momento em que se assina o Acordo Ortográfico, que une oito países.

– O Presidente Cícero Sandroni lembrou que o então Presidente do Senegal, Leopold Sédar Senghor, também esteve na Academia Brasileira de Letras. Esclareceu que a primeira idéia para convidar o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva era a celebração do Centenário de Machado de Assis. Estava convencido naquele momento de que o Governo Brasileiro se omitiu, durante todo ano, em relação ao Centenário da Morte de Machado de Assis, a mínima

homenagem era vir a Academia no dia em que se celebrava o centenário de sua morte.

– O Acadêmico Marco Maciel lembrou que já foi sancionada a lei que considera o ano de 2010 o Ano Cultural Joaquim Nabuco.

– O Presidente Cícero Sandroni sugeriu uma lei considerando também o ano de 2009 como o ano Euclides da Cunha.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que ficou satisfeito ao ouvir o Presidente da ABL dizer que convidou o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a homenagem do Centenário de Machado de Assis, mas confessou que se sentiu constrangido no momento em que o Presidente assinou os decretos na mesa da ABL, porque uma das coisas que o levou a entrar nesta Academia era o tom não-oficial da Casa.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha disse acompanhar há muito tempo o itinerário de Carlos Heitor Cony, que sempre o surpreende porque sabe nitidamente distinguir o bom senso e o senso comum. Salientou ainda que a advertência feita pelo Acadêmico Carlos Cony merece reflexão. Acha que a Academia deve se manter afastada do poder, não é que tenha sido a intenção da Casa promover, e o Presidente deixou bem claro que a idéia era a presença do Poder Executivo nas comemorações do Centenário de Machado de Assis, de tal sorte que o Acordo veio posteriormente juntar-se ao principal, ao substantivo. Acha importante a ponderação do Acadêmico Carlos Heitor Cony pela capacidade de saber pensar, no meio de um problema complexo, um aspecto que às vezes pode passar despercebido.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida acha grave essa situação, pois ela envolve uma consideração maior do ponto de vista do que seja uma manifestação de oficialismo. A Academia é um lugar da cultura. O Presidente pode visitar um monumento, um quartel, um sindicato, e ninguém dirá que estes estão se oficializando. Não reconhecer que um Presidente da República pode, em termos de uma realidade cultural, prestar homenagem a um lugar da cultura, é a seu ver levar-nos a um debate fascinante sobre o que é a

cultura cívica, o que é o oficialismo e o que é a demanda de uma representatividade nacional.

– O Acadêmico Domício Proença Filho esclareceu que a relação com o Acordo Ortográfico é uma questão de intimidade da Casa. Esta Casa sempre teve, desde Medeiros de Albuquerque, durante todo o processo em que se discutiu ortografia neste país, uma atuação direta na luta pela unificação da língua. No momento em que o Acordo Ortográfico, que nasce na Casa, é posto em execução graças ao esforço do Acadêmico Antônio Houaiss, faz questão de observar que as assinaturas desses Decretos trouxeram modificações mínimas, apenas orientadoras das diretrizes que caracterizam a representação gráfica da língua no país. Não muda a língua, não há problemas de nacionalismo, de identidade cultural. Há um problema meramente ortográfico. Então neste momento, se o Presidente da República vem para uma homenagem a Machado de Assis, como foi intenção da presidência, e assina aqueles documentos em que põe em vigor a Reforma Ortográfica, acredita que a Casa está sendo homenageada, sem qualquer subserviência. Se outra fosse a intenção, ou se outros fossem os propósitos da presença do Presidente da República nesta Casa, poderiam ter justificação as palavras dos Acadêmicos Carlos Heitor Cony e Tarcísio Padilha. Mas não vê assim a questão. Vê que a vinculação do Acordo Ortográfico com a Academia é inerente à Casa de Machado de Assis. A Academia Brasileira de Letras é co-responsável, em todos os momentos, pela elaboração, pela operacionalização e pela complementação e implementação deste Acordo. Até porque os últimos documentos assinados estão delegando à Academia este papel. Espera que o convençam de que está errado.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony voltou ao assunto assinalando que destacou bem as duas coisas: a assinatura do Acordo, que é um ato oficial, e a homenagem a Machado de Assis. Concorda que o Presidente deveria vir à Academia, como veio o Fernando Henrique Cardoso por ocasião do centenário desta Casa. O ato físico, o ritual da assinatura, foi que não lhe pareceu muito adequado à Casa, porque a Academia não tem esse tom oficial. A Casa tem sua autonomia própria, mas não possui ranço oficial de nenhuma espécie.

A Academia atua numa outra dimensão, numa outra equação, filosófica e cívica. Devia, sim, ter vindo à Academia, feito o belo discurso que fez e ter trazido assinados os decretos. Isso tiraria qualquer vestígio de oficialismo da ABL. Sentiu-se muito constrangido ao ver que a mesa sempre ocupada pelos Diretores da Casa, tornara-se de repente oficial. Foi disso que não gostou.

– O Presidente Cícero Sandroni anunciou que não pretende responder ao Acadêmico Carlos Heitor Cony, porque o Acadêmico Domício Proença Filho já fez uma explanação perfeita sobre a posição da Casa com relação ao Governo, ao poder político e econômico. Disse-o para deixar o Acadêmico Carlos Heitor Cony tranqüilo com relação a estas assinaturas, que não consistiram na assinatura do Acordo Ortográfico, pois este fora assinado há muito tempo no Palácio do Planalto. Aqui foram assinados quatro decretos complementares que não mancharam a mesa da Academia Brasileira de Letras. Pediu desculpas ao Acadêmico Moacyr Scliar que, em virtude do adiantado da hora, terá que adiar para a próxima sessão a efeméride sobre Hipólito José da Costa. Antes de encerrar a sessão, convidou os presentes para o recital da pianista Sylvia Maltese, que apresentará, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr, uma seleção da obra musical de Alfredo d'Escragnolle Taunay, fundador da Cadeira 13, hoje ocupada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Nada mais havendo a tratar, deu por finda a sessão.

DARIO DE ALMEIDA MAGALHÃES

*Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Comemora-se este ano o centenário de nascimento de Dario de Almeida Magalhães. Esta Casa foi fundada por um grande jurista, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Lúcio de Mendonça e teve como primeiros ocupantes juristas como Inglês de Souza, Rodrigo Otávio e Clóvis Beviláqua. A ela ascendeu na fundação o maior advogado de todos os tempos Rui Barbosa e com ele podem se aproximar, entre outros, Franklin Dória, Alfredo Pujol, Levi Carneiro e Evandro Lins e Silva. É apropriado, pois, considerar que esta Casa também é a Casa das letras jurídicas, e assim prestar um tributo ao advogado Dario de Almeida Magalhães, que não foi escritor de profissão, mas homem de boas letras. Dario destacou-se no jornalismo e atuou na vida pública. No ano passado, esta Casa homenageou outro grande advogado: Nehemias Gueiros, seu contemporâneo.

Nascido em Belo Horizonte, filho do ilustre desembargador Raphael de Almeida Magalhães, na época em que a Relação de Minas contava com uma plêiade de grandes magistrados, muitos, mais tarde, Ministros do Supremo Tribunal Federal, entre outros, Edmundo Lins, pai do nosso confrade Ivan Lins, Arthur Ribeiro e Orozimbo Nonato.

---

* Apresentado na sessão do dia 9 de outubro de 2008.

Graduou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e recebeu o Prêmio Rio Branco, outorgado ao aluno que obtivesse as notas máximas em todas as matérias.

Afonso Arinos traçou-lhe o perfil do bacharel recém-formado:

> "Mais moço do que eu, mal saía da adolescência, mas já se pronunciava nele o homem que sempre foi depois. A sua bela cabeça de perfil nobre e olhos claros, resultado do caldeamento de velhos sangues da imperial província fluminense, afável, mas distante, concentrado sem misantropia, passava os dias cercado pelas altas estantes da Biblioteca da Relação, e os aproveitando, preparando-se para a grande carreira de advogado que depois realizou, carreira cheia de êxitos profissionais, mas também fecunda no exemplo de ética e de civismo".

Ainda jovem exerceu o magistério, foi assistente do advogado geral do Estado e ocupou este cargo interinamente.

Aos vinte e seis anos era nomeado diretor do *O Estado de Minas* da cadeia dos *Diários Associados,* de propriedade de Assis Chateaubriand e em pouco tempo era transferido para o Rio de Janeiro, diretor geral da gestão dessa cadeia de jornais, da qual participava o nosso confrade Austregésilo de Athayde.

Em 1942 por ocasião da vinda do Secretário de Estado Americano Sumner Welles à Conferência Inter-Americana, foi designado por todos os diretores de jornais da capital da República, para saudar o secretário norte-americano com o discurso "A Imprensa e a Vocação do Brasil". Austregésilo de Athayde comentou que o discurso de Dario "rivalizava com as melhores orações da literatura política do Brasil". E acrescentava:

> "O Sr. Dario de Almeida Magalhães deu a Sumner Welles à medida do valor moral do jornalismo, antecipando-se na liça quando ainda os governos tergiversavam e forças do mal pareciam triunfar. Fê-lo com a beleza, a sobriedade e o sentido das orações que devem perdurar na vida nacional, pois que exprimem uma trama eterna da sua alma".

Desentendimentos com Assis Chateaubriand levaram-no a deixar em 1942 a direção dos jornais e se fixou no adversário do regime do Estado Novo. Em 1943, foi um dos redatores e signatários do *Manifesto dos Mineiros*, no início da derrocada do Estado Novo. O Governo foi implacável na punição dos signatários. O Presidente Vargas em discurso chamou os signatários do Manifesto de "leguleios em férias" e promoveu a demissão arbitrária de todos que exerciam cargos públicos e em instituições ligadas ao Governo. Por exemplo, o nosso confrade Afonso Arinos foi demitido das funções de advogado do Banco do Brasil. Excetuou-se Dario que não exercia cargo público.

Em 1944, circulou no país documento anônimo de grande expressão: "O Dever das Forças Armadas em face da ditadura" conclamando-as a promover a derrubada do regime. Documento de crítica severa só poderia ser divulgado sob o anonimato, para evitar punições caso fosse conhecido o autor. E Dario escolheu para o título do manifesto *Timandro*, como lembrança do manifesto do Império *O Libelo do povo*. E passou o Natal de 1944 na prisão com Austregésilo de Athayde e Rafael Corrêa de Oliveira.

Em 1946, o Partido Republicano indicou Dario para a pasta de Educação. Ao saber da notícia Chateaubriand, ausente no exterior, voltou imediatamente ao Brasil e exigiu do Presidente Dutra que a nomeação fosse desfeita. Com este episódio, Dario afastou-se da política, dedicando-se apenas à prestigiosa banca de advogado.

Por ocasião do centenário de Rui Barbosa em 1949, indicado pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados, falou no Supremo Tribunal Federal sobre Rui Barbosa e o Supremo Tribunal Federal, oração que é um dos trabalhos mais importantes sobre a atuação no tribunal desse nosso confrade.

Indicado pelo Governo Brasileiro pronunciou na Universidade de Montevidéu quatro conferências sobre evolução constitucional e política do nosso país.

Publicou dois livros reunindo discursos, mensagens e pronunciamentos: *Páginas Avulsas* e *Figuras e Momentos*. No prefácio desta última obra o nosso confrade Abgar Renault acentuou as qualidades de orador e do escritor Dario de Almeida Magalhães.

"Dario de Almeida Magalhães, não sendo havido por homem de letras, é, todavia, um escritor pelo cuidado exemplar que dispensa a essa pobre coisa a que está reduzida em nosso país a língua nacional. Dotado de raro bom gosto, conhecedor meticuloso do que há de melhor na literatura clássica e na moderna, assim em prosa como em verso, dele se pode dizer, sem favor ou exagero, que é um estilista.

Quero assinalar que Dario de Almeida Magalhães é igualmente dotado para a palavra oral e para a palavra escrita, isto é, são excepcionais na sua personalidade esses dons, os quais dele fazem, não apenas um grande jurisconsulto – um dos mais notáveis do Brasil, em qualquer tempo, e nos dias que correm o maior de todos – senão também um dos escritores mais bem dotados de que tenho notícia.

Por todos esses títulos, se justifica o registro nesta Casa do centenário de Dario de Almeida Magalhães.

SESSÃO DO DIA 16 DE OUTUBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro, Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira no exercício da presidência, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 9 de outubro de 2008, que foi aprovada. Comunicou que nesta data substitui o Presidente Cícero Sandroni, que se encontra na Espanha, juntamente com as Acadêmicas Nélida Piñon, Ana Maria Machado e os Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Domício Proença Filho, participando do Seminário sobre Machado de Assis promovido pela Casa de América. Informou que o Acadêmico Lêdo Ivo está participando do Encontro de Poetas do Mundo Latino que se realiza em Michoacán, evento organizado pela Secretaria de Cultura daquela cidade mexicana. O Acadêmico Lêdo Ivo será objeto de uma homenagem, sendo considerado pelos críticos do México como o criador de uma nova tradição verbal na América. Ainda com relação ao Acadêmico Lêdo Ivo, passou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o seu último livro *Réquiem*, que

já foi aqui objeto de comentários, e a tradução deste mesmo livro, feita pelo poeta Eduardo Langagne, edição bilíngue, que acaba de sair no México pela editora Alforja, e ainda uma *Antologia Pessoal*, que acaba de sair em espanhol e que abrange a produção do poeta entre 1940 e 2004. A organização, a tradução e o prefácio dessa antologia, que em espanhol se chama *Poesía en General*, esteve aos cuidados de Rodolfo Alonso. A seguir, pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Murilo Melo Filho, que aniversariou na segunda-feira, dia 13 do corrente, e também para o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que aniversaria no próximo dia 22. Prosseguindo, disse que, como da vez passada o Acadêmico Moacyr Scliar não pôde falar sobre Hipolíto José da Costa, no capítulo das efemérides, inverteu a ordem dos trabalhos e lhe passou a palavra, antes de prosseguir com o expediente.

– O Acadêmico Moacyr Scliar disse da sua alegria ao falar de Hipólito José da Costa, figura que no Rio Grande do Sul é muito querida e evocada. Aquele Estado tem lhe prestado homenagens mais do que merecidas. Discorreu sobre a vida e a obra de Hipólito José da Costa num trabalho consistente e bem documentado. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos Anais da Academia Brasileira de Letras).

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho, endossando o que disse o Acadêmico Moacyr Scliar, declarou que felizmente Hipólito José da Costa está sendo recuperado e merece as devidas homenagens. Com relação ao seu jornal, *Correio Braziliense*, acrescentou uma nota, que acredita ser do interesse do Acadêmico do Evanildo Bechara, chamando a atenção de que o Brasil era tão pouco unido naquela época que nem se concordava com o gentílico que se referia ao país. Usava-se também brasílico, brasileiro, braziliano, variava muito a maneira de se referir ao Brasil. Felizmente ficou brasileiro, que era uma profissão. Chamou a atenção para o fato de que Hipólito José da Costa, embora vivendo fora do Brasil, teve no *Correio Braziliense* uma postura de defender a independência do Brasil. Começou a escrever sobre o Brasil desde a vinda da Família Real, mas a sua posição era nacional e brasileira. Além de

defender a independência, defendia também uma monarquia constitucional no Brasil e é uma pessoa que merece a homenagem desta Casa.

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar e ao Acadêmico José Murilo de Carvalho esse resgate que fizeram aqui da importância e do papel que teve Hipólito José da Costa como que antecipando, não apenas problemas econômicos que viriam no decurso da história do Brasil, mas tocando neste assunto que na época era ainda tipicamente embrionário, isto é, a própria independência do Brasil. Esse jornal, no qual ele fazia praticamente tudo, curiosamente se extinguiu um ano após a independência do Brasil. Circulou de 1808 a 1823, de uma forma clandestina, difícil de ser obtida entre os brasileiros e, como aqui ficou muito claro, ele antecipa a nossa história política e aspectos muito distintos da nossa própria economia. Passou a ler, atendendo a solicitação do Acadêmico Domício Proença Filho e do próprio Presidente da Casa, o parecer da comissão formada pelos Acadêmicos Evanildo Bechara, Ana Maria Machado e Domício Proença Filho sobre os nomes apresentados para concorrer à Cadeira 6 do Quadro de Sócios Correspondentes, que se tornou vaga com o falecimento de Luciana Stegagno-Picchio. Acrescentou que, como todos sabem, trata-se de um parecer indicativo. Adiantou ainda que a votação para esta vaga do Quadro dos Sócios Correspondentes será no dia 4 de dezembro. (Por determinação do Presidente, o texto do parecer será encaminhado a todos os Acadêmicos.)

– O Acadêmico Ivan Junqueira, no exercício da presidência, tocou num assunto delicado para toda a Casa. Consiste nas negociações, até agora infrutíferas, no sentido de se obter uma resposta positiva da Votorantin para a concessão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes deste ano. O Presidente Cícero Sandroni enviou todos os esforços possíveis junto à Diretoria da Votorantin e até o dia de sua partida para a Espanha não havia recebido nenhuma resposta. Não há mais tempo para que a comissão possa fazer uma indicação. Disse não crer que este percalço vá prosperar no ano que vem e está certo de que foi apenas um acidente de percurso, o que levará a Academia a não conceder o prêmio em 2008. De maneira que a Comissão encarregada de

indicar o nome do vencedor fica dissolvida. Esperamos que no próximo ano a Votorantim se disponha a enviar a autorização para que o prêmio seja novamente concedido. Declarou que baseia as suas esperanças na continuidade da concessão deste prêmio no trecho do discurso que o Dr. José Ermírio de Moraes proferiu por ocasião do lançamento desse prêmio em 1994 e que passou a ler: "A partir de agora, todos os anos, as nossas empresas estarão associadas a uma obra que foi escolhida, entre outras, para merecer o prêmio. A mais alta Instituição cultural do Brasil distribui todos os anos vários prêmios para os diversos gêneros literários. O que passará a outorgar, com o nome do Senador José Ermírio de Moraes, recairá sobre obra que tenha enriquecido a cultura brasileira. É para nós, da família Ermírio de Moraes, motivo de júbilo participarmos de tão alto evento." Acredita que esta atitude da família de José Ermírio de Moraes estaria um pouco vinculada aos momentos turbulentos que vive a economia mundial e também a nossa. Todos têm ciência de que as perdas econômicas vem sendo muito grandes e a da Votorantin é uma delas.

– O Acadêmico Moacyr Scliar indagou se a cada ano a Votorantin tem que confirmar a concessão do prêmio. A seu ver, para que um prêmio tenha consistência precisa que sua duração seja assegurada.

– O Acadêmico Ivan Junqueira disse ter havido um outro problema. No ano passado o Prêmio, por decisão da comissão julgadora, não foi conferido e não sabe se a família se indispôs com a Academia por esta não concessão.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha salientou que o Prêmio nasceu como Prêmio Votorantin, porém com o nome Senador José Ermírio de Moraes. Anos depois, quando faleceu José Ermírio de Moraes Filho, foi comunicado a esta Casa que o empresário havia deixado em testamento a garantia perene do Prêmio, oriunda de seus recursos pessoais. Salientou que não há um risco do prêmio oscilar, ora sendo concedido, ora dependendo de uma liberação especial de recurso a cada ano, o que seria inaceitável para a Academia. Sugeriu delegar poderes a uma comissão de três Acadêmicos de São Paulo, para que tivessem um encontro com a Empresa Votorantin, através de seu

representante máximo, no sentido de mostrar que a não concessão do ano passado foi uma situação momentânea que se criou, não tendo nada a ver com as relações entre a Academia e aquela empresa. Salientou ter sido uma decisão soberana do Plenário, no sentido de que no ano passado o Prêmio não fosse concedido. Acha que o processo deva ser retomado.

– O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira ressaltou que o processo já foi retomado, não havendo ainda nenhuma resposta.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que, como não há resposta oficial, uma delegação de poderes a Acadêmicos de São Paulo resolveria esse problema, esclarecendo a situação.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier comentou que, antes de morrer, José Ermírio de Moraes Filho, que tinha excepcionais relações de amizade com a Casa, por intermédio do Acadêmico João de Scantimburgo, mandou uma correspondência dizendo que para perenizar o Prêmio este passaria a ser concedido pela Companhia Brasileira de Alumínio. Não depende de boa vontade, há um compromisso de dar o prêmio através da CBA. Lembrou também que Antônio Ermírio de Moraes está enfermo e acredita que a dificuldade do contato resida do seu estado de saúde, que deve ser respeitado.

– O Presidente Ivan Junqueira salientou que a Diretoria fará novas tentativas para solução do problema.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho registrou que a Academia deve colocar na mesa o problema e tentar explicar o que houve.

– O Acadêmico Candido Mendes Almeida propôs que o Acadêmico Celso Lafer procure a família Ermírio de Moraes, de maneira pessoal, e esclareça o problema.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho perguntou se a Academia comunicou à família que o Prêmio não foi concedido.

– O Presidente Ivan Junqueira disse que não tomou conhecimento do que se passou no ano passado, em nível de diretoria porque dela não fazia parte.

– O Acadêmico Moacyr Scliar disse que, na sua opinião, o Prêmio deve ser institucionalizado e formalizado.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier ressaltou que a Academia apenas pede para o Grupo Votorantin marcar a data da entrega do Prêmio para que a família possa comparecer a esta outorga, o que foi feito todos os anos.

– O Acadêmico Carlos Nejar esclareceu que, como Acadêmico mais antigo, era o Presidente da Comissão, mas se viu diante de um parecer dos confrades de São Paulo que já haviam escohido um nome, não querendo qualquer conversa com os demais membros da Comissão.

– O Presidente Ivan Junqueira ressaltou que irá comunicar tudo o que ocorreu com relação a essa dificuldade ao Presidente Cícero Sandroni. Salientou que irá conversar com o Acadêmico Celso Lafer para ver se ele resolve esse problema.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que ontem no Brasil todo se comemorou o Dia do Professor. São dois milhões de pessoas que, com sacrifício, vão levando esse barco complicado e difícil que é a educação em nosso País. Numa atitude meritória e acertada, o Centro de Integração Empresa Escola de São Paulo, por decisão unânime, escolheu o Acadêmico Evanildo Bechara para receber o título, no dia do Mestre, de Professor Emérito 2008, e um troféu lindíssimo que se chama Guerreiro da Educação. Por escolha do Presidente Cícero Sandroni, participou da solenidade, sendo apresentado como o decano da ABL. Esteve presente também, representando o Presidente Cícero Sandroni, a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Foram discursos admiráveis, desde o discurso do Presidente do CIEE Nacional, Professor Paulo Nathanael Pereira de Sousa, até o que fez o jornalista Mauro Chaves, diretor do jornal *Estado de São Paulo*, co-patrocinador do prêmio, culminando com o discurso do orador oficial, Yves Gandra da Silva Martins. Pediu autorização ao Plenário para que os discursos fossem incluídos nos *Anais da Academia*

Brasileira de Letras. Acha que melhor homenagem pelo Dia do Mestre não poderia ter ocorrido, nem de forma mais honrosa para a Academia, porque o escolhido foi um de seus membros mais ilustres no momento em que se discute a implementação do Acordo Ortográfico.

– O Presidente Ivan Junqueira disse que certamente o Plenário não se oporá à incorporação dos discursos nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

– O Acadêmico Evanildo Bechara agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier e lembrou que essa homenagem prosseguiu hoje com matéria exaustiva no jornal *O Estado de São Paulo*, onde se dá notícia do acontecimento. Acha que a Instituição, juntamente com aquele diário, quiseram homenagear realmente o Dia do Professor e, por uma decisão, escolheram o seu nome.

– O Presidente Ivan Junqueira comunicou que serão apresentadas, às 18 horas, no Teatro R. Magalhães Jr. duas leituras dramatizadas de "Carlota Joaquina – duas visões de palco". No dia 20, texto de R. Magalhães Jr., direção de Aderbal Freire Filho, com Marieta Severo, e no dia 27 de outubro, texto de Roberto Athayde, direção de Dudu Sandroni, com Stella Miranda. Convidou os presentes para a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis" sobre "Os Rumos da Fé no Brasil Contemporâneo", com a coordenação e exposição do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Palestrantes: Maria Clara Bingemer, Maria Helena Arrochellas, Luiz Alberto Gomes de Souza e Pe. José Oscar Beoso, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr. Nada mais havendo a tratar, deu por finda a sessão.

HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA: O PIONEIRO DA IMPRENSA BRASILEIRA*

Estudo do Acadêmico Moacyr Scliar

ALGUNS DADOS DADOS BIOGRÁFICOS

Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (Colônia do Sacramento, 1774 – Londres, 1823), jornalista e diplomata brasileiro, é o patrono da Cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras. Nascido na Colônia do Sacramento, então sob domínio da coroa portuguesa, Hipólito era de família abastada, originária do Rio de Janeiro: o pai, Félix da Costa Furtado de Mendonça, era alferes de ordenanças. Após a entrega da Colônia de Sacramento à Coroa Espanhola, em 1777, a família instalou-se em Pelotas, que já era então uma das principais cidades do futuro Estado do Rio Grande do Sul. Ali Hipólito passou a sua adolescência. Fez os seus primeiros estudos em Porto Alegre e formou-se em Leis, Filosofia e Matemática (1798) pela Universidade de Coimbra.

Recém-formado, recebeu de Dom Rodrigo de Souza Coutinho, o Conde de Linhares, então ministro da Fazenda, o encargo de realizar na América do Norte (Estados Unidos e México) uma espécie de prospecção econômica. Era para isso uma figura adequada; no sul, familiarizara-se com a atividade agrícola;

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão de 16 de outubro de 2008.

além disso, conhecia Botânica, Zoologia, Mineralogia, Física e Química, também valorizava muito a, então embrionária, Ciência da Economia, tanto que protestava vigorosamente contra a proibição dos estudos de Economia Política na Universidade de Coimbra.

A missão nos Estados Unidos, que durou dois anos, incluiu observação de culturas agrícolas, da manufatura de bens em geral, da mineração, e ainda a coleta de plantas a serem introduzidas em Portugal e na colônia brasileira, sobretudo o tabaco (cujos efeitos danosos sobre o organismo não eram conhecidos na época...). Tratou também de iniciar-se na ciência e na tecnologia que seriam os fundamentos para o processo de desenvolvimento da jovem nação americana e da modernidade como um todo. Hipólito conheceu artesãos, cientistas e agricultores; o então presidente, John Adams; o futuro mandatário, Thomas Jefferson. Acostumado ao rigor do protocolo e do cerimonial que eram a regra em Portugal e no Brasil, ficou surpreso com a informalidade dessas importante figuras. Em seu diário de viagem, teceu extensas considerações sobre a religiosidade dos americanos – a herança puritana estava então em seu auge – e sobre a visão deles acerca de questões econômicas e monetárias. Não deixou de observar, nas cidades, uma tendência à especulação financeira, na qual os bancos desempenhavam papel importante, emprestando dinheiro com mais facilidade que a prudência recomendaria, em contraste com a situação no interior do país, onde a falta de dinheiro obrigava os produtores a recorrer ao escambo. Deste sistema especulativo resultavam súbitas falências e uma conjuntura econômico-financeira caracterizada pela instabilidade e pela volatilidade. Na Filadélfia, Hipólito ingressou na maçonaria, que exerceria profunda influência em sua vida e em suas concepções políticas e filosóficas.

O Conde de Linhares o enviou depois à Inglaterra e à França, para adquirir livros, máquinas e materiais para a Imprensa Régia. Na Grã-Bretanha – seu refúgio nos 17 anos seguintes – Hipólito continuou sua obra de comentarista político e social e também de tradutor. Além disso, tratou destabelecer contatos entre as Lojas Maçônicas Portuguesas e o Grande Oriente em Londres. O que lhe custou caro: logo após o seu retorno a Portugal foi detido por ordem de Diogo Inácio de Pina Manique, acusado de disseminar idéias maçônicas.

Encaminhado às celas do Tribunal do Santo Ofício, ali permaneceu até 1805, quando, com auxílio de maçons, fugiu para a Espanha disfarçado de criado (mas continuou réu do Santo Ofício até 1821, quando a Inquisição teve fim).

Da Espanha foi para a Grã-Bretanha, onde se exilou sob a proteção do príncipe Augusto Frederico, duque de Sussex, o sexto filho de Jorge III do Reino Unido e grão-mestre da maçonaria inglesa. Graças ao auxílio de amigos influentes e também pelo fato de ter adquirido ações do Banco da Escócia, obteve a condição de residente com direitos políticos, o que praticamente equivalia à cidadania inglesa. Casou em 1817 com Mary Ann Sheley com quem teve três filhos.

Em Londres, passou a editar regularmente aquele que é considerado o primeiro jornal brasileiro: o *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, que circulou de 1.º de junho de 1808 a 1823, num total de 175 edições mensais.

Faleceu em 1823, sem chegar a saber que fora nomeado cônsul do Império do Brasil em Londres. No Brasil, é considerado o patrono da imprensa. Em Porto Alegre seu nome é lembrado no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Em 2001, seus restos mortais foram trasladados da Inglaterra para Brasília; atualmente estão nos Jardins do Museu da Imprensa Nacional.

ENTRE AS OBRAS QUE ESCREVEU ESTÃO:

1799: *Diário de Minha Viagem para Filadélfia (1798-1799)* (publicado postumamente em 1955)

1800: *Descripção de Huma Maquina para Tocar a Bomba a Bordo dos Navios sem o Trabalho de Homens* (Lisboa)

1809: *História de Portugal* (Londres)

1811: *Narrativa da Perseguição de Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, Preso, e Processado em Lisboa pelo Pretenso Crime de Framaçon ou Pedreiro Livre* (Londres, com tradução inglesa)

1811: *Nova Gramática Portuguesa e Inglesa* (Londres);

1863: *Cartas Sobre a Franco-Maçonaria* (Amsterdã);

HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA E A IMPRENSA

Em 1808, a Corte Portuguesa de Dom João VI chegou ao Brasil fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte. De sua estada resultou um processo de acentuada modernização, que não se estendeu, contudo, à liberdade de expressão. Excetuando-se o diário oficial do império, que recebeu o nome de *Gazeta do Rio de Janeiro*, nenhum outro jornal podia ser editado. Isso não impediu Hipólito José da Costa de, em Londres, dar início ao *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, cujos exemplares eram enviados clandestinamente para o Brasil. O jornalismo nacional começou, pois, fora do solo brasileiro, e como iniciativa transgressora. Disse Hipólito: "Resolvi lançar esta publicação na capital inglesa dada a dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura, já pelos perigos a que os redatores se exporiam, falando livremente das ações dos homens poderosos". Evidentemente por causa da distância, as notícias do Brasil não formavam o principal conteúdo do *Corrreio,* e sim os acontecimentos na Europa e nas Américas. O número de leitores, tanto no Brasil como em Portugal, era pequeno, e não chegava sequer às 600 assinaturas que permitiriam cobrir as despesas. O que levanta uma dúvida: como conseguia Hipólito financiar o empreendimento? É possível que ele tenha sido ajudado pelo governo britânico. Ou pela maçonaria. Ou mesmo por Dom João VI interessado em obter o apoio (ou pelo menos o silêncio) do combativo jornalista. O intermediário nessa negociação teria sido o médico Heliodoro Jacinto de Araújo de Carneiros Alvelos, amigo de Hipólito. De fato, apesar de sua independência, o jornal nunca atacou a coroa portuguesa. Outro que teria ajudado o jornal foi o amigo e confidente de D.Pedro, Francisco Gomes da Silva, o Chalaça.

O jornal foi importante do ponto de vista das lutas políticas e jornalísticas pela liberdade de expressão. Defendia idéias liberais; deu ampla cobertura à Revolução do Porto de 1820 e aos acontecimentos de 1821 e de 1822, que conduziram à Independência do Brasil.

Tinha como propósito promover o progresso do Brasil, "erguendo-o de colônia à nação", ainda que nação portuguesa, unida a Portugal, sob o sistema monárquico-representantivo. Hipólito estava longe de ser um jacobino radical. Era um discípulo do liberalismo inglês, partidário, em política, da monarquia, repelindo as tendências revolucionárias, igualitárias e democráticas defendidas pelos ideólogos da Revolução Francesa, Rousseau principalmente. Na seção comercial do jornal, fornecia informações sobre preços de mercadorias, noticiando restrições aplicadas a produtos brasileiros, capazes de competir com mercadorias similares das colônias britânicas. Era um jornalismo sóbrio, objetivo, calcado no modelo inglês, que era então o mais avançado, e recorria, sempre que necessário, a mapas, tabelas e notas de referência. Não se restringia só à informação; o termo "Armazém Literário" designava as idéias e as proposições que eram parte importante da publicação.

Apesar deste caráter vanguardista, a figura de Hipólito José da Costa foi relegada a um segundo plano quando da introdução do Dia da Imprensa pelo governo Vargas, uma medida que claramente tinha por objetivo atrair a simpatia dos órgãos de comunicação. Foi escolhida a data de lançamento da *Gazeta do Rio de Janeiro* (10 de setembro de 1808). Ao longo do tempo, esta opção suscitou protestos de jornalistas profissionais e pesquisadores do setor que reinvidicavam a associação da efeméride com o surgimento do *Correio Braziliense.* Em 2000, e graças em grande parte aos esforços conjugados de deputados federais gaúchos e das entidades jornalísticas do Rio Grande do Sul, a mudança foi efetuada.

HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA E A ECONOMIA

Em economia, como em política, Hipólito José da Costa era um liberal, manfestando-se contra os privilégios e monopólios, preferindo o comércio livre, mas defendendo algumas isenções tributárias para estimular atividades fabris. Era pela taxação moderada de importações estrangeiras, mas tinha bem presente que excessos nesta medida poderiam ajudar o contrabando.

Tinha plena consciência das desigualdades estruturais e sociais e de seus efeitos sobre a economia. Assim, atribuía o formidável progresso dos Estados

Unidos ao estímulo à imigração, o que preconizava igualmente para o Brasil, numa época em que o tráfico negreiro e a escravatura ainda estavam no auge. Por outro lado, estava atento ao poder de nações hegemônicas; em sua opinião, as pressões diplomáticas da Grã-Bretanha em favor da liberdade de comércio eram feitas em seu próprio benefício. Escrevendo no *Correio Braziliense* disse:

> "Um tratado de comércio entre o Brasil e a Inglaterra é uma das mais delicadas empresas em que pode entrar o Brasil, porque o negociador brasiliense não tem precedentes que o guiem. Os tratados que existiam entre a Inglaterra e Portugal eram fundados nos interesses mútuos de exportação dos artigos portugueses de grande consumo na Inglaterra, tais como o vinho, o azeite etc., e na situação política daquele pequeno Reino, que, ameaçado constantemente por seus vizinhos, se via obrigado a solicitar a proteção da Inglaterra."

Não era o caso do Brasil, cujos produtos "estão longe de terem grande consumo em Inglaterra", enfrentando ainda a concorrência das colônias britânicas." Conclusão: "Os tratados de comércio entre Portugal e Inglaterra não podem servir de norma" para o Brasil.

Tanto no jornalismo como na economia Hipólito José da Costa foi um inovador, um arauto da modernidade. Suas idéias ainda hoje são aplicáveis ao país e ao mundo em que vivemos.

ELEIÇÃO PARA CADEIRA 6 DO QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES

Parecer da comissão

Sucessão da eminente Professora Luciana Stegagno-Picchio na Cadeira 6 do Quadro de Membros Correspondentes.

DA COMISSÃO

A Comissão foi especialmente designada pelo Presidente Cícero Sandroni, nos termos do 3.º, Art. 16 do Regimento Interno, para emitir parecer sobre os candidatos a Membro-Correspondente desta Academia Brasileira de Letras. Integram-na os Acadêmicos Ana Maria Machado, Evanildo Bechara e Domício Proença Filho.

DOS CANDIDATOS

Foram apresentadas, todas em conformidade com as normas regimentais, três candidaturas: a de Rodolfo Alonso, pelo Acadêmico Ledo Ivo; a de Arnaldo Saraiva, pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin; e a de João Malaca Casteleiro, pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.

Rodolfo Alonso é poeta e ensaísta argentino, nascido em 4 de agosto de 2005. Tradutor de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Olavo Bilac e outros poetas e prosadores brasileiros, foi o primeiro tradutor de Fernando Pessoa para o espanhol. Detentor das Palmas Acadêmicas da ABL. Na justificativa da proposta, o Acadêmico Lêdo Ivo destaca "seus relevantes serviços à nossa cultura" e "seu amor ao Brasil, à nossa língua e à nossa literatura". Lembra ainda que, "há muitos anos, não figura no nosso quadro de Sócios Correspondentes um escritor latino-americano".

Arnaldo Saraiva é Professor Catedrático na Universidade do Porto, crítico, ensaísta, promotor de cultura, diretor do periódico *Terceira Margem*, o único em Portugal inteiramente consagrado à literatura brasileira, como informa na justificativa da proposta o Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Sua bibliografia, com 36 títulos até o momento publicados, acrescenta o proponente, "contempla as áreas da poesia, da crônica, da tradução, do ensaísmo", objeto de 28 livros, entre os quais se destacam *Carlos Drummond de Andrade: 65 Anos de Poesia* (1989), *Conversas com Escritores Brasileiros* (2000), *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (3 vols. 1986; ed. em 1 vol., 2004). É presença constante na atividade universitária brasileira, no exercício de palestras e cursos de pós-graduação. Freqüenta também com assiduidade a Casa de Machado de Assis. Acrescenta o proponente que o indicado "desempenha em Portugal papel análogo ao que Luciana Stegagno-Picchio desempenhou na Itália: o de mais apaixonado – e qualificado – estudioso do Brasil".

A Comissão recebeu ainda documentação relativa ao Professor João Malaca Casteleiro, cuja indicação foi feita oralmente pelo Acadêmico Arnaldo Niskier e aprovada em plenário. Trata-se de personalidade ligada ao Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, num trabalho pioneiro que vem desde os tempos do saudoso confrade Antonio Houaiss, de quem foi grande amigo. A sua eleição será um ato de justiça da ABL e um reforço considerável na luta pela implementação do Acordo.

O PARECER

Examinados os currículos apresentados, a Comissão indica o Professor Arnaldo Saraiva para Membro Correspondente desta Academia e, no limite de suas atribuições, submete, como é de sua competência, a indicação à apreciação e à decisão do Plenário.

É o parecer.

Rio de Janeiro, 9 de outubro de 2008
Domício Proença Filho
Ana Maria Machado
Evanildo C. Bechara

DISCURSOS DE SAUDAÇÃO A EVANILDO BECHARA*

*Palavras do Dr. Paulo Nathanael Pereira de Souza***

Eminente Amigo e Homenageado desta manhã com o título de Professor Emérito e o Troféu Guerreiro da Educação. Seja bem-vindo ao CIEE!

Senhores e Senhoras:

I – Uma vez por ano, no Dia do Professor, 15 de outubro, o CIEE abre suas portas para, em sessão solene, proceder à entrega do título de Professor Emérito e do troféu Guerreiro da Educação, ao mestre-símbolo de todo o magistério brasileiro, escolhido pelo voto de reitores, acadêmicos, intelectuais e cientistas de todo o país e aceito pelos Conselhos Superiores desta instituição bem como pelo jornal *O Estado de São Paulo*. Criado em 1997, teve, como primeira homenageada, a Dra. Ruth Cardoso, por seu maravilhoso projeto de erradicação do analfabetismo de adultos, levado a cabo sob o título de: "*Alfabetização Solidária*". Depois, ano a ano, seguiram-se em 1998, o professor Miguel Reale; em 1999, a professora Esther de Figueiredo Ferraz; em 2000, o professor Luiz V. Decourt; em 2001, o professor José Pastore; em 2002, o professor Antônio Hélio Guerra

---

* Escolhido Professor Emérito 2008, no Centro de Integração Empresa Escola de São Paulo, dia 15 de outubro de 2008.

** Presidente do CIEE Nacional e de São Paulo

Vieira; em 2003, o professor Antônio Cândido de Mello e Souza; em 2004, o professor Paulo Vanzolini; em 2005, o professor Paulo Nogueira Neto; em 2006, o professor Crodowaldo Pavan e, em 2007, o professor Ives Gandra da Silva Martins.

Trata-se de um prêmio que consagra autores de uma obra reconhecidamente marcante para a cultura brasileira, nos mais diversos setores da vida acadêmica. Daí que, os possíveis candidatos não se candidatam e os premiados são fruto de uma outorga de mérito, após terem tido seus nomes e suas obras livre e profundamente avaliados pelas mais altas personalidades que integram a coletividade intelectual do Brasil. Pela seriedade de seus processos de seleção e pela galeria dos que receberam, nestes anos de vigência do concurso e premiações, consolidou-se a importância dessa láurea, que tem sido adjetivada pelos mais otimistas, de uma espécie de Nobel brasileiro, no campo da Educação.

2 – Neste ano de 2008, ano histórico da consagração da Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, a ser implantada em todo o mundo lusôfonico, que vai da América à Ásia, passando por Europa e África, foi contemplado o Professor Doutor Evanildo Bechara, o mais ilustre filólogo da língua de Camões, Vieira e Machado de Assis. Pode parecer a alguns, que os problemas da lingüística são de tal forma específicos, que talvez se devesse premiar alguém ligado a uma temática mais ampla e universal. Tal raciocínio peca pela base, primeiro, porque já se viu, na história dos agraciados, a presença de grandes especialistas em profissões de altíssima concentração do saber, sem necessariamente conterem uma abrangência horizontal correspondente. Por outro lado, só os que portam uma formação de discutível completude, desconhecem a universalidade epistemológica e as proposições ligadas à formação, à transformação, à natureza, ao uso e à vernacularidade dos idiomas. Afinal, nada é tão universal e essencial à cultura humana, do que a comunicação, cujo suporte natural é a língua falada e escrita. Von Humboldt, o refundador da universidade germânica no século XIX dizia que "a verdadeira pátria é o idioma" e deve-se a Weber, esta frase paradigmática: "Em nada se expressa o caráter nacional ou a própria fonte da força da alma e do espírito, tão eloqüentemente, como na linguagem de um povo". A comunidade do idioma – e a História do Brasil atesta isso com perfeição – é, ao lado de religião e

dos costumes, a mais completa condição das unidades nacionais. Produto de um "processo interior, estimulado e influido pelo ambiente social", no dizer de Rudolf Rocker, a linguagem permite a manifestação do pensamento e de todas as expressões correntes na vida coletiva de uma comunidade de seres humanos.

Há, pois, que aplaudir a escolha de Evanildo Bechara, na sua reconhecida qualidade de encarnar o maior lingüista contemporâneo do eixo Brasil-Portugal. Nascido no Recife, educado no Rio de Janeiro e respeitado em todo o universo, lusôfonico, bem como nos maiores centros dos estudos de filologia do mundo, Bechara começou sua carreira como professor de Português na antiga capital do Brasil, estimulado e amparado por três monstros sagrados, que foram os professores Said Ali, Antenor Nescentes e Mattoso Câmara. Sob seus cuidados, a ciência filológica cresceu e apareceu no Brasil. Prestou diversos concursos em universidades do Rio de Janeiro e Portugal, tornando-se professor emérito em muitas delas. Escreveu dezenas de obras (24 livros e centenas de capítulos em parceria), entre elas a melhor gramática de língua portuguesa, intitulada "*Moderna Gramática Portuguesa*", hoje em sua 37.ª edição. No ano de 2000, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na sucessão daquele gigante da crítica literária, chamado Afrânio Coutinho. Com oitenta anos de idade, encontra-se Bechara em plena atividade, não só como professor mas também como pesquisador de exponencial qualidade e dedicação.

Este é o nosso herói desta jornada: palmas para ele.

*Palavras do jornalista Mauro Chaves**

Excelentíssimas autoridades, ilustríssimos companheiros de mesa, senhoras e senhores.

Ao aqui me desincumbir da tarefa honrosa de representar o jornal *O Estado de S. Paulo*, na pessoa de seu diretor de opinião Ruy Mesquita – que não pôde comparecer pessoalmente para saudar o nosso novo Guerreiro da Educação,

* Diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*.

professor Evanildo Bechara – a primeira observação que faço diz respeito a questão de interesse profundo de todos nós, jornalistas brasileiros, que temos na Língua Portuguesa nosso principal instrumento de trabalho. Se tem sido tão feliz a parceria entre o CIEE e o Estadão, que já premiou 11 grandes personalidades de diferentes áreas de conhecimento e atuação, tendo por traço comum a brava luta pedagógica, o esforço generoso de formar gerações, em se tratando, agora, do nosso décimo segundo guerreiro, temos que acrescentar a esses valores o sentido estrutural, básico, e ao mesmo tempo revolucionário, do trabalho de quem é considerado o maior filólogo da Língua Portuguesa. E Educação, junto ao idioma em que ela se desenvolve na Pátria, tem tudo que ver com os mais elevados objetivos desses dois parceiros – o veículo de comunicação e o centro de integração.

Sendo impossível aqui retratar toda a complexidade do trabalho do professor Bechara, o volume excepcional de contribuições que ele tem dado ao ensino da língua portuguesa – especialmente a partir de sua obra *Moderna Gramática Portuguesa* – tentarei apenas dar algumas pinceladas para ressaltar certos aspectos de seu trabalho didático, de especial interesse para os que temos no uso da linguagem uma condição essencial de nossa atividade profissional.

E aí me ocorre, em primeiro lugar, uma referência ao sentido do que diz o professor Bechara, quando propõe que os estudiosos da língua portuguesa sejam uma espécie de "poliglotas da língua", que está repleta de modalidades e variantes, entre linguagem culta, coloquial, regional ou padrão. "É preciso saber usá-las" – diz o mestre, no que estimula a aceitação de formas diversas de expressão de linguagem e o entendimento das variações da língua falada, conforme as circunstâncias, os ambientes e as necessidades das comunidades que as falam. Neste sentido, Bechara foi buscar uma definição de Fernão de Oliveira, o primeiro a gramaticalizar o português que nós herdamos, que dizia, já em 1536: "A língua é o que os falantes fazem dela".

A aceitação dessa dinâmica da linguagem, que repudia a imutabilidade, a camisa de força imposta à expressão lingüística, se liga à valorização das modalidades e variantes no uso da língua. Por isso o mestre Bechara já disse o seguinte:

"Sou contra esses professores que aprisionam o aluno numa só modalidade, se a língua admite duas ou mais construções. O que falta no estudo da língua portuguesa é atenção à teoria da linguagem. Afinal, já diziam os lógicos, distinguir é conhecer".

É claro que a competência de filósofo, acoplada à de filólogo, tem dado ao professor Bechara condições especiais de aprofundamento em questões atinentes à teoria da linguagem. Há que se destacar, porém, sua preocupação quanto à dinâmica do aprendizado da língua portuguesa. Já disse ele: "Eu acho que dentro da sala de aula nós devemos ter todos os textos – os textos jornalísticos, os textos de propaganda, os livros que ensinam, como manuais, inclusive o texto literário." E aí o professor Bechara reflete toda a sua sensibilidade de mestre, todo o valor que atribui à estimulação da vontade de saber das pessoas – algo que considera acima do próprio ensino – ao afirmar o seguinte: "Quando você vai levar um texto para a sala de aula, é como se estivesse levando uma peça para exposição. É algo que precisa ter qualidades que sirva de modelo a quem quiser seguir aquilo".

Muitos consideram um tanto polêmicas algumas idéias do professor Bechara. Ainda bem, pois assim o sem número de seus admiradores escapam da pecha atribuída por Nelson Rodrigues aos portadores da contagiosa unanimidade. Mas os que trabalhamos na imprensa não conseguimos deixar de admirar aqueles que, como o professor Bechara, se recusam a aderir certos consensos. Citaria aqui, como exemplo, o caso do neologismo "imexível", inventado e celebrizado pelo ex-ministro Antonio Magri. Disse o mestre, a respeito: "Fizeram o maior alarde porque não encontraram a palavra no dicionário. Esqueceram a potencialidade da língua, que nada mais é do que um reflexo sociocultural das comunidades. Se pegarmos a morfologia das palavras "impagável", "imutável", o "imexível" do Magri foi e sempre será perfeitamente possível". E demonstrando total ausência de preconceito quanto à autoridade de quem inventa um neologismo, o professor Bechara até desconsiderou que o mesmo Magri já afirmara que "cachorro também é ser humano"...

Avesso a discussões sobre o que seja "português brasileiro" ou "português de Portugal", o professor Bechara também se recusa a admitir teses sobre a "crise do

idioma". "A crise é da Cultura das pessoas que falam a língua" – diz ele. A partir de uma visão crítica que extrapola o estudo da linguagem para abordar a crise cultural, no País e no mundo, o professor Bechara examina a cena contemporânea e faz o seguinte diagnóstico: "Nós temos bons jornalistas, bons romancistas, bons cronistas. Hoje em dia a poesia no Brasil está vivendo um momento excepcional. Mas nossa cultura está em baixa. Este não é um problema só nosso. É uma coisa global". E dá como exemplo os programas veiculados na televisão, como Ratinho, Gugu e Big Brother. Diz ele: "Se você prestar atenção, esses programas são cópias de países do Primeiro Mundo". O mestre vê nessa falta de Cultura a razão pela qual o ensino acaba sendo nivelado por baixo.

O mestre Bechara também critica o acordo ortográfico de 1990, que em sua opinião traz mudanças muito modestas para levar a uma unificação no sistema gráfico em Portugal e no Brasil. O acordo, em seu entender, não simplifica suficientemente as regras de emprego do hífen, admitindo ainda um número excessivo de casos de acentuação. Para ele a Academia Brasileira de Letras – da qual é integrante e diligente participante – e os países lusófonos deveriam se unir para alterar "a filosofia" da reforma ortográfica.

O professor Bechara prega a diminuição substancial dos acentos e assim explica por que eles foram criados em excesso: "As primeiras tentativas de reforma ortográfica datam de 1886, em Portugal, e 1906, no Brasil. Nessa época a rede escolar era muito mais frágil do que hoje. Era necessário que houvesse uma reforma em que a maneira de grafar as palavras ajudasse as pessoas a pronunciá-las corretamente. O sistema educacional ainda era precário, tanto em Portugal quanto no Brasil. Hoje, com a rede escolar, com o rádio e a televisão, é diferente. Esses meios de comunicação ajudam mais na difusão da pronúncia correta do que a ortografia. Basta ver que há casos em que as pessoas pronunciam a palavra de um jeito diferente do indicado na grafia". Aí eu peço vênia ao mestre para testemunhar sua generosidade para com os veículos de comunicação eletrônica. É que neles às vezes vemos ou ouvimos atentados gramaticais que nem uma Revolução Francesa ortográfica haveria de resolver. De qualquer forma, não será a profusão de acentos agudos, graves ou de circunflexos que levará as pessoas a falar um português mais correto – e isso dá inteira razão ao mestre.

Não caberia aqui repetir o que disseram muito melhor os que me antecederam – como o professor Paulo Nathanael – sobre a importância da atuação e do reconhecimento do mestre Bechara, como o maior filólogo dos países lusofônicos de quatro continentes – Europa, África, Ásia e América. Nem seria preciso me referir a sua obra, constituída por mais de uma centena de títulos da maior qualidade científica, nem a sua dedicação à causa da Educação, por mais de 60 anos, 30 dos quais só na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Prefiro reter, apenas, uma frase do mestre Bechara, que uma vez disse: "O bom professor não é aquele que ensina, mas o que abre a curiosidade do aluno para que ele mesmo trilhe o caminho do saber".

Bom seria se essa fosse a divisa de todos os nossos mestres, quaisquer que fossem suas disciplinas ou os ramos do conhecimento que escolheram como atividade maior de suas vidas. Porque o fluxo do conhecimento entre as gerações se dá mais pelo estimulo à criação do que pela simples transmissão. É o trabalho de despertar a curiosidade nos jovens espíritos, é o prazer de orientar o desenvolvimento, por vezes milagroso, da inteligência humana, é o fascínio de perceber o desabrochar da reflexão, naqueles jovens cérebros que poderão representar a concretização de tantas esperanças, para suas comunidades e para a Humanidade, enfim, é aquilo que deve ter sentido o mestre Said Ali, quando o jovem Evanildo passou a visitá-lo três vezes por semana, inebriado de anseio de saber – é tudo isso que consiste na sensação indizível, da boa semente plantada em terra fértil, o que significa, certamente, um dos maiores prêmios disponíveis à experiência humana, neste Planeta. Ou seja, o prêmio do bom educador, o entusiasmo que ele sente quando consegue transformar a mágica da jovem curiosidade na produção da riqueza do saber humano.

O mestre Bechara, sem dúvida alguma, há muitas décadas tem recebido esse prêmio. Por isso o Troféu Guerreiro da Educação, que hoje temos o orgulho de lhe conceder, é uma peça simbólica da premiação, que já existe, de uma vida.

Obrigado.

*Palavras de Ives Gandra da Silva Martins**

Um verdadeiro educador. Este é o maior galardão que pode um professor receber, em sua vida dedicada ao ensino. Não sem razão, a mais relevante láurea de educação, no Brasil, que é o prêmio "Guerreiro da Educação", foi, este ano, destinada à figura maiúscula de Evanildo Cavalcante Bechara.

Sua vida é uma história de dedicação ao aperfeiçoamento de gerações e a cultuar a língua portuguesa, aquele idioma que Bilac denominou "a última flor do Lácio" e que Fernando Pessoa declarou ser sua pátria.

Embora de dicionários não conste o substantivo derivado de "cultuar", ou seja, prestar culto, ouso dizer que Evanildo Cavalcante Bechara é um autêntico "cultuador" da língua portuguesa, filólogo dos mais reconhecidos, senão o melhor de todos os que estudaram o nosso idioma para preservá-lo, orientando e reorientando a formatação e a evolução da maneira de expressar de nossos povos.

Sua vida retrata tal dedicação.

Arnaldo Niskier, em brilhante estudo sobre seu perfil, afirma: "Hoje é o maior filólogo brasileiro, na linha dos que o procederam, recentemente, como Antonio Houaiss, Celso Cunha e Antonio José Chedat". Nessa obra, lembra sua presença na Academia Brasileira de Letras, suas aulas na UERJ, em que "para ouvi-lo valeria a pena até pagar ingresso", diversos episódios sobre sua trajetória, inclusive afirmações incisivas como a de que "os professores, mesmo de nível universitário, não conhecem bem a língua e ensinam mal aos alunos", além da permanente preocupação do Professor Bechara com o futuro do idioma.

Por isso mesmo, sua Gramática da Língua Portuguesa está na 37.ª Edição.

Sendo o 5.º ocupante da Cadeira n. 33 da ABL, nasceu em Recife, em 1929, vindo para o Rio com 12 anos. Sua vocação para o magistério levou-o ao curso de Letras, tendo-se licenciado em 1949 no Instituto Lafayete, hoje UERJ.

---

* Orador oficial.

Escreveu seu primeiro livro aos 17 anos, "Fenômenos de Entonação", publicado em 1948. Em 1954, assume a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II. Aprofundou-se, em Madrid, em Filologia Românica, em 1961 e 1962. Doutorou-se pela UERJ em 1964, dirigindo, no mesmo ano, a cátedra de Filologia Românica. Professor em diversas universidades brasileiras e estrangeiras, exerceu os cargos de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia, de 1971 a 1972, e da Universidade de Coimbra, de 1987 a 1989. É professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

São suas obras: *A evolução do pensamento concessivo no português* (1954), *O futuro em Românico* (1962), *A sintaxe nominal na* Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964), *A contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa* (1964), *Os estudos sobre* Os Lusíadas *de José Maria Rodrigues* (1980), *As Fases Históricas da Língua Portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização* (1985), além da notável *Moderna Gramática Portuguesa*. Foi orientador de inumeráveis dissertações de mestrado e teses de doutoramento e dirigiu não poucas instituições de renome e repercussão internacional. Pertence à Academia Brasileira de Filologia e é nosso confrade no Pen Clube e na Academia Internacional de Cultura Portuguesa, que tem o Professor Adriano Moreira como presidente de honra. Inúmeras são as suas condecorações. Dirigiu a *Revista Littera* (1971/76) com 16 volumes publicados e a *Revista Confluência* (com 30 volumes publicados). É membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro.

Apenas para complementar este breve bosquejo de sua biografia, reitero que sua *Nova Gramática da Língua Portuguesa* está na 37.ª Edição, a demonstrar a notável aceitação desta "bíblia" dos que falam e escrevem em nosso idioma.

Algo, todavia, que me sensibiliza na pena do Prof. Evanildo Bechara, Acadêmico da notável instituição fundada por Machado, é a sua visão humanística da cultura e do mundo. Não é apenas – o que já seria excepcional – um estupendo educador. É, fundamentalmente, um humanista.

Tenho, pessoalmente, particular admiração pelos filósofos gregos, desde os pré-socráticos até aqueles que sucederam à fantástica trindade constituída por Sócrates-Platão e Aristóteles.

Estou convencido de que, neles, a filosofia atingiu o auge da busca da sabedoria, sendo toda a produção posterior, embora rica e densa, apenas um complemento periférico da busca da natureza humana e de seus caminhos para o saber.

Considero, numa visão pessoal, de que após o pensamento grego, tornou-se impossível governar, como no passado – em que se atribuía a reis, imperadores e faraós uma descendência divina – ignorando o povo, destinatário das leis e do poder.

Roma, somente conseguiu dominar o mundo por 2.100 anos, encerrando seu império temporal apenas com a queda de Constantinopla, por ter absorvido o pensamento grego e instrumentalizado, pela primeira vez, o direito como forma de poder. O direito anterior aos romanos era imposto por "descendentes" ou "protegidos dos deuses". O romano, elaborado a partir da "descoberta" do homem pelos gregos, organiza o poder e o Estado. Graças a ele, as nações e povos conquistados foram integrados ao império gradativamente, sendo-lhes estendida a cidadania e a proteção das leis, e os cidadãos tratados com dignidade superior aos dos impérios asiático e do próximo oriente. Isto só foi possível pela visão descortinada pelos gregos sobre a natureza humana.

Ora, o grande mérito especulativo dos pensadores da Grécia foi exatamente tornar a filosofia, uma ciência do saber humanístico, encontrando-se, principalmente, em Sócrates-Platão e Aristóteles, este alargar do conhecimento geral, que permitiu ao homem ter mecanismos do conhecimento próprio e da realidade. Os dois maiores pensadores cristãos, Santo Agostinho e São Tomas de Aquino, não ficaram alheios às reflexões de Platão e Aristóteles, respectivamente, em clara demonstração da importância do mundo humanístico por eles despertada. O helenismo serviu de ponto para esta integração futura entre filósofos de variadas formações, como, por exemplo, Averroes e Avicena.

O Professor Evanildo Bechara encarna, exatamente, este espírito abrangente, essas qualidades de educador universal, que aqueles admiráveis filósofos

sinalizaram, alguns séculos antes de Cristo. Trata-se de um humanista, por excelência. Como professor, foi muito além da Filologia, do conhecimento do idioma, do escafandrista em busca das profundidades do vernáculo, do cultuador da língua. Sua visão da evolução da linguagem formata, também, uma visão histórica do mundo esculpida por conquistas e idiomas.

Culturalista, filósofo, historiador e notável filólogo, fez por merecer o maior prêmio de educação, no Brasil, que teve, nas outorgas anteriores a mim, notáveis profissionais de variadas áreas do conhecimento, todos eles com um elo em comum com o Professor Bechara: o de serem reconhecidos humanistas.

Num mundo em que tal visão universal da vida perde espaço para os especialistas – vivemos na "era dos especialistas" –, o professor Bechara, como os que me antecederam, preenche uma extraordinária galeria de notáveis sábios, que deixam a marca de suas lições para gerações inteiras de brasileiros.

Por isto, parabenizo o CIEE e O Estado de São Paulo pela feliz escolha, que engrandece esta notável galeria.

Eminente Professor Bechara, esta casa, a que passa a pertencer como membro honorário, rejubila-se por tê-lo entre os seus Guerreiros da Educação.

Seja bem-vindo!

SESSÃO DO DIA 23 DE OUTUBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral estiveram presentes os Acadêmicos: Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira no exercício da presidência, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 16 de outubro de 2008, que foi aprovada. Comunicou que se encontravam presentes à sessão de hoje o Dr. Domingos Simões Pereira, Secretário-Executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, e o Embaixador Lauro Moreira, representante diplomático do Brasil junto à CPLP. Acredita que a visita destas duas personalidades à Academia é no mínimo oportuna, porque o *Diário Oficial da União*, do dia 30 de setembro de 2008, publicou o Decreto de nº 6.583, que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Lembrou a todos, especialmente aos ilustres visitantes, que esse Decreto foi assinado na Academia Brasileira de Letras pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Isto significa que o Acordo foi assinado por todos os países de Língua Portuguesa e para cada caso haverá um prazo de entrada de vigência. Passou a palavra ao Dr. Domingos Simões Pereira, Secretário-Executivo da CPLP.

– O Doutor Domingos Simões Pereira disse da sua honra ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras e ter a autorização para usar da palavra nesta augusta assembléia. Na condição de Secretário Executivo da CPLP, comunidade que engloba o Brasil, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, ressaltou estar falando de uma comunidade de duzentos e trinta a duzentos e quarenta milhões de habitantes. Considera fundamental reconhecer o papel desta Academia no trabalho que desenvolve para a afirmação da Língua Portuguesa, que acaba sendo a afirmação da cultura dos povos que são membros desta Comunidade. Assinalou que o contributo que a Academia Brasileira de Letras tem desenvolvido graças à atuação de seus membros honra a língua de Camões. Considera-se um exemplo muito claro desta realidade, pois vem da Guiné Bissau, um país pobre, sobretudo porque apresenta uma taxa de analfabetismo muito grande, que se fosse chamado a dar-se a conhecer, e a poder fundamentar a sua convicção na direção da língua, estaria de fato muito limitado a fazê-lo. Citou um dos escritores mais importantes da Guiné-Bissau, Vasco Cabral, desconhecido fora daquele país e até mesmo na sua terra. Simplesmente porque o nível de pobreza naquele país está latente, as dificuldades que o povo ainda enfrenta são exemplos que, de forma muito clara, aplicam-se aos demais povos africanos da CPLP. Os que têm a oportunidade de poder estudar e melhorar seus conhecimentos, chegando ao ponto de estar como ele nesta tarde da Academia Brasileira de Letras, representam não uma maioria, e sim uma ínfima minoria. Salientou sentir-se privilegiado pelo fato de poder testemunhar o que é feito nesta Casa e extremamente honrado por ser nela recebido. Enfatizou que o trabalho aqui desenvolvido acaba sendo um trabalho dirigido a toda a Comunidade de Língua Portuguesa. Aproveitou a oportunidade para agradecer ao Embaixador Lauro Moreira que o tem acompanhado em toda esta visita. Declarou estar há pouco mais de dois meses nesta função, mas através do Embaixador Lauro Moreira lhe foi possível conhecer muito da realidade brasileira e, mais do que isso, introduzir-se no conhecimento de importantes dados literários do Brasil, que não conhecia. Voltou a afirmar que o contributo da Academia Brasileira de Letras tem sido determinante para o que se pretende com a Língua e a sua harmonização

junto à Comunidade, para que cada vez mais seja uma Língua comum entre os oito povos que integram a CPLP.

– O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu a inteligência e, sobretudo, a sinceridade e a verdade com que falou aqui o Dr. Domingos Simões Pereira, acrescentando que a riqueza dos povos do universo lusofônico, que às vezes se reconhecem economicamente pobres, está na união destes através desta língua. Declarou ter observado, nos meses que antecederam a promulgação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, muita confusão entre o que seja língua e representação escrita da língua. O Acordo alterou apenas a representação escrita da língua. Está certo que, sem esta unificação da língua portuguesa jamais ela se tornará uma língua de trabalho nos foros internacionais. Passou a palavra ao Embaixador Lauro Moreira.

– O Embaixador Lauro Moreira declarou ser também para ele uma ocasião muito especial estar mais uma vez nesta Casa, na qual já esteve muitas vezes, desde muito jovem. Lembrou dos amigos que teve aqui, como Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, e ainda dos que aqui se encontram presentes, como os Acadêmicos José Mindlin, Ivan Junqueira e Carlos Nejar. Portanto, a Academia tem para ele um significado muito grande. Discorreu sobre a sua admiração por Machado de Assis. Nesta tarde, declarou-se muito feliz acompanhando o Engenheiro Domingos Simões Pereira, cuja inteligência, propriedade de linguagem e reflexão todos acabaram de conhecer. Comunicou que o Brasil abriu há dois anos, em Portugal, uma Embaixada exclusivamente da CPLP. Teve o privilégio de assumir este cargo e lá permanecer até hoje, procurando fazer o trabalho que antes era feito pela Embaixada do Brasil em Portugal. Neste período, aconteceram coisas importantes. Em março do ano passado, organizou a visita do ex-Secretário da CPLP, Embaixador Luiz Fonseca, de Cabo Verde, ao Brasil, onde se avistaram com o então Presidente Marcos Vinicios Vilaça e a Diretoria da Academia e quando trataram do Acordo Ortográfico. A partir desta visita à Academia, o assunto do Acordo Ortográfico, que estava completamente esquecido, sobretudo em Portugal, voltou à tona, porque aqui a imprensa começou a tratar

longamente do assunto, com repercussões no *Jornal de Letras*, que é o jornal de Portugal mais especializado em literatura. Ali se publicou inicialmente uma matéria, e logo em seguida a imprensa portuguesa acabou fazendo do Acordo Ortográfico um dos debates mais acalorados dos últimos tempos. Foi a partir desta visita que todo esse processo se reiniciou em Portugal, com a ratificação do Acordo pela Assembléia da República, e aqui no Brasil, no dia 29 de setembro, centenário da morte de Machado de Assis, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva assina esse Decreto estabelecendo um cronograma para a adoção do Acordo. Falou a seguir sobre o que tem conseguido fazer para celebrar o centenário da morte de Machado de Assis por meio de sua Embaixada. Para dar a conhecer um pouco mais de Machado de Assis em Portugal, porque, por incrível que pareça, não é possível que um autor, que não é apenas o maior escritor brasileiro, mas uma das grandes glórias da Língua Portuguesa continue a ser desconhecido como é na terra de Camões. Parece que este ano as coisas começaram a mudar, e os jornais começaram a tratar longamente de Machado de Assis. Esses eventos culminaram com um grande colóquio sobre Machado de Assis, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, que contou com a presença do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Trouxe ao conhecimento do Plenário que o Presidente da Casa da Moeda de Portugal manifestou concretamente a intenção e o desejo de publicar a obra de Machado de Assis.

– O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu as palavras do Embaixador Lauro Moreira, particularmente porque é uma das testemunhas do seu trabalho incansável em Portugal junto à comunidade dos povos de Língua Portuguesa. Esteve em Lisboa este ano e pôde ver de perto a atividade do Embaixador, que tem uma singela vantagem: não presta contas a ninguém, a não ser a uma entidade abstrata chamada lusofonia, podendo assim trabalhar com a liberdade que se deseja quando se ocupa um cargo desta natureza. Disse que a ABL está aberta ao diálogo com a Casa da Moeda de Portugal porque é do maior interesse da Academia que seja publicada uma edição das obras de Machado de Assis em Portugal, ainda que não seja uma edição da obra completa, como a que acaba de ser lançada no Brasil pela

Editora Aguilar, mas pelo menos seria uma opulenta mostragem de tudo o que o grande patrono da ABL deixou nas áreas do romance, teatro, conto, poesia e crítica literária. Enfatizou ao Secretário Executivo da CPLP e ao Embaixador Lauro Moreira que a honra maior é da Academia Brasileira de Letras por recebê-los, já que essas pontes são muito difíceis de serem estendidas. Hoje, sobretudo depois dos trabalhos seminais de Alberto da Costa e Silva, um dos maiores africanólogos deste país, começa a se entender o que o Brasil deve à África no seu processo de formação social. Agradeceu ao Dr. Domingos Simões Pereira e ao Embaixador Lauro Moreira.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin registrou o excepcional empenho do Embaixador Lauro Moreira para a realização desse grande colóquio sobre Machado de Assis na Fundação Calouste Gulbenkian, promovendo uma jornada de reflexão e de estudo do mais alto nível dedicado a Machado de Assis no dia de seu centenário de morte.

– Dando seguimento aos trabalhos ordinários, leu a carta em que o Senhor José Pastore responde à ABL as preocupações da Casa em relação ao Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. Na sua opinião, a Academia Brasileira de Letras não tem que se curvar à Votorantim, pois quem legitima literariamente o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes é a Academia Brasileira de Letras.

– No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou o Acadêmico Joracy Camargo, que, se vivo fosse, estaria completando 110 anos de existência. Disse que quis o destino que ele silenciasse em 1973, aos 75 anos, com uma expressiva e bem sucedida obra literária. Lembrou ter tido o privilégio de conhecê-lo pessoalmente nos corredores da revista *Manchete*, que ele freqüentava com assiduidade por causa de duas grandes amizades: Adolpho Bloch, que imprimira os seus primeiros trabalhos, ainda na década de 20, e Raymundo Magalhães Jr., com quem dividia as agruras de comandar a SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais). Discorreu sobre a sua figura afável e extremamente agradável, simples, até mesmo humilde. Só se agitava um pouco mais quando o tema se referia a alguma injustiça cometida

contra o seu amado América Futebol Clube. Aliás, ele não era o único torcedor da agremiação tijucana. Dessa gloriosa bancada fizeram parte, entre outros, Genolino Amado, Marques Rebelo e Francisco de Assis Barbosa, para citar só os mais antigos na ABL. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente em exercício, utilizando o título da peça de Joracy Camargo, *Deus lhe pague*, agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier por este retrato tão vívido e tão caloroso desse dramaturgo, que anda esquecido e vem sendo muito pouco lembrado na Academia Brasileira de Letras, apesar do enorme êxito que conseguiu nos palcos em sua época e apesar de ter dado início a um processo que condenava a improvisação no palco brasileiro. Disse que, como está falando em teatro, gostaria de convidar os Acadêmicos para a leitura dramatizada da peça *Carlota Rainha*, de Roberto Athayde, direção de Dudu Sandroni, com Stella Miranda e grande elenco. A leitura será às 18 horas de segunda-feira, dia 27 de outubro, no Teatro R. Magalhães Jr.

– O Acadêmico Hélio Jaguaribe comunicou que se ausentará das sessões da ABL até o dia 20 de novembro, pois estará de viagem à Europa.

– O Presidente lamentou a futura ausência do confrade Hélio Jaguaribe e, nada mais havendo a tratar, deu por finda a sessão.

JORACY CAMARGO

*Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier**

Diante da pergunta sobre o que nos resta, o mendigo da peça teatral responde de imediato:

– O ar, meu amigo, o ar. Mas se a vida continuar assim, eles conseguirão, por intermédio da ciência oficial, monopolizar esse elemento, e teremos de comprar balões de ar para viver, como os moribundos compram balões de oxigênio para prolongar a vida! A ciência não é inimiga do homem. O homem é que é inimigo do próprio homem!

Cito esse trecho da peça "Deus lhe pague", escrita por Joracy Camargo, em 1932, para recordar a obra de um dos maiores intelectuais do nosso País. E que sempre defendeu o teatro para o povo. Dizia ele:

– Quando comecei a escrever, por necessidade econômica, e por imperativo da opressão reinante, estávamos no reinado do "teatro puro" poético, que é embriagador e se prende aos cânones mais brandos da velha tradição estética.

Joracy foi um dinâmico produtor cultural, que defendia a verdade dramática e que, por isso, jamais pode ser chamado de "ingênuo". Temia que a cultura literária deformasse o gosto do público teatral.

---

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 23 de outubro de 2008.

Ao ser saudado na posse da Academia Brasileira de Letras, em 16 de outubro de 1967, na vaga de Viriato Correia (Cadeira 23), dele disse o escritor Adonias Filho: "Quando a ABL vos recebe, sabe que a si mesmo se valoriza. E sabe mais: sabe que não começa agora a vossa imortalidade porque imortal já era quem ao povo devolveu o seu próprio teatro."

A peça mais famosa de Joracy Camargo teve cerca de 10 mil representações, no Brasil e fora dele, com versões em japonês, hebraico, francês, inglês, iídiche e espanhol. Lembro de um artigo do acadêmico R. Magalhães Jr. sobre essa peça fundamental: "O país inteiro ficou impressionado com o seu êxito, não só em São Paulo, mas no Rio de Janeiro, para onde Procópio Ferreira, seu criador, veio ocupando o desaparecido Teatro Cassino Beira-Mar."

Na semana passada, se vivo fosse, Joracy Camargo estaria completando 110 anos de existência. Quis o destino que ele silenciasse em 1973, aos 75 anos, com uma expressiva e bem sucedida obra literária. Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, nos corredores da revista Manchete, que ele freqüentava com assiduidade, por causa de duas grandes amizades: Adolpho Bloch, que imprimira os seus primeiros trabalhos, ainda na década de 20, e Raymundo Magalhães Jr., com quem dividia as agruras de comandar a SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais). Era uma figura afável e extremamente agradável, simples, até mesmo humilde. Só se agitava pouco mais quando o tema se referia a alguma injustiça cometida contra o seu amado América Futebol Clube. Aliás, ele não era o único torcedor da agremiação tijucana. Dessa gloriosa bancada fizeram parte, entre outros, Genolino Amado, Marques Rebelo e Francisco de Assis Barbosa, para citar só os mais antigos, na ABL.

O TEATRO DE IDÉIAS

A escritora Zora Seljan escreveu, em 1998, um belo livro sobre a vida e a obra de Joracy Camargo, na coleção Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras. Com uma incrível vocação para o sucesso, Joracy Camargo foi diretor de

quatro teatros, entre os quais o João Caetano, na Praça Tiradentes, sem deixar de produzir peças como "O bobo do rei" (1931) e "Maria Cachucha" (1937), além do clássico "Deus lhe pague" (1932), todas com um número impressionante de representações.

Foi autor de 53 obras, entre peças, libretos, operetas, argumentos cinematográficos e as bem-sucedidas novelas radiofônicas que consagraram, durante muitos anos, a programação da Rádio Nacional. Jornalista atuante passou por *A Pátria* e *A Manhã*, tendo sido um dos fundadores deste último, ao lado de Mário Rodrigues.

Para Josué Montello, ele foi um autor representativo da sua geração, alcançando grande aplauso popular. Correu o Brasil como pesquisador do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação, envolvido nos trabalhos da Campanha Nacional de Educação de Adultos. Foi também professor de Técnica Teatral e de História do Teatro, além da cadeira de Estética.

Na Literatura Infantil prestou também a sua colaboração, escrevendo os diálogos educativos intitulados *Papai* (uma edição da biblioteca infantil de *O Tico-Tico*, e mais *Teatro da Criança* e *A Escolinha*). O seu repertório iluminou as décadas de 30 e 40, em nosso país. A ponto de Monteiro Lobato ter escrito que Joracy foi o filósofo do teatro brasileiro. Em artigo de 1941, Afrânio Coutinho elogiou-lhe a seriedade, "aprofundando a sua obra no estudo e na meditação, indo em sentido contrário à mania da improvisação e da superficialidade." A sua ação dramática sempre girou em torno da crítica à sociedade burguesa. "De forma simples, um teatro de idéias."

Na sessão da saudade, após a sua morte, dele disse o acadêmico e historiador Pedro Calmon:

> "Conheci Joracy Camargo no esplendor da sua carreira, quando promovia a pedagogia do bom teatro no Brasil. Excursionava pelo país inteiro, queria levar a sua palavra de ensinamento e entusiasmo pela arte que abraçara. Era na realidade um missionário, no sentido estrito do termo. Esse homem ilustre, esse grande autor, expoente da classe, foi eleito com

> a recomendação, o pedido, a insistência da classe teatral, orgulhosa dele. Ele aqui entrou como embaixador legítimo da sua profissão. Aqui ganhou a unanimidade da nossa admiração, pelas qualidades pessoais, com a sua suave ironia."

Como homenagem à sua memória, recordo parte do seu discurso de entrada na ABL, muito aplaudido, quando se referiu às características do seu teatro:

> "A obra de arte de proporções geniais é sempre evolucionária. Não foi esse o meu teatro, pela ausência completa de genialidade, mas foi o teatro político, pedagógico, feito com a atitude de generosidade consciente, corretivo, que atingiu em cheio grandes massas de espectadores, daqui e de tantas outras latitudes."

SESSÃO DO DIA 30 DE OUTUBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro, Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Eduardo Portella, *Diretor dos Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Acadêmico Ivan Junqueira deu início à sessão do dia 30 de outubro e esclareceu que o Presidente Cícero Sandroni participa de compromisso fora da ABL e, logo que chegar, lhe passará a presidência. Pôs em votação a Ata do dia 23 de outubro, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico João de Scantimburgo, que aniversaria no dia 31 de outubro, e foi também parabenizado pelo seu aniversário no dia 3 de novembro. Fez chegar aos Acadêmicos a notícia de que ficou pronto o D*icionário Escolar da Língua Portuguesa*, uma realização conjunta da Academia Brasileira de Letras com a Companhia Editora Nacional. O Dicionário foi distribuído aos Acadêmicos e o Presidente, em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, principal responsável pela publicação, que fizesse algumas considerações do que foi a trajetória dessa obra.

– O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse aos Acadêmicos que o *Dicionário Escolar* representa a primeira concretização da Academia no mundo do léxico. Os primeiros passos para que a Academia trabalhasse na área da lexicografia e da lexicologia datam da gestão do Acadêmico Arnaldo Niskier, quando então o Setor de Lexicologia teve que trabalhar com alguns projetos. Infelizmente, alguns deles não foram adiante, e só a partir do final da gestão do Acadêmico Alberto da Costa e Silva começaram a trabalhar no *Dicionário Escolar.* A Academia, no início, relutou pelo fato de iniciar os trabalhos do Setor da Lexicologia pelo *Dicionário Escolar*, mas esclareceu que chegou a informar ao Acadêmico Josué Montello que a Academia Espanhola tinha o seu *Dicionário Escolar*. Era um dicionário que vinha fazer frente aos dicionários escolares que se publicavam por várias editoras espanholas, argentinas e mexicanas. Ressaltou que a técnica lexicográfica desses últimos anos mudou muito. Antigamente, a feitura de um dicionário se fazia pelo confronto dos dicionários já existentes e também pelo saber lingüístico do dicionarista, que acrescentava as palavras do seu repertório lexical. Hoje em dia não é feito assim; há um *corpus,* que pode ser limitado no tempo: por exemplo, a Universidade de Araraquara tem trabalhado em *corpus* lexicais a partir de 1950. Essa data é uma data que não dá a projeção e a pujança do vocabulário do léxico português moderno. Ressaltou que, a partir de 1950, se assistia nos jornais a uma limitação lexical, porque o jornal passa a ser aberto a mais classes sociais, com o vocabulário mais reduzido. Por outro lado, o levantamento de um *corpus* nos dá a capacidade expressiva e as franjas semânticas que a palavra adquire no contexto. Informou que o *corpus* também proporciona uma série de surpresas: por exemplo, imaginava-se que Machado de Assis trabalhasse com um vocabulário em torno de três a quatro mil palavras, mas a pesquisa revelou um *corpus* em torno de mais de oito mil e quinhentas palavras. Com o aumento do universo da produção literária de Machado de Assis, este chega a dezesseis mil e quinhentas palavras diferentes. Com este *corpus* explicitam-se franjas semânticas de cada palavra e em cada contexto, e o verbete nos vai dar conta dessa variedade semântica do léxico de Machado de Assis. O Índice Lexical praticamente está pronto em matéria de informatização e dentro de dois ou três meses se terá esse Índice nas mãos. Informou que em 2009

estará pronto o *Dicionário de Machado de Assis*, exclusivamente de língua. Salientou que esse *Dicionário Escolar* representa o primeiro esforço feito diretamente pela Academia. A Academia já produziu o seu vocabulário, e o seu dicionário se deveu ao trabalho de Antenor Nascentes, a convite de Afrânio Peixoto, na década de 1940. Informou ainda que se inclui no projeto da Casa a publicação de um dicionário ortoépico, e Antenor Nascentes era exemplo fiel da língua culta. Esclareceu que a Academia irá aproveitar o material deixado por este saudoso lexicógrafo e ampliar a visão dos fundadores em matéria de língua portuguesa, pois estes achavam que quem tinha obrigação de fazer o dicionário da língua portuguesa era Portugal. O Brasil tinha de contribuir apenas com o dicionário de brasileirismos. Hoje, a pujança literária, cultural e tecnológica do Brasil chegou a tal ponto, que se impõe um dicionário da língua portuguesa feito a partir da realidade brasileira. Esclareceu que esse *Dicionário Escolar* está nas mãos dos Acadêmicos para que seja melhorado pela competência lingüística dos confrades. Lembrou o professor Oswaldo Serpa, que sempre dizia que o dicionarista é um homem infeliz, porque o consulente abre o seu dicionário cem vezes e encontra a resposta para sua dúvida, mas na centésima primeira vez que o abre e não vê o que deseja, chama logo o dicionário de ultrapassado. Espera que esse dicionário possa ser enriquecido com os trabalhos dos confrades. Trata-se de um dicionário que levou em conta a linguagem clássica, mas também a linguagem dos jovens. Finalizando, disse que o dicionário se inicia com uma pequena história da ABL para que o jovem já comece a sentir a presença cultural e institucional desta Casa. Depois, uma breve história da língua e do léxico português, além de um excelente repertório da flexão verbal, preparado pela equipe de lexicografia e lexicologia.

– O Presidente Cícero Sandroni pediu desculpas por seu atraso e acrescentou que esse *Dicionário Escolar* é o trabalho da Comissão de Lexicografia e Lexicologia, tão bem dirigida pelo Acadêmico Evanildo Bechara, mas que contou também com o esforço de várias Diretorias, as quais, desde Arnaldo Niskier, Nélida Piñon, Alberto da Costa e Silva, Tarcísio Padilha, Ivan Junqueira, Marcos Vinícios Vilaça e a atual, trabalharam e apoiaram a Comissão para

que chegasse a esse resultado. Ressaltou essa grande vitória da Academia Brasileira de Letras porque é o primeiro dicionário feito inteiramente nesta Casa. Sobre o seu atraso informou que, a convite do Consulado de Portugal, participou de cerimônia no Museu da História Naval, com a apresentação da galeota que foi mandada construir por Dom João VI para que desse os seus passeios pela Baía da Guanabara e servisse como transporte entre as caravelas e o porto. Em seguida, participou de almoço com o Ministro da Cultura de Portugal, Dr. José António Pinto Ribeiro. Ressaltou que a galeota, que ainda não está totalmente recuperada, mas em breve estará aberta à visitação pública, é realmente uma jóia da indústria naval brasileira. Teve a oportunidade de conversar com o Ministro da Cultura de Portugal, que se mostrou interessado na implementação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, na questão do léxico científico e na parte da toponímia, louvando o empenho da ABL. Salientou que o Ministro da Cultura pediu o empenho da Casa no sentido de convencer o Governo Brasileiro da necessidade de se realizar isso o mais breve possível, mesmo sabendo que existe em Portugal um grupo de gramáticos, filólogos e lexicógrafos ainda um pouco resistentes em relação ao Acordo, o que deverá ser superado com o tempo, mas na questão da terminologia técnico-científica o trabalho deveria ser feito com mais rapidez. Nessa ocasião também estava presente o diretor do Patrimônio Histórico da Marinha, Almirante Armando Sena Bitencourt, que convidou a todos os Acadêmicos para um passeio de lancha pelos sítios históricos da Baía da Guanabara. Comunicou que não pôde comparecer às duas últimas sessões por ter viajado com os Acadêmicos Domício Proença Filho, Sergio Paulo Rouanet e as Acadêmicas Nélida Piñon e Ana Maria Machado para participar do Seminário Machado de Assis, promovido pela Fundação Hispano-Americana, na Casa de América em Madri, quando teve a oportunidade de proferir palestra sobre a vida e a obra de Machado de Assis. Participaram também alguns especialistas na área de tradução da Espanha e Portugal. Mais tarde, em Sevilha, participou, a convite da Acadêmica Nélida Piñon, do "IX Foro Ibero-américa", que reúne personalidades de vários países da América Latina e Espanha. Pôde notar o grande prestígio que a Acadêmica Nélida Piñon, a nossa princesa das Astúrias, desfruta nesse

grupo de expoentes da cultura latino-americana. Ressaltou um diálogo sobre Machado de Assis muito interessante, apresentado pelo escritor Carlos Fuentes, juntamente com Nélida Piñon, e a conferência sobre a transferência da família real, proferida pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho. Nessa ocasião teve a oportunidade de entregar a Medalha do Centenário da Morte de Machado de Assis ao escritor Carlos Fuentes. Informou que também foi apresentado a um grupo de música com canções baseadas em letras de Machado de Assis. Contou que esteve diante da estátua de Machado de Assis, e lembrou que há dez anos o Acadêmico Arnaldo Niskier, Presidente da Casa na época, lá esteve para essa inauguração. Falou também sobre o Encontro de Sevilha, que foi fundamental pela presença de dois acadêmicos: José Murilo de Carvalho e Nélida Piñon. Na ocasião, o Acadêmico José Murilo de Carvalho falou de um tema muito próximo dos espanhóis, que ficaram espantados com a divisão do Brasil após a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro. Comunicou que na terça-feira esteve no Hospital Samaritano, onde o Acadêmico Ivo Pitanguy estava sendo operado. As notícias que teve hoje são de que ele está se recuperando bem na Unidade Coronariana daquele hospital. Comunicou que o lançamento de seu livro *Cartas a um Jovem Cirurgião*, marcado para o próximo dia 6 do corrente, foi adiado e posteriormente será anunciada a nova data. Deu conhecimento à Casa de que perdemos há algum tempo, e disso não fomos informados, um dos Sócios Correspondente da ABL, o francês Jean Roche, falecido a 12 de setembro de 2006 e que ocupava a Cadeira 20 do Quadro dos Sócios Correspondentes. Discorreu rapidamente sobre o professor francês Jean Roche, que deixa um legado de obras fundamentais sobre a história e a literatura do Rio Grande do Sul. Os oito anos em que viveu em Porto Alegre, entre 1945 e 1953, foram suficientes para que o professor Jean Roche, morto aos 92 anos, desse uma contribuição definitiva para a historiografia e para a crítica literária gaúcha. A produção como crítico literário foi exercida por Roche até seus últimos dias, vividos na cidade de Cavaliere sur Mer, às margens do Mar Mediterrâneo. Ao retornar à França, ministrou aulas de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Toulouse. Seu amor pelo Brasil era tão grande que sua casa em Cavaliere sur Mer tinha o nome de Beija-Flor, em homenagem

ao Brasil, segundo conta o escritor Luis Fernando Veríssimo numa crônica. Acrescentou ter sido uma perda muito grande para o Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia. De acordo com o Art. 13 do *Regimento Interno,* declarou vaga esta Cadeira e estabeleceu um prazo de trinta dias para as inscrições. Informou que esta eleição ficará para o próximo ano, porque os sessenta dias exigidos para a eleição coincidirão com o recesso da Casa. Deu conhecimento ao plenário de que do Quadro de Sócios Correspondentes da Academia nove são intelectuais portugueses. Para a eleição na vaga de Luciana Stegagno Picchio, Cadeira 6, no próximo dia 4 de dezembro, concorrem dois portugueses e um argentino. Deu ainda ciência ao plenário da solicitação recebida da Academia Sueca para que a Academia ou algum de seus membros indique um nome para concorrer ao Prêmio Nobel de Literatura. Cada um dos acadêmicos pode indicar um nome ou a Academia indicar um nome de consenso. Disse que estimaria muito que a Academia apresentasse um nome e que esta escolha recaísse sobre a Acadêmica Nélida Piñon. Está certo de que a Casa vai se posicionar. Informou que ainda há tempo para se fazer esta indicação. Como nenhum acadêmico se inscreveu para falar, passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.

– No Capítulo das Efemérides, o Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu com muita propriedade sobre e a vida e a obra de Humberto de Campos, que nasceu em Miritiba, no Maranhão, e foi o terceiro ocupante da Cadeira 20 do quando de Membros Efetivos da Academia, Cadeira que hoje ocupa nesta Casa. Ao concluir, lembrou que Humberto de Campos deixou uma obra literária atraente, presente e eterna. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras.*)

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho pelas palavras sobre Humberto de Campos.

– O Acadêmico Domício Proença Filho congratulou-se com o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara pela culminância do hercúleo trabalho de apresentar o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* dentro das normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que acabou de ser promulgado

e, mais ainda, pelo anúncio do *Dicionário Ortoépio*, absolutamente necessário neste momento em que há uma expectativa de adoção complexa do Acordo da Língua Portuguesa esperado aqui e no exterior. A seguir, para corrigir a modéstia do Presidente Cícero Sandroni, disse de como ele representou esta Casa na homenagem a Machado de Assis, com uma conferência belíssima, como foram também as das Acadêmicas Nélida Piñon, Ana Maria Machado e do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, num projeto que começou no âmbito da Universidade e da Secretaria de Cultura de Madri e que, imediatamente, foi assumido pela Embaixada Brasileira em Madri, na pessoa do Embaixador José Viegas, assim como pela *Fundación Cultural Hispano-Brasileña* e a Casa de América. Deu contas a esta Casa de que, deixando Madri, participou das Jornadas Machadianas em Lisboa, Coimbra e Porto, integrando mesas-redondas. Para sua surpresa, a Exposição *Machado Vive!* lá estava reproduzida por meios tecnológicos durante toda a semana. Foi também surpreendido por uma Praça Machado de Assis, no Porto, idealizada por Arnaldo Saraiva, que conseguiu junto à Prefeitura daquela cidade um amplo espaço com um monumento a Machado de Assis, o que foi também bastante lisonjeador. Compareceu também à CPLP, numa visita de cortesia para ter notícia do altíssimo interesse não só no Acordo Ortográfico mas na expansão da língua portuguesa por todos os países, sobretudo da África. Foi informado, ainda, na CPLP, de que se encontra em estudo a Universidade Luso-Afro-Brasileira. Disse serem estas as notícias que desejava transmitir à Casa dando conta da missão que de que foi incumbido na Europa.

– O Acadêmico Arnaldo Niskier discorreu sobre as conferências em torno do tema "O Conto em Machado de Assis", no CIEE de São Paulo, onde falaram o Presidente Cícero Sandroni, o Acadêmico Domício Proença Filho e a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Nessa seqüência de homenagens à memória de Machado de Assis, trata-se de um evento importante por ter ocorrido no Estado de São Paulo. Ressaltou que está muito feliz com o lançamento do *Dicionário Escolar*, principalmente com a lembrança que o Acadêmico Evanildo Bechara fez a respeito do início dessas operações, quando ele ocupava a presidência da ABL. Acha que não se pode esquecer a colaboração que deu,

ao desenvolvimento da idéia, o professor Antônio José Chediack, que durante dois anos dirigiu um grupo de verbetistas e deu o melhor de si para que se pudesse chegar a esse resultado, o que é muito importante para a Academia e para o país. Finalizando, deu notícias do estado de saúde do Acadêmico Ivo Pitanguy, a quem visitou em caráter pessoal, e pôde conversar com a Senhora Marilu Pitanguy e os filhos Gisela e Helcius, que lhe deram notícias animadoras a respeito do estado de saúde do Acadêmico.

– O Presidente Cícero Sandroni informou que está muito feliz com o D*icionário Escolar da Língua Portuguesa*.

– O Acadêmico Evanildo Bechara disse que nada seria possível sem o entusiasmo dos colegas que sempre estiveram presentes aos trabalhos da Comissão de Lexicografia e da presença do Presidente do Setor da Comissão de Lexicografia, Acadêmico Eduardo Portella, e do Acadêmico Alfredo Bosi. Disse que agora as preocupações duplicaram, na medida em que há grande entusiasmo pelo *Dicionário Toponímico* que difere totalmente do dicionário de língua. É um dicionário difícil porque congrega várias disciplinas, e, tanto Portugal quanto o Brasil não se têm, debruçado sobre uma unificação de nomenclatura. Os portugueses são muito mais ciosos dos seus topônimos do que das consoantes mudas, e se as consoantes mudas levaram cem anos para cair, acredita que os topônimos só em outra geração poderão chegar a um denominador comum. Acrescentou ainda que a Companhia Editora Nacional deu ciência de que dez grandes colégios de São Paulo já estão adotando o *Dicionário Escolar*.

– O Presidente, antes de encerrar a sessão, convidou os presentes para a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis", sobre o tema "No balanço da Bossa Nova: meio século de sedução". Coordenação Geral do Acadêmico Cícero Sandroni, com coordenação e exposição da Acadêmica Ana Maria Machado. Palestrantes: Roberto Menescal, Ruy Castro e Sérgio Cabral, às 17h30min, no Teatro R.Magalhães Júnior. Nada mais havendo a tratar, deu por finda a sessão.

HUMBERTO DE CAMPOS

*Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Ivan Junqueira.
Senhora e Senhores Acadêmicos.

"Não cheguei muito alto, nem muito perto, porque vim de muito baixo e de muito longe".

Assim se definia o terceiro ocupante da minha Cadeira 29, nesta Academia Brasileira de Letras, um maranhense conterrâneo de Josué Montello, chamado Humberto de Campos Veras, nascido na Cidade de Miritiba, que hoje tem o seu nome, e que era uma doce vila, edificada sobre um pequeno rio, não longe do oceano e distante apenas algumas horas de São Luís.

Humberto viveu um pouco sob a obsessão de sua cidadezinha natal. E evocou-a em verso:

> "É o que me lembra: uma soturna vila,
> Olhando um rio sem vapor e sem ponte;
> Na água salobra, a canoada em fila
> Grandes redes ao sol, mangais defronte.

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 30 de outubro de 2008.

De um lado e de outro, fecha-se o horizonte,
Das ruas somente a água tranqüila,
Botos na pré-amar: a Igreja, a fonte,
E as grandes dunas, onde o sol cintila".

Desde o berço, Humberto fica órfão de pai. A pobreza ronda o lar, onde uma humilde mulher luta heroicamente para dar de comer aos filhos.

Praticante de alfaiate, caixeiro de loja, lavador de pratos, balconista de mercearia, aprendiz de tipógrafo, Humberto de Campos foi também um poeta parnasiano, da escola de Bilac, de Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, que reagiu contra o lirismo romântico e que passou a cultivar uma poesia impessoal e erudita, com grande apuro da forma; autor de sonetos maravilhosos, mas nostálgicos, pessimistas e melancólicos, foi saudado efusivamente por Carlos de Laet e Medeiros e Albuquerque, no Brasil, além de Guerra Junqueiro e Fialho de Almeida, em Portugal.

Fez longas excursões pelo baixo Amazonas, entrando em contato direto com a vida de homens infelizes, os seringueiros explorados, humilhados e trucidados. Revoltou-se contra aquele mundo de Dostoievski e versejou:

"E eu, sem rei; eu, sem Deus; eu, sem dama.
Nestas cruzadas, qual o cavaleiro
Que não crê, que não serve, que não ama?
Ninguém que, em febre, nesta doida lida,
De alma queimada, numa ignota chama.
Sou um miserável, o único na vida,
Que não crê, que não serve e que não ama".

Seus versos têm uma musicalidade perfeita, com a ciência do ritmo, clara métrica e impecáveis rimas. Autodidata e grande ledor, dotado de talento fértil, acumulou vasta erudição. Foi depois prosador, contista, memorialista, poeta, crítico, biógrafo e jornalista, em *O Imparcial*, ao lado dos Confrades Coelho Neto e Osório Duque-Estrada, adotando o pseudônimo de "Conselheiro XX", um cronista licencioso, fescenino, lascivo, "rabelaisiano", quase obsceno, com

livros de grande êxito, bem ao gosto do público de então, que se esgotavam em tiragens surpreendentes e incomuns para a época, desde: *Grãos de Mostarda, Seara de Booz* e *Mealheiro de Agripa*, com 10 mil exemplares, cada; *Um Sonho de Pobre*, 14 mil; *A Bacia de Pilatos*, 15 mil exemplares; *Gansos do Capitólio*, 16 mil; passando por *A Serpente de Bronze*, 18 mil; *Carvalhos e Roseiras e Tonel de Diógenes*, 20 mil exemplares, cada; *À Sombra das Tamareiras*, 21 mil; Os Párias e Destinos que Sofrem, 28 mil, cada; até *Memórias Inacabadas*, 30 mil; e o 1º. volume de suas *Memórias*, com 51 mil exemplares vendidos.

Todos esses livros – Senhores Acadêmicos – foram lançados pelo Editor José Olympio, cujo Centenário esta Academia comemorou no ano passado.

Essas *Memórias* foram escritas já num tempo de muito sofrimento físico, com pinceladas de tristeza e a saga de um homem atingido pela desgraça, após alcançar a glória por esforço próprio e honesto, numa verdadeira lição de vida, que o público compreendeu e apoiou.

Suas crônicas, de tanto sucesso, estão repletas de paisagem, de doçura e de cor, deixando que em seus textos vazasse um pouco de suas lágrimas.

Seu impressionismo era opiniático, fazendo uma crítica literária com afirmações pessoais. Acompanhava a leitura dos livros com observações, digressões e meditações anotadas, além de comentários sobre o tema, a trama e o personagem.

Seu estilo é um dos mais corretos da nossa literatura, com o sabor delicioso dos autores clássicos, na escola de Manuel Bernardes, Dom Francisco Manuel de Melo e Frei Luís de Souza.

Segundo Graça Aranha, Humberto era o mais aristocrático dos escritores brasileiros.

Contador de histórias bem humoradas e inventor de anedotas galantes, conhecia bem o seu ofício de escritor, enquadrando-se na observação de Montaigne, segundo a qual cada um deve escrever apenas sobre o que sabe.

Estávamos em 1919, quando Humberto, no auge do prestígio intelectual, se elege para esta nossa comum Cadeira 20, tendo Joaquim Manoel de Macedo como Patrono e Salvador de Mendonça como Fundador. Tinha apenas 33 anos de idade e foi um dos nossos mais jovens Acadêmicos.

Carlos de Laet, que dez anos antes já previra a sua entrada na ABL, foi, por uma feliz coincidência, o presidente da sessão de sua posse, dia 8 de maio de 1920, cuja efeméride transcorre justamente depois de amanhã.

Saudado depois por Luiz Murat, Humberto fez então o elogio do seu antecessor direto, Emílio de Menezes, a quem chamou de "um terrível poeta, um homicida da palavra, simultaneamente, um leão e um cordeiro. Feria ou elogiava. Alternava a brutidão e a meiguice. Sua espada era de aço ou uma pluma.

Sua estátua, se algum dia viesse a ter, deveria, como a de Harmódio em Atenas, trazer um punhal e um ramalhete".

Os críticos de Emílio diziam que ele era mais um caricaturista implacável do que um humorista talentoso, sem a graça de um Miguel de Cervantes, de um Jonathan Swift, de um William Tackeray, de um Thomas Carlyle, de um Décimo Juvenal ou de um Homero.

Segundo Humberto de Campos, Emílio de Menezes era um curitibano excêntrico, no ser e no trajar, com roupas e sapatos de cores berrantes, gravata borboleta, bigode abundante e louro, rosto redondo e vermelho, gordo, barrigudo e flácido, mordaz, malicioso e satírico.

Mas era, ao mesmo tempo, modesto, terno, magnânimo e compadecido.

Não via defeitos nos amigos, mas também não vislumbrava virtudes nos inimigos.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Humberto de Campos foi também, no Brasil, um pioneiro na luta pela reforma agrária, contra os latifúndios, a favor da distribuição de terras, de mais escolas e hospitais; da participação nos lucros e da distribuição de rendas.

Dizia: "A Justiça traz na mão uma espada, quando deveria trazer um coração. Não nasci para ser amigo dos opressores, mas, para companheiro dos desgraçados".

Aos 40 anos, em 1926, viu-se eleito deputado federal pelo Maranhão, mas a Revolução de 30 o cassou, juntamente com Coelho Neto, seu conterrâneo e grande ídolo.

Para compensá-lo, o governo o nomeou fiscal de ensino e o primeiro diretor da Casa de Rui Barbosa, antecessor nesse cargo dos nossos Confrades Américo Jacobina Lacombe e Lêdo Ivo.

E ele agradeceu ao Presidente Getúlio Vargas, enviando-lhe um exemplar de suas *Memórias*, com uma dedicatória e os versos de Luiz de Gôngora:

> *"Por tu espada y por tu trato*
>
> *me has cautivado dos veces".*

De novo, no ostracismo e já pobre, sobrevieram-lhe um tumor no cérebro, que lhe atrofiou a hipófise e uma acromegalia: gigantismo de crescimento nos ossos da face e nas extremidades dos dedos.

Ficou cego de um olho, à semelhança de Milton, Castilho e Camões.

Escreveu, então: "Manhãs neurastênicas. Noites sofridas. Síncopes dos nervos, do cérebro e da vontade. Ânsias de choro. Desejos de sono". E adaptou para si os versos do poeta Scarron:

> "O homem cansado da lida, não inveje deste a sorte. Ele conheceu a morte, mil vezes dentro da vida.
>
> Quem por aí se afoite. Não faça barulho enorme. Pois esta é a primeira noite, que Humberto de Campos dorme".

Essa fase da vida foi-lhe simplesmente tenebrosa, como um gênio sofredor e iluminado. O destino lançava contra ele as suas onças e lobas mais ferozes do que aquelas de Dante Alighieri.

E Humberto percorria os ciclos do seu Inferno.

Mas – Senhor Presidente – para aliviar as dores e padecimentos de doenças cruéis e incuráveis, imperava nele o espírito do nordestino forte, que deixou uma imorredoura mensagem de simpatia, de amor à vida e de otimismo, até mesmo diante do impossível.

Humberto de Campos Veras morreu muito jovem, no dia 5 de dezembro de 1934, com apenas 48 anos de idade, após ter escrito 52 livros, todos de enorme sucesso. E morreu também uma semana depois de seu grande amigo Coelho Neto.

No seu enterro, um leitor reproduziu em discurso a frase que Máximo Gorki escreveu na sepultura de Leon Tolstoi:

"Vejam que homem maravilhoso existiu sobre a face da Terra!"

No molde das purezas e requintes lusitanos de Castilho, Humberto de Campos foi um arquétipo perfeito do intelectual, que falou de perto às mentes e aos corações dos brasileiros, e que deixou uma obra literária ainda hoje moderna, atraente, presente e eterna.

SESSÃO DO DIA 6 DE NOVEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, *Diretor dos Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão de entrega do Prêmio Afrânio Coutinho da Biblioteca Rodolfo Garcia, deu a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho ressaltou que o público alvo deste Concurso foi o de estudantes universitários, graduados ou pós-graduados, jornalistas e pesquisadores da área de ciências humanas, além de usuários previamente inscritos em nossa Biblioteca. Foi publicado um Edital e divulgado pela imprensa e nas Universidades brasileiras. Para a entrega dos textos fixaram-se prazos, que terminaram justamente no último dia 30 de setembro. Durante estas últimas semanas, os trabalhos inscritos foram examinados por ele próprio e pela Comissão Consultiva das Bibliotecas, constituída pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva e

Evanildo Bechara, com uma avaliação baseada nos critérios da pertinência ao tema, sua originalidade, criatividade e tratamento da linguagem.

– O Acadêmico Tarcísio Padilha entregou o diploma de primeiro lugar ao Professor Leodegário de Azevedo Filho. Em segundo lugar, a Professora Maria de Fátima Lucena de Oliveira, que recebeu o diploma do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Em terceiro lugar, o Senhor Jorge Lopes dos Santos, que recebeu o diploma do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

– O Presidente Cícero Sandroni congratulou-se com a Biblioteca Rodolfo pela realização desse concurso, tão bem concluído com os prêmios que foram entregues hoje.

– O Professor Leodegário de Azevedo Filho agradeceu em nome dos premiados e ressaltou que tem escrito ao longo da vida sobre Machado de Assis, mas nunca sobre Machado de Assis como crítico literário. A metodologia que utilizou foi inserir a obra crítica de Machado de Assis dentro da história da crítica literária no Brasil. Fez com todo amor o texto e não esperava ser premiado, o que lhe causou uma alegria muito grande.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Professor Leodegário de Azevedo Filho, profundo conhecedor de Machado de Assis. Agradeceu a presença de Sônia Coutinho, viúva de Afrânio Coutinho, e aos filhos Graça e Eduardo Coutinho. Deu a palavra a Graça Coutinho.

– A Senhora Graça Coutinho, em nome da família, afirmou que achou extremamente própria a escolha do nome Afrânio Coutinho para nomear o Prêmio da BRG, em sua terceira edição. Uma iniciativa brilhante. Vários são os motivos desta aprovação que muito os orgulha, primeiro porque a vida de seu pai foi dedicada à literatura brasileira, tendo sido ele um grande incentivador do livro e da leitura, pois foi um dos maiores estudiosos de Machado de Assis, e ainda por ter reunido durante sua vida uma biblioteca de 100 mil volumes, hoje na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que foi a base para os estudos desenvolvidos na Oficina Literária Afrânio Coutinho e no CEAC (Centro de Estudos

Afrânio Coutinho). Parabenizou os ganhadores do Prêmio e também os Acadêmicos.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à segunda parte da sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata da sessão do dia 30 de outubro, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que aniversaria no dia 11. Comunicou que o Acadêmico Ivo Pitanguy está se recuperando bem da cirurgia. Informou que o dia de ontem, 5 de novembro, foi muito ativo, desde as 12h30min, com um show de música popular, que contou com a participação da cantora Clara Sandroni. Informou que todo esse programa tem o patrocínio da Petrobras. Às 15h, a leitura dramatizada do *Mambembe*, de Artur Azevedo; às 18h30min a exibição do filme *Deus é Brasileiro*, de Cacá Diegues, com a participação do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. Às 19h houve a cerimônia de inauguração do programa *Paixão de Ler*, com a presença do Secretário das Culturas, Ricardo Macieira, e a Secretária de Educação, Sônia Mograbe.

– O Acadêmico Lêdo Ivo encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça duas novas traduções dos livros *El mar, los sueños y los pájaros* e *Donde la geografia es una esperanza – Antología*, de sua autoria.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony encaminhou o livro *Aconteceu na Manchete – As Histórias que Ninguém Contou*, onde relembra casos acorridos na *Manchete*. Livro de valor documental muito grande, que retrata uma época da imprensa brasileira. Citou, entre vários Acadêmicos que trabalharam na *Manchete*, o nome do Presidente Cícero Sandroni.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu as referências generosas do Acadêmico Carlos Heitor Cony e lembrou que, em 1955, Otto Lara Resende, que dirigia *Manchete*, o convidou para escrever os comentários da revista sobre a situação internacional. Ressaltou que esta é uma lembrança grata ao recordar a memória do saudoso amigo Adolpho Bloch.

– O Presidente Cícero Sandroni lamentou não poder ter ido ao lançamento do livro *Aconteceu na Manchete – As Histórias que Ninguém Contou*. Lembrou José

Carlos de Oliveira, Ivan Alves, Ney Bianchi, Narceu de Almeida e tantos outros.

– O Acadêmico Moacyr Scliar registrou o lançamento do livro *Retratos da Leitura do Brasil*, lançado na Bienal do Livro de São Paulo. Prosseguindo, o Acadêmico Moacyr Scliar disse que, sendo um tema associado com letras, seria bom que a Academia pudesse participar desses eventos, que têm cobertura nacional e como alvo a população brasileira como um todo. Entre os dez autores preferidos dos leitores estão Monteiro Lobato, Paulo Coelho, Jorge Amado, Machado de Assis, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, José de Alencar e Maurício de Souza. Considerou interessante estudar por que esses autores são preferidos, que tipo de apelo eles representam e o que a Academia pode fazer para estimular o hábito da leitura no Brasil.

– O Presidente Cícero Sandroni, com relação a sugestão do Acadêmico Moacyr Scliar, lembrou que, em primeiro lugar, a ABL não foi convidada. Desde que haja um contato oficial com a Academia Brasileira de Letras, é lógico que a Casa vai estudar e ver o que pode ser feito. Enquanto isto seria bom que estas instituições reconhecessem o trabalho que a Academia vem fazendo pela divulgação da literatura e da leitura no Brasil. Acredita que poucas instituições no Brasil fazem tanto quanto a Academia, sem apoio oficial e sem verbas destinada a esse trabalho. Não só com as conferências, que são transmitidas pelo portal para todo o Brasil, com a publicação de livros e o trabalho que esta Casa faz, há vários anos, com o Vocabulário da ABL e agora com o Dicionário Escolar. Há muito pouco reconhecimento por todo este trabalho exaustivo que a Academia Brasileira de Letras vem realizado, na Lexicografia, no Departamento Cultural, no Setor de Publicações e no Centro de Memória, da parte dos órgãos ligados à educação e à cultura, como se esta Casa não existisse.

– O Acadêmico Moacyr Scliar, voltando ao assunto, pergunta-se o que acontece com uma Instituição que é considerada, por oitenta por centos dos brasileiros, a mais importante do país ficar fora desse processo.

– O Presidente Cícero Sandroni disse que a Academia Brasileira de Letras é uma instituição que tem cento e onze anos. Não é uma Instituição recente. E essas agências fazem os seus trabalhos e não comunicam à Academia. Está certo de que não temos que procurá-los, eles é que têm que procurar esta Casa, não pela atuação de ontem, mas pela atuação de mais de um século.

– O Presidente Cícero Sandroni passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para ler o texto do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho sobre José Maria da Silva Paranhos, Patrono da Cadeira 40, por ele ocupada.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho congratulou-se com a Diretoria por ter restabelecido nas efemérides o elogio aos Patronos e ainda por ter a feliz idéia de convidar o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que há 10 anos se encontra impossibilitado de freqüentar esta Casa. Poucos aqui presentes tiveram o privilegio de privar da sua companhia. Eleito em 1984, sucedendo a Alceu Amoroso Lima, fez um belo discurso de posse. Trabalhou muito pela Casa, era participante e atuante e teve a feliz idéia de dar o nome de Palácio Austregésilo de Athayde ao prédio novo da Academia. Foi Secretário-Geral na presidência do Acadêmico Josué Montello e, ao se aproximar o final dessa gestão, quando foi dado início à campanha para a sua presidência, idéia que não lhe agradava, pediu demissão da Secretaria-Geral. Passou a ler o trabalho minucioso e consistente do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho sobre o Visconde do Rio Branco, patrono da Cadeira que ocupa. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

– O Presidente Cícero Sandroni declarou que a Casa só tem que aplaudir a iniciativa do Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira, por ter incluído nas efemérides um patrono e ainda por ter convidado o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, conseguindo dele esta bela peça. Acrescentou que, tratando-se de Evaristo escrevendo sobre o Visconde do Rio Branco, terá o texto de ser incluído na *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Salientou a importância de lembrar esta figura exemplar da política brasileira, o Visconde do Rio Branco. Lembrou que, recentemente, a Academia publicou *Cartas do Amigo*

Ausente, por iniciativa do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que é um documentário formidável do Século XVIII e do Século XIX e também sobre a questão do Prata, em que era especialista. Disse ainda que o ideal é que o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho se dispusesse a escrever uma biografia do Visconde do Rio Branco.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e declarou que foi um momento muito importante dessa Casa ouvir Evaristo de Moraes Filho na voz do Acadêmico Alberto Venancio Filho. Lembrou que o Acadêmico Evandro Lins e Silva, antes de falecer, estava preparando uma biografia de Evaristo de Moraes.

– A Acadêmica Ana Maria Machado disse que poderia verificar com a família se localizaram este trabalho.

– A Acadêmica Ana Maria Machado sugeriu que essa idéia de se propor ao Acadêmico Evaristo de Moraes Filho que desenvolva mais este trabalho seja levada a ele como uma proposta dos confrades.

– A Acadêmica Nélida Piñon propôs que se criasse uma coleção da memória da Casa, mediante uma longa entrevista, com um grande profissional, com cada Acadêmico. Seria um espécie de memória oriunda de um questionário ou gravação.

– O Presidente Cícero Sandroni convidou os presentes para a mesa-redonda comemorativa dos 120 anos de nascimento de Álvaro Moreyra, da qual irão participar Sandra Moreyra, Mario Moreyra e o Acadêmico Carlos Nejar, hoje, dia 6, no Teatro R.Magalhães Jr., às 17h30min. Convidou, também, para a inauguração da Exposição na Biblioteca Rodolfo Garcia, às 18h30min, com ilustrações de Volpi, Scliar, Carybé, Di Cavalcanti, Fayga Ostrower, Gonçalo Ivo, Luís Jardim, Oswaldo Goeldi, Oscar Niemeyer e Santa Rosa em obras importantes de grandes escritores brasileiros, todos eles acadêmicos, entre os quais Josué Montello, Jorge Amado, Ana Maria Machado, Lêdo Ivo, Antônio Olinto, Manuel Bandeira, José Sarney, Machado de Assis, Alberto da Costa e Silva e José de Alencar. A seguir, deu por encerrada a sessão.

VISCONDE DO RIO BRANCO

*Estudo do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho**

O Visconde do Rio Branco é o patrono da Cadeira 40 da Academia. Foi escolhido pelo seu primeiro ocupante e fundador, Eduardo Prado (1860/1901). Sucedendo-lhe a 18 de setembro de 1903, dá-nos Afonso Arinos (1868/1916) a razão da escolha:

> "Foi um motivo de sentimento que levou Eduardo a tomar como patrono de sua Cadeira o nome do Visconde do Rio Branco. Não foi só a homenagem ao estadista, a admiração pelo diplomata, o respeito pelo professor, mas, principalmente, a amizade que Eduardo Prado votava ao segundo Rio Branco, legítimo herdeiro do nome e da glória do primeiro."

Os dois ocupantes da Cadeira, que se lhe seguiram, Miguel Couto (1864/1934) e Alceu Amoroso Lima (1893/1983), nenhuma palavra dedicaram ao seu patrono. Quanto ao primeiro, não sabemos a razão do silêncio. Quanto ao segundo, é fácil compreender os motivos da ausência. Tomando posse na Academia a 14 de dezembro de 1935, tendo se candidatado a instâncias e a conselho do Cardeal D. Sebastião Leme, já à época a primeira figura do laicato católico, não poderia fazer o elogio do Visconde, que fora Grão-Mestre

---

* Apresentado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 6 de novembro de 2008.

da Maçonaria e cuja chefia de Gabinete se dera a célebre questão religiosa, que redundou na prisão dos bispos D. Vital, de Pernambuco, e D. António de Macedo Costa, do Pará, somente anistiados no Gabinete seguinte, empossado em 1875, sob a chefia do Duque de Caxias.

Até então, no Brasil, a Maçonaria e o catolicismo viviam, por assim dizer, se não em perfeita harmonia, pelo menos em total tolerância recíproca. Muitos prelados faziam parte da Maçonaria e muitos maçons eram católicos praticantes, religiosos, não escondendo sua crença em Deus nem nos ensinamentos dos Evangelhos. Não eram ateus nem anticlericais ostensivos.

Encontrava-se o Visconde no Paraguai, em cumprimento à sua quinta e última missão diplomática, quando recebeu em 1870 a notícia de haver sido eleito Grão-Mestre da Maçonaria. Ao voltar ao País, realizou-se uma grande festa em sua homenagem na loja Fé. Segundo alguns autores, o primeiro fato concreto que levaria ao conflito da chamada Questão Religiosa fora a suspensão do Padre Almeida Martins pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda. Coubera ao padre Martins ser o orador oficial na cerimônia em homenagem ao Visconde do Rio Branco, em comemoração da promulgação da lei do Ventre Livre. Cerimônia esta realizada no Grande Oriente do Lavradio. Já eram numerosos os documentos pontifícios, como lembra Roque Spencer Maciel de Barros, condenando os "pedreiros livres" e o convívio pacífico com os adeptos e os membros da Maçonaria. Compreende-se assim – principalmente para a época, 1935 – o silêncio de Alceu sobre o patrono da sua Cadeira. Não lhe poderia fazer o elogio, nem mesmo a exposição isenta e desapaixonada, como é de praxe acadêmica.

Segundo Afonso Arinos: "Rio Branco na política e Mauá na indústria e no comércio foram os chefes do americanismo no Brasil. Filho do passado colonial, herdeiro da resistência tenaz contra a independência, olhava para o futuro."

– De fato, o Gabinete Rio Branco fora o mais longo de toda a história do Império. Permanecera no poder por 4 anos, 3 meses e 18 dias. Com o fim da Guerra com o Paraguai chegara o momento das reformas e das mudanças, com o intuito da modernização da sociedade brasileira. Pela sua formação

científica, com cursos na Escola de Marinha, depois na Escola Militar, chegando à patente de 2.º tenente do Corpo de Engenheiros, professor em ambas as Escolas, já por Decreto, de 11 de maio de 1848, era nomeado lente catedrático da Cadeira de artilharia e fortificação. Oito anos mais tarde regia a Cadeira de Mecânica e, com a reforma das escolas militares, de 21 de abril de 1860, passa a lecionar Mecânica na Escola Central, transferido, em 3 de junho de 1863, para a Cadeira de Economia Política, Estatística e Direito Administrativo. Quando a Escola Central passou a denominar-se Politécnica em 1874, por ser o professor mais antigo, já a 13 de setembro de 1875 era nomeado seu diretor, aposentando-se dois anos mais tarde. Muito lhe serviu esta sua formação matemática, passando por diversas áreas do conhecimento humano, na sua carreira política. Enquanto a maioria dos políticos brasileiros eram bacharéis em Direito, Rio Branco apresentava um currículo múltiplo, que o tornava apto a desempenhar funções em diferentes Pastas com o mesmo desembaraço e eficiência. Muito jovem, ainda, ingressara no jornalismo, como redator do periódico *Novo Tempo*, tornando-se o principal redator do *Correio Mercantil*, órgão do Partido Liberal. Deixando o jornal em 1850, vamos encontrá-lo logo a seguir no *Jornal do Commercio*, no qual publicava as Cartas ao amigo ausente, como folhetinista, comentando e criticando os fatos do dia, com verve e espírito progressista, numa época de mudanças para o País. As cartas vão de 22 de dezembro de 1850 a 28 de dezembro de 1851.

No Ministério da Conciliação, de 6 de setembro de 1853, ocupa, em momentos diversos, as pastas de Estrangeiros e da Marinha. Era Chefe do Conselho Honório Hermeto Carneiro Leão, mais tarde substituído por Luís Alves de Lima e Silva. No Gabinete Conservador, de 12 de dezembro de 1858, sob a chefia de Antônio Paulino Limpo de Abreu, ocupa por todo o tempo a Pasta de Estrangeiros e, a princípio, também a da Guerra. Quando o mesmo Lima e Silva chefia o Gabinete, de 2 de março de 1861. Ei-lo Ministro da Fazenda por todo o tempo e, a princípio, Ministro de Estrangeiros. No Gabinete, de 16 de julho de 1868, com Joaquim José Rodrigues Torres, Presidente do Conselho, volta Paranhos a ser o primeiro Ministro de Estrangeiros, substituído, mais tarde, por João Maurício Vanderlei. Finalmente, encontrava-se em missão em Assunção,

quando foi chamado pelo Imperador para organizar e chefiar o Gabinete, de 7 de março de 1871, no qual ocupou também a Pasta da Fazenda, acumulando-a, inicialmente, com a da Guerra.

Basta este simples currículo para se aquilatar o quanto acumulara de experiência na vida política e o prestígio de que desfrutava, não só junto ao impetrante, como igualmente junto aos seus colegas do Parlamento.

Inteligência lúcida, temperamento tranqüilo, mas enérgico, grande orador, o Visconde sabia conduzir-se com elegância e segurança em todas as oportunidades que a vida política e diplomática se lhe ofereceu. Dele deixou Joaquim Nabuco um retrato que se tornou clássico, ponto obrigatório para quem escreve sobre o chefe do Gabinete de 7 de março. Vale a transcrição de alguns passos do retrato feito por Nabuco:

> "Ao contrário de todos os outros Presidentes do Conselho, pode-se dizer do reinado, Rio Branco possuía o espírito do cargo, a afinidade natural, a especialidade daquela posição em nosso sistema político. Todos os outros foram diletantes; só ele foi o profissional'... 'É que o Presidente do Conselho recebia duas investiduras, nenhuma das quais cedia a precedência à outra, e ambas igualmente precárias e caprichosas: a do Monarca e a do partido'... 'O Presidente do Conselho, ideal em tais circunstâncias, era Rio Branco: só ele reuniu as qualidades diferentes e opostas, que essa alta equilibração exigia, tanto mais quanto ela tinha que ser natural, espontânea, e que o menor esforço causaria a queda'. ... 'O Visconde do Rio Branco era em tudo o juste milieu: tinha seriedade, critério, infatigabilidade, coragem, vigor físico, pontualidade, correção, figura, maneiras; matemático, tinha alguma coisa de frio, de exato, de positivo, de regular, de metódico no espírito; o seu talento era lúcido, analítico, perspicaz; a imaginação o não arrastava; as suas qualidades não eram de inovação propriamente dita, mas em grau eminente da imitação e aproveitamento; era amável, cortês, insinuante, cativante em grau de chamar a si a quem queria; reservado e prudente, porém, não criava intimidades, não punha todos ao seu nível; a qualidade superior nele era a sua diplomacia nas relações com a Coroa e com a opinião, o seu

modo de compreender e zelar por igual, sem queixa de nenhuma das duas investiduras de que falei... Também dos nossos estadistas, o Visconde do Rio Branco foi o que mereceu em grau mais elevado a confiança do Imperador, o que lhe pareceu reunir maior soma de qualidades para o governo, e a verdade é que as reunia, relativamente à época... De todos os Primeiros Ministros do Reinado, ele é que tem a forma – isto é, o molde, a resistência, a elasticidade, a medida – da posição. Só ele representa a monarquia de que a nação era suscetível e que podia durar nela: com uns, teríamos a quase a realeza do Direito Divino, com outros a realeza da Revolução; uns aumentariam a pressão, outros diminuiriam a resistência. Por outras palavras, Rio Branco foi a mais lúcida consciência monárquica que teve o Reinado, e se, como estadista, ele precisasse de outro título além desse, e da gloriosa responsabilidade que tomou, à moda de Peel, de dividir o Partido Conservador para realizar a emancipação das futuras gerações de escravos, teria um terceiro: de ter sido o mais capaz diretor da nossa política externa em uma época em que ainda dependia dela a união do Brasil... Se a política exterior é a política por excelência, sobretudo de um imenso território que tem de ficar, por gerações, desocupado, Rio Branco tem direito de preeminência, por ter sido ele dos nossos estadistas, não, de certo, o mais ambicioso e ousado patriota, mas o mais moderado, constante e inteligente defensor dos interesses da nossa posição, a mão mais segura e delicada a que eles estiveram entregues'".

Por mais longa que pareça ter sido esta citação de Nabuco, convém esclarecer que representa uma simples parcela do muito mais que se encontra, sobre o Visconde, no seu célebre livro sobre a vida e a época do seu pai, Nabuco de Araújo. Constituem as suas palavras, em verdade, um verdadeiro lugar comum de quantos, com isenção, cuidaram da vida do Visconde do Rio Branco. Tornam-se desnecessárias quaisquer outras apreciações de conjunto sobre a personalidade de Paranhos, que se tornariam pálidas e insuficientes diante do brilho, da beleza e da precisão do estilo de Joaquim Nabuco.

Cinco foram as missões diplomáticas de Rio Branco no Prata, sempre com sucesso e excelente desempenho. Quando da primeira, em 1851, seguiu como

secretário de Honório Hermeto Carneiro Leão, Marquês de Paraná, quando contava, ainda, 32 anos de idade. Tratava-se de, sem uso das armas, enfrentar as ameaças e o domínio de Rosas, mantendo a independência do Uruguai. Seu filho, o Barão do Rio Branco, transcreve as seguintes palavras do General Bartolomeu Mitre:

> "Mui jovem ainda veio Paranhos ao Rio da Prata no caráter de Secretário do Plenipotenciário do Brasil, o Ministro Carneiro Leão, cuja política enérgica preparou a grande aliança que derribou a tirania de Rosas em Montecaseros. Paranhos foi a alma dessa missão, e desde então tornou-se um homem identificado com as questões do Rio da Prata".

No ano seguinte (1852), foi nomeado Ministro residente no Uruguai, cargo que exerceu até dezembro do ano de 1853, levando consigo toda a família. Importante para a paz nos conflitos daquela região foram o Tratado de 15 de maio de 1852 e a aceitação dos Tratados de 1851.

A sua segunda missão vai dar-se em 1857, da qual resultou o Tratado com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai. Ultimou-se, então, a Convenção Pluvial de 20 de novembro de 1857, completando Tratado anterior, de 1856, e regulando a navegação dos rios Uruguai e Paraná.

A terceira missão data de 1864, substituindo Saraiva, da qual resultará a Convenção de 20 de fevereiro de 1865, já no ano em que Lopez iniciará a guerra com o Brasil, invadindo Mato Grosso. A Convenção foi mal compreendida por alguns políticos brasileiros. Contra o uso da força no cerco a Montevidéu, deu-se um certo desentendimento entre Rio Branco e Tamandaré, que sitiava a cidade. Num ato repentino e surpreendente, Pedro II o destituiu da missão, quando ainda se achava no estrangeiro, mas a Convenção foi respeitada pelo Governo. Para Álvaro Lins, "de todas as missões de Paranhos ao Rio da Prata era essa a mais difícil e complexa".

Paranhos mantém-se silencioso diante do ataque de seus adversários políticos. De volta ao País, defende o seu ponto de vista e mostra as conquistas obtidas pela política externa brasileira. Profere, então, no Senado, perante seus

pares, o mais longo e eloqüente discurso de sua vida, destruindo um a um os argumentos dos seus inimigos. Assim o descreve Machado de Assis:

> "Muitas recordações me vieram de Paranhos de então, discursos de ataque, discursos de defesa, mas, uma basta, a justificação do convênio de 20 de fevereiro. A notícia deste ato entrou no Rio de Janeiro, como as outras desse tempo, em que não havia telégrafo. Os sucessos do exterior chegavam-nos às braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um ato diplomático eram conhecidos com todos os seus pormenores. Por um paquete do Sul soubemos do convênio da vila da União. O pacto foi mal recebido, fez-se uma manifestação de rua, e um grupo de populares, com três ou quatro chefes à frente, foi pedir ao governo a demissão do plenipotenciário. Paranhos foi demitido, e, aberta a sessão parlamentar, cuidou de produzir a sua defesa".

Tornei a ver aquele dia, e ainda agora me parece vê-lo. Galerias e tribunas estavam cheias de gente; ao salão do Senado foram admitidos muitos homens políticos ou simplesmente curiosos. Era uma hora da tarde quando o presidente deu a palavra ao senador por Mato Grosso; começava a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e calma; firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sóbrio, ou então para chamar os punhos da camisa, e a voz ia saindo meditada e colorida. Naquele dia, porém, a ânsia de produzir a defesa era tal, que as primeiras palavras foram antes bradadas que ditas: "Não à vaidade, Sr. Presidente..." Daí a um instante, a voz tornava ao diapasão habitual, e o discurso continuou como nos outros dias. Eram nove horas da noite, quando ele acabou; estava como no princípio, nenhum sinal de fadiga nele nem no auditório, que o aplaudiu. Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloqüência parlamentar. A agitação passara com os sucessos, a defesa estava feita. Anos depois do ataque, esta mesma cidade aclamava o autor da lei de 28 de setembro de 1871, como uma glória nacional; ainda depois, quando ele tornou da Europa, foi recebê-lo e conduzi-lo até à casa. Ao clarão de um belo sol, rubro de comoção, levado pelo entusiasmo público, Paranhos seguia as mesmas ruas que, anos antes, voltando do Sul, pisara sozinho e condenado.

O tempo se incumbira de provar que o Visconde estava com a razão. Sem derramamento de sangue, sem luta armada em torno de Montevidéu, o Uruguai para o lado do Império, vindo logo depois a constituir-se a Tríplice Aliança contra Lopez. Continuando a gozar da confiança do Imperador, em 1869 é chamado Paranhos para a sua quarta missão no exterior. A guerra com o Paraguai estava chegando ao fim; o país encontrava-se praticamente sem governo, derrotado. A 1.º de fevereiro de 1869 parte o futuro Visconde para Assunção. Cuidava-se de organizar um governo provisório, empenhado como estava o Império brasileiro em manter a independência daquele país. Foi Paranhos substituído no Ministério de Estrangeiros pelo Barão de Cotegipe, que, no Gabinete chefiado por Itaboraí, ocupava a Pasta da Marinha. Grandes foram as dificuldades encontradas junto aos próprios aliados, principalmente nas divergências com o Ministro argentino, Mariano Varella. As conferências se davam em Buenos Aires, com Varella e Adolfo Rodriguez, pelo Uruguai. A verdade é que, a 15 de junho, estava instalado o governo provisório, civil. A 20 de agosto, já estava Paranhos de volta ao Rio, assumindo o seu cargo. Nomeado membro ordinário do Conselho de Estado a 20 de outubro. Em 3 de novembro, foi-lhe era conferido o título de Visconde do Rio Branco.

A 13 de outubro de 1870, parte o Visconde novamente para o Prata, para a celebração do acordo de paz definitivo com o Paraguai. Encontrava-se em Buenos Aires, quando foi chamado ao Brasil para a constituição do novo Gabinete, que sucederia ao de Pimenta Bueno (Marquês de S. Vicente), que durara somente pouco mais de cinco meses.

Já na Fala do Trono de 1867, referira-se o Imperador à questão do elemento servil. Em 1871, na Fala de 3 de maio, é mais incisivo, e declara:

> "Considerações da maior importância aconselham que a reforma da legislação sobre o estado servil não continue a ser uma aspiração indefinida e incerta. É tempo de resolver esta questão, e vossa esclarecida prudência saberá conciliar o respeito à propriedade existente com esse melhoramento social, que requerem nossa civilização e até os interesses dos proprietários."

A 8 de maio, ao falar no Senado, não hesita o Visconde em declarar que a Fala do Trono coincide inteiramente com o seu pensamento; e faz um apelo para que todos se unam no sentido de levar a bom termo o que propõe o Imperador. Com Paulino de Sousa, figura eminente do Partido Conservador, abre-se o debate ao responder à Fala do Trono. Replica-lhe o Chefe do Gabinete, a 29 de maio.

Não podemos nem vamos acompanhar aqui os trâmites da lei de 28 de setembro no Parlamento. Basta recordar que ambos os Partidos, tanto o Conservador quanto o Liberal dividiram-se no debate, uns contra, outros a favor da emancipação do elemento servil. Basta recordar que figuras eminentes, tais como José de Alencar, Paulino de Sousa, Andrade Figueira, Zacarias de Gois, entre outros, atacam o projeto. Francisco Otaviano e Sales Torres Homem o defendem.

No seu ensaio de história parlamentar da Lei de 28 de setembro, anotou Evaristo de Moraes a soma de vinte e um discursos proferidos por Paranhos, o que o levou a escrever, depois de analisar esse esforço imenso:

> "Em verdade, nada existe na história das instituições monárquicas, e na crônica parlamentar do Brasil, que possa ser equiparado ao trabalho de Rio Branco, para fazer vingar o projeto emancipador de 1871. Nunca, no Brasil, foi uma idéia servida por vontade mais persistente."

Só a benemérita lei emancipadora de 1871 vale todo um programa, toda uma vida. Ao fim da Guerra do Paraguai, julgando o País pronto para a reforma, dizia Rio Branco:

> "Asseguro que empenharei todas as minhas forças para que triunfe quanto antes esta causa, que é a causa da humanidade, e também a causa dos verdadeiros interesses e do futuro engrandecimento da minha pátria".

Em apoio de suas palavras, cita Evaristo a opinião de Rui Barbosa, aparecida no Diário de Notícias, de 7 de março de 1889, a respeito da luta e do triunfo final de Rio Branco:

> "Desenvolveu qualidades parlamentares que entre nós nunca foram excedidas, adquirindo, incontestavelmente, jus à admiração agradecida, com que a posteridade para sempre lhe associou o nome aos dos poucos benfeitores desta terra".

Lei de compromisso, procura conciliar os interesses dos proprietários de escravos com a liberdade. Não é uma lei radical como a Lei Áurea de 1888, mas, pelo menos formalmente, fazia estancar a existência de novos escravos no Brasil – já que os nascituros não mais seriam escravos e o tráfico havia sido extinto, pelo menos também formalmente, desde 1850. A Lei foi regulamentada pelo Decreto n.º 4.586, de 30 de dezembro de 1871, sobre a matrícula especial dos escravos e dos filhos de mulher escrava; e pelo Decreto n.º 5.135, de 13 de novembro de 1872, aprovando o regulamento geral para a sua execução. Assegurava a Lei a liberdade do nascituro, criava o fundo de emancipação e reconhecia capacidade jurídica ao escravo, para possuir bens e transmiti-los, por morte, ao cônjuge sobrevivente e aos herdeiros, além de poder contratar em favor da sua liberdade a prestação de serviços futuros, por tempo não excedente de sete anos.

Mostrando as imperfeições e as insuficiências da Lei, deu-lhe Joaquim Nabuco a justa medida na história da abolição da escravidão entre nós:

> "A Lei de 28 de setembro de 1871, seja dito incidentemente, foi um passo de gigante dado pelo país. Imperfeita, incompleta, impolítica, injusta e até absurda, como nos parece hoje, essa lei foi nada menos do que o bloqueio moral da escravidão. A sua única parte definitiva e final é este princípio: 'Ninguem mais nasce escravo'".

A lei foi sancionada pela Princesa Isabel, já que D. Pedro II se havia ausentado, em viagem – a sua primeira – pela Europa. Tendo ele próprio chamado a atenção para a questão do elemento servil na Fala do Trono daquele ano de 1871, não faltou quem o censurasse por essa ausência, até mesmo em termos veementes, como a carta de Francisco Otaviano a Penedo, em 10 de maio de 1871:

> "Quanto à política, nem vale a pena falar-te. Sua Majestade vai passear e deixa sua filha com um Ministério sem consideração em qualquer dos lados políticos e encarrega-lhe, na Fala do Trono, de fazer com esse

> Ministério reformas – eleitoral e do elemento servil! Se isto não é ridículo aos olhos do público, a quem se quer embaçar, será então perverso aos olhos do moralista. Se de fato o Imperador quer aquelas duas reformas e as comete a sua filha, inexperiente, casada com estrangeiro, sem conhecimento dos homens e de nossas cousas –, então é um mau pai, é quase um monstro: quer sacrificar o futuro da filha e sacrificar o país, atirando-o em agitação sem um Governo forte".

Enganou-se Francisco Otaviano, pois a Princesa cobriu-se de glórias, não só em 1871, como em 1888, também na ausência de seu ilustre pai. Além do mais, esquecia-se Otaviano que o Chefe do Gabinete era o Visconde do Rio Branco, que tão bem soube conduzir, com energia e argúcia, a obtenção da Lei de 28 de setembro. Oliveira Lima – o Quixote gordo, segundo Giberto Freyre –, mais afeito à crítica do que ao elogio, não pôde deixar de reconhecer os altos méritos de Paranhos:

> "A habilidade deste estadista (Rio Branco) era grande porque se compunha em doses iguais de lucidez, de inteligência e firmeza de ação e realçava-a um singular magnetismo pessoal. A obra do gabinete de 7 de março de 1871 foi das mais fecundas na história do Império, levando a termo a reforma judiciária; promovendo consideráveis melhoramentos no ensino superior e no elementar, já fundando a Escola Politécnica e a Escola de Minas, já abrindo cerca de 3.000 escolas primárias; procurando reorganizar o Exército e a Marinha, que a guerra deixara em condição de descalabro e desenvolvendo a viação férrea. Nenhum serviço público prestado se pode, contudo, comparar com o da libertação do ventre escravo, e nenhum lhe foi mais difícil executar frente a uma oposição parlamentar que, durante quatro meses, não desanimou e que abrangia adversários como Andrade Figueira, dialética formidável. Ferreira Viana, mestre da ironia; José de Alencar, orador de surtos literários; Paulino de Sousa, cuja tenaciodade se dissimulava sob a suavidade da voz, dos gestos e dos métodos de discussão".

Coube ainda ao Gabinete de Paranhos mandar proceder ao primeiro recenseamento da população do Império. Coube-lhe, igualmente, substituir o sistema de pesos e medidas em vigor. A 16 de agosto de 1872, recebia o Barão de

Mauá autorização para estabelecer e explorar o primeiro cabo submarino entre Brasil e Portugal. Foi entregue a Nabuco de Araújo e incumbência de redigir um anteprojeto de Código Civil, mandamento este já constante da Constituição de 1824. O mais importante, no entanto, foi a política imigratória incentivada pelo Governo, mediante contratos internacionais e estabelecimento de famílias de imigrantes, como conseqüência da Lei de 28 de setembro. Era preciso substituir o braço escravo pelo trabalho livre. Ainda outras medidas poderiam ser aqui lembradas, mas bastam estas para que se possa bem aquilatar o sentido mudancista e modernizante do Gabinete de 7 de março.

Vamos alinhar aqui duas opiniões de autores, costumeiramente, bastante críticos em seus julgamentos históricos: Nelson Werneck Sodré e José Honório Rodrigues. Não hesita o primeiro em escrever: "Foi o Visconde do Rio Branco uma das personagens mais características da fase de apogeu do Império, que representou bem, em sua ação política como em sua ação diplomática, estendendo ambas até a fase em que o regime começou a denunciar a presença e a atuação dos fatores que o levariam à derrocada. A sua biografia, portanto, como a do Conselheiro Nabuco de Araújo, permite compreender a ascensão imperial e a fisionomia brasileira na fase do apogeu do regime".

E afirma o segundo: "Rio Branco foi o mais completo estadista do Império; ninguém teve o conjunto de qualidades que ele possuiu."

Realmente, pode-se tomar o ano de sua morte, 1880, como o marco simbólico dessa decadência. Nos estertores da morte, a 1.º de novembro de 1880, em delírio, pedia que não perturbassem a marcha do elemento servil, em palavras recolhidas pelo Visconde de Taunay, que lhe assistira aos últimos momentos, vindo a exclamar por fim: "Confirmarei diante de Deus tudo quanto houver afirmado aos homens". Essa bela frase mereceu transcrição no *Dictionnaire des citations du monde entier*, publicado em 1960, de autoria de Karl Petit, no qual aparecem referidos somente mais dois brasileiros: Rui Barbosa e Manuel Bandeira. Este o patrono da Cadeira 40 da Academia.

SESSÃO DO DIA 13 DE NOVEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata da sessão do dia 6 de novembro, que foi aprovada. Comunicou que a sessão do dia 20 será antecipada para o dia 19, em virtude do feriado da Consciência Negra. Deu notícias do Acadêmico Ivo Pitanguy, que se recupera bem e estará em casa dentro de dois dias. Entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *I Centenário do Jornal do Commercio – 1827 a 1927*, edição do centenário daquele jornal, de sua propriedade, que foi restaurado pelo Centro de Recuperação Guta Mindlin da ABL. Informou que recebeu carta do Embaixador José Viegas Filho agradecendo o envio das *Obras Completas de Machado de Assis*. Em sua carta, o Embaixador diz que, diante de tal beleza, não pode apropriar-se da coleção em caráter pessoal, e doará para que os volumes façam parte da

Biblioteca da Fundação Cultural Hispano-Brasileira. Recebeu também carta da Senhora Nicoletta Maraschio em que agradece a estada no Rio de Janeiro e insiste na necessidade de, no próximo ano, voltar o intercâmbio com a *Accademia Della Crusca*, o que lhe trouxe muito orgulho. Entregou também, ofício do Senhor Carlos Fernando de Souza Leão Andrade, Superintendente Regional do IPHAN, onde congratula-se, não só pela forma como a ABL foi e vem sendo fator fundamental para o enriquecimento cultural do país, através da valorização da nossa língua, como, também, pela perfeita visão de não engessamento e assimilação das evoluções relevantes, em total consonância, inclusive, com a política deste IPHAN, quando o bem a ser preservado é dotado de características imateriais. Comunicou que a Academia recebeu dois convites para participação em feiras de livros no Caribe e na Colômbia, de 20 de abril a 3 de maio de 2009. Informou, ainda, que recebeu convite, extensivo aos Acadêmicos, da *Universidad Autónoma de Bucaramanga*, na Colômbia, entre 31 de agosto a 5 de setembro de 2009. Distribuiu a todos os Acadêmicos o *Catálogo da Coleção Jorge Amado*, com todas as obras do Acadêmico, que se encontravam na Bahia e o livro *Para além do pórtico*, do Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, onde há uma narrativa realista e sem quaisquer adjetivos dos dois anos em que presidiu, tão brilhantemente, a Academia Brasileira de Letras. Informou que este ano a Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel prestará homenagem à Academia Brasileira de Letras no seu desfile, não só a Academia como também a Machado de Assis. Convidou os Acadêmicos para visitar a Escola de Samba e conhecer o trabalho que está sendo realizado.

– O Acadêmico Antonio Olinto discorreu sobre sua viagem à cidade de Imperatriz, no Maranhão, onde participou de várias conferências.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antônio Olinto e ressaltou a sua vitalidade e a dedicação que tem tido ao seu trabalho pela Academia.

– O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, no Capítulo das Efemérides, falou sobre Dinah Silveira de Queiroz. Filha de uma das famílias brasileiras mais voltadas às letras, além do pai, Alarico Silveira, nela figuram os nomes de Valdomiro Silveira, um dos fundadores da nossa literatura regional; Agenor Silveira, poeta e filólogo; Helena Silveira, contista, cronista e romancista; Miguel Silveira,

contista e teatrólogo; Isa Silveira Leal, novelista; Breno Silveira, tradutor; Cid Silveira, poeta e Ênio Silveira, editor. Seu primeiro trabalho recebeu título de *Pecado,* seguido da novela *A sereia verde*, publicado pela *Revista do Brasil*, dirigida por Otavio Tarquínio de Souza. Seu grande sucesso viria em 1939, com o romance *Floradas na Serra*, contemplado com o Prêmio Antônio de Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras, em 1940. (Por determinação do presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a lembrança da figura da Acadêmica Dinah Silveira de Queiroz, que foi uma das líderes da batalha pelo ingresso das mulheres na Academia Brasileira de Letras. Recordou que a Acadêmica tinha uma coluna no *Jornal do Commercio* chamada "Café da Manhã". Uma cronista de primeira água que não é hoje lembrada pela crítica literária.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou o papel extraordinário que Dinah Silveira de Queiroz teve na promoção de jovens talentos no Brasil. Uma pessoa extremamente generosa e inteligente com quem era um prazer conviver. Salientou que só quem conviveu com Dinah Silveira de Queiroz sabia o quanto ela valia e o quanto era brilhante.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que conviveu com Dinah Silveira de Queiroz quando era Cônsul Geral no Porto, e ela Embaixatriz do Brasil em Lisboa. Testemunhou o interesse e o esforço que a Acadêmica fez para representar, não só a cultura, como a literatura brasileira em Portugal.

– A Acadêmica Ana Maria Machado ressaltou o papel extraordinário que Dinah Silveira de Queiroz teve para a entrada de mulheres na Academia Brasileira de Letras. Destacou uma outra instância do áudio-visual da Acadêmica, que foi a mini-série *A Muralha*, feita pela *Rede Globo* e que rendeu uma série de programas muito bem feitos e muito bonitos. A partir dessa mini-série, sua obra foi lembrada e surgiram novas edições de seus livros.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a Acadêmica Ana Maria Machado. Convidou os presentes para a série "Encontros com o autor", que traz a Acadêmica Ana Maria Machado. A moderação fica a cargo de Beatriz Resende. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

*Estudo do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos**

A sétima ocupante da Cadeira 7 nasceu em São Paulo, em 9 de novembro de 1911, filha de uma das famílias brasileiras mais voltadas às letras. Além do pai, Alarico Silveira, nela figuram os nomes de Valdomiro Silveira, um dos fundadores da nossa literatura regional; Agenor Silveira, poeta e filólogo; Helena Silveira, contista, cronista e romancista; Miroel Silveira, contista e teatrólogo; Isa Silveira Leal, novelista; Breno Silveira, tradutor; Cid Silveira, poeta; e Ênio Silveira, editor.

Começou a existência literária ainda estudante do colégio *Les Oiseaux*, onde com a irmã Helena colaborou assiduamente no Livro de Ouro e ganhou o primeiro troféu literário ainda menina.

Seu primeiro trabalho recebeu o título de *Pecado*, seguido da novela "A Sereia Verde", publicado pela *Revista do Brasil*, dirigida por Otavio Tarquínio de Souza. Seu grande sucesso viria em 1939, com o romance *Floradas na Serra*, contemplado com o Prêmio Antônio de Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras, em 1940. No ano seguinte, publicou *A Sereia Verde*, contos, e voltou ao romance em 1949, quando publicou *Margarida La Rocque* e, em 1954, com o romance *A Muralha*, em homenagem às festas do I Centenário da fundação da cidade de

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 13 de novembro de 2008.

São Paulo. Ainda em 54, a Academia Brasileira de Letras lhe conferiu o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Em 1956, uma experiência no teatro: a peça bíblica "O Oitavo Dia". No ano seguinte, publicou as *Noites do Morro do Encanto*, Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras de 1950. Publicou, em 1960, *Eles Herdarão a Terra*, contos, e *Comba Malina*, de 1969, onde manifesta influências do gênero ficção científica. Completando a bibliografia da autora: *Os Invasores*, romance, (1965), a *Princesa dos Escravos*, biografia (1966); *Verão dos Infiéis*, romance (1968); *Café da Manhã*, crônicas (1969) *Memorial de Cristo I* (1974); *Eu Jesus, Memorial de Cristo II*; *Baía de Espuma*, literatura infantil (1979); *Guida, Caríssima Guida*, romance (1981).

Dinah Silveira de Queiroz faz parte da história do cinema brasileiro moderno. O romance de sua autoria, *Floradas na Serra*, deu vida e substância dramática a um dos melhores filmes românticos da língua portuguesa. Produzido pela famosa empresa paulista Vera Cruz, *Floradas na Serra* conta com a sedutora performance de Cacilda Becker, acompanhada de Jardel Filho e numeroso elenco de grande atores formados pelo Teatro Brasileiro de Comédias, como Ruben de Falco, Renato Consorte, Célia Biar, John Herbert e Jaime Barcelos, temperados pela beleza carioca de Ilka Soares, uma das estrelas da carioca Atlântida.

SESSÃO DO DIA 19 DE NOVEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata da sessão do dia 13 de novembro, que foi aprovada. Passando às comunicações, informou que a Comissão de Publicações apresentou dois livros importantes para a bibliografia desta Casa. O primeiro de uma edição fac-similar de Fernão Neves, pseudônimo de Fernando Nery, intitulado *A Academia Brasileira de Letras – Notas e Documentos para sua História*. Acrescentou que este livro tinha entrado para o índex da Academia logo após a eleição de Manuel Bandeira, mas ficara esquecido. Salientou que este trabalho foi sugerido pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, que o considerou fundamental para o conhecimento da ABL. Este primeiro tomo tem um apêndice em que apresenta uma pequena biografia dos acadêmicos de então. O segundo resulta de um trabalho de pesquisa feito por Celeste

Garcia sob a direção dos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Alberto Venancio Filho, mostrando a história da Academia de 1940 até os dias atuais. Essa deverá sair no próximo ano. O segundo livro foi feito pela Academia para comemorar os oitenta anos do Acadêmico Carlos Heitor Cony, porque na época este pediu ao Presidente Marcos Vinicios Vilaça que não se fizesse nenhum tipo de celebração, e a Diretoria compreendeu que ele realmente não o desejava. Sugeriu então a publicação de uma tese da pesquisadora paulista da USP, Raquel Illesca Bueno, sobre a sua obra. O título é *Os Invólucros da Memória na Ficção de Carlos Heitor Cony*. Trata-se do mais abrangente estudo da obra do romancista. Este livro foi publicado na Coleção Austregésilo de Athayde e todos os Acadêmicos o receberão. Esta foi a homenagem que a Academia prestou ao Acadêmico Carlos Heitor Cony pelo transcurso dos seus oitenta anos.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin comentou o encontro da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, no dia 13 de novembro, em homenagem a Machado de Assis. Salientou o alto nível das comunicações dos Acadêmicos Carlos Nejar e Lêdo Ivo, bem como dos três Acadêmicos portugueses. Disse que, pessoalmente, foi muito bem recebido; todavia, o público presente às sessões foi pequeno de manhã e ainda menor à tarde. Considerou que a razão disso talvez tivesse sido o fato de a Academia das Ciências haver intercalado outra sessão, de homenagem à esposa de prestigioso político, entre as duas consagradas a Machado, e apenas para tal sessão intercalada afluíram diversas autoridades e numeroso público. Sugeriu que, mantendo-se o convênio entre as Academias, esse procedimento seja evitado, devendo-se reservar uma jornada exclusiva para o encontro acadêmico, tal como se faz quando aqui comparecem os confrades portugueses.

– O Acadêmico Moacyr Scliar, complementando o que disse o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, informou que ontem à noite participou, juntamente com a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, de um evento em homenagem a Machado de Assis em São Paulo, com custos grandes para a instituição que a patrocinou, havendo apenas quinze pessoas assistindo. Mas está certo de que há uma maneira de contornar estas situações à qual a própria Academia

poderia aderir. Primeiro, saber a quem interessa o evento e convidar as Universidades, associações de professores e escolas. Considera apenas uma questão de organização.

– Com relação ao Convênio com a Academia das Ciências de Lisboa, o Presidente declarou que na parte portuguesa a ABL não pode interferir. O Presidente lembrou que no ano passado, quando a reunião se realizou nesta Casa, o salão estava cheio durante os dois dias do encontro. Os confrades portugueses foram muito bem recebidos, de maneira que a ABL fez a sua parte. Não sabe se vale a pena repensar a questão. Acredita que se trata de um assunto delicado e que deve ser estudado com calma.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony agradeceu muito ao Presidente e ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Declarou que realmente não quis nenhuma homenagem na passagem dos seus oitenta anos, mas ficou muito feliz com a publicação desta tese que, independentemente de ser sobre ele, tem aspectos muito curiosos sobre a literatura moderna brasileira, razão pela qual se sente mais do que homenageado.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva entregou à Biblioteca da Academia o *Dicionário do Brasil Joanino*, organizado por Ronaldo Vainfas e Lúcia Bastos Pereira das Neves, e publicado pela Comissão para as Comemorações da Chegada de D. João e da Família Real ao Rio de Janeiro. Disse que das vinte obras que apareceram este ano esta é a obra culminante, com verbetes escritos por vinte e cinco historiadores brasileiros, cada qual na sua especialidade, o que resultou num volume alentado para o período de treze anos – 1808 a 1821. Neste livro estão registrados comidas, danças, histórias ficcionais, personagens, momentos históricos relevantes, relação de cientistas e escritores, problemas como a escravidão e a educação, entre outros. Tudo está neste livro que entregou para a Academia, com muita honra e muita alegria.

– O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva pela doação deste livro. A seguir enumerou a programação da Academia para a próxima semana, que vai ser intensa. Na terça-feira, dia 25, no Ciclo sobre Aspectos da Literatura Machadiana III, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr, o

conferencista João Adolfo Hansen falará sobre "A política em Machado de Assis". Na quarta-feira, dia 26, realiza-se de 10 às 13 horas o Seminário Relações Culturais Brasil-China, sob sua coordenação. No mesmo dia, às 16h30min, a Academia recebe o escritor José Saramago para o Chá no *Petit Trianon*, e às 17h30min haverá no Salão Nobre o Encontro com José Saramago e o lançamento do livro *A Viagem do Elefante*, publicado pela Companhia das Letras. No dia 27, quinta-feira, após a sessão plenária das 16h, realiza-se no Teatro R. Magalhães Jr., às 17h30min, o "Seminário Brasil, brasis" sobre "Educação em crise: desafio para a nação", sob a coordenação do Acadêmico Eduardo Portella. Os palestrantes serão o Acadêmico Arnaldo Niskier, Cláudio de Moura Castro, Sônia Mograbi e Paul Ammann. Às 19 horas, no Saguão, será lançado o livro *Machado de Assis. Ensaios e Apontamentos Avulsos*, de Astrojildo Pereira, edição conjunta da Fundação Astrojildo Pereira e ABL. Acompanha o livro um DVD de Zelito Viana intitulado *A Última Visita*. Na sexta-feira, dia 28, realiza-se às 21 horas, no Salão Nobre da Academia, a posse do Acadêmico eleito Luiz Paulo Horta. Passou, em seguida, a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.

– O Acadêmico Murilo Melo Filho, no Capítulo das Efemérides, discorreu com muita precisão e propriedade sobre a vida e a obra de Múcio Leão, que entrou para esta Casa aos trinta e sete anos e foi o quarto ocupante da Cadeira 20, por ele atualmente ocupada. Múcio Leão galgou todos os cargos da Diretoria e foi Presidente desta Casa. Faleceu aos 71, anos deixando uma obra literária, que começou aos dezoito anos, quando já escrevia ensaios sobre Eça de Queirós, Afonso Arinos e Afrânio Peixoto. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Múcio Leão, que teve o prazer e a honra de conhecer. Declarou que Murilo o descreveu muito bem. Lembrou que o Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho sempre recordava, com muita satisfação, a caminhada de quarenta quilômetros feita com Múcio Leão, de Recife a Goiânia. Este tipo de caminhada levou o Dr. Barbosa aos cento e três anos, mas Múcio Leão só viveu até aos 71 anos.

– O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse ter notado que poucos aqui presentes conheceram Múcio Leão pessoalmente. Lembrou que ainda garoto, levado por seu pai, freqüentava a redação do *Jornal do Brasil*, onde conheceu três Acadêmicos: Aníbal Freire, que, além de redator, era também Diretor, Barbosa Lima Sobrinho e Múcio Leão, que tinha uma coluna literária. Estava se preparando para entrar no Seminário e estudava com seu pai, que certa vez pediu a Múcio Leão para lhe tomar a lição. Ele leu um texto da Antologia de Fausto Barreto e Carlos de Laet e pediu-lhe que fisesse uma análise lógica do texto. Essa é a grata lembrança que tem daquele homem importante e muito bonito lhe tomando a lição, a pedido de seu pai. Múcio Leão, além de tudo que Murilo Melo Filho disse da sua personalidade, era um homem muito afável e que, com a maior boa vontade, tomou lhe a lição, o que fez com que se tornasse seu admirador para toda a vida.

– O Presidente comunicou aos Acadêmicos que hoje, na Sala José de Alencar, às 18h30min, será exibido o filme *Menino de Engenho*, baseado na obra de José Lins do Rego, com direção de Walter Lima Júnior. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

MÚCIO LEÃO

*Estudo apresentado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho**

Nesta Efeméride em homenagem ao Acadêmico Múcio Leão, devo dizer-lhes que ele foi um pernambucano elegante, nascido no Recife há 118 anos, dia 17 de fevereiro de 1898, poucos meses depois da fundação da Academia Brasileira de Letras, a 20 de julho de 1897 e que morreu aos 71 anos de idade, em 1969.

Foi o quarto ocupante da minha Cadeira 20, na ABL, sucedendo ao Patrono Joaquim Manuel de Macedo; ao Fundador, Salvador de Mendonça e aos antecessores, Emílio de Menezes e Humberto de Campos.

Pelas letras, muito cedo começou, no Recife, a vida de Múcio, quando, ao lado de Barbosa Lima Sobrinho e de Aníbal Freire, começou a escrever os seus primeiros textos para o *Diário de Pernambuco*.

Tinha apenas 18 anos e já escrevia ensaios sobre Eça de Queiroz, Oliveira Lima, Afonso Arinos e Afrânio Peixoto.

Como corajoso maratonista, fazia, a pé, na companhia de Barbosa Lima Sobrinho, o percurso de 80 quilômetros, entre o Recife e a cidade de Goiana.

---

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 19 de novembro de 2008.

Justamente quando ele se formava pela Faculdade de Direito do Recife, as armas da Primeira Grande Guerra tinham sido ensarilhadas, com o armistício de 11 de novembro de 1918.

Seu curso se concluía, assim, no eco dos canhões que haviam tonitruado durante quatro anos, e as novas gerações, saídas das Faculdades, tinham de deparar-se com a nova ordem de coisas, instigantes e desafiadoras, e com o novo mundo, que iria emergir, de tanto sangue e de tantas cinzas.

Múcio embarcou, em seguida, para o Rio de Janeiro, onde se dedicou ao jornalismo, cumprindo o axioma, segundo o qual quem se forma em Direito pode até advogar.

No Rio, fez crítica literária até 1923, quando foi substituído por Humberto de Campos, a quem, por sua vez, em 1935, ele próprio sucederia nesta nossa comum Cadeira 20.

Em 1941, com Cassiano Ricardo e Ribeiro Couto, fundou o jornal *A Manhã*, dirigindo aí, durante nove anos, o Suplemento Literário *Autores & Livros*, hoje tido como uma história de parte da literatura brasileira, utilíssimo até agora.

Naquela noite de 16 de novembro de 1935, a Academia Brasileira de Letras estava toda engalanada, já funcionando no *Petit Trianon*, para receber um novo acadêmico, o jovem pernambucano Múcio Leão, de 37 anos de idade, que agora, com sua vasta cabeleira – alto, apolíneo e elegante – assumia a tribuna, para pronunciar o seu discurso de posse.

E começou dizendo:

"Aqui estou, porque solicitei o vosso voto e porque me chamastes. Sempre fui, na vida, apenas escritor. E sinto que o serei pela existência afora.

Se há, portanto, em meu país, uma instituição que congrega os escritores, a ela devo e quero pertencer".

Revela depois por que se interessou pela ABL:

> "Por causa de Joaquim Nabuco, o herói belo e generoso do seu povo, olhando a figura daquele Apolo, filho dileto da aristocracia e de Pernambuco – terra comum, a mim e a ele – que se desfez de todos os privilégios de sua classe e desceu até as senzalas pobres, onde os negros agonizavam, para conduzi-los, das masmorras da escravidão, até a margem resplandescente e florida da liberdade".

A seguir, Múcio chama a atenção para a mocidade da ABL, que foi um impulso dos moços, no meio dos quais Machado de Assis nos aparece hoje como um ancião venerando, embora acontecesse que tinha, então, apenas 58 anos de idade.

E relaciona a juventude dos patronos, que, também quando a Academia foi fundada, já estavam todos mortos e haviam morrido até muito jovens, desde Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, com 21 anos, e Castro Alves, com 24 anos, até Gonçalves Dias, falecido com apenas 41 anos de idade, quase todos ceifados pela tuberculose, uma doença muito grave e fatal, numa época em que não havia ainda os antibióticos.

Era a própria mocidade paraninfando a imortalidade.

Sucessivamente, foram lançados os livros de Múcio Leão, que viriam a compor uma obra importante: *Tesouro Recôndito*, *A Promessa Inútil*, *No Fim do Caminho*, e *Castigada*, um romance social, na linha do romanceiro nordestino, dos nossos Confrades José Américo de Almeida, José Lins do Rêgo e Rachel de Queiroz.

Recém-empossado na ABL, coube a Múcio Leão fazer o discurso de saudação a Stefan Zweig, fugido do nazismo e refugiado no Brasil, sobre cuja obra fez uma minuciosa análise, comparando as duas mulheres – Maria Antonieta e Maria I Stuart, belas e amadas. Uma delas, a rainha de França e mulher de Luís XVI, saiu dos esplendores de Versalhes para a guilhotina. A outra, a ardente rainha da Escócia, teve a cabeça decepada pela lâmina de um machado, na torre de Londres.

Em seguida, sustenta que Zweig soube amar os espíritos, quando eles são difíceis e complexos e quando se chamam: Balzac e Dostoievski, Freud e Nietszche, Erasmo de Rotherdam, Mesmer, Stendhal, Casanova, Dickens e Tolstoi.

Emocionado e comovido, Zweig agradece a saudação de Múcio, dizendo que guardaria da Academia e do Brasil, que ele chamou de "O país do futuro", a mais imorredoura das recordações.

Múcio Leão viveria na ABL outros grandes momentos:

Os discursos de saudação às posses dos queridos conterrâneos Barbosa Lima Sobrinho e Austregésilo de Athayde; Os memoráveis discursos sobre "O espírito brasileiro" e sobre "O espírito universal" do seu co-estaduano, Joaquim Nabuco.

E sua eleição para presidente da Academia, em 1944, quando fez uma administração simplesmente inesquecível.

Estávamos no dia 31 de julho de 1969. Corria rotineiramente a sessão semanal das quintas-feiras na ABL, quando nela deu entrada o Acadêmico Múcio Leão.

Tinha 71 anos de idade, em pleno vigor intelectual, mas já debilitado fisicamente.

Ele comparece a essa sessão, achando que aquela talvez fosse sua despedida aos confrades, em cuja companhia passara os últimos 34 anos de sua vida.

Quando a crise aconteceu, um cirurgião amigo tentou salvar-lhe a vida, mas foi impossível fazê-lo, por causa de uma cavidade na pleura, provocada por um aneurisma fulminante e fatal.

Múcio Leão legou uma obra literária – perfeita em todos os gêneros – desde o ensaio e a crítica, da qual foi um pioneiro, até a poesia, o conto e o romance, nos quais explodiu todo o seu talento criativo.

Empossou-se na "imortalidade" em sua plena juventude, cheio de entusiasmo, com 37 anos de idade, como um dos mais jovens Acadêmicos e também sendo depois o decano e o mais antigo deles, como guarda fiel das nossas melhores tradições.

Da inteireza do seu caráter, emanava a força de um magnetismo pessoal, ajudado pelo seu porte elegante, com abundantes cabelos brancos e uma palavra fácil, improvisando madrigais a que as moças geralmente não resistiam.

Foi um grande sedutor, que seduzia muita gente, homens e mulheres, sobretudo as mulheres, pelo seu bom gosto e pela sua bela aparência.

Era, enfim, um homem inteiriço e indomável, cuja presença muito elevava a Academia, com o prestígio de sua fascinante personalidade, que, inclusive, ficaria hoje muito feliz se pudesse ver o seu Pernambuco representado na ABL pelos queridos Acadêmicos Evanildo Bechara, Marcos Vinicios Vilaça e Marco Maciel.

Em 1998, ocorreu o Centenário do seu Nascimento e, atendendo a ponderações do Acadêmico Alberto Venâncio Filho e por insistência dos presidentes Arnaldo Niskier e Tarcísio Padilha, eu escrevi e a Academia lançou o livro *Múcio Leão – Centenário*, na Coleção Afrânio Peixoto, com um admirável prefácio de Josué Montello.

Múcio Leão foi um incansável polígrafo, para quem, parafraseando Afrânio Peixoto e Pirandello, segundo o qual "*La vita o si vive e o si scrive*", poderia, na sua sepultura, ter sido gravada apenas uma curta inscrição: "Leu e escreveu. Nada mais lhe aconteceu".

SESSÃO DO DIA 27 DE NOVEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras;* Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata da sessão do dia 19 de novembro, que foi aprovada. Discorreu sobre a mesa-redonda "Relações Culturais entre Brasil e China", da qual participaram os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Helio Jaguaribe e esteve presente o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Uma manhã muito proveitosa para se conhecer esse planeta China de um bilhão e trezentos milhões de habitantes. Na parte da tarde, o escritor José Saramago fez o lançamento mundial do seu o livro *A Viagem do Elefante*, aqui na ABL. Entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia o primeiro romance do escritor, *Levantado* do *Chão*, com uma carta de Pilar del Rio e dez pinturas de Armando Alves, edição comemorativa do décimo aniversário da atribuição

do Prêmio Nobel a José Saramago. Em seguida, o escritor português foi saudado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, numa bela peça oratória. Entregou aos Acadêmicos e à Biblioteca Lúcio de Mendonça o CD *Mauro Mota – por Ele Mesmo*, da Companhia Editora de Pernambuco, doado por sua viúva Marly Mota.

– O Acadêmico Antonio Olinto disse que foi lançado em Porto Alegre o livro *Jornalismo e Literatura*, editado há sessenta anos, que sai agora em sua 4.ª edição. Nesse livro fala sobre jornalistas e escritores, dando exemplos de vários escritores que foram jornalistas. Salientou que, naquele tempo, o jornalismo era tido como uma profissão muito baixa, e fez questão de mostrar que John Hersey, com um livro chamado *Hiroshima*, colocou toda a Segunda Grande Guerra Mundial nas notícias, porque ele estudou de fato a reação e o efeito da primeira bomba sobre os habitantes de Hiroshima, que visitou longamente, ouvindo de cada um uma história jornalística.

– O Acadêmico Moacyr Scliar assinalou os cinqüenta anos do lançamento do livro *Os Donos do Poder*, do Acadêmico Raymundo Faoro, que era gaúcho e se consagrou com esta obra, que foi editada pela Editora Globo de Porto Alegre.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Moacyr Scliar e lembrou que o livro do Acadêmico Raymundo Faoro, editado em 1958, não teve na ocasião grande repercussão, embora tenha recebido o Prêmio José Veríssimo da Academia Brasileira de Letras. Somente com a segunda edição o livro ganhou destaque na literatura brasileira. Lembrou que em 1974, quando morreu Fernando de Azevedo, Raymundo Faoro foi convidado para a Academia, mas não se interessou, sendo eleito somente em 2000.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar por ter se lembrado desta efeméride. Acrescentou que Raymundo Faoro tinha certo ressentimento da Universidade porque achava que esta não dava o devido valor ao seu livro *Os Donos do Poder*, que se transformou num clássico e numa obra essencial para a interpretação do Brasil. A segunda

edição mostrou claramente que o livro é fundamental para a história do pensamento brasileiro.

– O Presidente Cícero Sandroni acrescentou que, quando o Acadêmico Moacyr Scliar lhe disse que falaria sobre o Acadêmico Raymundo Faoro, se penitenciou porque, como sucessor daquele acadêmico, deveria ter-se lembrado dessa Efeméride. Associou-se às palavras dos Acadêmicos Moacyr Scliar, Alberto Venancio Filho e José Murilo de Carvalho, lembrando que o livro foi publicado há cinqüenta anos atrás e acabou sendo muito criticado por setores da Esquerda, que até hoje insistem nessas críticas. Quando se preparava para a sessão de posse na sucessão do Acadêmico Raymundo Faoro, freqüentou um seminário sobre a obra do escritor, do qual o Acadêmico José Murilo de Carvalho participou e lembrou de uma apreciação de Luiz Werneck Vianna, que fez uma crítica arrasadora ao livro. Essas críticas continuam, mas não sobreviverão à importância da obra.

– O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco acrescentou a essa justa lembrança do Acadêmico Raymundo Faoro o episódio da preocupação que ele manifestou no dia da sua eleição para a Academia. Para que não ocorresse nada que pudesse impedir a sua votação, ele queria contratar um carro com segurança para acompanhar o Acadêmico Affonso Arinos, com medo de que, entre sua casa e a Academia, o carro fosse assaltado e lhe roubassem os votos. Isso mostra o interesse de Raymundo Faoro em entrar para a Academia. Finalizando, lamentou o pouco convívio que teve nas sessões devido aos seus problemas respiratórios.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou o quão grato Raymundo Faoro ficou à Academia durante os meses finais em que esteve internado no Copa D'Or, por ter recebido diariamente a visita de um Acadêmico.

– O Acadêmico Carlos Nejar discorreu sobre a viagem à Lisboa como representante da Casa na homenagem a Machado de Assis na Academia das Ciências de Lisboa. Registrou o brilho dos trabalhos dos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin sobre o "Enigma de Machado de Assis" e Lêdo Ivo sobre "A filiação romanesca de Machado de Assis". Entregou à Biblioteca Rodolfo

Garcia o livro *Alexandre Rodrigues Ferreira e sua Obra no Contexto Português e Universal*, texto de Miguel Telles Antunes e fotografias de Alfredo Dagli Orti, da Editora Aletheia.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida lembrou que no dia 29 de novembro Claude Lévi-Strauss faz 100 anos. Esteve, junto com o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, visitando o escritor, que está associando a Casa a este evento. Entregou aos Acadêmicos uma foto de Claude Lévi-Strauss recebendo as Palmas Acadêmicas. Há três semanas em Paris, teve a idéia de que a ABL e a Academia da Latinidade se associariam às homenagens que hoje celebram o maior pensador do século XX. Com muita alegria, distribuiu uma *plaquete* intitulada *Claude Lévi-Strauss – Loin du Brésil, Etretien avec Véronique Montaigne*, o que acha ser um pensamento muito caro de quem se sentia profundamente ligado à vida e à conjuntura brasileira que dele fez o antropólogo que é.

– O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet agradeceu a referência do Acadêmico Candido Mendes de Almeida na visita que fizeram a Claude Lévi-Strauss e citou Jean-Paul Sartre, que sem dúvida concordaria com a avaliação de que ele e Sartre estão entre os pensadores mais proeminentes do século XX. Discorreu longamente sobre esta visita, ocasião em que lembrou que José Guilherme Merquior está ligado a Lévi-Strauss porque escreveu e redigiu em francês uma estética do pensador, que é um resumo brilhante da obra de Lévi-Strauss, de importância fundamental para o desenvolvimento da antropologia universalista. Finalizando, recordou que Lévi-Strauss era um primitivista "à la Rousseau", além de ser um pensador universal que sempre fez questão de dizer que o verdadeiro fundador da antropologia fora Rousseau.

– O Acadêmico Eduardo Portella disse que, nessa época áurea do estruturalismo, a *Revista Tempo Brasileiro* tirou três edições de cinco mil exemplares, o que seria hoje absolutamente impossível. Lembrou que Sartre declarou numa entrevista que Lévi-Strauss era um bom etnólogo. Mas, de qualquer maneira, eles têm uma caminhada juntos. Pertenceu a um grupo moderno, no qual também se incluía o seu filósofo predileto, Maurice Merleau-Ponty.

Realmente, a seu ver, o que lhe sensibiliza mais não é a sua fidelidade ao rigor epistemológico, mas, ao contrário, a sua transgressão da estrutura básica científica, que deixa certos fenômenos não passíveis de uma sistematização. Considera na prática que, nas investigações de Lévi-Strauss, toda essa dimensão intersubjetiva esteja basicamente analisada. Prometeu trazer na próxima semana o número da revista *Tempo Brasileiro*, em que há uma entrevista sua com Lévi-Strauss.

– O Presidente disse que esperam com grande curiosidade esta revista. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.

– O Acadêmico Alberto Venancio Filho, a propósito das palavras do Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, lembrou que deveria ser mencionado o nome do Acadêmico Roquette-Pinto. Recordou que Lévi-Strauss era professor de um liceu na França e aceitou o convite do Professor George Dumas para lecionar na Universidade de São Paulo. Foi nesta época que fez a expedição aos nhambiquaras, antecipada por Roquette-Pinto, que os descobrira em 1912 e publicara, em 1916, *Rondônia*. Lembrou que, no próximo dia 10, será lançado na ABL um livro em homenagem a ele, edição da Fundação Oswaldo Cruz. Lévi-Strauss jamais omitiu a influência de Roquette-Pinto. Declarou que Castro Farias, que acompanhou Lévi-Strauss como representante do Governo Brasileiro, no seu livro *Um Outro Olhar* afirma que *Rondônia* foi o livro de cabeceira da expedição de Lévi-Strauss.

– O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, completando a colocação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, disse que em Lévi-Strauss há uma página inicial onde consegue criar o institucional diante do social graças à noção da interdição do incesto, que é fundamental naquele momento. Há ainda outra questão que o Acadêmico Eduardo Portella colocou muito bem porque, por intermédio de Sartre, Lévi-Strauss vai a Merleau-Ponty, esclarecendo a capacidade de se distinguir, o que resolveu a contradição que Sartre tinha posto em sentido dialético.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a todos que participaram desse brilhante debate sobre Lévi-Strauss.

– O Presidente deu início à eleição para o preenchimento da Cadeira 6, do Quadro dos Sócios Correspondentes, vaga com o falecimento de Luciana Stegagno Pichio. São candidatos Arnaldo Saraiva, Rodolfo Alonso e Malaca Casteleiro. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Domício Proença Filho. Trinta e dois acadêmicos votaram por carta e seis o fizeram no plenário. Houve uma abstenção e o acadêmico eleito, Luiz Paulo Horta, ainda não vota. Portanto, são trinta e oito votantes. Procedeu-se à votação, que teve o seguinte resultado:

1.º Escrutínio:
Arnaldo Saraiva ..... 24 votos
Rodolfo Alonso ..... 11 votos
Malaca Casteleiro ..... 03 votos

– O Presidente declarou eleito para a Cadeira 6, do Quadro dos Sócios Correspondentes o escritor português Arnaldo Saraiva. O Presidente agradeceu aos escrutinadores e deu por encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 04 DE DEZEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras;* Affonso Arinos de Mello Franco, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata da sessão do dia 27 de novembro, que foi aprovada. A seguir, informou ter recebido por intermédio do Acadêmico José Pastore, da Academia Paulista de Letras, a informação de que o Grupo Votorantim quer continuar com o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, declarando que houve apenas um problema de gestão na Empresa, mas fazem questão de manter este prêmio. Neste caso, como esta informação chegou muito no fim do ano, a Comissão que já havia sido indicada para 2008, formada pelos Acadêmicos Eduardo Portella, João de Scantimburgo, Tarcísio Padilha, Helio Jaguaribe e Domício Proença Filho, vão observar o panorama editorial de 2008 e conferir o prêmio a um livro publicado neste ano, e a seguir marcar

a entrega do mesmo para os primeiros meses de 2009, podendo este Prêmio ser realizado nos anos seguintes. Pediu que ficasse registrado nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o artigo publicado hoje no *Jornal do Commercio*, cujo autor é o mais recente Cidadão Carioca, Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça. Como trata-se não só de uma peça importante do ponto de vista literário, mas também um hino de louvor, gostaria muito que constasse nos *Anais* da Casa. A proposta foi aprovada com palmas. Prosseguindo, lembrou que a Academia tem um contencioso com a Empresa Netumar, que já havia sido resolvido em parte e que era de direito. Trata-se dos 12 andares da Rua do Ouvidor, que a Netumar continuava administrando. Foi uma conquista de várias administrações e que culminaram agora na de 2008. A ABL continuou a processar a Netumar, por lucros que ela recebeu e pertenciam à Academia, e a 2.ª Vara Cível da Comarca desta Capital deu ganho de causa à ABL, o que significa que a Netumar terá que pagar a Academia a importância de 1.798.076,10 (um milhão, setecentos e noventa e oito mil, setenta e seis reais e dez centavos). A Netumar ainda pode recorrer, mas até agora não o fez. Disse não saber qual é a situação real desta empresa, fala-se até em situação pré-falimentar, mas, de qualquer maneira, o débito está reconhecido em juízo. Passou ao expediente: Apresentação e Prestação de Contas de 2008 e Proposta Orçamentária para 2009. Deu a palavra ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para a leitura do Relatório que se encontra com os Senhores Acadêmicos.

– O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara passou a ler o Relatório sobre a prestação de contas do exercício 2008 para a aprovação do Plenário.

– O Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça apresentou o Relatório final da Comissão de Contas da Academia.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça e colocou em discussão a Prestação de Contas de 2008, o Orçamento e o Relatório da Comissão.

– O Acadêmico Lêdo Ivo perguntou quais eram as procedências dos acréscimos dos investimentos relatados no Relatório da Comissão de Contas.

– O Presidente esclareceu que são as aplicações da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil. Não havendo mais quem quisesse falar, considerou o Orçamento aprovado e agradeceu a confiança depositada na atual Diretoria.

– O Acadêmico Antonio Carlos Secchin informou aos Acadêmicos sobre os trabalhos realizados neste ano pela Comissão de Publicações, que publicou um total de dezesseis obras e mais doze co-edições, distribuindo em seguida um catálogo com as obras que estão à venda, disponibilizado ao público que comparece aos eventos da Casa.

– O Presidente Cícero Sandroni informou que no dia 6, terça-feira, a Academia fará o lançamento dos livros *Correspondência de Machado de Assis (1860-1869)*, Tomo I, coordenado pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet; *Dicionário de Machado de* Assis, de Ubiratan Machado; *Esaú e Jacob*, de Machado de Assis; *Dificuldades da Língua Portuguesa*, de Said Ali; *Curiosidades Verbais*, de João Ribeiro, direção de Evanildo Bechara; *Ouvrages brésiliens traduits en français – Livros Brasileiros Traduzidos para o Francês*, na sua 5.ª edição, organizada por Estela dos Santos Abreu.

– O Acadêmico José Murilo de Carvalho fez uma exposição com a utilização de *power point*, sobre o livro *A Academia Brasileira de Letras – Notas e Documentos para a sua História (1940-2008)*, continuação do livro do mesmo título.

– O Acadêmico Moacyr Scliar congratulou-se com o Acadêmico José Murilo de Carvalho pelo trabalho, uma das coisas mais originais que já foi apresentado em termos de literatura brasileira, comparável a um estudo de epidemiologia muito conhecido por quem trabalha em saúde pública e sabe que isto faz parte do cotidiano. Um estudo de perfil demográfico muito bem feito, que permite algumas conclusões. Sugeriu que o Acadêmico José Murilo de Carvalho procurasse alguma fonte de comparação, como, por exemplo, a Academia Francesa ou outras instituições brasileiras que tenham feito uma análise similar. Salientou que seria importante ver do que difere a ABL, em relação ao perfil dos seus membros, à origem, à expectativa de vida etc., de outras instituições similares. Parabenizou mais uma vez o Acadêmico José Murilo de Carvalho pelo trabalho brilhante.

– O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho pelo belo trabalho que vai, de alguma maneira, lançar luz em muitos aspectos ainda não bem estudados da Academia Brasileira de Letras. Lembrou a Efeméride da passagem dos 60 anos da assinatura e promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos e lembrou que, no dia 11 de dezembro, haverá uma mesa-redonda sobre a data, coordenada pelo Acadêmico Celso Lafer. Convidou a todos para as comemorações dos oitenta anos do Acadêmico Murilo Melo Filho, às 17h30min, no Salão Nobre da ABL, com uma mesa-redonda da qual participam Villas-Bôas Corrêa, Maurício Azedo e Bernardo Cabral, além de depoimentos do Cardeal Dom Eugênio Sales, da Governadora Wilma Faria, dos Senadores Garibaldi Alves, Presidente do Senado, e José Agripino Maia, do Deputado Henrique Alves e do escritor Diógenes da Cunha Lima. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

CIDADÃO CARIOCA

*Marcos Vinicios Vilaça**

Disse, na Câmara de Vereadores do Rio, que não desejava que a minha fala fosse mais do mesmo. Entre os diferentes títulos de cidadania honorária que recebi, por conta de generosas decisões em várias terras, aquele do Rio de Janeiro consignava um caráter muito especial. Por isso, o meu dizer não foi mais palavra sobre o mesmo tema.

Se a vida é uma palavra, como se diz na *Bíblia*, ali estava a palavra inicial da minha vida de cidadão honorário do Rio de Janeiro.

Falei que receava começar arranhando a escala reverente que o ato exigia. Não evitei iniciar minha fala na espontaneidade de um desabafo. Expliquei tratar-se de um peito nordestino, mandacaru curtido nas brasas do sol, consistente e resistente, onde estão guardadas andanças e vivências, durezas e ternuras, dores e risos, cores e flores, dessas itinerantes, apanhadas na agridoce travessia/travessura humana que se chama vida.

Há nessa trajetória momentos em que não podemos emigrar do que somos, pois é necessário refletir sobre o tempo e meditar sobre o espaço.

---

* Artigo publicado no *Jornal do Commercio* do dia 4 de dezembro de 2008.

O que se me outorgou não foi apenas a distinção, como na lira camoneana, "o gosto que se atiça com uma aura popular", gesto a consagrar o mortal aos olhos e à curiosidade de seus pares. O que se me concedeu foi, se possível, muito mais. Foi graça. A mesma graça que traz da honra a exterioridade terrena, mas a ela se soma a espiritualidade do ato, a virtude reconfortante do contentamento interior, a união plena de sonho conquistado.

Cheguei à Câmara para a cidadania carioca, despojado de bens pessoais e riquezas materiais. Mas não cheguei de mãos vazias. Trazia as oferendas da minha terra. Prendas que ouro nenhum pode comprar. Seu valor é o da exemplaridade.

Apresentava, como pernambucano, a inquietação irredentista, a corajosa vocação liberal e anti-oligárquica, audácias republicanas e desejos da transformação social. Muito mais glórias poderia carregar nas mãos cheias de estrelas, mas desejei destacar o orgulho-prazer de quem dá e o prazer-modéstia de quem sabe o que vai receber.

Evoquei a frase profética de Tomé de Souza, em 1552, quando, ao deparar o despovoamento do litoral fluminense, escreveu a El-Rei instando que na Baía do Rio de Janeiro se devia "mandar fazer uma povoação honrada e boa".

E a povoação se fez, boa e honrada. Mais tarde, bem mais tarde, Miguel Torga disse que aquela cidade nunca poderia ser abstrata ou concreta, mas eternamente as duas coisas, milagre feito pelos homens e pela natureza. Daí há de ter surgido o madrigal melodioso, a consagradora "paquera" musical de Antônio Maria, um pernambucano que sabia das coisas: "Rio de Janeiro, gosto de você,/ gosto de quem gosta/ deste céu, deste mar, desta gente feliz."

Disse ser claro que se a minha vida nasce e amadurece em Pernambuco, não é só completada em Pernambuco, apesar de uns "alguéns" dizerem que pernambucano tem mania de grandeza. Grande equívoco. O que de fato temos não é uma mania, é grandeza mesmo. Mas sabemos que é preciso complementar. Agregar valores é próprio da sabedoria pernambucana. Não me sinto entalado entre Pernambuco e o Rio, pois ambos me enchem de esperança e deles me orgulho. Trata-se de uma experiência binária.

SESSÃO DO DIA 11 DE DEZEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata da sessão do dia 4 de dezembro de 2008, que foi aprovada. Entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia os livros *Um Imaginário de Livros e Leituras: 40 Anos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* e A*ntropologia Brasiliana – Ciência e Educação na Obra de Edgard Roquette-Pinto*, organizado por Nísia Trindade Lima e Dominichi Miranda de Sá, que foram entregues ao Acadêmico Murilo Melo Filho. Deu ciência de que a Academia Brasileira de Letras assinou com a Pontifícia Universidade Católica convênio de cooperação cultural e acadêmica, um trabalho de integração, graças ao qual professores irão proferir palestras na ABL e Acadêmicos na Universidade. Informou que foi condecorado com a Ordem do Colar do Mérito Judiciário, e transferiu

esta láurea à Academia Brasileira de Letras, porque a recebeu como Presidente da Casa, e não como jornalista. Comunicou que faleceu, no dia 7 de dezembro, domingo passado, em Lisboa, o Dr. António Alçada Batista, que ocupava a Cadeira 1 do Quadro de Sócios Correspondentes da ABL.

– O Acadêmico Alberto da Costa e Silva ressaltou que a Academia perde um dos grandes escritores portugueses e um grande amigo do Brasil. Deixou uma longa obra na qual se destaca o livro *Peregrinação Interior*, em dois volumes, com o qual ele se tornou a voz e a consciência de toda uma época. Ao escrever este livro, narrou a história de uma geração que, como ele, saiu da Segunda Guerra Mundial. Um livro extraordinário que marcou profundamente a vida portuguesa, num momento difícil da história de Portugal. Lembrou que, quando chegou à Lisboa em 1960, leu comovido e fascinado o livro de Alçada Batista, que só lhe confirmou que se tratava de uma inteligência superior e, mais do que isso, de um homem superior no setor cultural e político. Dirigiu durante muito tempo a revista *O Tempo e o Modo*, que foi uma abertura para as novas correntes do pensamento europeu em Portugal, e foi também co-proprietário da Editora Moraes, especialista em editar livros de poesia, como *Tempo Espanhol*, de Murilo Mendes, e livros de Wilson Rocha, além de outros poetas brasileiros. Um grande amigo do Brasil, disposto a aceitar o país com suas qualidades e defeitos. Finalizando, disse que Alçada Batista deixa um grande espaço vazio em seu coração e, sobretudo, na cultura portuguesa.

– O Presidente, associando-se às palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, declarou vaga a Cadeira 1 do Quadro dos Sócios Correspondentes e fixou o prazo de 30 dias para apresentação de candidaturas, conforme Art. 13 do Regimento Interno da ABL. Leu um trecho deste Regimento referente à eleição de Sócios Correspondentes transcrita a seguir: Art. 14, § 1.º – Os Sócios Correspondentes serão eleitos dentre os estrangeiros que preencham os requisitos intelectuais. § 2.º – Nenhuma notícia será publicada sobre a apresentação da proposta, bem assim sobre o parecer ou a discussão deste. § 3.º – Findo o prazo de apresentação de candidaturas, o Presidente nomeará uma comissão de três Membros Efetivos, que, dentro de quinze dias, dará

parecer sobre os candidatos inscritos. § 4.º – O parecer da comissão será incluído na ordem do dia da sessão seguinte à apresentação; encerrado o debate, proceder-se-á à eleição conforme o Art. 13, Parágrafo único – Findo este prazo, o Presidente comunicará a todos os nomes dos inscritos e marcará a eleição para a primeira sessão ordinária, após o decurso de 60 dias. Pediu que todos os Acadêmicos refletissem sobre os candidatos para que nas primeiras sessões de março fosse possível fazer esta eleição.

– O Acadêmico Carlos Nejar entregou a placa da Associação Brasileira Sócio-Cultural de Apoio à Cidadania em homenagem à Academia Brasileira de Letras, pelo valioso apoio institucional na realização do seu segundo concurso de poesia.

– O Presidente deu início ao processo eleitoral para o exercício de 2008. Encontravam-se presentes 24 acadêmicos, dos quais apenas 8 votaram no plenário. Os demais haviam enviado carta e a mantiveram. Havia 32 votos por carta. Nomeou para escrutinadores os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Affonso Arinos de Mello Franco. Deu-se início ao Processo eleitoral que teve o seguinte resultado: Presidente – Cícero Sandroni – 40 votos; Secretário-Geral – Ivan Junqueira – 40 votos; Primeiro-Secretário – Alberto da Costa e Silva – 39 votos, com 1 voto em branco; Segundo-Secretário – Nelson Pereira dos Santos – 40 votos; Tesoureiro – Evanildo Cavalcante Bechara – 40 votos. O Presidente Cícero Sandroni declarou eleita a Diretoria acima mencionada e submeteu à aprovação do plenário o nome do Acadêmico Murilo Melo Filho para Diretor das Bibliotecas; do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet para Diretor do Arquivo; do Acadêmico João de Scantimburgo para Diretor da *Revista Brasileira*; e do Acadêmico Eduardo Portella para Diretor dos *Anais da ABL*. As Comissões Permanentes, de Contas, de Publicação e Lexicografia ficam assim constituídas: Comissão de Contas – Nélida Piñon, Marcos Vinicios Vilaça e Tarcísio Padilha; Comissão de Publicações – Antonio Carlos Secchin, José Murilo de Carvalho e José Mindlin; Comissão de Lexicografia – Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara e Alfredo Bosi. O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu aos escrutinadores a confiança depositada na Diretoria.

– A seguir, o Presidente convidou os presentes para o "Seminário Brasil, brasis", às 17h30min, no Teatro R.Magalhães Júnior, sob a Coordenação do Acadêmico Celso Lafer sobre "Alcance e significado da Declaração Universal dos Direitos Humanos". Presidido pelo Acadêmico Cícero Sandroni, foi expositor o Acadêmico Celso Lafer e participaram os Sr. Hughes Goisbault, Cônsul da França, a Sra. Flavia Piovesan e os Srs. Francisco Whitaker, Giancarlo Summa, Diretor do Centro de Informação da ONU no Rio de Janeiro, e o Ministro Patrus Ananias.

SESSÃO DO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Luiz Paulo Horta, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

– O Presidente Cícero Sandroni declarou aberta a sessão dedicada à posse da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2009. Compondo a mesa estavam o Presidente Cícero Sandroni; o Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira; o Primeiro-Secretário, Acadêmico Alberto da Costa e Silva; o Segundo-Secretário, Acadêmico Nelson Pereira dos Santos; o Tesoureiro, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, para ler o relatório das atividades da Academia no ano que se encerra. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

– O Presidente Cícero Sandroni deu posse aos integrantes da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2009, reeleitos na sessão

do dia 11 de dezembro passado: Presidente – Acadêmico Cícero Sandroni; Secretário-Geral – Acadêmico Ivan Junqueira; Primeiro-Secretário – Acadêmico Alberto da Costa e Silva; Segundo-Secretário – Acadêmico Nelson Pereira dos Santos; Tesoureiro – Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara; Diretor das Bibliotecas – Acadêmico Murilo Melo Filho; Diretor do Arquivo – Acadêmico Sergio Paulo Rouanet; Diretor da *Revista Brasileira* – Acadêmico João de Scantimburgo; Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras* – Acadêmico Eduardo Portella.

– O Presidente empossado, Acadêmico Cícero Sandroni, proferiu seu discurso de posse na Presidência da Academia Brasileira de Letras, agradeceu a colaboração dos seus companheiros de Diretoria, de todos os seus confrades e dos funcionários da Casa. (O texto do discurso será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). O Presidente agradeceu a presença de todos e encerrou a sessão.

ATIVIDADES DA ABL EM 2008

*Relatório do Secretário-Geral Acadêmico Ivan Junqueira**

Introdução

Ano Machado de Assis

O ano de 2008 foi amplamente dominado pelas comemorações, nos mais variados níveis nacionais e internacionais, do Centenário de Morte de Machado de Assis, presidente da Casa desde a fundação, em 1897, até sua morte, em 29 de setembro de 1908. Comemoraram-se, ainda, o centenário de nascimento dos acadêmicos Guimarães Rosa, Luís Viana Filho e Octavio de Faria e o centenário de morte do acadêmico Artur Azevedo. Foram também celebrados pela Academia os 200 anos da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro e da criação da Imprensa Régia, os 400 anos de nascimento do Padre Antônio Vieira e o centenário da imigração japonesa no Brasil, além de outras datas de inequívoca importância para a sociedade brasileira e a literatura nacional. Os atos e realizações dos acadêmicos para além de tal âmbito, não menos importantes e numerosos, têm seu registro assegurado nos *Anais* e nos arquivos da Casa. A medida, mais uma vez adotada, envolve dois relevantes aspectos: a síntese adequada e a maior fruição da alegria festiva da cerimônia em que este relatório é apresentado.

---

* Apresentado na sessão do dia 18 de dezembro de 2008.

Não sendo este, portanto, um relatório no sentido técnico do termo, tentaremos expor resumidamente o espectro cultural que definiu a intensa programação da Casa nesse ano que finda, sem fixarmo-nos em nomes – seja de acadêmicos, seja de palestrantes convidados, a não ser quando estritamente necessário. Considerado o "Ano de Machado de Assis", foi inevitável que a sua vida e obra se transformassem no principal foco de interesse da Academia, sobretudo com a realização da mega-exposição *Machado Vive!*, de 26 de junho a 19 de novembro (que contou com o patrocínio do BNDES), com uma freqüência pública inédita e grande repercussão na mídia.

As homenagens, em verdade, se iniciaram no mês de abril com os ciclos sobre a literatura de Machado de Assis e estenderam-se por todo o ano com a realização de outros ciclos sobre o autor – incluindo-se aí a programação de filmes baseados em sua obra, além de outros temas, que perfizeram um total de 53 sessões de cinema. Na área do teatro, foram feitas 36 leituras dramatizadas, entre as quais de Machado de Assis e Artur Azevedo, valorizadas pela participação dos atores Fernanda Montenegro, Marieta Severo, Stella Miranda e Pedro Paulo Rangel, entre outros participantes. O Projeto Teatro-Educação, em suas 32 apresentações teatrais acompanhadas de Oficinas de Criação Teatral – todas voltadas prioritariamente para os alunos da Rede Pública Municipal – recebeu mais de 2.000 alunos. Na Galeria Manuel Bandeira, foram realizadas 12 exposições que incluíram, também, mostras de artes visuais contemporâneas de diversas técnicas. Houve ainda dez apresentações de música de câmera, todas desenvolvidas a partir do tema "A música que Machado ouvia".

O setor de publicações, entre outras edições periódicas ou não, editou 28 volumes, entre as quais reedições de obras de Machado ou estudos sobre elas, inclusive em co-edições (destacando-se a edição fac-similar dos manuscritos de *Esaú e Jacob*, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional, a *Correspondência de Machado de Assis*, organizada pelo Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, e o *Dicionário Machado de Assis*, de Ubiratan Machado), as quais, entre tantas outras realizações, se juntaram às homenagens prestadas ao centenário de morte do patrono e primeiro Presidente desta Casa, que sempre esteve voltada, a um só tempo, para a tradição e a modernidade das manifestações culturais.

Neste sentido, o "Seminário Brasil, brasis", iniciado na gestão anterior, em sua intenção de refletir, contemporaneamente, as questões que nos afetam para aquém ou além do tempo, passado ou futuro, refletindo-os no tempo presente, teve continuidade, em 2008, com a realização de dez mesas-redondas que, como as que as antecederam, versaram sobre temas fundamentais da nossa realidade – demonstrando assim que a ABL se legitima, desde sua fundação e cada vez mais, pelo respeito à sua atividade como centro de reflexão e produção de conhecimento.

Se, por um lado, *Brasil brasis* alcançou, desde seu início em 2006, plena receptividade, por outro as mesas-redondas, prática tradicional da Casa, dedicadas às efemérides acadêmicas em homenagem a personalidades expressivas, vivas ou mortas, da cultura brasileira ou internacional, tiveram uma freqüência tão significativa quanto interessada em suas dez apresentações, refletindo sobre a prática daqueles que, a partir de seus trabalhos individuais, contribuíram de algum modo com o processo de formação de nossa cultura. Aqui, por exemplo, seria o caso de registrar as mesas-redondas que celebraram os 90 anos do Padre Fernando Bastos de Ávila e os 80 anos dos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Evanildo Bechara, Cândido Mendes de Almeida, Nelson Pereira dos Santos e Murilo Melo Filho.

Se as conferências, num total de 45 realizadas em 2008, talvez constituam, junto ao público, as que mais venham, ao longo das atividades dessa Casa, motivando a sua crescente freqüência e interesse enquanto centro irradiador de cultura, ficou óbvio que o Encontro com o Autor, um projeto mais intimista ou minimalista, iniciado pelo acadêmico João Ubaldo Ribeiro no ano passado, satisfez a curiosidade de quem o leu, lê e o admira. Este evento teve continuidade, em 2008, com o depoimento da acadêmica Ana Maria Machado sobre sua obra, com a presença de uma platéia interessada em desvendar, mesmo que parcialmente, os mistérios que envolvem as suas criações.

As bibliotecas Lúcio de Mendonça, no *Petit Trianon*, e Rodolfo Garcia, no Palácio Austregésilo de Athayde, por meio de seus inestimáveis acervos, que a cada ano mais se ampliam, seja por doações, seja por aquisições, continuam

prestando serviços ao público em geral que as consultaram e as freqüentaram em suas muitas atividades culturais, sob orientação da Comissão Consultiva das Bibliotecas. Entre estas atividades, cabe registrar as duas exposições que se realizaram em 2008 na BRG: "Machado de Assis: Dedicatórias" e "Ilustração na Literatura Brasileira".

Esse interesse que a ABL vem despertando, por concentrar em sua tradição e modernidade a expressão cultural de uma parcela cada vez mais crescente da população da cidade do Rio de Janeiro e do país, é tudo aquilo que dela se espera – tanto por nós, acadêmicos, quanto por quem a freqüenta ou a acessa através do seu portal na internet que, só nesse ano, atingiu a cifra de quase 2 milhões de acessos, fora os quase 12 mil interessados que acompanharam em transmissões *on-line* os diversos eventos realizados em 2008. Para a comemoração dos cem anos de morte de Machado de Assis, foi elaborado um *site* especial sobre a efeméride, sempre no intuito de alcançar maior interatividade com o internauta, em particular com os usuários da rede de ensino.

A Comissão de Lexicografia e Lexicologia, além de publicar os livros *Dificuldades da Língua Portuguesa,* de M. Said Ali, e *Curiosidades Verbais,* de João Ribeiro, entregou ainda ao público o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* e finalizou a 5.ª edição do *VOLP,* já de acordo com a nova ortografia.

A solenidade de aprovação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa contou com a vinda do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Casa para a assinatura dos decretos de sua regulamentação e promulgação em 29 de setembro, dia simbólico em que se cumpriu o centenário da morte do nosso maior patrono.

O Centro de Memória, através do Arquivo Múcio Leão, do Departamento de Museologia, do Setor de Recursos Audiovisuais, do Setor de Pesquisa do Espaço Machado de Assis e do Setor de Conservação Guita Mindlin, vem se revelando a cada ano, desde a sua fundação, um dos setores de ponta da ABL no que diz respeito à modernização de sua função e atividade cultural – seja por meio da aquisição de equipamentos, mobiliário e instrumentos de trabalho, seja pelo aperfeiçoamento profissional de seus funcionários aqui e no exterior,

seja ainda pelo atendimento aos acadêmicos e pesquisadores, a higienização e conservação de documentos, o acondicionamento e encadernação, a realização de exposições, o registro de todos os eventos acadêmicos em áudio e vídeo, digitalizando as sessões e eventos acadêmicos, que se realizaram na sede ou fora dela.

As Visitas Guiadas, em seus 11 anos de atividade regular, vêm contando e cantando por meio de um grupo de atores profissionais os momentos relevantes da história dessa Casa, atingindo esse ano uma freqüência recorde de 7.274 pessoas, entre adultos, adolescentes e infanto-juvenis, em suas 280 representações. Houve, ainda, as tardes de autógrafos que perfizeram um total de 16 lançamentos de livro, incluindo-se aí autores acadêmicos e não-acadêmicos.

Quanto aos Prêmios Literários, foram atribuídos, por indicação das Comissões Julgadoras da Academia e aprovados pelo Plenário, os seguintes prêmios: Prêmio Machado de Assis, por conjunto de obra, a Autran Dourado; Ensaio, a Laurentino Gomes, por seu livro *1808*; Poesia, a Izacyl Guimarães Ferreira, por *Discurso Urbano*; Ficção, Romance, Teatro e Conto, a José Alcides Pinto, pelo livro *Tempo dos Mortos*; Literatura Infanto-Juvenil, a Daniel Munduruku, pelo livro *O Olho Bom do Menino*; Tradução, a Leonardo Fróes, pelo conjunto de obras traduzidas, e a Agenor Soares dos Santos, pelo livro *Guia Prático de Tradução Inglesa*; Cinema, a Jurandir de Oliveira, pelo filme *O Quinze*; Prêmio Francisco Alves, a Carlos Eduardo Falcão Uchôa, pelo livro *O Ensino da Gramática: caminhos e descaminhos*, e a Paulo Nathanael Pereira de Souza, pela monografia *Temas de Educação Fundamental.* A entrega do Prêmio José Ermírio de Moraes foi adiada para o início do ano acadêmico de 2009.

A Medalha João Ribeiro foi concedida à historiadora Lilia Moritz Schwarcz e à embaixadora Vera Pedrosa. Em parceria com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, foi lançado um selo comemorativo do centenário de morte de Machado de Assis. A ABL foi homenageada pela Casa da Moeda, com o lançamento, em presença dos diretores dessa instituição, com uma peça comemorativa dos cem anos de falecimento de Machado de Assis.

Retornando à música, lembramos que o Projeto Música Popular na ABL recebeu, ao longo do ano, sempre ao meio-dia da primeira quarta-feira de cada

mês, em dez espetáculos, alguns dos mais expressivos compositores e/ou intérpretes de nossa MPB.

De 12 a 16 de novembro os acadêmicos Antonio Carlos Secchin, Carlos Nejar e Lêdo Ivo participaram, em Lisboa, do *Encontro Anual das Academias* (Academia das Ciências de Lisboa e Academia Brasileira de Letras), com conferências sobre Machado de Assis. Também estiveram em viagem ao exterior, representando a Academia em eventos ligados à comemoração do centenário de morte de Machado de Assis, os seguintes acadêmicos: Antonio Carlos Secchin, que, em abril, fez conferência sobre o romance *Dom Casmurro* na Universidade da Sorbonne; Ivan Junqueira, que esteve em Portugal, de 24 de maio a 1.º de junho, para a realização de duas conferências em Lisboa; e Domício Proença Filho, em novembro, que pronunciou conferências em Lisboa e Coimbra. Também em novembro, ainda por motivo no centenário de Machado de Assis, participaram de seminário em Madri os Acadêmicos Cícero Sandroni, Nélida Piñon, Ana Maria Machado, Domício Proença Filho e Sérgio Paulo Rouanet.

De acordo com o convênio assinado no ano passado com a *Accademia della Crusca*, em Florença – uma das mais antigas do mundo, fundada em 1580 –, o Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, participou, no mês de maio, de encontros que versaram sobre multilinguismo e multiculturalismo no âmbito das línguas italiana e portuguesa e das literaturas da Itália e do Brasil. Por sua vez, a presidente da *Accademia della Crusca*, Nicoletta Maraschio, esteve de visita à ABL em agosto, quando pronunciou uma importante conferência no Salão Nobre do *Petit Trianon*. Ainda em parceria com o Instituto Italiano de Cultura, a Academia recebeu ilustres convidados, como Gianni Vattimo, Andrea Lombardi, Silvano Peloso, Sônia Salomão e Ettore Finazi-Agró. Convidados pela ABL para participar dos ciclos de conferências sobre Machado de Assis, estiveram ainda entre nós o escritor espanhol Antonio Maura e o romancista português Helder Macedo. E entre os participantes do ciclo de conferências dedicado aos 200 anos da chegada da Família Real do Rio de Janeiro, figurou o historiador inglês Leslie Bethel. O atual presidente da União Européia, José Manuel Durão Barroso, foi homenageado em um jantar oferecido pela ABL na Casa de Cultura Austregésilo de Athayde. No final de novembro, o Prêmio Nobel de Literatura,

José Saramago, compareceu à Academia para lançar seu último romance, *A Viagem do Elefante.*

Entre outras parcerias, cabe mencionar o Simpósio Internacional de Tradução Literária Alemão-Português com o Instituto Goethe, o Consulado Alemão e a UERJ, que permitiu a vinda de escritores como Julia Franck e Ulrich Peltzer, entre outros.

Foi com imenso e comovido pesar que a Academia Brasileira de Letras registrou o falecimento, em 17 de maio, da saudosa Acadêmica Zélia Gattai Amado, para cuja Cadeira, a de nº 23, elegeu-se o jornalista e musicólogo Luiz Paulo Horta, que tomou posse em 28 de novembro. Foi também com pesar que a ABL recebeu as notícias do falecimento de sua sócia-correspondente Luciana Stegagno Picchio, para cuja vaga foi eleito o crítico e ensaísta português Arnaldo Saraiva, e do sócio-correspondente Antônio Alçada Batista, ilustre escritor português.

Finalmente, esperando que tenhamos alcançado a síntese e a brevidade a que nos propomos no início, queremos agradecer, em nome da Presidência e da Diretoria, a todos os acadêmicos que participaram das atividades promovidas pela Academia neste ano de 2008 – seja coordenando-as, seja discutindo-as ou aprovando-as em plenário –, assim como a cada setor que, através da dedicação e profissionalismo de suas chefias e funcionários, vêm tornando a Casa de Machado de Assis uma instituição cada vez mais atuante e indispensável para a real compreensão do que fomos, somos e seremos.

DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE CÍCERO SANDRONI

Ilustres membros da mesa
Senhoras acadêmicas, senhores acadêmicos,
Minhas senhoras, meus senhores

Em verso célebre Casimiro de Abreu nos fala dos longos anos que passam velozes. O ano de dois mil e oito não passou veloz, passou velocíssimo. Ainda ontem estávamos nesta sala nobre do *Petit Trianon* para a investidura do presidente na sucessão de Marcos Vilaça. Reeleita na última quinta-feira por unanimidade – e generosidade – dos nossos confrades, a diretoria aqui se encontra nesta cerimônia de posse para, pela generosa confiança dos confrades, assumir por mais um ano a administração da Casa. Tudo passou de forma rápida: aquela moeda que segundo Machado, o diabo vai jogando de um lado para o outro, contando os dias vividos, em dois mil e oito o coisa-ruim foi substituído por máquina infernal, a trabalhar num frenesi incontrolável, informando aos desprevenidos que o recorrido jamais voltará. E parece-me, da altura dos meus 73 anos, que assim, continuará cada vez mais rápida ora em diante.

Por isso mesmo este momento de pausa e reflexão nos leva a rememorar a convivência sempre fraterna com os colegas, com os amigos e o público que nos prestigia comparecendo às nossas solenidades, às conferências, seminários, concertos e mesas redondas, aos lançamentos de livros, enfim, tudo o que faz desta

Casa um pólo cultural da cidade do Rio de Janeiro que, por meio do Portal da ABL, com toda sua parafernália de informática, tem alcance *urbi et orbi*.

Por vezes, entre os afazeres do dia-a-dia acadêmico, pergunto-me o que Machado de Assis diria, – ele, que de início imaginava que só em 1952 uma Academia Brasileira teria condições de existir –, o que diria o velho bruxo da nossa Casa, se pudesse vê-la hoje. Creio que, de alguma forma, ele intuía o que a Academia poderia vir a ser no século XXI. No final do seu discurso, ao abrir a sessão inaugural, a 20 de julho de 1897, Machado de Assis afirmou:

> "A Academia Francesa, pela qual essa se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso . Já o batismo de suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloqüência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira".

As palavras de Machado em relação ao futuro da Academia que se inaugurava, ecoam nesta Casa, mais de 111 anos depois, com a força de um comando que foi obedecido: a tradição, o primeiro voto, mantém-se firme e inalterada; e assim também a sobrevivência aos acontecimentos de toda casta, a adaptação às transformações civis, a manutenção da estabilidade e o contínuo progresso, condições que nos permitem chegar ao ponto onde hoje estamos, a escrever as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Para confirmar tal assertiva basta lembrar a definição do ensaísta Mauro Santayana em artigo para a *Folha de S. Paulo*, ao considerar a Academia Brasileira de Letras o mais alto Colégio de Inteligência Nacional. Assim os de hoje honram a memória dos que fundaram a instituição, obedecendo aos ideais que os inspiraram.

A diretoria que hoje se empossa atuou de forma coesa em 2008, a seguir a tradição de empenho na administração iniciada por Machado de Assis, o consolidador desta Casa fundada por Lúcio de Mendonça. Machado foi o líder

que, segundo Joaquim Nabuco, impediu que a instituição morresse do mal dos sete anos. Com o seu falecimento a 29 de setembro de 1908, a dedicação dos diretores da Casa prosseguiu, sem interrupção, por cento e onze anos, notadamente na administração de Afrânio Peixoto, que obteve do governo francês, por intermédio do embaixador Couty, esta jóia da arquitetura francesa, o *Petit Trianon* onde hoje nos encontramos.

No dia 5 de janeiro de 2009, com recursos advindos da lei Rouanet e patrocínio inicial do Banco Itaú, o palácio em que estamos terá obras de restauração na fachada, com a retirada das caixas de ar-refrigerado e instalação de um sistema central mais eficiente e silencioso. Um novo projeto de iluminação mantendo os lustres atuais dará mais claridade e naquele nicho, à minha esquerda, hoje vazio, será colocado o busto de Austregésilo de Athayde com as mesmas medidas do de Afrânio Peixoto, à minha direita.

Nossos projetos para 2009, já em elaboração, contemplam uma série de atividades culturais, a exemplo do que foi feito em 2008 em torno de Machado de Assis, agora com ênfase na memória do centenário de morte de Euclides da Cunha, assim como a futura diretoria, a ser eleita em dezembro de 2009, cuidará das comemorações do centenário de morte de Joaquim Nabuco, em 2010. Os planos referentes a 2009 estão no papel, mas, sem o apoio institucional que recebemos, e agradecemos, no correr de 2008, da Petrobras, do BNDES, do Bradesco e do Banco Itaú, nosso ritmo de atividades será menos intenso do que o do ano que passou. Esperamos que a crise global gerada a partir da quebra de um sistema de hipotecas criado pelo capitalismo sem rédeas e sem regulação, este *tsunami* de incompetência combinado com ganância e cobiça a consumir enormes recursos públicos, no vendaval de falências ao redor do planeta, não afete um projeto de estudos e de fruição artística que já faz parte da programação cultural do Rio de Janeiro.

A lamentar, este ano, a perda da nossa querida amiga Zélia Gattai Amado, que nos deixou, e ao Brasil, mais pobres em matéria de imaginação, de memorialismo, de emoções e de prosa da melhor qualidade literária, um convite permanente à leitura e à fruição do prazer da leitura. A ausência de Zélia abriu

um espaço que dificilmente será ocupado no mapa literário brasileiro. Estilo inconfundível, temática ligada às raízes de sua família e paixão pelo ser humano faziam dela uma escritora única, capaz de ombrear em grandeza com o marido, célebre desde a juventude, mas que jamais a influenciou. Vaga a Cadeira 23, fundada por Machado de Assis para ocupá-la foi eleito o jornalista, musicólogo e teólogo Luiz Paulo Horta, colega e amigo de longa data, cujo nome honra esta Academia.

Luiz Paulo completou o nosso quadro acadêmico e veio, como afirmou em seu discurso, disposto a colaborar e servir à Academia. Se junta assim a este grupo de mulheres e homens que aqui estão não para gozar da "glória que fica, eleva, honra e consola", mas para trabalhar pela cultura em todos os sentidos e jamais em benefício próprio. Servir à Academia e não servir-se dela tem sido, no correr das décadas uma preocupação constante dos brasileiros eleitos para os quadros desta Casa.

Para terminar, queridos amigos, afirmo que administrar a Academia foi trabalho de toda a Diretoria e de todos os acadêmicos. Encerro, portanto minhas considerações com os agradecimentos que devo aos meus companheiros de Diretoria, aos meus confrades em geral e aos funcionários da Academia, sempre atentos prestimosos e colaboradores, mesmo ao aturar as rabugices do presidente. Na Diretoria, tive companheiros dedicados, e leais. Não pedi nenhuma colaboração, a quem quer que fosse que não viesse espontânea e completa. Nesse ambiente, a tarefa foi fácil e procurei desempenhá-la como pude, sem pretensões e sem desfalecimento. Se mérito houve, de certo cabe, à Diretoria e aos confrades, pois o que fizemos em conjunto teve harmonia e contou com a boa vontade de todos. Ao presidente, coube ficar sempre atento à experiência e ao descortino dos companheiros.

Por isso tudo, só posso dizer: muito obrigado.

COMADRE JANETE

*Marcos Vinicios Vilaça**

O tema tinha que ser *cabeça*. A última conversa que tive com Janete foi ler o seu prefácio para o livro de Odette Edid, *Minhas Cabeças*. É um texto dialogal. Explícito na percepção e no bom gosto.

Janete tinha fixação com cabeças. Colecionava cabeças de pedra, pano, bronze, cerâmica, vidro, cabeças de todo jeito, como se quisesse multiplicar a sua própria privilegiada cabeça.

A cabeça de Janete era uma maravilha para criar e compreender, para amar e guardar. O processo inventivo das formas e das coalizões que nos legou vinha de sua cabeça que, para fazer, preparava-se antes para conhecer.

Que cabeça boa a da Janete.

Nesse prefácio, fala das cabeças em formas minimalistas ou exuberantes, com expressão irônica, zombeteira, sedutora ou emburrada. Assim, fica à mostra a compreensão plural e a capacidade de sintetizar que soube exibir no acervo inigualável de suas obras, de suas conversas, de suas opiniões, de seu colecionismo lúcido.

---

* Artigo publicado no *Diário de Pernambuco* no dia 23 de dezembro de 2008.

Obras sobretudo no plano da arquitetura, da decoração de interiores e, não esqueçamos, de orientadora de talentos na área da arte popular. E de preservadora e divulgadora do fazer do povo.

Janete sabia distinguir orientação de imposição. Jamais sua cabeça atuaria na forma de conduzir o talento alheio. O que sabia fazer era adubar, vitalizar, enlaçar artistas.

O Brasil tem muito a agradecer por tudo que ela fez pela cultura. Disse isto numa breve alocução na missa da ressurreição, mandada celebrar por uma multidão de amigos no Rio.

Falei pela Academia Brasileira de Letras que se enriqueceu com o seu contributo inteiramente gratuito. A ABL proclama-o com orgulho e saudade.

Mas, falei muito mais como compadre e freguês da sua mesa soberana nas gostosuras, infinita na largueza dos gestos de acolhimentos.

Janete era a minha cozinheira predileta, que ria sempre nas repetidas vezes em que, brincando lhe declarava com todo carinho, ser ela melhor no fogão que na prancheta.

Janete não precisa de biografia, a sua biografia é a sua obra múltipla, de estética e de cidadania. Está no horizonte imenso que se projetou e no grão pequenino da mostarda, tempero dos seus pratos. Está em todos nós que choramos, saudosos dela. Está viva conosco, como me repete Maria do Carmo, fazendo presente os versos de Celina de Holanda: "Não se morre ante aqueles / que nos querem vivos".

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLVIII – N.º 22
Em 03 de julho de 2008

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 3 de julho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis" sobre "Cultura da Violência". Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, terá como palestrantes José Gregori, Michel Misse e Paulo Saboya.

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "MACHADO VIVE!" – Realizou-se quinta-feira passada, no Salão Nobre da Academia, a solenidade de abertura da Exposição "Machado Vive!", que contou com a presença do Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, do Ministro Eros Grau, do Supremo Tribunal Federal, de outras autoridades e grande público. O Presidente Cícero Sandroni proferiu um breve discurso ao abrir a sessão. A seguir, a Acadêmica Nélida Piñon proferiu uma brilhante conferência sobre Machado de Assis, finda a qual o Presidente declarou aberta a exposição e convidou os presentes para visitar a mostra.

QUARTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 24 de junho, às 17h30min, o quarto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana I". A primeira conferência foi proferida pelo escritor português Helder Macedo, sobre o tema "A cigana e o mulato". As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 1.º de julho foi proferida por Luiz Paulo Horta e José Miguel Wisnik sobre "A

Música em Machado de Assis"; no dia 8 de julho, a palestra estará a cargo do Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre "A Paisagem em Machado de Assis"; no encerramento, dia 15 de julho, a conferência será ministrada pela Acadêmica Nélida Piñon sobre "O Rio de Janeiro na Ficção Machadiana".

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO – Comemora-se no próximo dia 5 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que ocupa a Cadeira 40 do Quadro dos Membros Efetivos.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Reynaldo Valinho Alvarez, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. As inscrições encerraram-se no dia 21de junho, e a eleição está marcada para o dia 21 de agosto.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Comemora-se no próximo dia 5 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Ivo Pitanguy, que ocupa a Cadeira 22 do Quadro dos Membros Efetivos.

LEITURAS DRAMATIZADAS – Está se realizando no Teatro R.Magalhães Jr. a programação das Leituras Dramatizadas. De 2 a 9 de julho, a Cia. de Atores de Laura Dias apresenta O Mambembe. Dentro desta programação, no dia 17 de julho, às 18h30min, haverá a leitura de *Capitu – Memórias Póstumas*, de Domício Proença Filho, que será feita pela atriz Fernanda Montenegro.

ACADÊMICOS NA FLIP - Os acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Ana Maria Machado participam de uma mesa-redonda no próximo domingo, 6 de julho, na Festa Literária Internacional de Paraty, ao lado de Luís Fernando de Carvalho, diretor da série "Capitu", para a TV Globo. Vão debater aspectos da obra de Machado de Assis, escritor homenageado da FLIP este ano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Na qualidade de Membro Honorário da Sociedade Médica e Cirúrgica de Bologna, o Acadêmico Ivo Pitanguy foi

convidado para tomar parte nas celebrações dos 800 anos da Escola Médica de Bologna. Permaneceu naquela cidade de 25 a 28 de junho. Na ocasião falou sobre "Filosofia e Experiência na Cirurgia do Contorno Corporal".

PEN CLUB – No dia 26 de junho, a convite do seu presidente Cláudio Murilo Leal, o Pen Club realizou debate sobre Educação e Cultura com o Acadêmico Arnaldo Niskier. O tema que despertou maior interesse foi a capacitação e a valorização dos professores brasileiros.

ANO XLVIII – N.º 23

Em 10 de julho de 2008

QUARTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 24 de junho, às 17h30min, o quarto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana I". A primeira conferência foi proferida pelo escritor português Helder Macedo sobre o tema "A cigana e o mulato". As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 1º de julho foi proferida por Luiz Paulo Horta e José Miguel Wisnik sobre "A Música em Machado de Assis"; no dia 8 de julho, a palestra esteve a cargo do Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre "A Paisagem em Machado de Assis"; no encerramento, dia 15 de julho, a conferência será ministrada pela Acadêmica Nélida Piñon sobre "O Rio de Janeiro na Ficção Machadiana".

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Reynaldo Valinho Alvarez, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. As inscrições encerraram-se no dia 21 de junho, e a eleição está marcada para o dia 21 de agosto.

LEITURAS DRAMATIZADAS – Na programação das Leituras Dramatizadas, no dia 17 de julho, às 18h30min, haverá a leitura de *Capitu – Memórias Póstumas*, de Domício Proença Filho, que será feita pela atriz Fernanda Montenegro.

PRÊMIO SESC – Na Sala José de Alencar, no dia 1.º de julho, foram entregues os Prêmios Sesc de Literatura. A Academia Brasileira de Letras fez-se representar pela Acadêmica Nélida Piñon e pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Estará em Buenos Aires no próximo dia 13 do corrente o Acadêmico Carlos Nejar, que falará sobre sua obra no Centro de Estudos Brasileiros daquela cidade.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho fez a conferência de encerramento do encontro da Associação Nacional de Professores de História, regional do Ceará, falando sobre "Rachel de Queiroz e o Nordeste", no dia 4 de julho, na Universidade Estadual do Ceará, em Quixadá.

PRÊMIO AFRÂNIO COUTINHO – Para celebrar o centenário de morte de um dos maiores escritores do país, a Academia Brasileira de Letras e a Petrobras realizam a segunda edição do Prêmio Afrânio Coutinho com o tema "Machado de Assis: o Crítico Literário". Universitários, jornalistas, professores da área de Ciências Humanas, pesquisadores e usuários que tenham registro na Biblioteca Rodolfo Garcia poderão se inscrever. A entrega dos trabalhos será no dia 29 de setembro.

QUINTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, terá início, no dia 22 de julho, às 17h30min, o quinto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Efemérides Acadêmicas". A primeira conferência será proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Otavio de Faria. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 29 de julho será proferida pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre Olegário Mariano; no dia 5 de agosto, a palestra estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Ribeiro Couto: 110 anos de nascimento"; no encerramento, dia 12 de agosto, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Luís Viana Filho.

ENCONTRO COM O ESCRITOR – O Acadêmico Antonio Olinto participa no dia 23 de julho, no PEN Clube do Brasil, do Encontro com o Escritor.

ANO XLVIII – N.º 24
Em 17 de julho de 2008

SESSÃO COMEMORATIVA DOS 111 ANOS DA ABL – Comemoram-se na sessão solene de hoje, dia 17 de julho, os 111 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras. Durante a solenidade serão entregues as Medalhas João Ribeiro à Embaixadora Vera Pedrosa e à antropóloga Lília Moritz Schwarcz, e os seguintes prêmios: o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra a Autran Dourado; o Prêmio ABL de Poesia a Izacyl Guimarães Ferreira, pelo livro *Discurso Urbano*; o Prêmio ABL de Ficção (premiação póstuma) a José Alcides Pinto, pelo livro *Tempo dos Mortos*; o Prêmio ABL de Ensaio a Laurentino Gomes, pelo livro *1808*; o Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil a Daniel Munduruku, pelo livro *O Olho Bom do Menino*; o Prêmio ABL de Tradução, dividido entre Leonardo Fróes, pelo conjunto de obras traduzidas, e Agenor Soares dos Santos, pelo livro *Guia Prático de Tradução Inglesa*; o Prêmio ABL de Cinema a Jurandir de Oliveira, pelo filme *O Quinze*; o Prêmio Francisco Alves de 2008, dividido entre Carlos Eduardo Falcão Uchoa, pelo livro *O Ensino da Gramática: Caminhos e Descaminhos* e Paulo Nathanael Pereira de Souza, pela monografia *Temas de Educação Fundamental*.

QUINTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, terá início no dia 22 de julho, às 17h30min, o quinto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Efemérides Acadêmicas". A primeira conferência será proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Otávio de Faria. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 29 de julho será proferida pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre Olegário Mariano; no dia 5 de agosto, a palestra estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Ribeiro Couto: 110 anos de nascimento"; no encerramento, dia 12 de agosto, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Luís Viana Filho.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. As inscrições encerraram-se no dia 21 de junho, e a eleição está marcada para o dia 21 de agosto.

CONVIDADOS – A Academia Brasileira de Letras recebeu o Embaixador do Brasil na Espanha, Dr. José Viegas Filho, e o Dr. Rafael Lopes de Andújar, Diretor Executivo da Fundação Hispano Brasileira, para reunião, às 10h30min, na Sala dos Presidentes, seguida de almoço às 12 horas no *Petit Trianon*. Os convidados foram recepcionados pelo Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, e pelos Acadêmicos Ivan Junqueira, Alberto da Costa e Silva, Evanildo Bechara, Eduardo Portella, Nélida Piñon, Murilo Melo Filho, Ana Maria Machado, José Murilo de Carvalho e Domício Proença Filho, e também pelo Dr. Antonio Carlos Athayde, Assessor de Imprensa, e pela Sra. Miriam Jakobson, Assessora de Relações Internacionais.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA "CIDADÃO CARIOCA – A Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro conferiu ao Acadêmico Marcos Vilaça o título de "Cidadão Carioca". O Decreto Legislativo, aprovado por unanimidade, considerou serviços prestados à cidade e as "públicas reiterações de amor ao Rio de Janeiro, onde também fixou residência.

LEITURAS DRAMATIZADAS – Realiza-se hoje, dia 17 de julho, às 18h30min, na programação das Leituras Dramatizadas, a leitura de *Capitu – Memórias Póstumas*, de Domício Proença Filho, que será feita pela atriz Fernanda Montenegro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Com seleção e prefácio do Acadêmico Ivan Junqueira, acaba de ser publicado, sob o selo da Global, "*Anos 30*", que integra a coleção *Roteiro da Poesia Brasileira*, criada pela escritora Edla van Steen para aquela editora. Até agora já saíram sete dos 15 títulos nela previstos.

EXPOSIÇÃO DE GONÇALO IVO – Será às 18h30min do próximo dia 22 (terça-feira) a inauguração, no Museu Nacional de Belas-Artes, da exposição de pinturas e objetos do artista plástico Gonçalo Ivo, que reside em Paris e estará presente no evento. Na ocasião será lançado o livro *Gonçalo Ivo*, de autoria do historiador de arte Fernando Cocchiarale, e editado pela Pinakotheke.

ANO XLVIII – N.º 25
Em 24 de julho de 2008

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 24 de julho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis" sobre "Linguagens da Periferia Urbana". Coordenação e exposição do Acadêmico Evanildo Bechara, terá como palestrantes Dino Preti, Heloisa Buarque de Holanda e Hudinilsson Urbano.

QUINTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, teve início no dia 22 de julho, às 17h30min, o quinto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Efemérides Acadêmicas". A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Otávio de Faria. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 29 de julho será proferida pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre Olegário Mariano; no dia 5 de agosto, a palestra estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Ribeiro Couto: 110 anos de nascimento"; no encerramento, dia 12 de agosto, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Luís Viana Filho.

10.º PRÊMIO ESCRITOR UNIVERSITÁRIO ALCEU AMOROSO LIMA – Será entregue, na sessão de hoje, dia 24 de julho, às 15h30min, o Prêmio Alceu Amoroso Lima – 2008, destinado a jovens universitários. É um evento promovido pelo CIEE em parceria com a Academia Brasileira de Letras.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. As inscrições encerraram-se no dia 21 de junho e, a eleição está marcada para o dia 21 de agosto.

PEREGRINO JR. – O Acadêmico Arnaldo Niskier recebeu do artista plástico Mário Mendonça um texto original de Peregrino Jr., que foi o ocupante anterior da Cadeira 18. Foi repassado ao Centro de Memória da ABL.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Amanhã, dia 25 de julho, realiza-se no Teatro R. Magalhães Jr. mais um concerto da Série Música de Câmara na ABL, "A música que Machado ouvia" (Clube Beethoven): Álvaro Siviero, piano e Rudá Alves, violino.

POSSE DO NOVO PRESIDENTE DA ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA – Como representante da Academia Brasileira de Letras e incumbido pelo seu Presidente, o Acadêmico Murilo Melo Filho esteve na semana passada em Brasília para assistir à sessão solene, realizada no "Memorial JK", de posse do Acadêmico José Carlos Gentili na presidência da Academia de Letras de Brasília.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Com seleção e prefácio do Acadêmico Ivan Junqueira, acaba de ser publicado, sob o selo da Global, "Anos 30", que integra a coleção *Roteiro da Poesia Brasileira*, criada pela escritora Edla van Steen para aquela editora. Até agora já saíram 7 dos 15 títulos nela previstos.

EXPOSIÇÃO DE GONÇALO IVO – À exposição do artista plástico Gonçalo Ivo no dia 22 do corrente mês, no Museu Nacional de Belas Artes, compareceram numerosos acadêmicos e pessoas da sociedade. Na ocasião foi lançado o livro *Gonçalo Ivo*, de autoria do historiador de arte Fernando Cocchiarale, editado pela Pinakotheke. Esta exposição estará franqueada ao público até o dia 7 de setembro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O livro *Brasileiro com Alma Africana: Antonio Olinto*, de José Luís Lira, editado pela Fundação Alexandre de Gusmão, será lançado no Palácio do Itamarati no dia 6 de agosto, às 17 horas.

INVENTÁRIO DA EDUCAÇÃO – No dia 13 de agosto, em Vitória, Espírito Santo, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência no CIEE local sobre "O inventário da educação brasileira".

ANO XLVIII – N.º 26

Em 31 de julho de 2008

EXPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – Inaugura-se hoje, dia 31 de julho, às 17h30min, na Biblioteca Rodolfo Garcia, a Exposição "Machado Vive – Dedicatórias".

LANÇAMENTO EM DVD – Com abertura do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, será lançado hoje, dia 31, às 18h30min, o DVD *Gregório de Mattos*, da cineasta Ana Carolina. Após a exibição haverá debate.

QUINTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, teve início no dia 22 de julho, às 17h30min, o quinto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Efemérides Acadêmicas". A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Otávio de Faria. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 29 de julho foi proferida pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre Olegário Mariano; no dia 5 de agosto, a palestra estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Ribeiro Couto: 110 anos de nascimento"; no encerramento, dia 12 de agosto, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Luís Viana Filho.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. As inscrições encerraram-se no dia 21 de junho e, a eleição está marcada para o dia 21 de agosto.

PRÊMIO CAMÕES 2008 – O Acadêmico João Ubaldo Ribeiro ganhou nesse sábado, dia 26 de julho, o Prêmio Camões de 2008, considerado o mais importante da literatura de língua portuguesa. João Ubaldo Ribeiro é o 8.º brasileiro a receber o prêmio criado pelos governos do Brasil e de Portugal há 20 anos. O primeiro brasileiro a ganhar este prêmio foi o Acadêmico João Cabral de Melo Neto, em 1990, seguido pela Acadêmica Rachel de Queiroz, (1993), Acadêmico Jorge Amado (1994), Antonio Cândido (1998), Autran Dourado (2000), Rubem Fonseca (2003) e a Acadêmica Lygia Fagundes Telles em 2005.

MUNDO DO LIVRO – Em São Paulo, nas sedes do SESC/Pinheiros e SESC/Santo André, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançou o livro *D.Quixote para Crianças* (Edições Europa), na promoção intitulada *Mundo do Livro*. Presente também o ilustrador Mário Mendonça.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado estará presente à I Bienal Internacional do Livro de Foz do Iguaçu, entre os dias 1.º a 3 de agosto, fazendo a palestra de abertura do seminário paralelo.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O livro *Brasileiro com Alma Africana: Antonio Olinto*, de José Luís Lira, editado pela Fundação Alexandre de Gusmão, será lançado no Palácio do Itamarati no dia 6 de agosto, às 17 horas.

INVENTÁRIO DA EDUCAÇÃO – No dia 13 de agosto, em Vitória, Espírito Santo, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência no CIEE local sobre "O inventário da educação brasileira".

MÚSICA POPULAR NA ABL – No próximo dia 5 de agosto, terça-feira, às 12h30min, no Teatro R.Magalhães Jr, na programação Música Popular na ABL, se apresenta A Bossa Eterna d'Os Cariocas.

ELEIÇÕES EM 31 DE JULHO – Nesta data, em 1997, era eleito o Acadêmico Antonio Olinto para a Cadeira 8 do Quadro dos Membros Efetivos, e em 2003, na mesma data, o Acadêmico Moacyr Scliar, para a Cadeira 31 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANO XLVIII – N.º 27

Em 07 de agosto de 2008

QUINTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, teve início no dia 22 de julho, às 17h30min, o quinto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Efemérides Acadêmicas". A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre Otávio de Faria. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 29 de julho foi proferida pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre Olegário Mariano; no dia 5 de agosto, a palestra esteve a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Ribeiro Couto: 110 anos de nascimento"; no encerramento, dia 12 de agosto, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Luís Viana Filho.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães

de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. As inscrições encerraram-se no dia 21 de junho e, a eleição está marcada para o dia 21 de agosto.

VOZES DA EDUCAÇÃO – Está no prelo o 12.º livro de crônicas do Acadêmico Arnaldo Niskier. O título será *Vozes da Educação*.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CELSO LAFER – Comemora-se hoje, dia 7 de agosto, o aniversário natalício do Acadêmico Celso Lafer, que ocupa a Cadeira 14 do Quadro dos Membros Efetivos.

CONFERÊNCIA SOBRE O PADRE ANTONIO VIEIRA – Sob a coordenação do Acadêmico Evanildo Bechara, realiza-se no próximo dia 14, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr. a conferência "Antonio Vieira no seu século e na história do futuro" proferida pelo Prof. Silvano Peloso, e debatedores: Professora Sonia Salomão e Prof. Evanildo Bechara.

REPRESENTAÇÃO – A Acadêmica Nélida Piñon representará a Academia Brasileira de Letras no dia 5 de setembro, quando o escritor José Neumanne, Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, estará tomando posse na Academia de Letras da Paraíba, em João Pessoa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara participará de mesa-redonda sobre a Língua Portuguesa no Brasil, na Feira Internacional do Livro de São Paulo.

INAUGURADO O SEMINÁRIO "UNIVERSOS DA LEITURA" – O Professor Ítalo Moriconi Júnior falou para um grupo de 90 professores e bibliotecários sobre "O conto contemporâneo", no Seminário "Universos da Leitura", promovido pela Biblioteca Rodolfo Garcia. Coube ao Acadêmico Murilo Melo Filho, diretor da Biblioteca, inaugurar o Seminário, que se prolongará durante os meses de agosto, setembro e outubro, com palestras e debates sobre a poesia, a crônica, o romance, a dramaturgia, a biografia, a memória, o ensaio e as bibliotecas.

D. LUCIANO DUARTE – Acaba de ser lançado em Sergipe, e foi doado à Biblioteca Rodolfo Garcia, o livro *Relato Biográfico de D. Luciano José Cabral Duarte*, antigo Arcebispo

de Aracaju e membro do Conselho Federal de Educação. A obra foi escrita por Gizelda Morais e editada pela Gráfica J.Andrade.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar recebeu, no dia 6 do corrente mês, o Prêmio do Instituto Literário e Cultural Hispânico, formado por escritores e professores de língua espanhola e sediado na Califórnia, EUA.

ANO XLVIII – N.º 28

Em 14 de agosto de 2008

SEXTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, terá início no dia 19 de agosto, às 17h30min, o sexto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana II". A primeira conferência será proferida pelo Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho sobre "A expressão do tempo na ficção de Machado de Assis". As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 26 de agosto será ministrada pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre "A linguagem de Machado de Assis". A do dia 2 de setembro será proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre "Machado reescrito"; no dia 9 de setembro, a palestra estará a cargo do Professor Hélio Guimarães sobre "A fortuna crítica de Machado de Assis"; a do dia 16 de setembro será proferida pela escritora Cecília Junqueira sobre "Biografias de Machado de Assis"; no dia 23 de setembro, a conferência estará a cargo de Alcides Vilaça sobre "A linhagem machadiana na ficção brasileira"; no encerramento, dia 30 de setembro, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre "Influências literárias inglesas em Machado de Assis"

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar. As inscrições encerraram-se no dia 21 de junho e, a eleição está marcada para o dia 21 de agosto.

CONFERÊNCIA SOBRE O PADRE ANTONIO VIEIRA – Sob a coordenação do Acadêmico Evanildo Bechara, realiza-se hoje, dia 14, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr. a conferência "Antonio Vieira no seu século e na história do futuro", proferida pelo Prof. Silvano Peloso; debatedores: Professora Sonia Salomão e Prof. Evanildo Bechara.

ACCADEMIA DELLA CRUSCA – A Academia Brasileira de Letras recebe, no próximo dia 25 de agosto, a visita da presidente da *Accademia della Crusca*, Dra. Nicoletta Maraschio, que fará nesta data às 17h30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, conferência intitulada "Una língua, una civiltà, il Vocabolario del 1612".

REPRESENTAÇÃO – A Acadêmica Nélida Piñon representará a Academia Brasileira de Letras no dia 5 de setembro, quando o escritor José Neumanne, Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, tomará posse na Academia de Letras da Paraíba, em João Pessoa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – Acaba de sair, publicado pela Editora Perspectiva, *Teatro em Foco*, do Acadêmico Sábato Magaldi.

VIEIRA E A LÍNGUA PORTUGUESA – Hoje, dia 14 de agosto, das 09h30min às 12 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier participou na PUC/RJ de um debate sobre "O Padre Vieira e a Língua Portuguesa".

MOSTRA ABL CINEMA E LITERATURA – No próximo dia 20 de agosto, às 18h30min, realiza-se no Teatro R.Magalhães Jr. a exibição do filme "O Quinze", baseado na obra homônima de Rachel de Queiroz. Direção de Jurandir de Oliveira, vencedor do Prêmio ABL de Cinema de 2008.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 11, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, proferiu a palestra "Machado de Assis" no I Simpósio Machado de Assis, realizado na UERJ em parceria com a UFRJ e a UFF. No dia 20, às 19h30, ele fará a conferência de abertura, intitulada "O horizonte das incertezas", no Ciclo "Machado de Assis, nosso contemporâneo", promovido pelo POP/ Pólo de Pensamento Contemporâneo.

ANO XLVIII – N.º 29
Em 21 de agosto de 2008

SEXTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho teve início, no dia 19 de agosto, às 17h30min, o sexto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana II". A primeira conferência foi proferida pelo Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho sobre "A expressão do tempo na ficção de Machado de Assis". As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 26 de agosto será ministrada pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre "A linguagem de Machado de Assis". A do dia 2 de setembro será proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre "Machado reescrito"; no dia 9 de setembro, a palestra estará a cargo do Professor Hélio Guimarães sobre "A fortuna crítica de Machado de Assis"; a do dia 16 de setembro será proferida pela escritora Cecília Junqueira sobre "Biografias de Machado de Assis"; no dia 23 de setembro, a conferência estará a cargo de Alcides Vilaça sobre "A linhagem machadiana na ficção brasileira"; no encerramento, dia 30 de setembro, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre "Influências literárias inglesas em Machado de Assis"

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Realiza-se hoje, dia 21 de agosto de 2008, a eleição para a Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Concorrem os Srs. Luiz Paulo Horta, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar.

MACHADO DE ASSIS EM NOVA YORK – A Biblioteca Machado de Assis, em Nova York, realiza, em setembro, semana de estudos em honra do escritor brasileiro, no ano do centenário de sua morte, com edição de monografias, palestras e exibição de filmes. O Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça, convidado, aceitou proferir a conferência de encerramento das solenidades.

ACCADEMIA DELLA CRUSCA – A Academia Brasileira de Letras recebe, no próximo dia 25 de agosto, a visita da presidente da *Accademia della Crusca*, Dra. Nicoletta Maraschio, que fará nesta data às 17h30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, conferência intitulada "Una língua, una civiltà, il Vocabolario del 1612".

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PAULO COELHO – Comemora-se no próximo dia 24 de agosto o aniversário natalício do Acadêmico Paulo Coelho, que ocupa a Cadeira 21 do Quadro dos Membros Efetivos.

VIAGEM DO PRESIDENTE DA ABL – O Presidente Cícero Sandroni esteve em São Luís do Maranhão sexta-feira passada, dia 15 de agosto, para a solenidade comemorativa do centenário de fundação da Academia Maranhense de Letras. No dia 18 do corrente mês, esteve em Belo Horizonte, na Academia Mineira de Letras, para a abertura da Semana Guimarães Rosa.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – Comemora-se no próximo dia 26 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alfredo Bosi, que ocupa a Cadeira 12 do Quadro dos Membros Efetivos.

REQUIEM, DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Será às 19h30min da próxima semana, quinta-feira, dia 28 de agosto, na Galeria Pinakotheke, na Rua São Clemente, 300, Botafogo, a noite de autógrafos de lançamento de *Réquiem*, o novo livro de poemas do Acadêmico Lêdo Ivo. Publicado pela editora Contracapa, é ilustrado com 18 pinturas de Gonçalo Ivo e um retrato do autor por Gianguido Bonfanti.

PEREGRINO JR. – Na quarta-feira, dia 20, as 16h, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou na sede da UBE sobre "Peregrino Jr., um escritor amazônico". Será no auditório da sociedade Nacional de Agricultura (Castelo).

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho participa, de 19 a 25 do mês em curso, como representante da Academia Brasileira de Letras, do Congresso Internacional sobre Machado de Assis e Guimarães Rosa, em Porto Alegre, onde falará sobre "A ironia no Conto Machadiano".

ANO XLVIII – N.º 30

Em 28 de agosto de 2008

SEXTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, teve início no dia 19 de agosto, às 17h30min, o sexto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana II". A primeira conferência foi proferida pelo Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho sobre "A expressão do

tempo na ficção de Machado de Assis". As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 26 de agosto foi ministrada pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre "A linguagem de Machado de Assis". A do dia 2 de setembro será proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre "Machado reescrito"; no dia 9 de setembro, a palestra estará a cargo do Professor Hélio Guimarães sobre "A fortuna crítica de Machado de Assis"; a do dia 16 de setembro será proferida pela escritora Cecília Junqueira sobre "Biografias de Machado de Assis"; no dia 23 de setembro, a conferência estará a cargo de Alcides Vilaça sobre "A linhagem machadiana na ficção brasileira"; no encerramento, dia 30 de setembro, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre "Influências literárias inglesas em Machado de Assis."

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Acabam de sair na Bienal de São Paulo, pela editora Novo Século, dois livros do Acadêmico Carlos Nejar: *Carta aos Loucos* e *Jonas Assombro.* Está saindo esta semana, com apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, comemorando os 100 anos da Urca, o seu livro de sonetos *O Inquilino da Urca*.

RÉQUIEM, DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Será às 19h30min de hoje, dia 28 de agosto, na Galeria Pinakotheke, na Rua São Clemente, 300, Botafogo, a noite de autógrafos de lançamento de *Réquiem*, o novo livro de poemas do Acadêmico Lêdo Ivo. Publicado pela Editora Contracapa, é ilustrado com 18 pinturas de Gonçalo Ivo e um retrato do autor por Gianguido Bonfanti. As obras reproduzidas no livro estarão expostas.

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - A Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou projeto que institui a Comissão Especial do Bicentenário da Independência do Brasil. Proposta pelo Senador e Acadêmico Marco Maciel, a comissão especial será responsável por organizar as comemorações dos 200 anos de independência do país, a serem celebrados em 2022.

PADRE VIEIRA NO IHGB – No dia 27, às 15h, houve no auditório do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio, um debate sobre "O Padre Antônio Vieira e a Língua Portuguesa". Um dos oradores foi o Acadêmico Arnaldo Niskier.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – No próximo dia 29 de agosto, sexta-feira, realiza-se no Salão Nobre do *Petit Trianon* o 7.º Concerto da Série Música de Câmara na ABL "A música que Machado ouvia" com Luís Carlos de Moura Castro ao piano. No programa obras de Chopin, Liszt e Nazareth.

MESTRES DA NARRATIVA HISPANO-AMERICANA: JUAN RULFO, MÁRIO VARGAS LLOSA, ISABEL ALLENDE, CARLOS FUENTES – A Acadêmica Nélida Piñon deu início ao curso de quatro classes na Casa do Saber, no Rio de Janeiro, que tem como título "Mestres da narrativa". Proferiu duas palestras na Bienal de São Paulo sob os títulos "Erotismo e sexualidade" e "Por que escrever?"

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO - A convite do Sesc, a Acadêmica Ana Maria Machado participou, no dia 16 de agosto, do projeto "De quem é essa história?", tendo um encontro com leitores em Araraquara. Dia 23 esteve na Bienal de S. Paulo, onde falou sobre "O ser romancista hoje", no Sarau Jabuti, espaço dos ganhadores do Premio Jabuti. Dia 25, também em S. Paulo, conversou com leitores na Livraria Cultura, como parte da programação Circuito da Palavra.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar proferiu, no dia 14 de agosto, conferência na Feira do Livro de Criciúma, SC. Participou ainda de várias conferências na Bienal do Livro de São Paulo, incluindo "Machado, a dimensão humana".

ARQUIVO MEMÓRIA OPERÁRIA DO RIO DE JANEIRO – Aconteceu no dia 27 de agosto, às 15h, na Sala Evaristo de Moraes Filho, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, o lançamento da Biblioteca Virtual Evaristo de Moraes Filho.

ANO XLVIII – N.º 31

Em 04 de setembro de 2008

SEXTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, teve início no dia 19 de agosto, às 17h30min, o sexto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana II". A primeira conferência foi proferida pelo Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho sobre "A expressão do tempo na ficção de Machado de Assis". As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 26 de agosto foi ministrada pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre "A linguagem de Machado de Assis". A do dia 2 de setembro foi proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre "Machado reescrito"; no dia 9 de setembro, a palestra estará a cargo do Professor Hélio Guimarães sobre "A fortuna crítica de Machado de Assis"; a do dia 16 de setembro será proferida pela escritora Cecília Junqueira sobre "Biografias de Machado de Assis"; no dia 23 de setembro, a conferência

estará a cargo de Alcides Vilaça sobre "A linhagem machadiana na ficção brasileira"; no encerramento, dia 30 de setembro, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre "Influências literárias inglesas em Machado de Assis"

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – A convite da Academia Goiana de Letras, o Acadêmico Carlos Nejar fará no dia 9 de setembro, às 17h, conferência sobre Literatura Brasileira.

O PODER DA DISCIPLINA – O Acadêmico Arnaldo Niskier falará no Seminário Literatura e Letras Brasil-Japão, em comemoração aos 100 anos da imigração japonesa no Brasil, sobre "O poder da disciplina", no *Petit Trianon*.

FUNDAÇÃO JOSÉ SARNEY – O Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça foi indicado para fazer parte do Conselho Curador da Fundação José Sarney, representando a Academia Brasileira de Letras.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – Será lançado no dia 10 de setembro, às 17h, no Liceu Literário Português, o livro E*ntre Laços entre Textos*, publicado pela Editora Nova Fronteira e Liceu Literário Português, em homenagem aos 80 anos do Acadêmico.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – No dia 28 de agosto, o Acadêmico Domício Proença Filho participou, no Colégio Militar, como representante da ABL, do Seminário sobre Machado de Assis, quando discorreu sobre "Machado de Assis e a Academia Brasileira de Letras".

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar deu palestras na cidade de Uberaba, Contagem, Montes Claros, Uberlândia (MG) e Bauru (SP) sobre literatura em geral e sobre Machado de Assis, em particular.

O LABIRINTO E OS SINAIS – Por intermédio do Acadêmico Arnaldo Niskier, o professor Silvio Castro ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia o seu último livro: *Il Labirinto e I Segni - Exercício de Crítica da Arte no Período de 1970 a 2006*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY- De 3 a 6 de Setembro, o acadêmico Ivo Pitanguy participará, na qualidade de Presidente de Honra, da Rhino Bahia 2008 que terá lugar em Salvador. Na ocasião falará sobre A Evolução das Rinoplastias ao longo dos anos.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO – No dia 25de setembro, na série Brasil, brasis, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência sobre "Liberdade de Expressão".

MISSA EM MEMÓRIA DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – Será celebrada, no dia 29 do corrente mês, às 11h, na Igreja de Santa Luzia, missa em memória do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO - A acadêmica Ana Maria Machado viaja dia 4 de setembro para a Dinamarca, onde participa em Copenhague do Congresso do IBBY International Board on Books for Young people, proferindo uma conferencia sobre as relações entre as histórias e a História. Em seguida, terá atividades ligadas ao lançamento de traduções dinamarquesa e sueca de seu livro *Do Outro Mundo*.

ANO XLVIII – N.º 32

Em 11 de setembro de 2008

SEXTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, teve início no dia 19 de agosto, às 17h30min, o sexto ciclo de conferências da Academia que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana II". A primeira conferência foi proferida pelo Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho sobre "A expressão do tempo na ficção de Machado de Assis". As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 26 de agosto foi ministrada pelo Acadêmico Evanildo Bechara sobre "A linguagem de Machado de Assis". A do dia 2 de setembro foi proferida pela Acadêmica Ana Maria Machado sobre "Machado reescrito"; no dia 9 de setembro, a palestra esteve a cargo do Professor Hélio Guimarães sobre "A fortuna crítica de Machado de Assis"; a do dia 16 de setembro será proferida pela escritora Cecília Junqueira sobre "Biografias de Machado de Assis"; no dia 23 de setembro, a conferência estará a cargo de Alcides Vilaça sobre "A linhagem machadiana na ficção brasileira"; no encerramento, dia 30 de setembro, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre "Influências literárias inglesas em Machado de Assis".

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 11 a 13 de setembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy será homenageado durante o International Symposium of Oncological Aesthetic and Reconstructive Breast Surgery, com o título de "Giant of the Specialty". Apresentará a conferência: "A Minha História na Cirurgia Plástica das Mamas". O evento será no Hotel Sofitel, Rio de Janeiro.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – Realiza-se na quinta-feira, dia 18 do corrente, às 17h30min, a mesa-redonda comemorativa dos oitenta anos do Acadêmico Tarcísio Padilha. Participarão desta mesa os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Ivan Junqueira e Luiz Paulo Horta.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – Comemorou-se no dia 8 de setembro, o aniversário natalício do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que ocupa a Cadeira 5 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo encontra-se em Buenos Aires, onde permanecerá de 9 a 12 do corrente para participar da celebração da Semana do Brasil no Congresso Argentino, com vários eventos e a presença de autoridades.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MINDLIN – Transcorreu no dia 8 do corrente mês, o aniversário natalício do Acadêmico José Mindlin, que ocupa a Cadeira 29 do Quadro dos Membros Efetivos.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Realiza-se no dia 19 de setembro, no Teatro R. Magalhães Jr., mais um concerto da Série Música de Câmara na ABL, "A voz como instrumento" (Ópera no Rio). Soprano, Edna d'Oliveira; barítono Licio Bruno; e ao piano Elizabeth Mucha.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu, no dia 6 do corrente mês, conferência sobre o tema "Alphonsus de Guimaraens:o dobro do poeta", no encerramento do I Simpósio Internacional de Poesia, da Universidade de Brasília.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho participa, entre 18 e 21 de setembro, na Universidade de Notre Dame, Estados Unidos, do seminário "*The Origins of Democracy in the America's, 1770s-1870s*", em que apresentará trabalho sobre "*Electoral Participation in 19th Century Brazil: one Step Forward, two Steps Backward*". No dia 22, faz conferência na *Universidade de Illinois, Champaign-Urbana*, sobre "*Joaquim Nabuco and the British Abolitionists*".

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – A partir deste mês até outubro, o Acadêmico Antonio Olinto fará conferência sobre a "Alma da Literatura e o Ofício da Palavra", na Universidade ni-Sinos de São Leopoldo (RS); em seguida irá a Uberaba, em cuja Academia falará sobre a ficção de Geraldo França de Lima; em Fortaleza (CE), falará sobre a África, terminando a viagem em Sobral, onde participará do lançamento do livro de José Luís Lira, *Antonio Olinto, Brasileiro com Alma Africana*, editado pela Fundação Alexandre de Gusmão, do Itamaraty, e pelo Instituto Cultural Antonio Olinto.

ANO XLVIII – N.º 33
Em 18 de setembro de 2008

SEXTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, teve início no dia 19 de agosto, às 17h30min, o sexto ciclo de conferências da Academia que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana II". A próxima conferência, dia 23 de setembro, estará a cargo de Alcides Vilaça sobre "A linhagem machadiana na ficção brasileira"; no encerramento, dia 30 de setembro, a conferência será ministrada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre "Influências literárias inglesas em Machado de Assis".

HOMENAGEM AO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – Realiza-se hoje, dia 18 do corrente, às 17h30min, a mesa-redonda comemorativa dos oitenta anos do Acadêmico Tarcísio Padilha. Participarão desta mesa os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Ivan Junqueira e Luiz Paulo Horta.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se no próximo dia 25 de setembro, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis" sobre "Liberdade de expressão: a base da democracia". Coordenação e exposição do Acadêmico Arnaldo Niskier: Palestrantes José Marques de Mello, Eugênio Bucci, Gilmar Mendes, Lúcia Hipólito e Sérgio Bermudes.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélida Piñon proferiu palestra no Circuito da Palavra, em São Paulo, no dia 1.º de setembro, promoção da Livraria Cultura S/A. No dia 8 do corrente mês, esteve em João Pessoa, representando a ABL, na posse de José Nêumanne Pinto para a Academia Paraibana de Letras. No próximo dia 20 estará em Belém participando da XII Feira Pan-Amazônica do Livro. Na ocasião, fará palestra no Centro de Convenções da Amazônia.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Realiza-se amanhã, dia 19 de setembro, no Teatro R. Magalhães Jr., mais um concerto da Série Música de Câmara na ABL, "A voz como instrumento" (Ópera no Rio). Soprano, Edna d'Oliveira; barítono, Licio Bruno; ao piano Elizabeth Mucha.

A ÁFRICA – EXPLICADA AOS MEUS FILHOS – Realiza-se no dia 22 de setembro, às 20 horas, na Livraria Argumento, Rua Dias Ferreira 417, Leblon, o lançamento do livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva: *A África – Explicada aos Meus Filhos.*

CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA – Em comemoração ao Jubileu de Ouro da União Brasileira de Escritores – RJ, realiza-se, no Teatro da Faculdade CCAA, de 23 a 25 de setembro, o Congresso Brasileiro de Escritores de Língua Portuguesa, homenageando Machado de Assis, Guimarães Rosa, Evanildo Bechara, Antonio Olinto e Stella Leonardos. O Acadêmico Cícero Sandroni fará a palestra "A herança machadiana", no dia 23, às 10h30min.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Hoje, dia 18 de setembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Barbacena para receber o título de Professor *Honoris Causa* da Faculdade de Medicina de Barbacena. Falará sobre a Formação do Cirurgião Plástico.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho representou a Academia no Seminário sobre Machado de Assis, organizado pela PUC-Rio e pela Globo-Universidade, no dia 3, com conferência sobre "Capitu – memórias póstumas: um diálogo intertextual". Participou ainda, no dia 8, das homenagens a Evanildo Bechara e a Machado de Assis, com conferência sobre "O conto machadiano", no Ciclo de Palestras organizado pelo Liceu Literário Português.

POESIA DO ACADÊMICO LÊDO IVO – A Editora Alforja, do México, acaba de lançar simultaneamente dois livros de poesia do Acadêmico Lêdo Ivo. O primeiro é uma edição bilíngüe de *Réquiem* – cuja edição em língua portuguesa foi publicada há duas semanas pela editora Contracapa – tradução do poeta Jorge Lobillo e introdução do professor e brasilianista Eduardo Langagne. O segundo é uma ampla antologia intitulada *Poesía en General*, que abrange todo o seu percurso poético. A tradução e a apresentação são do poeta argentino Rodolfo Alonso, consagrado tradutor da poesia brasileira, já distinguido pela ABL com as Palmas Acadêmicas.

ANO XLVIII – N.º 34
Em 25 de setembro de 2008

CENTO E DEZ ANOS DE AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE – Comemora-se hoje, 25 de setembro, os cento e dez anos de nascimento do saudoso Acadêmico Austregésilo de Athayde, que ocupou a Cadeira 8 do Quadro dos Membros Efetivos e foi Presidente da ABL de 1959 a 1993.

CENTENÁRIO DE MORTE DE MACHADO DE ASSIS – Realiza-se segunda-feira, dia 29 de setembro, às 15 horas, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, a sessão solene comemorativa do Centenário da Morte de Machado de Assis, com a presença do Presidente da República.

SEXTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, teve início no dia 19 de agosto, às 17h30min, o sexto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "Aspectos da Literatura Machadiana II". A conferência de encerramento, dia 30 de setembro, no mesmo horário, será ministrada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre "Influências literárias inglesas em Machado de Assis"

SEMINÁRIO "BRASIL, BRASIS" – Realiza-se hoje, dia 25 de setembro, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis" sobre "Liberdade de expressão: a base da democracia". Coordenação e exposição do Acadêmico Arnaldo Niskier e palestrantes José Marques de Mello, Eugênio Bucci, Célio Borja, Lúcia Hipólito e Sérgio Bermudes.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA– O Acadêmico Ivan Junqueira foi contemplado com o Prêmio Jabuti, na categoria de poesia, outorgado pela Câmara Brasileira do Livro. A entrega da láurea será no dia 31 de outubro, em São Paulo.

MISSA EM MEMÓRIA DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – Será celebrada no dia 29 do corrente mês, às 11h, na Igreja de Santa Luzia, missa em memória do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin publicou, pela editora Desiderata (Ediouro), as antologias *As Cidades e as Musas*, de Manuel Bandeira, e *Palavras e Pétalas*, de Cecília Meireles. O

Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez a seleção dos textos e foi o organizador e o prefaciador dos dois volumes. No dia 29 de setembro, dará a palestra "Alencares e Assis" no Colóquio Internacional sobre Machado de Assis promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

JOSUÉ DE CASTRO – No dia 2 de outubro, quinta-feira, às 17h30min, a ABL comemora o centenário do nascimento do cientista Josué de Castro. Serão oradores o Acadêmico Arnaldo Niskier e as professoras Elizabeth Accioly e Ana Maria de Castro (filha do homenageado).

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Foi outorgado ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos o Prêmio da Federação Internacional dos Arquivos de Filme (FIAF), de 2008. A cerimônia de entrega deste prêmio acontece hoje, dia 25 de setembro, durante o Festival Internacional de Cinema de San Sebastian, Espanha. Nas últimas edições os premiados foram: Martin Scorcese – 2001; Manuel de Oliveira – 2002; Ingmar Bergman – 2003; Geraldine Chaplin – 2004; Mike Leigh – 2005; e Peter Bogdanovich - 2007.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar terá seu livro *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, publicado nos Estados Unidos (*University of Texas Press*). O livro já tem tradução em francês, italiano e espanhol.

CICLO DE CONFERÊNCIA PROMOVIDO PELA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – Terminou segunda-feira o primeiro módulo do Ciclo de Conferências instalado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, que terá prosseguimento com o segundo módulo, a ser aberto no próximo dia 6 de outubro com uma palestra da escritora Laura Sandroni, que falará sobre os "Sentidos e as responsabilidades dos espaços de leitura".

OI, GENTE – Acaba de ser impresso o livro *Oi, Gente*, antologia organizada pelo Acadêmico Evanildo Bechara para a Secretaria Estadual de Cultura e destinada a alunos do 2.º segmento do ensino fundamental e do ensino médio. Será distribuída a alunos da rede pública.

ANO XLVIII – N.º 35
Em 2 de outubro de 2008

CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DA MORTE DE MACHADO DE ASSIS – Realizou-se segunda-feira passada, dia 29 de setembro, a celebração do centenário da morte de Machado de Assis e assinatura dos Decretos de Promulgação do Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e de Implementação do mesmo instrumento. O orador da solenidade foi o Acadêmico Eduardo Portella. Presentes sua Excelência o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; o Embaixador de Portugal, Senhor Antonio Almeida Lima; o Senhor Juca Ferreira, Ministro da Cultura; o Senhor Fernando Haddad, Ministro da Educação; o Embaixador Samuel Pinheiro de Guimarães, Ministro Interino das Relações Exteriores; e o Senhor Sérgio Cabral, Governador do Estado do Rio de Janeiro.

JOSUÉ DE CASTRO – Realiza-se hoje, 2 de outubro, às 17h30min, na ABL, a comemoração do centenário de nascimento do cientista Josué de Castro. Serão oradores o Acadêmico Arnaldo Niskier e as professoras Elizabeth Accioly e Ana Maria de Castro.

SÉTIMO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, terá início no dia 7 de outubro, às 17h30min, o sétimo ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "A Imprensa Régia". A primeira conferência será proferida pela escritora Isabel Lustosa sobre "A Imprensa Régia – 200 anos". A conferência de encerramento, dia 14 de outubro, será ministrada por Maria Beatriz Nizza, que falará sobre "A Imprensa no período joanino".

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – Comemora-se no próximo dia 8 de outubro o aniversário natalício do Acadêmico Eduardo Portella, que ocupa a Cadeira 27 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – Do dia 1.º a 11 de outubro, o Acadêmico Evanildo Bechara estará representando a Academia Brasileira de Letras nos colóquios de Língua Portuguesa em Bragança (Portugal) e Santiago de Compostela (Espanha). No dia 15 receberá, em São Paulo, o Troféu Guerreiro da Educação, promoção do CIEE e da *Folha de São Paulo*, ocasião em que será saudado pelo Dr. Ives Gandra Martins, agraciado com o Troféu em 2007.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINICIOS VILAÇA – O Acadêmico e Ministro Marcos Vinicios Vilaça representará o Brasil em reuniões de Tribunais de Contas no Japão e na China, em datas de outubro. A reunião é promovida pela Organização Internacional das Cortes de Contas, de que o Brasil é dirigente e onde tem grande liderança.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos participou nos Estados Unidos, no Princeton and Graduate Center, de um Book Exhibit and Symposium que teve início a 17 de setembro. Nos dias 18 e 20 de setembro foram exibidos seus filmes a "Missa do Galo" e "Asilo Muito Louco".

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar ganhou o Prêmio Mário Quintana de 2008, da UBE, Rio de Janeiro, pelo seu livro *Canções*.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélida Piñon esteve no dia 27 de setembro, em Caxias do Sul, participando da Feira do Livro daquela cidade gaúcha, onde proferiu, no auditório da Praça Dante Alighieri, uma palestra sobre o tema "A arte de inventar histórias". No dia 29 de setembro, em Catanduva, na Flic – Feira Literária Colegial, proferiu, no Colégio Ressurreição Nossa Senhora do Calvário, conferência sob o título "A cidade na obra e na imaginação de Machado de Assis", e no dia 1.º de outubro, no Sesc Paraná, em Curitiba, falou sobre "Rio de Janeiro e a ficção Machadiana".

NOTICIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Por um problema de saúde na família da entrevistadora, estão sedo cancelados os eventos programados para hoje, dia 2 de outubro, em São Paulo, na Livraria da Vila, e dia 3 de outubro, no Rio, na Livraria Travessa do Leblon. A Acadêmica Ana Maria Machado debateria com a jornalista Miriam Leitão questões ligadas à leitura contemporânea de obras de ficção, a partir do relançamento da coleção de sete de seus romances pela editora Nova Fronteira. As novas datas serão anunciadas oportunamente.

ANO XLVIII – N.º 36
Em 09 de outubro de 2008

SÉTIMO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, teve início no dia 7 de outubro, às 17h30min, o sétimo ciclo de conferências da Academia, que versa sobre "A Imprensa Régia". A primeira conferência foi proferida pela escritora Isabel Lustosa sobre "A Imprensa Régia – 200 anos". A conferência de encerramento, dia 14 de outubro, será ministrada pela historiadora portuguesa Maria Beatriz Nizza da Silva, que falará sobre "A Imprensa no período joanino".

SELEÇÃO DA OBRA MUSICAL DE ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY – Realiza-se hoje, 9 de outubro, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o recital da pianista Sylvia Maltese, que apresentará uma seleção da obra musical de Alfredo D'Escragnolle Taunay.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi convidado, na condição de professor titular associado, para dar um curso de Literatura Brasileira na Universidade da Sorbonne, nos meses de janeiro e fevereiro de 2009.

ORDEM DO MÉRITO CULTURAL – Indicado por um grupo de membros da Academia Brasileira de Letras, o colecionador Marcantonio Vilaça foi agraciado, pelo Presidente da República, com a Ordem Nacional do Mérito (*post mortem*). O ato de outorga ocorreu no dia 7 de outubro, no Teatro Municipal, e o homenageado esteve representado pelo irmão Rodrigo Otaviano, na ausência dos pais, que se encontram no Exterior.

NOTICIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélida Piñon esteve em Madri, de 6 a 8 de outubro, onde lançou o seu livro *Aprendiz de Homero*, publicado pela editora Alfaguara. Hoje, dia 9, faz o lançamento em Santiago de Compostela e, no dia 11, em Barcelona. Dia 13 vai a Toledo, convidada a participar da cerimônia de entrega do Prêmio Dom Quixote de la Mancha ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao escritor mexicano Carlos Fuentes.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA –A convite da Academia Maranhense de Letras, que está comemorando este ano seu centenário de fundação, o Acadêmico Ivan Junqueira pronunciará em São Luís, no próximo dia 7 de novembro, no salão nobre daquela instituição, a conferência "Gonçalves Dias e o Romantismo".

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Comemora-se no próximo dia 13 de outubro o aniversário natalício do Acadêmico Murilo Melo Filho, que ocupa a Cadeira 20 do Quadro dos Membros Efetivos.

VISITA GUIADA – A Escola Sesc de Ensino Médio, recém-inaugurada no Rio de Janeiro, realizou três visitas guiadas dos seus 170 alunos à Exposição sobre Machado de Assis, que se encontra aberta nos Salões da ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – De 15 a 26 de outubro, o Acadêmico Domício Proença Filho estará representando a Academia Brasileira de Letras em Portugal, nos seminários denominados Jornadas Machadianas, ocasião em que pronunciará conferências sobre Machado de Assis nas Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto. Integrará também o grupo de Acadêmicos da Casa que participará, em Madri, do seminário em homenagem ao escritor na Casa de América.

HOMENAGEM – O Acadêmico Evanildo Bechara receberá do CIEE/SP, no dia 15 de outubro, o título de "Professor Emérito de 2008 – Troféu Guerreiro da Educação". Será saudado pelo Dr. Ives Gandra Martins, da Academia Paulista de Letras. A Academia Brasileira de Letras será representada pelos Acadêmicos Lygia Fagundes Telles e Arnaldo Niskier.

MISSA DO GALO EM SÃO PAULO – No dia 29 de outubro, em São Paulo, no Teatro do CIEE, o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos apresentará o filme "Missa do Galo", baseado no conto homônimo de Machado de Assis.

ANO XLVIII – N.º 37

Em 16 de outubro de 2008

"SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 16, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário "Brasil, brasis" sobre "Os rumos da Fé no Brasil contemporâneo". Coordenação Geral: Acadêmico Cícero Sandroni; coordenação e exposição: Acadêmico Candido Mendes de Almeida; palestrantes Maria Clara Bingemer, Maria Helena Arrochellas, Luiz Alberto Gomes de Souza e Pe. José Oscar Beoso.

OITAVO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, terá início no dia 21 de outubro, às 17h30min, o oitavo ciclo de conferências

da Academia, sobre "Artur Azevedo". A primeira conferência será proferida pelo Acadêmico Sábado Magaldi sobre "O Teatro de Artur Azevedo". A conferência de encerramento, dia 28 de outubro, será ministrada pela crítica de teatro Bárbara Heliodora, que falará sobre "Artur Azevedo".

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – Amanhã, 17 de outubro, a Acadêmica Nélida Piñon participará em Madri, junto com seus confrades da Academia Brasileira de Letras que ali se encontram, do evento organizado conjuntamente com a Embaixada do Brasil e a *Fundación Cultural Hispano-Brasileña*, em homenagem a Machado de Assis. Do dia 18 a 21, cumprirá agenda de trabalho.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Comemora-se no próximo dia 22 de outubro o aniversário natalício do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que ocupa a Cadeira 7 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Hoje, dia 16 de outubro, a partir das 19h, o Acadêmico Ivo Pitanguy lança na Livraria da Travessa no Shopping Leblon o livro *Cartas a um Jovem Cirurgião*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO PAULO COELHO – Na noite de 15 de outubro, na Feira do Livro de Frankfurt 2008, mais de 30 editores do mundo comemoraram com o Acadêmico Paulo Coelho os 100 milhões de exemplares de seus livros já vendidos. Nessa ocasião recebeu o diploma oficial do livro *Guinness World Records*, como o escritor vivo mais traduzido no mundo.

VISITA OFICIAL DO SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CPLP – No próximo dia 23 de outubro, o Dr. Domingos Simões Pereira, Secretário-Executivo da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, visitará a Academia Brasileira de Letras, ocasião em que será recebido em sessão plenária pelo Secretário-Geral da Academia, Acadêmico Ivan Junqueira, que estará no exercício da Presidência.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – É dedicado ao Acadêmico Lêdo Ivo o congresso "Encontro dos Poetas do Mundo Latino" que se realiza no México, ao longo desta quinzena, com a participação de 60 representantes dos países da Latinidade. Ao homenageá-lo, os organizadores do congresso se fundamentaram em sua presença e atuação no cenário de poesia latino-americana, como "criador de uma nova tradição verbal na América ibérica". O Acadêmico Lêdo Ivo, que esteve no México

nas últimas semanas para o lançamento de dois livros de poesia, *Réquiem* e *Poesia en General*, e no "XIII Congresso Internacional de Escritores", realizado na cidade de Monterrey, retornou hoje àquele país para, na condição de convidado de honra, receber pessoalmente a homenagem e participar do Encontro.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve de 12 a 14 de outubro em Buenos Aires, onde participou da mesa da abertura do Congresso Internacional de Literatura Infantil na Biblioteca Nacional. Em seguida foi para Madrid, onde se junta ao grupo dos Acadêmicos que representam a ABL no evento organizado conjuntamente com a Embaixada do Brasil e a *Fundación Cultural Hispano-Brasileña*, em homenagem a Machado de Assis. Participará então da mesa-redonda sobre o imaginário na obra do escritor. Fará também uma conferência dia 22 na Universidade de Barcelona sobre o tema "Presenças de Intertextualidades na Literatura Infanto-Juvenil Contemporanea" e estará dias 23 e 24 em Huelva, onde dará a palestra de abertura das IV Jornadas Aragonesas de Bibliotecas, Leitura e Escrita.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vilaça foi homenageado ontem, em Tóquio, durante um coquetel pelos guardas-marinha do Navio-Escola *Brasil*, ao qual estiveram presentes o embaixador Castro Neves e diplomatas brasileiros, além do Adido Naval Comandante Paulo Girão.

ANO XLVIII – N.º 38

Em 23 de outubro de 2008

VISITA OFICIAL DO SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CPLP – A Academia Brasileira de Letras recebe hoje, dia 23 de outubro, o Dr. Domingos Simões Pereira, Secretário-Executivo da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que será recebido em sessão plenária pelo Secretário-Geral da Academia, Acadêmico Ivan Junqueira, que estará no exercício da Presidência.

OITAVO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, teve início no dia 21 de outubro, às 17h30min, o oitavo ciclo de conferências da Academia, sobre "Artur Azevedo". A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Sábado Magaldi sobre "O Teatro de Artur Azevedo". A conferência de encerramento, dia 28 de outubro, será ministrada pela crítica de teatro Bárbara Heliodora, que falará sobre "Artur Azevedo".

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO LUIZ PAULO HORTA – Está marcada para o dia 28 de novembro, às 21 horas, no Salão Nobre da Academia, a posse do Acadêmico Luiz Paulo Horta na Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos. Será recebido pelo Acadêmico Tarcísio Padilha.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA –A convite da Academia Maranhense de Letras, que está comemorando este ano seu centenário de fundação, o Acadêmico Ivan Junqueira pronunciará em São Luís, no próximo dia 7 de novembro, no salão nobre daquela instituição, a conferência "Gonçalves Dias e o Romantismo".

MISSA DO GALO EM SÃO PAULO – No dia 29 de outubro, em São Paulo, no Teatro do CIEE, o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos apresentará o filme "Missa do Galo", baseado no conto homônimo de Machado de Assis.

"CARLOTA JOAQUINA – DUAS VISÕES DE PALCO" – Realizou-se no Teatro R. Magalhães Jr., às 18 horas do dia 20 do corrente, a primeira leitura dramatizada de "Carlota Joaquina", texto de R. Magalhães Jr., direção de Aderbal Freire Filho, com Marieta Severo. No próximo dia 27, no mesmo horário, realiza-se a leitura de "Carlota Rainha", texto de Roberto Athayde, direção de Dudu Sandroni, com Stella Miranda.

LANÇAMENTO – No dia 17 de novembro, às 18h30min, o Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça receberá homenagem da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Na ocasião, será lançado o livro *Para Além do Pórtico*, de autoria do ex-presidente da Academia Brasileira de Letras.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – O Acadêmico Sábato Magaldi esteve em Belo Horizonte, a convite da Academia Mineira de Letras, onde fez palestras sobre "A função da crítica teatral" e lançou seu livro *Teatro em Foco*. Foi recebido no Aeroporto pelo ex-Governador e Senador Francelino Pereira e deu várias entrevistas para os jornais e televisões locais.

MACHADO NO SESC – Na Escola Sesc de Ensino Médio, na Barra da Tijuca, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará aos alunos do novo educandário sobre "As visões modernas de Machado de Assis".

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No próximo dia 30, quinta-feira, o Acadêmico Ivo Pitanguy encerra o módulo sobre "Desafios da Medicina Hoje",

integrante dos cursos organizados pela Casa do Saber para o ano de 2008. Na ocasião falará sobre "O corpo e o tempo".

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho participa do IX Foro Iberoamérica em Sevilha, entre 22 e 24 de outubro. Apresenta trabalho sobre o bicentenário da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro.

CULTURA E DEMOCRACIA – Acaba de ser lançada a publicação *Cultura e Democracia*, escrita pelo Acadêmico Arnaldo Niskier e que integra a coleção "Cadernos CIEE".

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Realiza-se amanhã, dia 24 de outubro, no Teatro R. Magalhães Jr., o IX Concerto da Série Música de Câmara na ABL. "A música que Machado ouvia" com o quinteto formado por Thiago Tavares, clarineta, Marisol Infante e Dhyan Lucas, violinos, Diemerson Sena, viola, e Martina Ströher, violoncelo. Obras de Mozart e Brahms.

ANO XLVIII – N.º 39
Em 30 de outubro de 2008

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, 30 de outubro, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do "Seminário Brasil, brasis", sobre "No balanço da Bossa Nova: meio século de sedução". Coordenação-Geral do Acadêmico Cícero Sandroni e com coordenação e exposição da Acadêmica Ana Maria Machado. Palestrantes: Roberto Menescal, Ruy Castro e Sérgio Cabral.

NONO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, terá início no dia 4 de novembro, às 17h30min, o nono Ciclo de Conferências da Academia, sobre "100 anos de morte de Machado de Assis". A primeira conferência será proferida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre "A educação em Machado de Assis". A conferência do dia 11 de novembro será ministrada pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre "A medicina em Machado de Assis". No dia 18 de novembro, a palestra estará a cargo do Professor Gustavo Franco, "A economia em Machado de Assis". No dia 25 de novembro, a conferência será ministrada pelo Professor João Adolfo Hansen sobre "A política em Machado de Assis". No dia 2 de dezembro, a palestra estará a cargo da pesquisadora Maria Clara Bingemer e do Acadêmico Antonio Olinto,

que discorrerão sobre "A religião em Machado de Assis". No dia 9 de dezembro, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida falará sobre "A filosofia em Machado de Assis". A conferência de encerramento ocorrerá no dia 16 de dezembro e estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho, sobre "Machado de Assis, presidente da ABL".

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO LUIZ PAULO HORTA – Está marcada para o dia 28 de novembro, às 21 horas, no Salão Nobre da Academia, a posse do Acadêmico Luiz Paulo Horta na Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos. Será recebido pelo Acadêmico Tarcísio Padilha.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite da Academia Maranhense de Letras, que está comemorando este ano seu centenário de fundação, o Acadêmico Ivan Junqueira pronunciará em São Luís, no próximo dia 7 de novembro, no salão nobre daquela instituição, a conferência "Gonçalves Dias e o Romantismo".

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO – Comemora-se amanhã, dia 31 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico João de Scantimburgo, que ocupa a Cadeira 36 do Quadro dos Membros Efetivos.

LANÇAMENTO – No dia 17 de novembro, às 18h30min, o Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça receberá homenagem da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Na ocasião, será lançado o livro *Para Além do Pórtico*, de autoria do ex-presidente da Academia Brasileira de Letras.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA– Comemora-se no dia 3 de novembro o aniversário natalício do Acadêmico Ivan Junqueira, que ocupa a Cadeira 37 do Quadro dos Membros Efetivos.

HOMENAGEM A ÁLVARO MOREYRA – Realiza-se no Teatro R. Magalhães Jr., às 17h30min no próximo dia 6 de novembro, a mesa-redonda comemorativa dos 120 anos de nascimento de Álvaro Moreyra. Participam Sandra Moreyra, Mario Moreyra e o Acadêmico Carlos Nejar.

PRÊMIO AFRÂNIO COUTINHO – A entrega do Prêmio Afrânio Coutinho, que estava marcada para hoje, dia 30 de outubro, foi adiada para o dia 6 de novembro de 2008, às 16 horas, na Sessão Plenária da ABL.

NOTÍCIAS DO SÓCIO CORRESPONDENTE DA ABL, PROFESSOR CLAUDE HULET – O Sócio Correspondente da ABL, Professor Claude L. Hulet enviou à ABL, para conhecimento dos Acadêmicos, a programação do "XXXII *Symposium Portuguese Traditions*", por ele organizado há 32 anos. Comunicou ainda que se encontra no prelo o número 8 da Revista do SPT, *Crossroads*, com 250 páginas. A convite da *University of Foreign Studies*, no Japão, terá um artigo de sua autoria intitulado "Denis Diderot: Precursor de Machado de Assis? *A Brief Analysis*", incluído no livro de homenagem ao Professor Akira Kono, daquela Universidade.

ANO XLVIII – N.º 40

Em 06 de novembro de 2008

ENTREGA DOS PRÊMIOS DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA - Realiza-se hoje, no Plenário da Academia Brasileira de Letras, sob a coordenação do Acadêmico Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas da ABL, a entrega dos prêmios e diplomas aos três primeiros colocados do Concurso Literário Afrânio Coutinho deste ano. Foram eles: Leodegário de Azevedo Filho, Maria de Fátima Lucena de Oliveira e Jorge Lopes dos Santos, que apresentaram trabalhos sobre "O crítico literário Machado de Assis", tema escolhido para o concurso de 2008.

HOMENAGEM A ÁLVARO MOREYRA – Realiza-se hoje, dia 6, no Teatro R. Magalhães Jr., às 17h30min, a mesa-redonda comemorativa dos 120 anos de nascimento de Álvaro Moreyra. Participam Sandra Moreyra, Mário Moreyra e o Acadêmico Carlos Nejar.

NONO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 4 de novembro, às 17h30min, o nono ciclo de conferências da Academia, sobre "100 anos de morte de Machado de Assis" com uma conferência promovida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre "A educação em Machado de Assis". A próxima conferência, no dia 11 de novembro, será ministrada pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre "A medicina em Machado de Assis". No dia 18 de novembro, a palestra estará a cargo do Professor Gustavo Franco, "A economia em Machado de Assis". No dia 25 de novembro, a conferência será ministrada pelo Professor João Adolfo Hansen sobre "A política em Machado de Assis". No dia 2 de dezembro, a palestra estará a cargo da pesquisadora Maria Clara Bingemer e do Acadêmico Antonio Olinto, que discorrerão sobre "A religião em Machado de Assis".

No dia 9 de dezembro, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida falará sobre "A filosofia em Machado de Assis". A conferência de encerramento ocorrerá no dia 16 de dezembro e estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho, sobre "Machado de Assis, presidente da ABL".

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – Comemora-se no próximo dia 11 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que ocupa a Cadeira 17 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite da Academia Maranhense de Letras, que está comemorando este ano seu centenário de fundação, o Acadêmico Ivan Junqueira pronunciará em São Luís, amanhã, dia 7 de novembro, no salão nobre daquela instituição, a conferência "Gonçalves Dias e o Romantismo".

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO LUIZ PAULO HORTA – Está marcada para o dia 28 de novembro, às 21 horas, no Salão Nobre da Academia, a posse do Acadêmico Luiz Paulo Horta na Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos. Será recebido pelo Acadêmico Tarcísio Padilha.

DIREITO EDUCACIONAL – Na Escola Paulista de Direito, em São Paulo, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizou conferência sobre "A lei brasileira de educação" para alunos do MBA em Direito Educacional. Foi uma sessão de 3h30min, incluindo os debates.

MACHADO VIVE – Em São Paulo, no Teatro do CIEE, os Acadêmicos Cícero Sandroni, Arnaldo Niskier, Lygia Fagundes Telles e Domício Proença Filho abordaram o tema "Machado Vive", falando a um público de 400 professores e alunos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho, pertencente ao grupo de Acadêmicos que representaram a ABL na Homenagem a Machado de Assis promovida pela Embaixada do Brasil e a *Fundación Cultural Hispano-Brasileña*, participou da mesa-redonda sobre o imaginário na obra do autor de *Dom Casmurro*, ocasião em que discorreu sobre o conto machadiano. Em seguida, representou a Academia, a convite do conjunto de universidades portuguesas organizadoras do evento "Lembrar Machado de Assis", em mesas-redondas sobre o autor e sua obra, em Lisboa, no dia 20; em Coimbra, no dia 22; e no Porto, no dia 24 de outubro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo acaba de ser distinguido no México com o "Prêmio de Poesía del Mundo Latino Vector Sandoval", pela primeira vez atribuído a um poeta de língua portuguesa.

ANO XLVIII – N.º 41

Em 13 de novembro de 2008

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão plenária da próxima semana será antecipada para o dia 19, quarta-feira, em virtude do feriado na quinta-feira, 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

NONO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 4 de novembro, às 17h30min, o nono ciclo de conferências da Academia, sobre "100 anos de morte de Machado de Assis". A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre "A educação em Machado de Assis". A conferência do dia 11 de novembro foi ministrada pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre "A medicina em Machado de Assis". No dia 18 de novembro, a palestra estará a cargo do Professor Gustavo Franco sobre "A economia em Machado de Assis". No dia 25 de novembro, a conferência será ministrada pelo Professor João Adolfo Hansen sobre "A política em Machado de Assis". No dia 2 de dezembro, a palestra estará a cargo da pesquisadora Maria Clara Bingemer e do Acadêmico Antonio Olinto, que discorrerão sobre "A religião em Machado de Assis". No dia 9 de dezembro, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida falará sobre "A filosofia em Machado de Assis". A conferência de encerramento ocorrerá no dia 16 de dezembro e estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Machado de Assis, presidente da ABL".

ENCONTRO COM O AUTOR – Realiza-se hoje, dia 13 de novembro, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., o Encontro com o Autor, com a Acadêmica Ana Maria Machado. Moderação: Beatriz Resende.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO LUIZ PAULO HORTA – Está marcada para o dia 28 de novembro, às 21 horas, no Salão Nobre da Academia, a posse do Acadêmico Luiz Paulo Horta na Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos. Será recebido pelo Acadêmico Tarcísio Padilha.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho falou em São Paulo, no dia 29 de outubro, no Seminário sobre Machado de Assis, organizado pelo CIEE, com apoio da ABL. No dia 30 do mesmo mês, participou de mesa-redonda sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, no Fórum de Cultura da UFRJ. Representará também a Academia Brasileira de Letras na próxima Fliporto, onde falará sobre "O novo Acordo Ortográfico e a inserção da língua portuguesa no mundo globalizado".

INAUGURADA NA BRG A EXPOSIÇÃO DOS ILUSTRADORES BRASILEIROS – Além da Exposição dos livros com dedicatórias oferecidas a Machado de Assis, o Acadêmico Murilo Melo Filho, Diretor das Biblioteca, inaugurou esta semana, na Biblioteca Rodolfo Garcia, uma segunda exposição, também sob o patrocínio da Petrobras, com ilustrações de Volpi, Scliar, Carybé, Di Cavalcanti, Fayga Ostrower, Gonçalo Ivo, Luís Jardim, Oswaldo Goeldi, Oscar Niemeyer e Santa Rosa em obras importantes de grandes escritores brasileiros, todos eles acadêmicos, entre os quais Josué Montello, Jorge Amado, Ana Maria Machado, Lêdo Ivo, Antônio Olinto, Manuel Bandeira, José Sarney, Machado de Assis, Alberto da Costa e Silva e José de Alencar.

FUNDOS DE PENSÃO – Na abertura do 29.º Congresso Brasileira de Fundos de Pensão, no Rio, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre "Educação Financeira e Previdenciária." Propôs a criação de cursos superiores sobre a matéria.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin dará palestra em homenagem ao centenário de Machado de Assis no encerramento da Fliporto, em Pernambuco, no dia 9 de novembro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar participou no Fórum de Letras, realizado em Ouro Preto, MG, falando sobre "Memória e Literatura".

ANO XLVIII – N.º 42

Em 19 de novembro de 2008

NONO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 4 de novembro, às 17h30min, o nono ciclo de conferências da Academia sobre "100 anos de morte de Machado de Assis". A primeira conferência foi

proferida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre "A educação em Machado de Assis". A conferência do dia 11 de novembro foi ministrada pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre "A medicina em Machado de Assis". No dia 18 de novembro, a palestra esteve a cargo do Professor Gustavo Franco, "A economia em Machado de Assis". No dia 25 de novembro, a conferência será ministrada pelo Professor João Adolfo Hansen, sobre "A política em Machado de Assis". No dia 2 de dezembro, a palestra estará a cargo da pesquisadora Maria Clara Bingemer e do Acadêmico Antonio Olinto, que discorrerão sobre "A religião em Machado de Assis". No dia 9 de dezembro, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida falará sobre "A filosofia em Machado de Assis". A conferência de encerramento ocorrerá no dia 16 de dezembro e estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Machado de Assis, presidente da ABL".

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Comemora-se no dia 4 de dezembro, quinta-feira, os oitenta anos do Acadêmico Murilo Melo Filho, com uma mesa redonda da qual participam Villas-Bôas Corrêa, Maurício Azedo e Bernardo Cabral, com depoimentos do Cardeal Dom Eugênio Sales, da Governadora Wilma Faria, dos Senadores Garibaldi Alves, Presidente do Senado, e José Agripino Maia, do Deputado Henrique Alves e do escritor Diógenes da Cunha Lima.

ENCONTRO COM JOSÉ SARAMAGO – Realiza-se na próxima quarta-feira, dia 26 de novembro, às 17h30min, no Salão Nobre da ABL, o encontro com o escritor José Saramago, ocasião em que lança o seu livro *A Viagem do Elefante*.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO LUIZ PAULO HORTA – Está marcada para o dia 28 de novembro, às 21 horas, no Salão Nobre da Academia, a posse do Acadêmico Luiz Paulo Horta na Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos. Será recebido pelo Acadêmico Tarcísio Padilha.

PAÇO IMPERIAL – O Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça foi eleito, no último dia 5, Presidente do Conselho Deliberativo da Associação dos Amigos do Paço Imperial. Na escolha preponderou, além das suas ligações com setores das artes plásticas, o fato deste bem histórico ter sido recuperado e definido em seu uso atual, ao seu tempo de Secretário Federal de Cultura.

DOUTOR MACHADO – Ontem dia 18, às 18h30min, na ABL, foi lançado o livro *Doutor Machado*, de Cássio Shubsky e Miguel Matos. Aborda o direito na vida e na obra de Machado de Assis.

PARA CONHECER MELHOR O BRASIL – Por iniciativa do Embaixador André Amado, e para comemorar o centenário da imigração japonesa, será lançado na primeira quinzena de dezembro o livro *Para Conhecer Melhor o Brasil*, com 100 verbetes, alguns dos quais escritos por acadêmicos. A edição será em português e japonês.

SESSÃO ESPECIAL DO SENADO FEDERAL EM HOMENAGEM A MACHADO DE ASSIS – Realiza-se no próximo dia 25 de novembro, terça-feira, às 10 horas, no Plenário do Senado Federal homenagem a Machado de Assis, pela passagem do centenário do seu falecimento.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – No dia 27 de novembro, o Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense fará uma série de palestras sobre o Acordo Ortográfico em homenagem à passagem dos oitenta anos do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. No dia 2 de dezembro, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara representará a Academia Brasileira de Letras na Sessão do IBGE sobre a "Uniformização dos Topônimos em Língua Portuguesa" e, no dia 3, estará integrando uma mesa-redonda da UNESP sobre "Problemas de regularização do sistema ortográfico da Língua Portuguesa".

CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DE MORTE DE MACHADO DE ASSIS – Realizou-se ontem, dia 18, na Câmara dos Deputados, em Brasília, uma Sessão Solene para celebrar o centenário da morte de Machado de Assis.

ANO XLVIII – N.º 43

Em 27 de novembro de 2008

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Coordenado pelo Acadêmico Eduardo Portella, realiza-se hoje, dia 27, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., mais um Seminário da série "Brasil, Brasis" sobre o tema "Educação em crise: desafio para a nação". Participam como palestrantes o Acadêmico Arnaldo Niskier, Cláudio de Moura Castro, Sonia Mograbi e Paul Ammann.

NONO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 4 de novembro, às 17h30min, o nono ciclo de conferências da Academia sobre "100 anos de morte de Machado de Assis". A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre "A educação em Machado de Assis".

A conferência do dia 11 de novembro foi ministrada pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre "A medicina em Machado de Assis". No dia 18 de novembro, a palestra esteve a cargo do Professor Gustavo Franco sobre "A economia em Machado de Assis". No dia 25 de novembro, a conferência foi ministrada pelo Professor João Adolfo Hansen sobre "A política em Machado de Assis". No dia 2 de dezembro, a palestra estará a cargo da pesquisadora Maria Clara Bingemer e do Acadêmico Antonio Olinto, que discorrerão sobre "A religião em Machado de Assis". No dia 9 de dezembro, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida falará sobre "A filosofia em Machado de Assis". A conferência de encerramento ocorrerá no dia 16 de dezembro e estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Machado de Assis, presidente da ABL".

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Comemora-se no dia 4 de dezembro, quinta-feira, os oitenta anos do Acadêmico Murilo Melo Filho, com uma mesa-redonda da qual participam Villas-Bôas Corrêa, Maurício Azedo e Bernardo Cabral, com depoimentos do Cardeal Dom Eugênio Sales, da Governadora Wilma Faria, dos Senadores Garibaldi Alves, Presidente do Senado, e José Agripino Maia, do Deputado Henrique Alves e do escritor Diógenes da Cunha Lima.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO LUIZ PAULO HORTA – Está marcada para amanhã, dia 28 de novembro, às 21 horas, no Salão Nobre da Academia, a posse do Acadêmico Luiz Paulo Horta na Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos. Será recebido pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A espada lhe será entregue pelo decano da Casa. O Colar será aposto pelo Acadêmico Ivan Junqueira e o Diploma entregue pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.

ACADÊMICO FERNANDO DE AZEVEDO – O Acadêmico Alberto Venancio Filho fez, na semana passada, a doação ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, dirigido pela Profa. Ana Lucia Duarte Lana, de um conjunto de cerca de trezentas cartas do nosso saudoso confrade dirigidas ao seu pai, Prof. Francisco Venancio Filho, que constituem documentário relevante para a história da educação e da cultura do país. O IEB é depositário do arquivo de Fernando de Azevedo.

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO - Realizam-se no dia 4 de dezembro a apresentação e a votação da proposta orçamentária para o exercício de 2009. No dia 11 será a eleição da Diretoria para o exercício de 2009. No dia 18 de dezembro terá lugar na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos; e às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria, eleita para 2009.

PAINEL SOBRE MACHADO DE ASSIS – A Acadêmica Lygia Fagundes Telles e o Acadêmico Moacyr Scliar participaram no dia 18 de um painel sobre Machado de Assis, realizado no Sesc Consolação, SP.

CONY PREMIADO – Hoje, dia 27 de novembro, o Acadêmico Carlos Heitor Cony receberá, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, o Prêmio Nacional de Seguridade Social, na categoria "Cultura". É um evento promovido pelo Instituto Cultural de Seguridade Social (ICSS).

DESCOBERTA – Por iniciativa do Dr. Thiers Montebello, Presidente do Tribunal de Contas do Município, será inaugurada no dia 1.º de dezembro, às 14h30min, na sede do TCM, na Rua Santa Luzia, uma placa de homenagem a Machado de Assis, que morou numa casa naquele endereço. O Presidente Cícero Sandroni estará presente.

ANO XLVIII – N.º 44

Em 04 de dezembro de 2008

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Hoje, dia 4 de dezembro, quinta-feira, a ABL comemora os oitenta anos do Acadêmico Murilo Melo Filho com uma mesa-redonda da qual participam Villas-Bôas Corrêa, Maurício Azedo e Bernardo Cabral, além de depoimentos do Cardeal Dom Eugênio Sales, da Governadora Wilma Faria, dos Senadores Garibaldi Alves, Presidente do Senado, e José Agripino Maia, do Deputado Henrique Alves e do escritor Diógenes da Cunha Lima.

LANÇAMENTO – Realiza-se no próximo dia 10 de dezembro, quarta-feira, às 17 horas, na sede da ABL, o lançamento do livro *Antropologia Brasiliana: Ciência e Educação na Obra de Roquette-Pinto*, organizado por Nísia Trindade Lima e Dominichi Miranda de Sá.

NONO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 4 de novembro, às 17h30min, o nono ciclo de conferências da Academia sobre "100 anos de morte de Machado de Assis". A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre "A educação em Machado de Assis". A conferência do dia 11 de novembro foi ministrada pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre "A medicina em Machado de Assis". No dia 18 de novembro, a palestra esteve a cargo do Professor Gustavo Franco, sobre "A economia em Machado de Assis". No dia 25 de novembro, a conferência foi ministrada pelo Professor João Adolfo Hansen, sobre

"A política em Machado de Assis". No dia 2 de dezembro, a palestra esteve a cargo da pesquisadora Maria Clara Bingemer e do Acadêmico Antonio Olinto, que discorreram sobre "A religião em Machado de Assis". No dia 9 de dezembro, o Acadêmico Candido Mendes de Almeida falará sobre "A filosofia em Machado de Assis". A conferência de encerramento ocorrerá no dia 16 de dezembro e estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Machado de Assis, Presidente da ABL".

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO - Realizam-se hoje, dia 4 de dezembro, a apresentação da prestação de contas e proposta orçamentária para o exercício de 2009. No dia 11 será a eleição da Diretoria para o exercício de 2009. No dia 18 de dezembro terá lugar na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos; e às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria eleita para 2009.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Realizou-se segunda-feira, dia 1.º de dezembro, no *Petit Trianon*, com grande audiência, a mesa-redonda comemorativa dos oitenta anos do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. Os palestrantes foram Cacá Diegues, Walter Salles, Luiz Carlos Barreto e João Paulo dos Reis Velloso.

NOTÍCIAS DO ACADEMICO ANTONIO OLINTO – Seu livro *Jornalismo e Literatura*, editado há mais de meio século (1952), acaba de sair pela JÁ Editora de Porto Alegre, e foi apresentado na 54.ª Feira de Livro de Porto Alegre. Seu lançamento no Rio ocorrerá em breve na ABL.

D. LUCIANO – Por iniciativa do Acadêmico Arnaldo Niskier, D. Luciano Cabral Duarte, que foi bispo de Aracaju, ofereceu à Biblioteca da ABL seus dois últimos lançamentos: *Escritos Filosóficos* e *Escritos sobre Educação*.

MACHADO – Por iniciativa do conselheiro Thiers Montebello, presidente do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro, foi inaugurada naquela instituição uma placa com os seguintes dizeres: "Machado de Assis e Carolina viveram neste local, antigo n.º 54 da Rua Santa Luzia, de 1871 a 1874." Compareceram o Presidente Cícero Sandroni e mais sete Acadêmicos.

PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR – A convite da Secretaria Nacional de Previdência Complementar, o Acadêmico Arnaldo Niskier esteve no dia 2 em Brasília. Participou do júri que selecionou os vencedores do concurso de redação sobre o tema.

ARTE EM PARIS – O artista plástico Gonçalo Ivo é um dos representantes da América Latina na exposição "Art Kapital", que apresenta uma seleção, sob o critério da contemporaneidade e criatividade, da produção de artistas estrangeiros residentes na França, que ora se realiza no *Grand Palais de Paris*.

ANO XLVIII – N.º 45
Em 11 de dezembro de 2008

ELEIÇÃO DA DIRETORIA PARA O EXERCÍCIO DE 2009 – Realiza-se hoje, dia 11 de dezembro, a eleição da Diretoria para o exercício de 2009. A chapa é a seguinte: Presidente – Acadêmico Cícero Sandroni; Secretário-Geral – Acadêmico Ivan Junqueira; Primeiro-Secretário – Acadêmico Alberto da Costa e Silva; Segundo-Secretário – Nelson Pereira dos Santos; e Tesoureiro – Evanildo Cavalcante Bechara.

LANÇAMENTO DE *CARTAS A UM JOVEM CIRURGIÃO* – O Acadêmico Ivo Pitanguy lança hoje, dia 11 de dezembro de 2008, às 19h, na Livraria da Travessa, em Ipanema, o livro *Cartas a um Jovem Cirurgião*.

"SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS" – Sob a coordenação do Acadêmico Celso Lafer, realiza-se hoje, dia 11 de dezembro, o "Seminário Brasil, brasis", às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Júnior. O Seminário versa sobre "Alcance e significado da Declaração Universal dos Direitos Humanos". O expositor será o Acadêmico Celso Lafer e participam o Acadêmico Cícero Sandroni, o Sr. Hughes Goisbault, Cônsul da França, a Sra. Flavia Piovesan, e os Srs. Francisco Whitaker e Giancarlo Summa, Diretor do Centro de Informações da ONU no Rio de Janeiro.

NONO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, teve início no dia 4 de novembro, às 17h30min, o nono ciclo de conferências da Academia sobre "100 anos de morte de Machado de Assis". A conferência de encerramento ocorrerá no dia 16 de dezembro e estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre "Machado de Assis, Presidente da ABL".

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO - Realiza-se no dia 18 terá lugar na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos; e, às 17h, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria eleita para 2009.

X CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 15 de dezembro, segunda-feira, às 17h30min, no Teatro R.Magalhães Jr., o X Concerto de Música de Câmara – 50 Anos de Bossa Nova, com a participação de Ana Zinger, voz; Rudá Alves, violino; Jorge Oscar, contrabaixo; e Pablo Lapidusas, piano e arranjos.

LANÇAMENTOS NA ACADEMIA – No dia 16 de dezembro, a partir das 16 horas, serão lançados no *Petit Trianon* os seguintes livros: *Correspondência de Machado de Assis (1860-1869)*, Tomo I, coordenado pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet; *Dicionário de Machado de* Assis, de Ubiratan Machado; *Esaú e Jacob*, de Machado de Assis, edição fac-similar do manuscrito; *Dificuldades da Língua* Portuguesa, de M. Said Ali; *Curiosidades Verbais,* de João Ribeiro, direção de Evanildo Bechara; *Ouvrages brésiliens traduits en français*/Livros brasileiros traduzidos para o francês, na sua 5.ª edição, organizada por Estela dos Santos Abreu.

CINEMA NA ABL – Amanhã, dia 12 de dezembro, realizam-se no Teatro R. Magalhães Jr. três sessões de cinema. Na primeira, às 12 horas, quando será exibido o filme *Jubiabá*; às 15h, o filme "Fome de amor" e, às 19h, "Memórias do Cárcere".

LANÇAMENTO DO LIVRO *A DEMOCRACIA TRAÍDA* – Realiza-se no próximo dia 16 de dezembro, às 18h30min, no *Petit Trianon*, o lançamento do livro *A Democracia Traída*, de Raymundo Faoro, organizado pelo jornalista Maurício Dias.

FALECIMENTO – Faleceu no dia 7 de dezembro, domingo passado, em Lisboa, o Dr. António Alçada Batista, que ocupava a Cadeira I do Quadro de Sócios Correspondentes da ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – No dia 3 do corrente, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara esteve na UNESP, em São Paulo, para participar de uma mesa-redonda sobre a implantação do Acordo Ortográfico e as decisões da ABL na organização do Vocabulário Ortográfico, que foi assistida por 400 pessoas, entre editores, redatores e estudantes universitários.

ANO XLVIII – N.º 46

Em 18 de dezembro de 2008

POSSE DA DIRETORIA PARA O EXERCÍCIO DE 2009 – Realiza-se hoje, dia 18 de dezembro, às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, a Posse da Diretoria eleita para 2009.

TRADICIONAL CHÁ DA ABL – Terá lugar hoje, na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e viúvas de Acadêmicos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Comemora-se, no próximo dia 24 de dezembro, o aniversário natalício da Acadêmica Ana Maria Machado, que ocupa a Cadeira 1 do Quadro dos Membros Efetivos.

RECESSO ACADÊMICO – A partir de amanhã, dia 19, a Academia entra recesso, devendo reiniciar suas atividades na primeira semana de março de 2009.

PRÊMIO INTEGRAÇÃO – Na semana passada, em São Paulo, o Acadêmico Arnaldo Niskier compareceu à cerimônia em que o Ministro Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego, recebeu o Troféu Integração.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar participou em Florianópolis do Congresso Brasileiro de Saúde Mental, ministrando a conferência "Grandes obras literárias que marcaram a psiquiatria", com ênfase em Machado de Assis.

IHGB – Na sessão de 10 de dezembro passado, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro elegeu o Acadêmico Arnaldo Niskier para membro titular da Instituição.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira estará em Roma entre 15 e 19 de janeiro para pronunciar a conferência "Machado de Assis e a arte do conto", a convite da Embaixada do Brasil naquela capital.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO – Acaba de sair uma nova edição do livro *O Rei da Noite – Crônicas*, do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Ontem, dia 17, na Faculdade de Letras da UFRJ, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin participou, como orientador, da banca de doutorado de Flávia do Amparo, cuja tese, "Sob o véu dos versos", analisa a poesia de Machado de Assis. No dia 3 de janeiro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin viaja a Paris, a fim de ministrar, para pós-graduados, um curso sobre a poesia brasileira na Sorbonne.

RÉQUIEM EM ITALIANO – Acaba de ser lançado na Itália, em edição bilíngüe, o livro de poemas *Réquiem*, do Acadêmico Lêdo Ivo, recentemente publicado simultaneamente no Brasil e no México. É o seu segundo livro editado naquele país, onde em 2001 a *Multimedia Edizioni* lançou a antologia poética *Illuminazioni*, também bilíngüe.

100 PALAVRAS – Acaba de ser lançado o livro *100 Palavras para Conhecer Melhor o Brasil*, em português e japonês. Foi organizado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.

ANIVERSÁRIO DE NASCIMENTO DO ACADÊMICO HERMES LIMA – No dia 21 de dezembro de 1902, nascia em Livramento do Brumado, Bahia, o Acadêmico Hermes Lima, quinto ocupante da Cadeira 7 do Quadro dos Membros Efetivos.